



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM LETRAS**

LEONI RAMOS SOUZA NASCIMENTO

**ATOES SOCIAIS POLITIZADOS DA COMUNIDADE SURDA BRASILEIRA:
ANÁLISE DE DISCURSOS POLARIZADOS DE CARÁTER POLÍTICO-
IDEOLÓGICO SOB O VIÉS DA ABORDAGEM SOCIOLÓGICA E
COMUNICACIONAL DO DISCURSO**

**São Cristóvão/SE
2024**

LEONI RAMOS SOUZA NASCIMENTO

**ATORES SOCIAIS POLITIZADOS DA COMUNIDADE SURDA BRASILEIRA:
ANÁLISE DE DISCURSOS POLARIZADOS DE CARÁTER POLÍTICO-
IDEOLÓGICO SOB O VIÉS DA ABORDAGEM SOCIOLÓGICA E
COMUNICACIONAL DO DISCURSO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras, da Universidade Federal de Sergipe,
como requisito parcial à obtenção do título de
Doutor em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cleide Emília Faye
Pedrosa.

Co-orientador: Prof. Dr. Edivaldo da Silva Costa.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

N244a Nascimento, Leoni Ramos Souza
Atores sociais politizados da comunidade surda brasileira:
análise de discursos polarizados de caráter político-ideológico
sob o viés da abordagem sociológica e comunicacional do
discurso / Leoni Ramos Souza Nascimento; orientadora
Cleide Emília Faye Pedrosa. – São Cristóvão, SE, 2024.
291 f.

Tese (doutorado em Letras) – Universidade Federal de
Sergipe, 2024.

1. Análise crítica do discurso. 2. Polarização (Ciências
sociais). 3. Oposição (Ciência política) – Discursos. 4. Surdos
– Atitudes. 5. Política identitária. I. Pedrosa, Cleide Emília
Faye, orient. II. Título.

CDU 81'42:32

LEONI RAMOS SOUZA NASCIMENTO

**ATORES SOCIAIS POLITIZADOS DA COMUNIDADE SURDA BRASILEIRA:
ANÁLISE DE DISCURSOS POLARIZADOS DE CARÁTER POLÍTICO-
IDEOLÓGICO SOB O VIÉS DA ABORDAGEM SOCIOLÓGICA E
COMUNICACIONAL DO DISCURSO**

São Cristóvão, 22 de maio de 2024.

Esta tese foi julgada adequada para aprovação pela Banca Examinadora no processo de defesa para obtenção do título de Doutor em Letras, pelo curso de Doutorado em Letras, da Universidade Federal de Sergipe.

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Cleide Emília Faye Pedrosa (Orientadora-Presidente)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. Dr. Edivaldo da Silva Costa (Co-orientador)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. Dr. Gláucio de Castro Júnior (Externo à instituição)
Universidade de Brasília (UNB)

Prof. Dr. João Paulo Lima Cunha (Externo à instituição)
Instituto Federal de de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

Prof^a. Dr^a. Taysa Mércia dos Santos Souza Damaceno (Examinadora interna)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof^a. Dr^a. Alzenira Aquino de Oliveira (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

À minha querida orientadora,
Prof^a. Dr^a. Cleide Emília Faye Pedrosa,
que sempre acreditou em minha capacidade
e, com carinho, me acolheu
nesta etapa da minha vida.
Gratidão por tudo!

AGRADECIMENTOS

Durante toda a nossa passagem pela vida, testemunhamos ciclos se abrirem e se fecharem, dando espaço para vivências, encontros e desencontros. O mais interessante de tudo isso é que, na busca por uma qualidade de vida, a felicidade que almejamos não vem facilmente. Em nossos esforços, somos dependentes de diversos fatores para estarmos fortalecidos para concluir ciclos. Devido a isso, concordando com a passagem bíblica em Josué 1:9, “Não fui eu que ordenei a você? Seja forte e corajoso! Não se apavore nem desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar”, assumo, neste espaço, meus muitos agradecimentos nesta etapa árdua da minha vida.

Ao meu redentor, meu mantenedor, Aquele que nunca desiste de mim, que desde quando despertei o interesse pela docência impulsionou em mim habilidades didáticas para lidar com o outro. Embora nem sempre entendamos as razões pelas quais Ele permite que pessoas e/ou coisas cruzem nossas vidas, a ponto de nos desestabilizar, sem Ele jamais teríamos condições de entrar em ciclos e conseguir concluí-los. Obrigado, Pai, por tudo o que tens feito desde o primeiro ano em que projetei entrar para o doutoramento e as provas que precisei encarar onde estava e com quem lidava...

Aos meus familiares e amigos pela paciência em lidar com meus temores e medos, enfrentando comigo diferentes momentos tensos ao lidar com a pandemia, conflitos do trabalho, conflitos familiares, mas que nunca desistiram de mim, em especial aos meus pais e à minha avó Eremita. Amo vocês.

Ao meu querido amigo Edivaldo Costa pela amizade, pela consideração e pelo suporte profissional durante toda a minha trajetória acadêmica, minha eterna gratidão por tudo. Onde você põe a mão as coisas fluem. Aos amigos Neemias Santana, Rodrigo Santos e Nestor Gonzalez pelo suporte tradutório. Vocês são essenciais em tudo o que vocês fazem, obrigado pelo carinho de vocês.

Aos amigos José Augusto Souza dos Santos e Ana Cecília dos Santos Azevedo, que por muitos momentos representaram minha rede de apoio. Em pleno período pandêmico (2021), com nossas emoções abaladas, cada um segurava a mão do outro, com habilidades de escuta, seja por questões pessoais, familiares, profissionais ou acadêmicas. Às minhas *BFFs*¹ Tamara Carvalho e Ticia Ranessa pela base de apoio em me escutar, me entender e me aceitar do jeitinho sapeca que sou; amo muito vocês.

¹ BFF é uma expressão usada em redes sociais que significa *Best Friend Forever* (melhores amig@s para sempre).

Mais uma vez, agradeço à minha amiga, professora e maravilhosa orientadora pela paciência em me instruir passo a passo numa nova área de pesquisa. Literalmente segurou minha mão e me conduziu ao amadurecimento acadêmico. A perspectiva que surgiu em mim, como analista crítico do discurso, é a de que analisar discursos é algo prazeroso, desconstruindo completamente a visão assustadora que eu tinha da área dos estudos discursivos durante a graduação. Sem seu olhar cirúrgico, este trabalho jamais teria sido realizado.

A todas as pessoas que colaboraram direta ou indiretamente na construção deste trabalho.

Por fim, dedico este trabalho, primeiramente, a todas as pessoas que, durante a pandemia da Covid-19, estiveram firmes em suas vidas e àqueles que a perderam; à comunidade surda brasileira pela sua representatividade no cenário político, que, de uma forma ou de outra, colabora para o autopertencimento identitário da pessoa surda no Brasil; e a todos os que acreditam na possibilidade de um Estado democrático de direito, que prioriza a cultura e a educação, o respeito à diversidade de gênero, a tolerância religiosa e o respeito às Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais.

RESUMO²

Este estudo tem por objetivo geral analisar as múltiplas representações dos atores sociais, membros politizados, nos discursos oposicionistas que testificam a cisão político-ideológica entre os membros da comunidade surda em direita e esquerda, entre os anos de 2021 ao primeiro bimestre de 2023, concretizadas no espaço midiático. Para tanto, apresenta-se uma discussão em torno do contexto da polarização político-ideológica impulsionando a mudança sociodiscursiva de atores sociais, que denominamos membros politizados da comunidade surda, a arena discursiva, os epítetos, os desprestígios e a visível influência ideológica, maximizando um distanciamento do que imaginamos como uma luta igualitária de uma minoria linguística numa sociedade majoritariamente de pessoas não-surdas. Esta investigação está alinhada a um aprofundamento teórico da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2003; Wodak, 2004), sob o viés da Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso, a partir de uma retextualização de Bajoit (2006), que, por sua vez, auxilia na identificação de questões concernentes às Lutas por Reconhecimento, à Comunicação para a Mudança Social e aos Tipos de Poder presentes nos discursos oposicionistas, a fim de refletir sobre as relações assimétricas, tais como abuso de poder, exclusão social, manipulação social, intolerância religiosa e outros tipos de preconceito. Quanto à proposta de análise sociodiscursiva, respalda-se na Gramática Sistêmico-Funcional para legitimar linguisticamente as análises. Essa área dos Estudos Linguísticos está fundamentada nos estudos funcionalistas de Halliday (1985, 1994), que facilita compreender os recursos do uso da língua, elegendo algumas categorias de análise, entre elas as do sistema Avaliatividade. A pesquisa está situada em um paradigma qualitativo-interpretativista, inserido no procedimento metodológico da Análise Discursiva Textualmente Orientada (Magalhães; Martins; Resende, 2017). A pesquisa em ACD tem caráter transdisciplinar e permite diálogos epistêmicos com as teorias sociais críticas para a construção de um campo de estudo profícuo que abarque estudos como este, que envolve Estudos Surdos e Estudos Decoloniais. A referida pesquisa busca revelar os mecanismos de construção simbólica naturalizados por meio dos modos de operação da ideologia (Thompson, 2009, 2011) e como o conceito atores sociais é representado categoricamente a partir dos eventos discursivos destacados nas plataformas digitais. Os resultados demonstram que, no marco temporal da polarização político-ideológica analisada, em virtude dos discursos oposicionistas, a tese aponta a contradição da visão patológica, preconceituosa, sobre a surdez, enfatizando que os discursos oposicionistas protagonizam as múltiplas representações epistemológicas, que se configuraram como verdadeiras arenas discursivas, polemizadas, evidenciando claramente as tensões discursivas entre membros politizados de uma mesma minoria linguística nacional.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso. Polarização Político-ideológica. Discursos oposicionistas. Comunidade Surda. Lutas por reconhecimento.



² Resumo em Língua Brasileira de Sinais:

<https://drive.google.com/file/d/1-YmGp0vxYuf4TGSnksLBPAUiNOJxVT1z/view?usp=drivesdk>

ABSTRACT

This study has the general objective of analyzing the multiple representations of social actors, politicized members, in oppositional discourses that testify to the political-ideological split between members of the deaf community on the right and left, between the years 2021 and the first two months of 2023, implemented in the media space. To this end, a discussion is presented around the context of political-ideological polarization driving the socio-discursive change of social actors, which we call politicized members of the deaf community, the discursive arena, the epithets, discredits, and the visible ideological influence, maximizing the distance of what we imagine as an equalitarian struggle of a linguistic minority in a society mostly made up of non-deaf people. This investigation is aligned with a theoretical deepening of Critical Discourse Analysis (Fairclough, 2003; Wodak, 2004), under the bias of the Sociological and Communicational Approach to Discourse, based on a retextualization of Bajoit (2006), in turn, helps in the identification of issues concerning the Struggles for Recognition, Communication for Social Change and the Types of Power present in oppositionist discourses in order to reflect on asymmetrical relationships such as abuse of power, social exclusion, social manipulation, religious intolerance and other types of prejudice. As for the socio-discursive analysis proposal, we rely on Systemic-Functional Grammar to linguistically legitimize the analyses. This area of Linguistic Studies is based on the functionalist studies of Halliday (1985, 1994), which facilitates understanding the resources of language use, choosing some categories of analysis, including those of the Evaluative system. The research is situated in a qualitative-interpretivist paradigm, inserted in the methodological procedure of Textually Oriented Discursive Analysis (Magalhães; Martins; Resende, 2017), research in CDA has a transdisciplinary character and allows epistemic dialogues with critical social theories, for the construction of a fruitful field of study, which encompasses research like this, which involves Deaf Studies and Decolonial Studies. This research seeks to reveal the mechanisms of symbolic construction naturalized through the modes of operation of ideology (Thompson, 2009, 2011) and how the concept of social actors is categorically represented based on discursive events highlighted on digital platforms. The results demonstrate that, within the time frame of the political-ideological polarization analyzed, due to oppositionist discourses, the thesis points to the contradiction of the pathological, prejudiced view of deafness, emphasizing that oppositionist discourses lead the multiple epistemological representations, which are configured as true discursive, polemicized arenas, clearly highlighting the discursive tensions between politicized members of the same national linguistic minority.

Keywords: Critical Discourse Analysis. Political-Ideological Polarization. Oppositionist speeches. Deaf community. Fight for recognition.

RESUMEN

Este estudio tiene el objetivo general de analizar las múltiples representaciones de actores sociales, miembros politizados, en los discursos opositores que atestiguan la división político-ideológica entre miembros de la comunidad sorda de derecha e izquierda, entre los años 2021 y los dos primeros meses de 2023, concretadas en el espacio mediático. Para ello, se presenta una discusión en torno al contexto de polarización político-ideológica que impulsa el cambio sociodiscursivo de los actores sociales, a los que denominamos miembros politizados de la comunidad sorda, el ámbito discursivo, los epítetos, los desprestigios y la influencia ideológica visible, maximizando la distancia de lo que imaginamos como una lucha igualitaria de una minoría lingüística en una sociedad compuesta mayoritariamente por personas no sordas. Esta investigación converge con una profundización teórica del Análisis Crítico del Discurso (Fairclough, 2003; Wodak, 2004), bajo el sesgo del Enfoque Sociológico y Comunicacional del Discurso, basado en una retextualización de Bajoit (2006), a su vez, ayuda en la identificación de cuestiones relativas a las Luchas por el Reconocimiento, la comunicación para el cambio social y los tipos de poder presentes en los discursos opositores para reflexionar sobre relaciones asimétricas como el abuso de poder, la exclusión social, la manipulación social, la intolerancia religiosa y otros tipos de prejuicios. En cuanto a la propuesta de análisis sociodiscursivo, nos apoyamos en la Gramática Sistémico-Funcional para legitimar lingüísticamente los análisis. Esta área de los Estudios Lingüísticos se fundamenta en los estudios funcionalistas de Halliday (1985, 1994), lo que facilita la comprensión de los recursos del uso del lenguaje, eligiendo algunas categorías de análisis, incluidas las del Sistema Evaluativo. La investigación se sitúa en un paradigma cualitativo-interpretivista, adherido en el procedimiento metodológico del Análisis Discursivo Orientado Textualmente (Magalhães; Martins; Resende, 2017), la investigación en ACD tiene un carácter transdisciplinario y permite diálogos epistémicos con teorías sociales críticas, para la construcción de un fructífero campo de estudio, que engloba investigaciones como ésta, que involucra Estudios Sordos y Estudios Decoloniales. Esta investigación busca revelar los mecanismos de construcción simbólica naturalizados a través de los modos de operación de la ideología (Thompson, 2009, 2011) y cómo el concepto de actores sociales se representa categóricamente a partir de eventos discursivos resaltados en las plataformas digitales. Los resultados demuestran que, en el marco temporal de la polarización político-ideológica analizada, debida a los discursos opositores, la tesis apunta a la contradicción de la visión patológica y prejuiciosa de la sordera, enfatizando que los discursos opositores lideran las múltiples representaciones epistemológicas, que son configurados como verdaderos espacios discursivos y polemizados, que resaltan claramente las tensiones discursivas entre miembros politizados de la misma minoría lingüística nacional.

Palabras clave: Análisis Crítico del Discurso. Polarización político-ideológica. Discursos opositores. Comunidad sorda. Lucha por el reconocimiento.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Correntes epistemológicas em ACD na Europa.....	32
Quadro 2 - Perfil dos membros do Grupo Colonialidade/Modernidade.....	46
Quadro 3 - Pesquisadores em ACD no Brasil.....	48
Quadro 4 - Níveis semântico-discursivos da Avaliatividade.....	56
Quadro 5 - Recursos do subsistema atitude.....	58
Quadro 6 - Categorias do subsistema engajamento.....	60
Quadro 7 - Perfis das pessoas surdas.....	76
Quadro 8 - Documentos oficiais a respeito dos direitos das PNE.....	80
Quadro 9 - Linha cronológica das contribuições educacionais, culturais e ideológicas para a surdez.....	84
Quadro 10 - Congressos sobre Educação de Surdos entre 1878 a 1900.....	89
Quadro 11 - Intervenções ouvintistas em desfavor da língua e da cultura surda.....	90
Quadro 12 - Método ouvintista aplicado por Samuel Heinicke na Alemanha.....	91
Quadro 13 - Resoluções.....	92
Quadro 14 - Marco temporal de Congressos Internacionais de Surdos até 1900.....	93
Quadro 15 - Resoluções apresentadas na sessão dos Surdos no Congresso de Paris (1900).....	99
Quadro 16 - Saúde, Cuidado e Autodeterminação: ressignificando as pessoas surdas em saúde.....	107
Quadro 17 - Etapas para o desenvolvimento da pesquisa.....	118
Quadro 18 - Questões de pesquisa e objetivos específicos.....	125
Quadro 19 - Conteúdos dos eventos discursivos.....	127
Quadro 20 - Catalogação do módulo 1.....	132
Quadro 21 - Catalogação do módulo 2.....	132
Quadro 22 - Modos de operação da ideologia.....	141
Quadro 23 - Sistema das categorias de análise.....	142
Quadro 24 - Recursos lexicais heteroglóssicos.....	144
Quadro 25 - Extinção da Dipebs.....	162
Quadro 26 - Audismo e capacitismo.....	170
Quadro 27 - Perseguição política.....	179
Quadro 28 - Ineficácia da vacina.....	186
Quadro 29 - “A Libras do ódio”.....	192
Quadro 30 - Questões ideológicas.....	201

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Módulo 1.....	129
Imagem 2 - Módulo 2.....	130
Imagem 3 - Gesticulação e piadas.....	151
Imagem 4 - Bolsonaro empurrando o intérprete de Libras.....	152
Imagem 5 - Espaço impróprio para o intérprete de Libras.....	152
Imagem 6 - Comitê Volta Dilma.....	178
Imagem 7 - Fake news.....	185
Imagem 8 - Expressões faciais e sinais estigmatizados.....	191
Imagem 9 - Grupo fechado no <i>Facebook</i>	199
Imagem 10 - Discursos de ódio a partir de imagem.....	200

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Relação entre estruturação social e discursiva.....	34
Figura 2 - Momento da prática social.....	36
Figura 3 - Recursos da Avaliatividade.....	57
Figura 4 - Estruturação do poder e os modos de ação.....	73
Figura 5 - Catalogação.....	128

LISTA DE SIGLAS

ACD	Análise Crítica do Discurso
ADTO	Análise Discursiva Textualmente Orientada
ASCD	Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso
C	Comentários
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBDS	Confederação Brasileira de Desportos Surdos
cf.	Conferir
D	Direita
DA	Deficiente Auditivo
Dipebs	Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos
E	Esquerda
Feneis	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
Geted	Grupo de Pesquisa em Estudo do Texto e do Discurso
GSF	Gramática Sistemico-Funcional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
LC	Linguística Crítica
LP/L2	Língua Portuguesa como segunda língua
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LN	Língua Natural
LS	Língua de Sinais
LSF	Linguística Sistemico-Funcional
MEC	Ministério da Educação
ONU	Organização das Nações Unidas
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Letras
Ppgel	Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
PNE	Pessoas com Necessidades Especiais
PNEE	Pessoas com Necessidades Especiais Educacionais
P	Postagem(ns)
Secadi	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
TILSP	Tradutor Intérprete de Língua de Sinais e Português
TILSP/Gi	Tradutor Intérprete e Guia-Intérprete de Língua de Sinais e Português

UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do norte
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNIR	Universidade Federal de Rondônia

SUMÁRIO

1 O ENREDO.....	16
2 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: CENÁRIO E ATORES EM CENA.....	24
2.1 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: CENA 1.....	24
2.2 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: CENA 2.....	28
2.2.1 Análise Crítica do Discurso: gênese, objetivos, precursores e suas correntes.....	30
2.2.2 Discurso e Ideologia: componentes da prática social da linguagem.....	34
2.3 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: CENA 3.....	38
2.3.1 Ascensão epistemológica do Sul Global.....	44
2.3.2 Os Estudos Decoloniais da Análise Crítica do Discurso no Brasil.....	47
2.3.3 Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso.....	50
2.4 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: CENA 4.....	53
2.4.1 Análise Discursiva Textualmente Orientada e Linguística Sistêmico-Funcional.....	54
2.4.2 A Gramática Sistêmico-Funcional: das metafunções aos subsistemas.....	56
2.5 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: ÚLTIMA CENA – PONDERAÇÕES DA SEÇÃO.....	61
3 O CLÍMAX: SUBALTERNIDADE SURDA: ATMOSFERA HISTÓRICO-POLÍTICO-CULTURAL SOB O VIÉS DA VIOLÊNCIA LINGUÍSTICA.....	63
3.1 ESTUDOS SURDOS NA PERSPECTIVA DECOLONIAL.....	68
3.2 PERSPECTIVAS CLÍNICAS E SOCIOANTROPOLÓGICAS DA SURDEZ.....	75
3.3 OS CONGRESSOS E AS CONSEQUÊNCIAS EDUCACIONAIS PARA A COMUNIDADE SURDA.....	82
3.3.1 Subjetivação, silenciamento e opressão linguístico-cultural.....	85
3.3.2 Protagonismo surdo contra a violência linguística.....	93
3.3.3 Congresso de Surdos de Paris (1900).....	96
3.4 EMANCIPAÇÃO POLÍTICA E LINGUÍSTICA E O PROTAGONISMO DE PESSOAS SURDAS NO BRASIL.....	100
3.5 PONDERAÇÕES DA SEÇÃO.....	116
4 OS PROCEDIMENTOS: PERCURSO METODOLÓGICO.....	117
4.1 A PESQUISA QUALITATIVO-INTERPRETATIVISTA.....	120
4.2 QUESTÕES DE PESQUISA.....	122
4.3 OBJETIVOS.....	123
4.3.1 Objetivo geral.....	123

4.3.2 Objetivos específicos.....	124
4.4 DELIMITAÇÃO DOS CORPORA.....	126
4.4.1 Organização e sistematização: catalogação.....	128
4.5 AS CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	133
4.5.1 A representação dos atores sociais.....	135
4.5.2 As macro e microrregiões de análise.....	139
4.5.3 Os modos de operação ideológica.....	140
4.6 PONDERAÇÕES DA SEÇÃO.....	145
5 MORAL DA HISTÓRIA: ANÁLISE DE DISCURSOS OPOSICIONISTAS DE ATORES SOCIAIS POLITIZADOS DA COMUNIDADE SURDA BRASILEIRA.....	146
5.1 APRESENTAÇÃO DAS MACRO E MICRORREGIÕES DAS ANÁLISES.....	148
5.2 EVENTOS DISCURSIVOS ENVOLVENDO PESSOAS SURDAS E LIBRAS.....	149
5.2.1 Comentários heterogêneos da postagem 1: acessibilidade linguística em Libras....	150
5.2.2 Comentários heterogêneos da postagem 2: extinção da Dipebs.....	160
5.2.3 Comentários da esquerda na postagem 3: capacitismo.....	168
5.3 EVENTOS DISCURSIVOS ENVOLVENDO O GOVERNO BOLSONARO.....	177
5.3.1 Comentários da esquerda na postagem 4: perseguição política.....	177
5.3.2 Comentários da esquerda na postagem 5: o perigo da desinformação.....	184
5.3.3 Comentários da direita na postagem 6: “A Libras do ódio”.....	191
5.3.4 Comentários da direita na postagem 7: questões ideológicas.....	199
5.4 PONDERAÇÕES DA SEÇÃO.....	206
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	208
REFERÊNCIAS.....	220
ANEXO A - Transcrição da postagem (P1) com comentários heterogêneos da direita e da esquerda.....	233
ANEXO B - Transcrição da postagem (P2) com comentários heterogêneos da direita e da esquerda.....	236
ANEXO C - Transcrição da postagem (P3) de comentários da esquerda.....	238
ANEXO D - Transcrição da postagem (P4) de comentários da esquerda.....	239
ANEXO E - Transcrição da postagem (P5) de comentários da esquerda.....	240
ANEXO F - Transcrição da postagem (P6) de comentários da direita.....	241
ANEXO G - Transcrição da postagem (P7) de comentários da direita.....	242
APÊNDICE A - Sistema Sutton-Signwriting.....	243
APÊNDICE B - Glossário bilíngue em Análise Crítica do Discurso para Libras.....	248

1 O ENREDO

Situando nosso lugar de pesquisa, enquanto pesquisador, ressaltamos que as etapas deste estudo se concentram na Análise Crítica do Discurso (ACD³), pelo viés da Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD⁴). Vinculado à linha de pesquisa Estudos do Discurso, na área dos Estudos Linguísticos, do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), buscamos enfatizar no decorrer do texto uma análise sociodiscursiva dos posicionamentos dos atores sociais politizados (pessoas surdas e pessoas não surdas, que constituem a comunidade surda no Brasil) na arena discursiva instalada nas redes sociais (*Instagram* e *Facebook*).

A prática social da linguagem culmina nas constantes transformações – positivas ou negativas – no mundo; as transformações negativas geralmente acarretam problemas sociais e aceleram a desigualdade social e a exclusão social, o que, infelizmente, assola grande parte da população no Brasil. São fatores lamentáveis que escancaram vergonhosamente a má distribuição de renda ocasionada pelos desvios de recursos públicos e por escândalos imensuráveis de corrupção na política brasileira e que maximizam ainda mais as diferenças sociais no país.

Para o marco temporal que fundamenta o porquê de uma pesquisa voltada para as questões da surdez com ACD, está uma reflexão a respeito da configuração política do país. Durante anos o Brasil tem sido governado democraticamente por candidatos do Partido dos Trabalhadores (PT). O Presidente Luís Inácio Lula da Silva, neste momento, está em seu terceiro mandato; a ex-Presidenta Dilma Rousseff esteve à frente da presidência durante todo o primeiro mandato (2011-2014) e no seu segundo mandato sofreu um *impeachment* no ano de 2016; assim, o então Vice-Presidente Michel Temer assumiu a presidência até o final de 2018. Durante todo esse período e, lógico, antes também, o país testemunhou diversos escândalos políticos que afetavam principalmente a população. Diante de todo esse cenário, eis que surgiu o então candidato à presidência, o ex-parlamentar Jair Messias Bolsonaro, representando a direita política, composta por conservadores da bancada evangélica, da bancada agropecuária e alguns progressistas que vislumbravam mudança social para a nação.

³ Análise Crítica do Discurso – Glossário em ACD, página 249. Aproveitamos o ensejo para informar que alguns termos recorrentes utilizados no decorrer deste estudo estão anexados num glossário em ACD e traduzidos para a Libras e para o sistema *Sutton-Signwriting* a fim de incluir leitores surdos e aproximá-los do contexto em que a tese se insere.

⁴ Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso – Glossário em ACD, página 263.

Nessa conjuntura, aumentou a expectativa em prol de uma nova forma de governo e de novas expectativas de vida e de mudança social, de modo que o divisionismo político cresceu também entre os membros da comunidade surda. Nas campanhas eleitorais anteriores, não se visibilizava tanto a presença das pessoas surdas e da acessibilidade através da tradução e interpretação em Língua Brasileira de Sinais (Libras). Com espaço para dialogar através das mídias sociais, as pessoas surdas passaram a participar com maior intensidade dos debates políticos em favor, claro, de políticas linguísticas e de valores que reverberassem melhorias para o povo surdo. Todavia, a arena discursiva formada nas redes sociais configurava, na verdade, um crítico espaço dialógico composto por ofensas, desprezos, linguagens, expressões faciais e corporais manifestadas por meio de posicionamentos sinalizados ou escritos.

Diante de todo esse dilema social que caracteriza a nação, diversos pesquisadores acadêmicos direcionam suas pesquisas para algum problema social específico⁵, por exemplo: síndrome de Down (Cunha, 2021); acessibilidade para pessoas surdas (Aquino, 2022); discurso de ódio contra docentes na pandemia da Covid-19 (Souza, 2023); velhofobia (Santos, 2022); gordofobia médica (Azevedo, 2023); cidadãos em situação de rua (Xavier, 2013); racismo (Magalhães, 2001). No caso, a ACD, semioticamente, busca uma intervenção e apresenta possibilidades e medidas que amenizem relações conflituosas.

A respeito da escolha do que canalizar como pesquisa, Van Dijk (1993) endossa que a experiência vivenciada pelo pesquisador é amadurecida e se torna objeto de estudo quando esse tipo de problema social provoca instabilidade nas relações sociais. Contudo, essa atitude surge como uma alternativa para descortinar opressão, violência, desigualdades, exclusão e atrasos que afetam aqueles que estão à margem da sociedade. É nesse intuito que, nesta tese, buscamos integrar a participação das pessoas surdas na agenda de pesquisas em ACD por se tratar de grupos em situação de vulnerabilidade social. Centralizar pesquisas nas especificidades de pessoas surdas é indiscutivelmente oportuno para que saibamos que a violência linguística que assolou a comunidade surda em todo o mundo valida a perspectiva de que esse grupo minoritário está, sim, em situação desigual em comparação com pessoas não surdas.

Nesses termos, intentamos apresentar esses sujeitos como atores sociais a fim de compreender os discursos oposicionistas e seu papel diante da polaridade político-ideológica brasileira no período de 2021, 2022 e primeiro bimestre de 2023; esse período corresponde aos eventos discursivos que maximizaram as relações conflituosas entre os membros politizados da comunidade surda nacional nas redes sociais.

⁵ Dentro desse escopo, diferentes pesquisas abordam temáticas que envolvem essas características sociais.

A escolha pela problemática social dos discursos polarizados entre membros da comunidade surda brasileira se dá porque somos professor e intérprete de Libras. Sempre nos deu prazer poder testemunhar a luta das pessoas surdas e de toda a comunidade surda em prol da acessibilidade linguística no Brasil, em busca de oportunidades educacionais, como a garantia do profissional tradutor intérprete em salas de aula, em busca de legendas para filmes nacionais, em busca do reconhecimento da Língua de Sinais (LS) como língua natural, em busca de apoio que viabilizasse a formação e certificação de professores e intérpretes. Em todos esses momentos, vimos uma unidade, uma militância, o que resultou em várias conquistas e assegurou políticas linguísticas em favor da língua, da cultura e do respeito à cidadania das pessoas surdas no território nacional.

Todavia, a inquietação nos sobreveio a partir do momento em que membros politizados dessa comunidade (professores Surdos, professores bilíngues não-surdos, intérpretes de Libras, pessoas surdas e pessoas não-surdas, e também os parentes de pessoas surdas)⁶ começaram a se atacar em redes sociais (*Facebook, YouTube, Instagram e Telegram*), defendendo valores e ideais, gerando instabilidade social dentro da própria comunidade. A incredulidade aumentou a partir do momento em que presenciamos discursos político-ideológicos referindo-se a determinado grupo político com epítetos, termos pejorativos e formas de expressão que desmerecem o papel social que representa a comunidade surda na sociedade em geral, tudo em prol de opiniões particulares e coletivas, que, democraticamente, entendemos que fazem parte do contexto político. O ineditismo que tudo isso causou nos levou a procurar um entendimento teórico da mudança discursiva das pessoas ao ofender o outro, sendo esse outro membro da mesma comunidade linguística que, durante vários anos, militava em prol dos mesmos ideais. Ou seja, a pauta comum envolvia luta por reconhecimento da língua e pela manutenção da cultura surda para que fossem garantidos seus direitos linguísticos.

Assim, amadurecemos a ideia de uma pesquisa que oportunizasse uma análise social sobre esse fato, almejando que a tese possa contribuir para se entender como se estabelecem as representações no discurso. Concordamos que é preciso ter cuidado para encontrar medidas que ajudem a entender o motivo dessa luta discursiva, da instabilidade social, uma cisão de pensamentos entre membros politizados na comunidade surda. Essa instabilidade comunicacional nos levou às primeiras reflexões, considerando haver a possibilidade de uma contribuição teórica e metodológica capaz de trazer uma nova perspectiva para se observar e entender a categoria dos Atores Sociais e os modos de operação ideológica como pano de fundo

⁶ Ressalta-se que comunidade surda não se resume apenas às pessoas surdas (Strobel, 2008).

para essa manifestação polarizada nas redes sociais, desembocando em uma Comunicação para a Mudança Social; além disso, é também possível observarmos como se instalou essa polarização político-ideológica entre membros politizados da comunidade surda da direita e da esquerda. Por quais motivos surgiram a instabilidade social e os discursos oposicionistas durante o governo do ex-Presidente Jair M. Bolsonaro? Notamos, então, a materialização de discursos de teor político-ideológico, acrescidos de ofensas pejorativas dirigidas a ambos os grupos, especificamente às questões de cunho identitário e linguístico para os Surdos. Para isso, quatro questões de pesquisa nos ajudaram no entendimento da problemática:

1. Através das categorias do subsistema heteroglossia⁷, do sistema Avaliatividade⁸, como podemos testificar o atravessamento de vozes no espaço dialógico⁹ dos eventos discursivos polarizados?
2. Quais aspectos sociais podem ser evidenciados, conforme a teoria da Comunicação para a Mudança Social¹⁰, pelos atores sociais¹¹ politizados da comunidade surda brasileira diante da tensão político-ideológica?
3. Como os modos de operação ideológica são constituídos discursivamente em discursos político-ideológicos de membros politizados da comunidade surda brasileira?
4. Como poderíamos aproximar a pessoa surda, enquanto leitor, às questões basilares da ACD para interligação dos fatos desenvolvidos nesta pesquisa?

Acreditamos que esse procedimento metodológico canalizará o ponto central desta pesquisa no que concerne às escolhas dos adjuntos circunstanciais dos envolvidos nessa arena discursiva polarizada. Em cada um dos aspectos metodológicos envolvidos para o desenvolvimento da pesquisa, teremos condições de analisar paulatinamente, por meio dos epítetos nas postagens e nos comentários, onde se concentra o comportamento atitudinal do ator social surdo e não surdo durante os embates discursivos.

A partir dessas questões, os objetivos foram traçados. Como objetivo geral, a pesquisa buscou analisar as múltiplas representações dos atores sociais, membros politizados, nos discursos oposicionistas que testificam a cisão político-ideológica entre os membros da comunidade surda em direita e esquerda entre os anos de 2021 ao primeiro bimestre de 2023.

⁷ Heteroglossia – Glossário em ACD, página 282.

⁸ Avaliatividade – Glossário em ACD, página 272.

⁹ Dialogismo – Glossário em ACD, página 277.

¹⁰ Comunicação para a Mudança Social – Glossário em ACD, página 264.

¹¹ Ator Social – Glossário em ACD, página 253.

Como objetivos específicos, buscamos enveredar a pesquisa por teorias basilares que mapeiam o desenvolvimento da tese para:

- a) analisar linguisticamente, pelo viés da Linguística Sistêmico-Funcional¹², como as postagens e os comentários legitimam a polarização política-ideológica;
- b) demonstrar como a representação dos Atores Sociais permeia a relação conflituosa no espaço dialógico das arenas discursivas oposicionistas;
- c) identificar como os modos de operação ideológica refletem relações assimétricas envolvendo discurso, poder e hegemonia na polarização;
- d) oferecer um aprofundamento teórico dos aspectos conceituais atrelados à temática desta tese, entre eles: polarização, pessoas politizadas e comunidade surda.

Além desses objetivos específicos, pretendemos também contribuir com a estruturação de um glossário bilíngue a fim de contribuir com as terminologias da ACD, traduzidas para a Libras, por vídeo¹³ e com o sistema *Sutton-Signwriting*¹⁴ (sistema de notação escrita de Línguas de Sinais), as principais palavras e expressões aqui utilizadas, visando a que esta proposta esteja a serviço da comunidade surda para a compreensão da área de pesquisa.

Conforme apontamos no escopo deste texto, a tese se insere no grande campo dos Estudos Linguísticos, mais especificamente na área da ACD, na perspectiva da Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD). Trata-se de uma pesquisa de caráter crítico. Para isso, utilizamos a metodologia qualitativo-interpretativista, já que buscamos entender como uma determinada realidade de um grupo social é definida. Esse método nos possibilita descrever, explicar, descobrir, interpretar, entender e generalizar, entre outros aspectos, questões sociais e suas representações na linguagem.

Para desenvolver a análise, observamos sete eventos discursivos, divididos em dois módulos, postados e comentados por membros politizados da comunidade surda brasileira, nos anos de 2021, 2022 e no primeiro bimestre de 2023, gerados em perfis de grupos no *Instagram* e no *Facebook*, perfis de líderes¹⁵ surdos, que tratavam de discursos político-ideológicos. Além disso, ser ator social é ser resposta para as diferentes tensões estruturais e para as relações estabelecidas nas práticas sociais; é ter capacidade também de questionar suas tensões (Bajoit, 2006, 2008, 2009b; Pedrosa, 2014, 2016). Na seção a seguir, lançamos luz aos pressupostos

¹² Linguística Sistêmico-Funcional – Glossário em ACD, página 284.

¹³ Os vídeos com as terminologias da ACD traduzidas do Português para a Libras por meio do QR Code.

¹⁴ Os conceitos das terminologias legendados em Português e acessíveis em *Signwriting*. <https://www.libras.com.br/signwriting>. Acesso em: 31 ago. 2023.

¹⁵ O termo é usado para se referir a um surdo ou uma surda que tem popularidade dentro da comunidade surda e que o papel social desses líderes é de empoderamento linguístico e cultural entre surdos.

teóricos que norteiam a tese.

A seção 2, intitulada “Análise Crítica do Discurso: Cenário e Atores em cena”, versa a respeito do desenvolvimento da área de pesquisa em que a tese está assentada. Dividida em cenas, a primeira evidencia as primeiras influências direta ou indiretamente vindas do Funcionalismo e da Linguística Crítica; na segunda cena, adentramos também as principais correntes epistemológicas que propiciaram os primeiros precursores a sedimentar a ACD como campo de estudos. Conhecida pelo seu caráter transdisciplinar¹⁶, é responsável por fomentar diferentes temáticas que desembocam em questões críticas da sociedade, passando por assimetrias que, muitas vezes, definem relações de abuso de poder, hegemonia política e ideológica, injustiças sociais, desigualdade, intolerância religiosa, exclusão social e todo tipo de preconceito, fatores que conseguimos vislumbrar com mais ênfase a partir, também, do diálogo dessa área de pesquisa com os Estudos Decoloniais. É nesse contexto que a terceira cena é desenvolvida, em que, inspirados em autores indianos que fomentaram o coletivo conhecido como Estudos Subalternos, diferentes pesquisadores da América Latina passaram a contestar a relação assimétrica epistemológica centrada no eurocentrismo. Com isso, o Giro Decolonial fortaleceu as epistemes da América Latina, e é nesse contexto que, ao final dos anos 80, alguns linguistas impulsionaram um movimento que canalizasse as pesquisas em ACD, distanciando-se das outras vertentes que também evidenciavam estudos discursivos, adentrando também o território brasileiro e fomentando um campo profícuo para o desenvolvimento de pesquisas que desvelassem as desigualdades sociais.

Ainda nessa seção tecemos considerações a respeito da Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso como opção metodológica para pesquisas em ACD. Pela forma de lidar com as questões sociodiscursivas, num viés sociológico, essa corrente culmina neste estudo por causa da especificidade comunicacional da minoria linguística analisada. Suas lutas, suas vitórias, seus dissabores, seus passos largos para conquistar a independência linguística, cultural e identitária permitem que haja um diálogo transdisciplinar entre essa corrente e a ACD, os Estudos Surdos e os Estudos Decoloniais. Nesse trecho do estudo, concluímos, na quarta cena, com o aspecto analítico voltado para as questões funcionais da língua. É nessas condições que a Linguística Sistêmico-Funcional, através de uma Análise Discursiva Textualmente Orientada¹⁷, opera e permite que pesquisas de cunho crítico sejam disseminadas por meio das categorias de análise que compõem os sistemas discursivos de avaliação.

Já na seção 3, intitulada “O Clímax: Subalternidade Surda: atmosfera histórico-político-

¹⁶ Transdisciplinar – Glossário em ACD, página 262.

¹⁷ Análise Discursiva Textualmente Orientada – Glossário em ACD, página 250.

cultural sob o viés da violência linguística”, a respeito do nosso ponto de vista, enquanto leitor, trazemos um breve relato acerca da polarização político-ideológica instalada na comunidade surda brasileira como forma de entender como essas relações recaem no contexto histórico-social das pessoas surdas no mundo. Para configurar o que chamamos de violência linguística, aspecto que atesta o motivo pelo qual a ACD precisa incluir pessoas surdas em sua agenda de pesquisa, buscamos levar o leitor a trafegar nos principais fatos que dignificavam pesquisas fora do eixo Norte global, validando epistemologias do Sul Global, favorecendo a compreensão da subsistência de pessoas surdas no mundo, desde os esclarecimentos sobre os diferentes perfis de pessoas surdas até os relatos sobre os aspectos educacionais, linguísticos e culturais dos surdos.

Traçamos, ainda, uma linha do tempo dos principais eventos organizados por pessoas ouvintes no século XIX a fim de comprovar o motivo pelo qual elas julgavam a ineficiência do uso de LS como meio de instrução em contextos educacionais para surdos. Nesse mesmo contexto, também apresentamos a contestação que as próprias pessoas surdas impulsionaram para assegurar seu modo de comunicação e expressão, protagonizando um movimento internacional de ruptura ideológica assistencialista que as enxergava como “ouvidos doentes”, necessitados de reparos e “inclusão social”.

Na seção 4, dedicamos o espaço para apresentar os procedimentos em “Percurso metodológico” para encabeçar os questionamentos desta pesquisa. Além disso, para descrever as categorias de análise escolhidas para o desenvolvimento da investigação, apresentamos os objetivos que nos despertaram o interesse para atestar a polarização político-ideológica entre membros politizados que fazem parte da comunidade surda brasileira. Numa perspectiva de macro e microrregiões de análise, a Gramática Sistêmico-Funcional¹⁸ (GSF), por meio do sistema Avaliatividade, a representação dos atores sociais e os modos de operação ideológica são responsáveis pela compreensão das análises da materialidade linguística e sociodiscursiva dos *corpora* gerados nas redes sociais. Conforme estudiosos que analisam o sujeito, o discurso e os efeitos que esses discursos causam para si e para o seu grupo social (Bajoit, 2006), as performances discursivas durante a prática social da linguagem enriquecem as pesquisas em ACD, fomentando uma sólida área para pesquisas sociais.

Por sua vez, a seção 5 corresponde à parte “Moral da História: análises de discursos oposicionistas de atores sociais politizados da comunidade surda brasileira”. Nessa seção, é possível verificarmos as manobras e os efeitos que os atores sociais representam no contexto

¹⁸ Gramática Sistêmico-Funcional – Glossário em ACD, página 281.

sociodiscursivo (Van Leeuwen, 1998, 2008) e como os recursos da heteroglossia, do subsistema Engajamento¹⁹ (Martin; White, 2005), esclarecem o sentido semântico-discursivo dos contextos presentes nos discursos oposicionistas, assim como os modos de operação ideológica (Thompson, 2009, 2011) atravessam diferentes posicionamentos dos atores sociais durante a instabilidade discursiva da polarização político-ideológica na comunidade surda diante da Comunicação para a Mudança Social, categoria de análise da ASCD. As diferentes formas pelas quais o ator social estuda o contexto de situação, seja em discursos passivados²⁰, ativados²¹, explícitos ou implícitos, evidenciam adaptações e readaptações em prol do seu grupo social durante o comprometimento desse sujeito na prática discursiva.

Na seção 6, “Considerações finais”, destacamos as respostas aos questionamentos mobilizadores da pesquisa, os quais nos possibilitaram uma profunda análise acerca da polarização político-ideológica instalada entre membros politizados da comunidade surda por meio dos discursos de caráter oposicionista. Cabe a nós, analistas críticos do discurso, trazer ao centro das discussões questões como a polarização político-ideológica na comunidade surda para apontar que as pessoas surdas e as pessoas não surdas reconhecem seu papel social na relação com seus pares (surdo-surdo; surdo-não surdo; não surdo-não surdo), numa busca por equidade, distanciando-nos da imagem construída de que surdos são pessoas dependentes e incapazes.

Com este trabalho, almejamos contribuir para uma nova perspectiva de análise crítica envolvendo os Surdos como protagonistas nos eventos discursivos selecionados para entendermos o impacto causado entre os pares e propormos reflexões acerca dessa minoria linguística – a comunidade surda –, e como esses atores sociais desconstroem os estereótipos do imaginário do surdo como “ouvido doente”, comprovando, na perspectiva comunicacional, que a violência linguística foi o único motivo que subalternizou as pessoas surdas na sociedade. Esperamos, assim, que a leitura desta tese suscite novos debates e novas discussões no campo dos Estudos da Linguagem, bem como outros estudos em ACD e sobre a representação social das pessoas politizadas que compõem a comunidade surda como atores sociais. Especialmente, desejamos que este texto fomente reflexões críticas sobre as relações desiguais da pessoa surda na sociedade ouvintista.

¹⁹ Engajamento – Glossário em ACD, página 278.

²⁰ Passivação – Glossário em ACD, página 261.

²¹ Ativação – Glossário em ACD, página 252.

2 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: CENÁRIO E ATORES EM CENA

Nesta seção, tecemos uma trajetória histórica do campo de estudo que originou a proposta de pesquisa para este trabalho. Nessa imersão histórica, visitamos alguns pressupostos teóricos que sustentam a área, a partir de uma visão geral, através da diferença entre o paradigma funcionalista e o formalista e das diferentes escolas que contribuíram para o surgimento da Análise Crítica do Discurso (ACD), passando pela Linguística Crítica (LC) e como essa fusão contribui para o entendimento do que seriam estudos críticos. Passamos também pelos precursores – a gênese das correntes epistemológicas que fomentaram a área de pesquisa – e como essas correntes possibilitaram, primeiramente, uma ascensão epistemológica latino-americana e brasileira.

2.1 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: CENA 1

Diante da estrutura que este trabalho se insere, pretendemos dar espaço a base que solidifica nosso campo de pesquisa. Enquanto pesquisadores em Análise Crítica do Discurso (ACD), entendemos que mudanças discursivas, envolvidas em práticas sociais da linguagem, advém do uso funcional da língua, em relação ao sistema (falada, escrita, sinalizada), e o paradigma que teoriza essa corrente linguística é o Funcionalismo. Eis a razão pela qual iniciarmos esse cenário pela área dos Estudos Linguísticos que propiciou o surgimento da ACD.

O estudo da prática social da linguagem evoca uma investigação pautada no paradigma funcionalista dos Estudos Linguísticos. O Funcionalismo tem na interação do uso, do significado (em relação à forma) e do social (em relação ao indivíduo) o instrumento analítico para o aprofundamento teórico e metodológico (Kenedy e Martelotta, 2003). Conforme Resende e Ramalho (2011, p. 19), o Funcionalismo não se refere a uma abordagem única e homogênea, o caráter dessa área de estudos perpetua práticas “contextualizadas”, “heterogêneas”, instáveis e abertas. Para o paradigma oposto ao Funcionalismo, o “polo formalista” caracteriza-se, em termos gerais, pela tendência a analisar a língua como objeto autônomo, cuja estrutura independe de seu uso em situações comunicativas reais, todavia, os autores frisam que a noção de uso é um pouco problemática pelo fato de nem sempre apresentarem características semelhantes (Kenedy *et al.*, 2003, p. 18-19).

A prática social da linguagem é fruto da forma natural da estrutura interna da língua, a qual é materializada na construção de sentidos, conduzindo o contexto comunicacional em que o indivíduo está inserido, estabelecendo as relações entre seus pares. Wodak (2004) salienta

que, na década de 70, os estudos se concentravam nos aspectos formais da linguagem, os quais constituíam ou não a competência linguística dos falantes e que poderiam ser isolados dos exemplos reais de uso da linguagem. A ideia de engessar regras linguísticas, na tentativa de seguir um padrão, não faz sentido e se torna inviável.

A respeito do campo de estudo que envolve a relação entre a linguagem e o contexto, evidenciava-se a competência pragmática e sociolinguística dos falantes, sendo as sentenças e seus componentes considerados unidades básicas; é nesse sentido que Wodak e Meyer (2005, p. 308) compreendem que a vida social se configura como uma “rede interconectada” de práticas sociais de diversos tipos, e todas com um elemento semiótico. Os linguistas passaram a observar o uso da língua falada (linguagem verbal ou não verbal), justificando seus critérios pelo contexto linguístico e extralinguístico.

O chamado pólo funcionalista caracteriza-se pela concepção da língua como um instrumento de comunicação, que, como tal, não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical (Kenedy *et al.*, 2003, p. 20).

Os Estudos Linguísticos passaram a assumir um papel flexível no que diz respeito à tradição gramatical. Os estudiosos da área passaram a desenvolver pesquisas envolvendo comparações entre línguas para deduzir princípios gerais da organização interna, atrelados aos elementos em comum para explicar a natureza da linguagem. Os estudos do paradigma funcionalista surgem como resultado da manifestação de uma corrente que busca dar sentido/significado (em relação à forma) para as formas experienciadas e, principalmente, pelos diferentes modos de fala de uma respectiva língua.

Dessa forma, os elementos sintáticos não estão engessados numa ordem estrutural, haja vista que “as vicissitudes do discurso” impulsionam uma constante mutação dessa área linguística, vista anteriormente como instrumento de análise do ponto de vista formalista da linguagem (Wodak, 2014).

Dentro de inúmeras manifestações de fala, são encontradas manifestações linguísticas, e, no contexto social (em relação ao indivíduo), os discursos, os dialetos, as narrativas, as poesias, as lendas, os cantos e as idiossincrasias são fenômenos linguísticos que endossam a razão da existência dessa corrente (Kenedy; Martelotta, 2003).

Em Cunha (2021), conseguimos entender que o Funcionalismo opera postulando o modelo linguístico-científico a partir da natureza comunicacional da linguagem em uso. O indivíduo interage interna e externamente com a prática da linguagem e, com autonomia, se

relaciona com o exterior do organismo humano, o exterior ao mundo. Ainda que, com base em Cunha (2021, p. 16), não haja uma “oposição real”, o paradigma funcionalista versa a respeito das influências externas que os contextos sociais imprimem nas inter-relações do sistema linguístico durante a prática social da linguagem.

Sendo falantes de uma determinada língua, grupos sociais de uma mesma localidade são diferenciados e levados a experiências diversificadas, atreladas aos experimentos coletivos ou pessoais; essas narrativas são materializadas na linguagem falada, ou sinalizada – no caso das pessoas surdas (Kenedy; Martelotta, 2003, p. 19).

Ainda sobre o paradigma funcionalista e sua característica peculiar de incluir o indivíduo como assunto principal, no que se refere ao uso da língua a partir da vivência, da cultura e dos modos de fala, o Funcionalismo busca valorizar as escolhas lexicais do indivíduo, ou seja, o contexto em que estamos inseridos motivam as escolhas lexicais; seu repertório lexical se aproximará do contato diário das relações estabelecidas por meio da língua, fugindo totalmente da “exatidão matemática nas análises linguísticas, semelhante ao que ocorre no processo computacional”, preconizada pelo paradigma formalista/estruturalista (Cunha, 2021, p. 17). A função da língua, nesse caso, é adaptada à forma pela qual a linguagem é compartilhada, criando-se, assim, uma gama de lexias que incorporam sentidos a depender do ambiente/contexto. Esse fenômeno linguístico influencia internamente no sistema, e, por meio dos contextos sociais, a linguagem permeia as formas com que as pessoas lidam com as questões comunicacionais.

Dentro do paradigma funcionalista, em que o campo de estudo busca entender a diversidade de pensamento, de fala e de discursos, encabeçamos a tessitura textual deste trabalho e é nesse embalo que damos voz às premissas que concebem a linguagem como instrumento de interação social e de prática e mudança social, até entendermos os princípios da(s) maneira(s) como os falantes (discursos) se relacionam descritiva e analiticamente com as questões sociais.

É importante destacarmos que o Funcionalismo age em oposição ao Formalismo, e, segundo Santos (2022, p. 21), suas ramificações permitiu-lhes flexibilizações a partir de novas vertentes advindas de sua emancipação. De fato, para estudar o estabelecimento da linguagem falada, precisamos compreender as teorias para a compreensão da investigação. Na Europa, um movimento em favor de pesquisas linguísticas voltadas para o uso social da linguagem permitiu avanços nos estudos dos Discursos, Semântica, sedimentando um campo voltado para análises funcionais da linguagem por meio de diferentes escolas. As que se destacam-se na Europa são: a Escola Linguística de Praga, a Escola de Londres, com Michael Halliday - criador da

Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), e o grupo holandês de Simon Dik, que propôs a Gramática Discursivo-Funcional (Cunha, 2021; Santos, 2022).

Envolvendo um campo investigativo que busca um entendimento geral da linguagem, o Funcionalismo foi responsável pelo surgimento da Linguística Crítica (LC) como área de pesquisa nos Estudos Linguísticos, e esta área avalia a criticidade na prática social da linguagem relacionada aos textos, ao poder e à ideologia. Situada no paradigma funcionalista, de acordo com Fowler (2004, p. 207), “funcional” está no sentido de que a forma da linguagem responde às funções do uso da linguagem, presumindo que “a linguística, tanto quanto a linguagem, tem funções e tarefas diferentes”.

Ocupando o campo de pesquisa dos estudos linguísticos funcionais, em LC, o termo “crítica”, segundo Fowler (2004, p. 208), apresenta duas concepções: a primeira voltada para “educação e contextos de trabalho”, a qual nos familiariza com o lado “hermenêutico da crítica literária”; a segunda, como críticos literários, ao passo que, diante da prática social da linguagem entre nossos pares, somos envolvidos na “interpretação do discurso”. Entendemos que, numa perspectiva funcionalista, as pesquisas em linguagem e os contextos de uso envolvem a Sociolinguística, a Pragmática, permitindo-nos entender as mudanças discursivas e toda variabilidade linguística numa interação comunicacional. Dentro desse contexto, surgiram um grande interesse e a criticidade ao tratar das questões textuais, sua produção, interpretação e relação com as estruturas sociais (Wodak, 2004).

Ainda sobre o termo “crítica”, Wodak (2004, p. 229) recorre às afirmativas de Kress (1990) para endossar que o termo LC foi “adaptado de forma deliberada”, em oposição ao caráter sociofilosófico de um grupo de estudiosos que trabalhavam na *University of East Anglia* nos anos de 1970. Sendo precursora da ACD (MAGALHÃES, 2004; WODAK; MEYER, 2009), centrada na textualidade, a LC defende premissas voltadas para a realidade social dos usuários de uma determinada língua, pela forma como concebe as questões sociais envolvendo linguagem e poder; como fruto dessa relação, pode-se perceber que esses campos de investigação tendem a abordar a emancipação de um sujeito transformador diante de uma conjuntura política engessada em um poder hegemônico, que busca, ideologicamente, nas práticas sociais da linguagem, maneiras para modificar o mundo (Fowler, 2004).

Nesse sentido, assim como Fowler (2004), Wodak (2004) em suas pesquisas relata que nos anos 90 linguistas críticos acreditavam que a relação entre a linguagem e a sociedade culminava numa perspectiva “complexa e multifacetada”, reverberando, assim, numa transdisciplinaridade com os estudos em Linguística Sistêmico-Funcional, Sociolinguística, a partir dos estudos de Bernstein, e nos “trabalhos de críticos literários e filósofos como Pêcheux,

Foucault, Habermas, Bakhtin e Volochinov” (Wodak, 2004, p. 229).

A LC, situada no paradigma funcionalista, termina por influenciar o surgimento da ACD, como afirmam Silva e Silva (2017, p. 55):

A Linguística Crítica representa um momento decisivo para o que viria a ser a Análise Crítica do Discurso. Isso porque ela simbolizou o primeiro passo em direção a uma abordagem que tentava promover a análise linguística textual conjugada a uma teoria social, dando maior atenção aos processos linguísticos em usos políticos e ideológicos hegemônicos.

Em outros trechos deste trabalho, traremos o sentido etimológico da palavra “crítica” e quais heranças a Análise Crítica do Discurso herdou da Linguística Crítica. Todavia, a citação acima considera relevante abordar a diferença entre as duas áreas. Apesar de toda a diferença, alguns autores testificam interesses em comum, como Wodak e Meyer (2009), que não assumem por completo, mas apenas apresentam que há uma tendência a haver relação intercambiável entre os termos *Critical Linguistics* (LC) e *Critical Discourse Analysis* (ACD) e não uma continuidade (Santos, 2022).

Para esse diálogo teórico entre as duas áreas (LC/ACD), encontramos fundamentos basilares em diversos trabalhos (Kress; Hodge, 1979; Fowler, 1979; Van Dijk, 1985; Fairclough, 1989; Wodak, 1989; Wodak; Meyer, 2009). A seguir, tratamos especificamente dessa criticidade apontada nesse segmento, por um viés analítico e discursivo, atravessada por inúmeros contextos envolvendo a prática social da linguagem.

2.2 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: CENA 2

Nesta segunda cena, desenvolveremos os tópicos que contemplam a gênese e os objetivos que justificam a necessidade de se fazer pesquisas em Análise Crítica do Discurso. Nesses termos recorreremos às premissas preliminares que justificam o discurso e a ideologia como componentes da prática social da linguagem, assim como a relação desses conceitos com a criação da ACD como campo de estudos com peculiaridades distintivas e transdisciplinar. A Análise do Discurso, de cunho crítico, surgiu a partir de um artigo de Norman Fairclough, em 1985, linguista britânico da Universidade de Lancaster, publicado no periódico *Journal of Pragmatics*, e retroalimentado em 1991, numa disciplina ministrada pelo próprio precursor durante um simpósio na cidade de Amsterdã, na Holanda.

Desde então, diversos outros estudiosos (Teun van Dijk, Gunter Kress, Theo van Leeuwen e Ruth Wodak) engendraram pesquisas na área, a partir de publicações com o mesmo

intuito de promover uma emancipação do campo como viés para questões pontuais, apontando situações sociais como assimetrias, injustiças, relações verticalizadas de poder hegemônico nas sociedades vigentes. De acordo com Van Dijk (2008, p. 113),

A análise crítica do discurso (ACD) é um tipo de investigação analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso do poder social, a dominação e a desigualdade são representadas, reproduzidos e combatidos por textos orais e escritos no contexto social e político. Com essa investigação de natureza tão dissidente, os analistas críticos do discurso adotam um posicionamento explícito e, assim, objetivam compreender, desvelar e, em última instância, opor-se à desigualdade social.

São nessas iniciativas que nosso campo de estudo se insere, justamente por se comprometer com agendas de pesquisas que objetivam a desvelar assimetrias, injustiças sociais, intolerâncias, abusos de poder e hegemonia, a partir do uso social da linguagem em todas as suas esferas sociais e discursivas. Em suma, a ACD está assentada numa vertente que visa a combater desigualdades sociais por meio de pesquisas que são desenvolvidas em prol de grupos minoritarizados.

A respeito do discurso, nessas condições postas em relação ao campo de pesquisa da ACD, discurso é definido como uma forma de uso linguístico e, de modo geral, trata-se de um tipo de interação social (Van Dijk, 1997, p. 68).

As tessituras de Fairclough (2003) e de Chouliaraki e Fairclough (1999) nos conduzem aos questionamentos que envolvem os problemas sociais relacionados a “poder e justiça”; com isso, a ACD “refere-se a um conjunto de abordagens científicas interdisciplinares para estudos críticos da linguagem como prática social” (Ramalho; Resende, 2011, p. 11-12).

A respeito do sentido etimológico da palavra “crítica” em ACD, Ramalho e Resende (2011) apontam que o “C”, de crítica, é justificado pelo engajamento²² encontrado nas interações sociais dos usuários de uma língua através de discursos em contextos diversificados, sendo essa forma de uso linguístico entendido como uma tradição “da ciência social crítica” para o entendimento dos problemas sociais relacionados ao poder como controle.

Segundo Ramalho e Resende (2011), o caráter “interdisciplinar”²³ agregado aos estudos dessa área de pesquisa é explicado pelo rompimento das barreiras epistemológicas, levando em consideração o que é produzido na efervescência comunicacional da linguagem. O

²² Ressaltamos que, apesar do mesmo termo, não estamos falando da categoria de análise Engajamento, subsistema do sistema Avaliatividade.

²³ Nota-se que alguns teóricos se apropriam do termo “transdisciplinar” para caracterizar; contudo, respeitamos a interpretação das autoras ao utilizarem “interdisciplinar” para adjetivar o caráter transgressivo da ACD em relação às diferentes agendas de pesquisa.

atravessamento da ACD em diversos campos epistemológicos subsidia pesquisas em diferentes campos investigativos que contemplam o discurso.

Por essa relação com as diferentes áreas do conhecimento e o caráter transdisciplinar, na contemporaneidade, a ACD compartilha da mesma especificidade epistemológica e compreende que a linguagem personifica e estabelece um “recurso capaz” de esmiuçar as relações de dominação para contestar e superar tais problemas. Fairclough (2006) reforça a razão pela qual a ACD está inclinada às mazelas sociais e que, enquanto pesquisadores, temos obrigação de nos consternar com as relações entre o discurso e outros elementos da vida social.

Chouliaraki e Fairclough (1999) apontam que questões sociais são, em parte, questões de discurso. No contexto sociodiscursivo, a linguagem é parte irreduzível da vida social, o que pressupõe a relação “dialética” linguagem-sociedade. Contrapondo as premissas que visibilizam apenas a língua, descritiva e analiticamente, entendemos que é nessa relação que os estudos que preconizam características centradas apenas na estrutura da linguagem (paradigma estruturalista) não se relacionam com questões de cunho prático e social nas quais os falantes estejam inseridos.

As características pontuadas podem ser entendidas também como elementos semióticos, que, segundo Melo (2012), possibilitam construções de sentidos (imagens, linguagem corporal e a própria língua) nos processos sociais materiais. Para Santos (2017), em tese, ao englobar elementos da vida social, trazemos para a discussão o eixo social da nossa análise. Concebendo a linguagem pelo caráter discursivo, o ato comunicacional está envolvido por aspectos semióticos; conforme Chouliaraki e Fairclough (1999), esses aspectos abrem espaço para analisar a linguagem falada e escrita dos não surdos e também a linguagem sinalizada e produzida por meio de uma segunda língua por usuários Surdos²⁴, além dos discursos produzidos por ambos.

2.2.1 Análise Crítica do Discurso: gênese, objetivos, precursores e suas correntes

A vida social entre falantes de uma determinada língua é constituída por uma rede “interconectada”; para essa vivência, os elementos semióticos correspondem a práticas sociais de diversos tipos (econômicas, políticas, culturais, entre outras). Esses fatores coadunam a construção de sentidos nas relações e nas identidades sociais, bem como nos valores culturais

²⁴ Na próxima seção, justificamos o por quê de a palavra se iniciar com “S” maiúsculo. Essa diferenciação se dá pelo posicionamento das pessoas surdas politizadas, que reconhecem sua identidade surda através da diferença e não pela deficiência.

e na consciência do indivíduo. Melo (2012) assegura que tais fatores afloram no indivíduo a sensação de pertencimento e retroalimentam o reengajamento em prol de uma mudança social.

Como fruto de intensas pesquisas acadêmicas, a Análise Crítica do Discurso (ACD) provoca no analista crítico essa vontade de desvelar situações embaraçosas, em que o sujeito transformador, reconhecido como ator social, passa por percalços, e esses embates se materializam em enfrentamentos que conseguimos vislumbrar a partir da atuação da semiose nas relações sociais (Melo, 2012). A identidade social desempenha uma função primordial na atuação semiótica em um processo de mudança social: i) está intrínseca à atividade social inserida em uma prática; ii) atua nas representações e iii) atua no desempenho.

Ramalho e Resende (2011) afirmam haver também investigações pautadas em “agentes sociais”. Tal concepção analítica passou a fazer parte do campo investigativo dos estudos linguísticos a partir dos anos 80, com a publicação da obra de Gunther Kress e Roger Fowler, intitulada “Linguagem e controle”, na qual os autores traziam à baila questões sobre a teoria crítica do discurso como meio estratégico de “mudança social” e, segundo Damaceno (2013), privilegiavam os textos como materialização dos discursos, dentro de uma perspectiva pós-estruturalista, correlacionando-os com a estrutura linguística e a estrutura social.

Os estudos envolvendo linguagem e sociedade, sob a ótica da prática social da linguagem entre os discursos e aqueles que os produzem, nos fazem compreender que “semiose é parte da atividade social”, caracterizada por gêneros discursivos. Em outras palavras, o contexto a que o indivíduo estiver habituado gera discurso peculiar àquela situação. Com isso, compreendemos que a semiose é constituída por estilos, a depender do gênero discursivo. A linguagem produzida por grupos sociais numa mesma cidade atravessa modos de ser, de estar, de produzir; seja em áreas urbanas, rurais, em lugares ricos ou lugares pobres, independentemente da faixa etária, essa “inter-relação” propicia estilos diferentes, dependendo de aspectos de identidade. Os estilos são maneiras de ser, identidades, em seu aspecto semiótico (Melo, 2012).

Como mais um modo de entender o conceito de discurso, Pedrosa (2013), Ramalho e Resende (2011) e Cunha (2021) justificam que o discurso é uma “parte” de toda prática social. A linguagem perpassa todos os níveis da vida social; portanto, a ACD interage com “os níveis mais fixos (estruturas sociais) aos níveis mais flexíveis (eventos sociais), passando pelo nível intermediário (práticas sociais)” (Ramalho; Resende, 2011, p. 14).

A ACD permite uma ascensão de pensamentos teóricos justamente por não estar engessada num único padrão epistemológico e por não se configurar como uma metodologia única (Santos, 2022). O caráter transgressor dessa área de pesquisa não se submete apenas a um

método de pesquisa; pelo contrário, suas ramificações colaboram para que diferentes correntes teóricas sejam difundidas, desde os pressupostos ligados aos precursores europeus até as primeiras pesquisas fomentadas no continente latino-americano.

Dos teóricos que protagonizam o percurso teórico e metodológico em pesquisas em ACD na Europa, Batista Jr. (2018) destaca Norman Fairclough, Gunther Kress, Ruth Wodak, Teun van Dijk, Emília Ribeiro Pedro, Teresa Carbó e Theo van Leeuwen. Fairclough (2001) ressalta que o lugar da linguagem nas relações sociais se materializa em textos; seu foco nos direciona para os embates sociais que grupos em situação de vulnerabilidade enfrentam diante de relações de poder e hegemonia, na relação dialética da produção e da interpretação de textos, e aponta que as ideologias são fruto da prática social nas relações de dominação, seja de classe, gênero ou grupo cultural.

No Quadro 1, a seguir, apresentamos os principais idealizadores da ACD e seus pensamentos epistemológicos:

Quadro 1 - Correntes epistemológicas em ACD na Europa

Precursos europeus dos estudos de ACD e as influências para a criação de diferentes correntes de estudo na área			
Teórico(a)	Naturalidade de	Corrente	Pensamento epistemológico
Fairclough (2003a)	Reino Unido	Dialético-Relacional (DR)	Entende que a linguagem apresenta “ponto de conexão entre estruturas abstratas e eventos concretos” e que a estrutura semiótica, com os eventos em que a linguagem se manifesta, materializa-se no texto.
Chouliaraki e Fairclough (1999)	Grécia		“Sociedade e pessoas vivendo suas vidas” está relacionada às práticas sociais da linguagem e consiste num ponto de conexão entre as estruturas e os eventos discursivos produzidos pela linguagem.
Kress (1989)	Alemanha	Multimodalidade	Abordam o letramento midiático como ponto-chave para uma criticidade multimodal, dialogando com recursos semióticos para construção de significados.
Wodak (2009)	Reino Unido	Histórico-Discursiva (HD)	Desenvolveu pesquisas de cunho comunicacional e organizacional em políticas de identidade, linguagem política, racismo, preconceito e discriminação em contextos envolvendo discursos e migrações.
Theo van Leeuwen (1998)	Holanda	Atores Sociais (AS)	Desenvolveu pesquisas em comunicação visual e na multimodalidade, linguagem, cognição e sociedade.
Theo van Dijk (1989)	Holanda	Sociocognitiva (SC)	Canalizou sua pesquisa nas funções dos discursos na sociedade mediadas pela cognição. Trabalhou a tríade discurso, cognição e sociedade.

Fonte: Elaboração própria com base em Damaceno (2013, p. 14), Batista Jr. (2018, p. 51) e Cunha (2021, p. 40).

Damaceno (2013, p. 66) compreende que o discurso, enquanto uso de linguagem, se configura como prática e momento da prática social e não como atividade “puramente individual ou reflexo de variedades situacionais”. Todo posicionamento do indivíduo no

contexto social expressa discurso. Essa relação dialética pode ser falada, escrita ou sinalizada. A representatividade do discurso nas relações sociais promove uma clarificação de ideias e valores, impulsionando uma cadeia de significados materializados nos discursos. De acordo com Santos (2022), a corrente Dialético-Relacional, difundida por Fairclough e seus adeptos, tem seu marco a partir do modelo tridimensional e permeia práticas discursivas que colaboram para a mudança social.

Cunha (2021), baseado nas premissas de Fairclough (2008), alerta-nos para uma diferença no conceito de discurso. É indiscutível que todo discurso é uma prática (Fairclough, 2008); todavia, acreditamos que o discurso vai além do uso prático da língua. Para o assentamento dessa abordagem tridimensional (cf. Fairclough, 2008), é importante entender dois fatores que coadunam esse modelo: o primeiro envolve o discurso e seu papel para destacar o significado de sua constituição; o segundo corresponde à mudança social, na qual as questões discursivas são entrelaçadas nos eventos em que o falante se envolve no processo social e cultural em seu próprio tempo.

Fairclough (2008) ressalta que o discurso se configura como uma prática social. Nesse momento, concordamos com a reafirmação de que, além de ser uma “parte” do uso prático da língua e de ser uma “prática social”, o discurso, indiscutivelmente, está associado ao “uso da linguagem como forma de prática social”, em contextos diversificados, materializando os falares, o pensamento, os estilos, as vivências, os costumes, todas as marcas culturais de um povo, suas labutas, suas vulnerabilidades através da linguagem (Fairclough, 2008). Van Dijk (1980, p. 42) complementa, a partir desse ponto de contextos diversificados, que também a ideologia é responsável pela “organização dos pensamentos e ações” do indivíduo, que, num campo particular, tais como educação, bem-estar, saúde, economia, essas relações culminam em práticas sociais.

Damaceno (2013) acrescenta que o discurso mantém relação com o poder, por meio da linguagem, em cada texto e/ou evento específico. Por caracterizar a capacidade inata para a comunicação, os falantes de uma língua veem na interação (verbal ou não verbal) a possibilidade de construir e transformar a realidade social. Esse engajamento proporciona uma peculiaridade típica da humanidade, na qual a premissa está no ato de poder se expressar a partir da comunicação. Como exemplo desse pensamento, temos as manifestações artísticas promovidas por meio de letras musicais, do grafite, de poesias, de filmes e até mesmo através de danças. Damaceno (2013) compreende que essa relação recíproca tem uma dimensão fundamental, justificada pelo contexto. Todas essas manifestações colaboram para o distanciamento de injustiças sociais e a aproximação de saberes e do pensamento participativo,

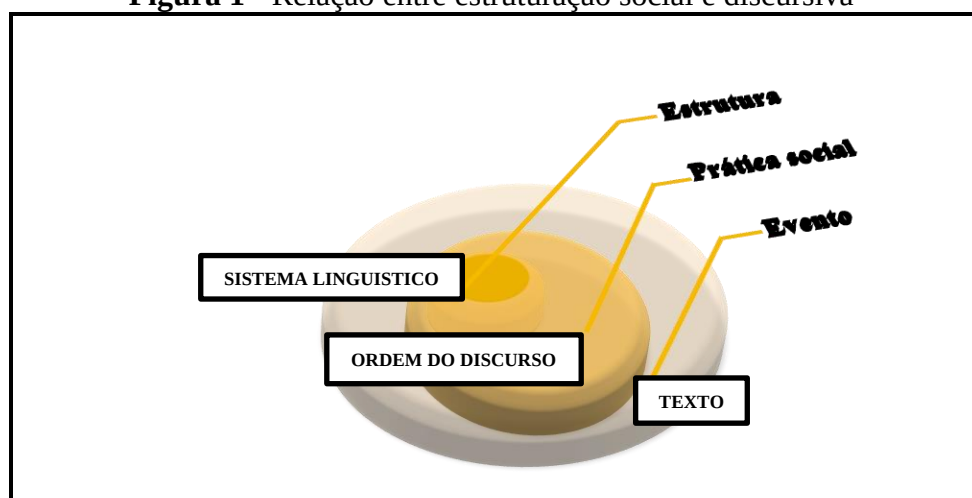
propiciando ruptura ideológica e mudança social. Incluímos os falantes de Línguas de Sinais (LS) nesse aspecto semiótico do discurso e complementamos essa linha de pensamento a partir do que Van Dijk (1997, p. 69) esclarece:

O discurso, seja ele oral ou escrito, se define, pois, como um evento comunicativo de um tipo especial estritamente relacionado com outras atividades comunicativas não-verbais (tais como os gestos ou o tratamento da imagem) e outras práticas semióticas de significação com os usos sociais de códigos simbólicos, como os da comunicação visual (por exemplo os gráficos, a fotografia ou o cinema).

A respeito de outras atividades comunicativas não-verbais, como práticas semióticas, entendemos que também as pessoas surdas pela forma peculiar de se expressar com as mãos, interagem e constroem sentidos em seus atos conversacionais. A linguagem produzida nos eventos discursivos em que LS são utilizadas promove inclusão social e testifica a capacidade inata da pessoa surda de se comunicar em diferentes gêneros e estilos discursivos, tal qual qualquer falante de língua oral. Assim sendo, concordamos com a autora a respeito de que a marginalização pode ser evitada, sendo esses grupos sociais atendidos sem imposição hierárquica de língua, poder e ideologia. Sem violência linguística, o saber e o pensamento participativo de pessoas surdas também podem agregar conhecimento à sociedade majoritária (pessoas não-surdas). Ademais, Ramalho e Resende (2011, p. 14) reafirmam que as práticas sociais possibilitam a manifestação da linguagem e que elas são “parte irredutível das maneiras como agimos e interagimos, representamos e identificamos a nós mesmos”.

A Figura 1, a seguir, sintetiza os significados dos conceitos de estrutura, prática e evento em relação à linguagem:

Figura 1 - Relação entre estruturação social e discursiva



Fonte: Adaptada pelo pesquisador com base em Resende (2009, p. 33).

Para essa dinâmica recíproca, Chouliaraki e Fairclough (1999) apontam que, para conceituar práticas sociais, basta entendermos as maneiras recorrentes – situadas temporalmente e em especial – pelas quais agimos e interagimos no mundo. São entidades intermediadoras entre o potencial abstrato presente nas estruturas e a realização desse potencial em eventos concretos (Ramalho; Resende, 2011). Entendemos que as práticas sociais se resumem a tudo o que os falantes de uma língua vivenciam em contextos múltiplos e à forma como se relacionam com o mundo, seja pelo modo de agir, pelo pensar, pelo falar/sinalizar.

2.2.2 Discurso e Ideologia: componentes da prática social da linguagem

Neste subtópico ampliamos o entendimento a respeito da relação que o discurso tem com a ideologia; por ora, Ramalho e Resende (2011) apontam a necessidade de conceituar “discurso”, assim como “hegemonia” e “ideologia”, pois, de acordo com as autoras, esses três conceitos nos direcionam para questões discursivas específicas, que contribuem para a elucidação de práticas sociodiscursivas de abuso de poder, hegemonia e desigualdades. Sendo assim, concordamos com as autoras no sentido de que, para tecer um texto introdutório sobre estudos críticos do discurso, precisamos, inicialmente, fazer alusão a esses conceitos primordiais.

Além disso, o discurso configura-se como campo de reprodução discursiva do poder e da desigualdade social como ponto de partida; é o espaço em que se desenvolvem as percepções sobre as relações de abuso de poder, hegemonia e violência (Van Dijk, 2018). Ideologia pode ser entendida a partir da ampla relação com os “domínios de nossa vida social”. Van Dijk (1980, p. 38) esclarece-nos que muitas das “nossas atividades”, “muitos dos nossos pensamentos”, estão organizados em torno de ideologias e que nessas relações somos afetados nos “aspectos socioeconômicos dessa vida social, “como o poder, os interesses e o trabalho”.

Nessa linha de pensamento, Thompson (2009, 2011) ressalta que o sujeito se compromete ideologicamente em busca da sua verdade, trafegando em cinco modos de operação ideológica gerais: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação; esses modos de operação se integralizam com as formas de poder. Fairclough (2001) acrescenta que ideologia pode ser entendida como condições de dominação às quais o sujeito está submetido, dando origem a produções sociais de classe, de gênero social, de grupo minoritarizado culturalmente.

Diante de um contexto hegemônico, a ideologia suscita medidas que viabilizem rupturas e quebras de paradigmas e estigmas, e, nessa luta contra-hegemônica no enfrentamento de ideias e crenças, o sujeito é afetado pela ideologia, mas também age e opera nela, contra ela e a partir dela (Santos, 2022). Assim sendo, nessas situações (implicam modos de reprodução de poder e desigualdade social), conforme apontamos no início deste trabalho, a ACD surge como campo de pesquisa transdisciplinar, permitindo ao analista crítico do discurso²⁵ vivenciar como a linguagem medeia os contextos nos quais o sujeito esteja incluso.

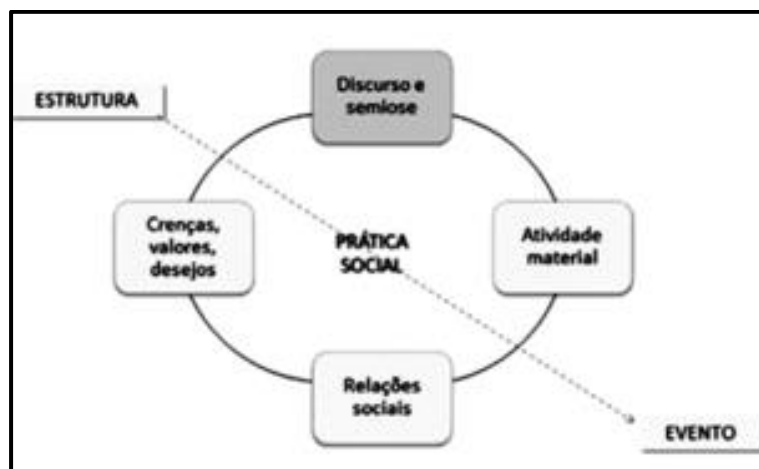
Exemplificando as medidas para quebra de paradigmas e estigmas, pelo viés ideológico, os membros de um grupo social operam em favor de seus ideais, suas crenças, suas filiações, comprovando a unidade e a preocupação em manter os seus pares atentos às investidas da oposição. Com isso, diante de uma batalha discursiva, os epítetos, contextos e expressões idiomáticas refletem o arcabouço lexical utilizado pelos usuários da língua para endossar seus discursos. E é nessas nuances que os modos de operação ideológica de Thompson (2009, 2011) traçam as rotas utilizadas pelos membros, sejam elas para humilhar, militar, refletir, afastar, fortificar. Na seção (cf. seção 4) destinada à metodologia aplicada neste estudo apresentamos cada um dos modos de operação, assim como as suas categorias analíticas; já na seção destinada às análises (cf. seção 5), associamos cada um dos modos aos eventos discursivos analisados nos *corpora* deste trabalho.

A respeito das práticas sociais da linguagem, Fairclough (2001, p. 94) entende que, em várias orientações de cunho político, econômico, cultural ou ideológico, “o discurso, por estar presente em todas elas, sem que possa reduzir qualquer uma dessas orientações do discurso”, possibilita um campo vasto para investigar a materialidade do discurso por meio da linguagem nas interações sociais. Num primeiro momento, o autor define o discurso como prática social; isso significa dizer que relações assimétricas, questões ideológicas, questões de poder e relações de poder, questões de hegemonia e lutas e relações hegemônicas, devido às influências de Althusser e Gramsci, fazem parte do campo epistemológico da ACD (Cunha, 2021). Num segundo momento, ele assume que o discurso se caracteriza como um momento da prática, junto com atividades materiais e relações sociais.

A Figura 2, a seguir, demonstra o momento da prática social:

Figura 2 - Momento da prática social

²⁵ Analista Crítico do Discurso – Glossário em ACD, página 251.



Fonte: Resende, Ramalho e Martins (2017).

Dito isso, conforme aponta Santos (2022, p. 24), em ACD, o sujeito é sim atravessado por uma ideologia, e esta é considerada um componente de filiação a partir da consideração do paradigma funcional que parte do sujeito ou daquilo com que ele se identifica. Materializando-se nas relações sociais, “a ideologia torna-se construção discursiva” e, linguisticamente, é estabelecida entre os envolvidos, em relações assimétricas ou não. Ainda, para Fairclough (2001), ideologias são vistas como produção social que culmina em dominação de classe, gênero social e/ou grupo cultural.

Em suma, Resende e Ramalho (2011, p. 19) consideram que o discurso envolve um “fluxo diário em nossas vidas” a partir da ação e interação, das relações sociais e pessoais (com crenças, valores, atitudes, histórias etc.) por meio do mundo material. Chouliaraki e Fairclough (1999) acrescentam também que práticas sociais envolvem atividade material, relações sociais, fenômeno mental e discurso. Nesse contexto, formular enunciados para interagir com outras pessoas por meio da linguagem verbal ou não verbal (pela língua falada, escrita ou sinalizada), recursos do mundo material, conforme apontam Resende *et al.* (2011), significa estabelecer relações sociais, seja direta ou indiretamente.

A ACD²⁶ agrupa abordagens de outros teóricos que sustentam esse campo de estudo. Temos, inicialmente, pesquisas que evidenciam a materialização dos discursos por meio de uma prática social, em estudos de Teun van Dijk (1989), Ruth Wodak (1996), Jan Blommaert (2005) e Theo van Leeuwen (2008). Conforme apresentado anteriormente, todos esses teóricos desenvolveram e desenvolvem pesquisas legitimamente voltadas para questões envolvendo o Discurso Crítico (DC). Todavia, interessa-nos apontar o contexto que colaborou para o assentamento teórico dessa área de estudo e como o atravessamento com diferentes campos

²⁶ Análise Crítica do Discurso – Glossário em ACD, página 249.

investigativos impulsionou seu surgimento e sua expansão. Desse modo, partimos para pesquisas que fundamentaram estudos em ACD na América Latina e como essa agenda de estudos reforçou questões de vulnerabilidades sociais, injustiças sociais e relações assimétricas, que, infelizmente, durante anos, vitimaram grupos sociais étnicos em nosso continente, sobretudo no Brasil.

2.3 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: CENA 3

Fazendo parte desta cena 3, exporemos a ascensão epistemológica do Sul global, os Estudos Decoloniais da Análise Crítica do Discurso (ACD), assim como as Epistemologias do Sul do Sul²⁷. O amadurecimento de pesquisas em ACD, em paralelo com a aplicabilidade das teorias críticas, fomentou reflexões sobre como os eventos discursivos podem ser analisados por meio da linguagem entre grupos em situação de vulnerabilidade, direcionando-nos a questões que nos levam ao discurso e seu papel social no campo investigativo. Silva (2017, p. 62) concebe a ACD como uma área de estudos que aponta caminhos para a “superação de obstáculos voltados às amarras sociais, discriminações e todo tipo de controle social”.

A ACD se configura como uma alternativa transdisciplinar no contexto analítico entre o discurso e a prática social da linguagem (Wodak *et al.*, 2015). Para Cunha (2021), conforme visto anteriormente, a corrente funcionalista assenta todas as áreas de pesquisas que concebem o discurso como prioridade; por isso, diferentes epistemologias veem a ACD como viés teórico-metodológico. Dentre as diferentes áreas de pesquisa, o diálogo teórico-metodológico pode ser tranquilamente abordado com a Retórica, a Linguística Textual, a Antropologia, a Filosofia, a Psicologia, as ciências cognitivas, os Estudos Literários, a Sociolinguística, a Pragmática, os Estudos Surdos, a LA, a LC e também a LSF.

Historicamente, o continente latino-americano é marcado por questões coloniais, pelas relações de poder e pela forma como os povos originários eram vistos; a peculiaridade distinta do continente permitiu uma inenarrável quantidade de dados que dialogavam com as pesquisas em ACD. Em Resende e Ramalho (2011), temos uma noção a respeito dos desdobramentos que contribuíram para a confiabilidade de pesquisas nessa área no continente latino-americano. O aporte teórico que endossa essa disseminação revela uma gama de informações a respeito de pesquisas interessadas em relações de desigualdades sociais em diferentes contextos. Segundo Resende *et al.* (2011), as contribuições dos pesquisadores latino-americanos causam um efeito

²⁷ Epistemologia do Sul do Sul – Glossário em ACD, página 265.

significativo para a difusão da ACD como teoria e método.

Pedrosa (2013, p. 1) aponta que a ACD se revela “como um grande guarda-chuva”, agregando um perfil transdisciplinar para estudos analíticos, concomitantemente aos Estudos Decoloniais, na construção de diálogos epistemológicos. No continente latino-americano, destacam-se os trabalhos precursores de Magalhães (2000), Berardi (2003), Meurer (2004), Pardo Abril (2008), Pardo (2008), Resende (2009), Silva (2009) e Ramalho (2010). O caráter transdisciplinar mostra que a área não é fechada e completa; essa incompletude propicia uma combinação entre diferentes concepções: “um elemento importante das análises críticas é que requerem que o investigador tenha presentes não apenas elementos de análises linguísticas, mas também de corte sociológico” (Resende; Ramalho, 2011, p. 19).

Quando pensamos nas instabilidades sociais que assolam grupos em situação de vulnerabilidade social, somos levados à origem de todo esse processo desigual, aspectos que os Estudos Pós-Coloniais, especificamente, abordam a respeito de colonização²⁸ *versus* descolonização²⁹. Temos a tendência de centralizar o regime colonial moderno como aspecto chave para compreender a história moderna e contemporânea e, mais que isso, a realidade em que vivemos hoje. Ressaltamos que a etimologia da palavra “pós-colonial” geralmente se relaciona a contextos históricos voltados ao período de colonização; todavia, algumas obras tratam desse assunto por meio do termo “poscolonial”, sendo os dois termos associados ao mesmo sentido.

Assim como a ACD, os estudos a respeito de discursos contra-hegemônicos e anticoloniais surgiram com bastante efervescência entre os anos de 1970 a 1980; um livro muito importante na literatura, intitulado “Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente” (1978), de Edward Said, também utilizado no campo da Linguística, da Literatura e dos Estudos Culturais. A respeito dos estudos pós-coloniais, todos os conceitos envolvem o terceiro mundo, a “exclusão à escala global de desigualdade entre o Norte Global e o Sul Global”, a busca pelo conhecimento, a busca pelo desenvolvimento (Santos, 2010, p. 333).

Nessa perspectiva, podemos correlacionar como as pesquisas em ACD centralizam a questão do discurso e as situações assimétricas que causam injustiças sociais, como os estudos feministas centralizam a questão do gênero, haja vista que, nos estudos pós-coloniais, o foco se destina ao regime colonial e patriarcal como fundante das nossas relações sociais e da maneira como se estruturam as sociedades. Além disso, uma questão simbólica muito importante para se pensar seria como enxergamos o mundo, como enxergamos as pessoas, como enxergamos a

²⁸ Colonialidade – Glossário em ACD, página 254.

²⁹ Decolonialidade – Glossário em ACD, página 256.

alteridade. Essas são as vertentes que originam o pensamento decolonial concomitante aos estudos do discurso crítico.

Desse modo, esses estudos se caracterizam como transgressores daquilo que era posto e bem visto nos estudos em textos eurocêntricos; logo, somos levados para outras vertentes, que descortinam outras literaturas que apontam um passado colonial. Em termos teóricos, há muitas discussões sobre como a temática surgiu e como a literatura tem sido construída em torno disso. Um fato que, semioticamente, nos direciona para esse entendimento histórico se dá a partir do movimento de descolonização da África e do continente asiático, o processo migratório e, num contexto mais recente, após a Segunda Guerra Mundial, quando alguns autores, ativistas e cientistas políticos começaram a sistematizar a literatura, direcionando-nos às questões coloniais, a fim de compreendermos a situação do mundo. Quando se fala de descolonização da África e da Ásia, não podemos esquecer que o continente americano também sofreu processos de colonização e descolonização e ainda favorece o processo migratório em diversos países no continente.

Temos a confluência de várias perspectivas diferentes, trazendo pontos de vista de caribenhos, africanos, asiáticos e, principalmente, indianos, que entram nesse debate com a ideia de subalternidade, dando origem aos Estudos Subalternos. A partir desses estudos latino-americanos, identifica-se um vínculo mais intenso com a ideia de colonização. Aníbal Quijano (2005) se inspirou muito no trabalho de Franz Fanon e Gayatri Spivak a respeito da hierarquização racial, da ideia da desumanização dos povos colonizados pelos colonizadores, prática e discurso que se perpetuam mesmo com o aparente “fim do colonialismo”. Segundo Quijano (2005, p. 201),

Implica, portanto, um elemento de colonialidade sob à ótica de poder hoje hegemônico em todo o mundo. No que se segue, o objetivo principal é abrir algumas das questões teoricamente necessárias sobre as implicações dessa colonialidade do poder em relação à história da América Latina (tradução nossa).

Portanto, para nos centrarmos no sentido de colonialidade, o termo “decolonialidade” é usado como neologismo para se afastar do colonialismo; no sentido etimológico, fala-se especificamente desses processos de desumanização, hierarquização racial, processos para descolonização do pensamento, descolonização do imaginário. Nos dias atuais, o que mais pode ser exemplificado como continuidade do colonialismo são os recorrentes fatos envolvendo

pessoas em situação análoga à escravidão no Brasil³⁰.

Em “Discurso sobre o colonialismo”, Aimé Césaire (2010) analisa e discute o processo de colonização em países marginalizados do século XXI, levando-nos a entender como a postura crítica desses cidadãos contribui para uma luta contra-hegemônica, enraizada em múltiplas facetas e abordagens adotadas pelo colonizador moderno. De acordo com a referida autora,

A tragédia histórica do Haiti, as invasões do Iraque e do Afeganistão, as “novas guerras africanas, a ocupação militar da Colômbia, demonstram o quanto é atual o “Discurso sobre o colonialismo”, escrito pelo grande poeta e político de esquerda da Martinica, Aimé Césaire, entre os anos 1948 e 1955 (Césaire, 2010, p. 10).

Eis o porquê do termo decolonialidade; como reflexo desse coletivo, essa corrente teórica propicia o conjunto de práticas existentes no continente americano em relação ao movimento negro, ao movimento indígena, ao movimento LGBTQIAP+³¹, ao processo migratório. Todos esses movimentos se configuram como aspectos subalternizados na sociedade moderna. Acrescentamos que, dentro desses pensamentos em rede, provenientes do Sul Global, infelizmente não se encontram registros referindo-se às pessoas surdas – como grupo subalterno e em situação de vulnerabilidade, do ponto de vista hierárquico – convivendo com pessoas ouvintes, no contexto excludente que rege as epistemologias do Sul. Dessa forma, aproveitamos o ensejo para afirmar que o movimento surdo no Brasil é sim um aspecto que se assemelha aos movimentos subalternizados citados anteriormente e representa uma luta contra a violência linguística e contra o silenciamento causado pela opressão linguística, social e cultural enfrentada pelos surdos em todos os âmbitos sociais (Silva; Alencar, 2013).

Nesse enfoque, entendemos que as pessoas surdas devem ser contempladas em pautas que envolvam pesquisas em ACD justamente por produzirem sentidos nos contextos vivenciados, por sua língua ser visual e espacial, em meio a uma sociedade completamente ouvintista, que busca meios de normatizar as pessoas surdas, inferiorizando-as social, cultural e linguisticamente. Conforme Santos (2017), a natureza transdisciplinar da ACD atravessa práticas sociais que incluem linguagem (falada e escrita), comunicação não verbal (expressões faciais, movimentos corporais, gestos, olhares, toques, posturas) e imagens visuais (roupas,

³⁰ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mulher-de-86-anos-e-resgatada-apos-72-anos-de-trabalho-em-condicoes-analogas-a-escravidao/>. Acesso em: 19 maio 2023.

³¹ Sigla relacionada ao movimento social e cultural de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queer*, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais; o símbolo “+” se refere a todas as outras especificidades envolvendo identidade de gênero que podemos encontrar nos Estudos *Queer*.

fotografias, filmes, séries, conteúdos midiáticos em redes sociais). A materialização do discurso, a consciência linguística³², entre pessoas surdas se dá por meio da LS sinalizada e por meio da língua portuguesa escrita; com isso, os textos escritos servem como interação social e nos permitem mergulhar no universo cultural, político e linguístico de uma comunidade minoritária no Brasil.

Césaire (2010, p. 83) concorda que esses aspectos caracterizam o indivíduo rebelado como o “bárbaro moderno”, que, diante de tantas injustiças sociais, é motivado pela mudança social e contra a dependência financeira e econômica, contra as pressões diplomáticas e militares, contra a invasão cultural e tecnológica, contra as alianças com frações das classes dominantes locais, contra a dependência midiática e contra a subserviência em todos os sentidos. Quando o indivíduo está preso ao pensamento colonizado e se liberta do inconsciente, há sempre uma discussão sobre isso; obviamente que temos discurso de cunho prático, de ativismo, pensando sempre na interseccionalidade que essas opressões causam nos dias atuais. As injustiças sociais que persistem em rebaixar pessoas surdas na sociedade, na maioria das vezes, estão atreladas às potencialidades comunicacionais em relação à língua majoritária do país. O que se espera é que essas pessoas estejam sempre aptas para se socializar com o mundo ouvinte, quando o contrário (pessoas não-surdas se adaptarem ao mundo do silêncio) jamais acontece.

Dos embates sociais enfrentados pelos grupos em situação de vulnerabilidade na América Latina, os que atravessam as pessoas surdas são caracterizados como violência linguístico-cultural. É certo que esses enfrentamentos nos levam sempre a uma discussão, do ponto de vista epistemológico, a respeito do que é/não é ciência, do que é/não é místico, do que é/não é verdadeiro, do que é língua e do que não é (linguagem) e sobre a forma como olhamos as fronteiras a partir da nossa produção de conhecimento.

Sempre se buscou acolher a pessoa surda como alguém que merece cuidados morais para se tornar um ser aceitável na sociedade. Ter consciência crítica está relacionado a um diagnóstico de tempo e percepção em que estamos estruturados nessa colonialidade, sob a ideia de que a língua do outro deve ser banida em prol da língua dominante, de que a cultura do outro deve estar em harmonia com a cultura dominante. Essa relação fronteira sempre valoriza mais o que o dominador prevê para o dominado. Tendo essa consciência crítica, refletimos nossas práticas para reprodução dos modos de vida; quando temos consciência crítica, passamos a observar o mundo de maneira diferente. Nesse ponto, concordamos com Césaire (2010) ao

³² Consciência linguística – Glossário em ACD, página 255.

defender que uma civilização que escolhe fechar os olhos ante seus problemas mais cruciais é uma civilização ferida.

Com todo seu arcabouço teórico e metodológico, a ACD é um campo profícuo para desvelar as assimetrias que surgem nas entrelinhas dessas relações de poder entre surdos e não surdos e entre línguas de sinais e línguas orais. Devido a isso, entendemos que a violência linguística, na relação fronteira entre LS e LP, na relação entre pessoas surdas e não surdas, num território majoritariamente ouvinte, é o que demarca as injustiças sociais. Na perspectiva de prática social, esse impacto social, que tende a classificar as pessoas surdas em relação à convivência, a relação com a língua oral³³ representa o acesso às possibilidades que qualquer ser humano precisa ter para sobreviver/comunicar.

Como campo investigativo, a ACD colabora para tratarmos de questões que consideram a linguagem, e, sendo a LS uma língua com modalidade de produção diferente daquela da língua oral, ela é inferiorizada de diferentes formas; para as pessoas surdas, ela sempre está no limite das condições do que é válido para se estar incluso numa sociedade inclusiva.

Pedrosa (2013, p. 2) comenta que o caráter heterogêneo e multidisciplinar da ACD impulsiona diálogos multidisciplinares por meio das correntes Sociocognitiva, Histórico-Discursiva e Dialético-Relacional. Nesse sentido, para esse trecho, nos baseamos nas premissas basilares de Luciana Ballestrin (2013) a respeito do “giro decolonial” na América Latina, que resultou na criação do grupo Modernidade e Colonialidade (MC) no final da década de 90. Nas palavras da autora, a criação desse coletivo impulsionou um movimento epistemológico fundamental para a “renovação crítica e utópica das ciências sociais na América Latina do século XXI” (Ballestrin, 2013, p. 1).

De forma contundente, Ballestrin (2013) busca demonstrar como a difusão de conhecimentos empíricos incentivou firmemente uma noção epistemológica da noção do argumento pós-colonial e como essas discussões possibilitaram a criação do grupo MC devido ao rompimento com os estudos subalternos latino-americanos. O resultado dessa exemplificação gera um entendimento sobre a identificação e a superação da colonialidade do poder, do saber e do ser, tríade basilar para a ciência e teoria política estudada no Brasil. Nesse sentido, Césaire (2010, p. 17) explica que colonizar não é o mesmo que evangelizar, “nem empreitada filantrópica, nem vontade de fazer retroceder as fronteiras da ignorância, da enfermidade, da tirania; nem a expansão de Deus, nem a extensão do Direito”. Ao contrário, os estudos decoloniais buscam desvelar a “sombra projetada por trás por uma forma de civilização

³³ Tratando-se de uma pesquisa nacional a respeito da violência linguística, a LP é vista por essa perspectiva quando não há oportunidades para o sujeito surdo poder se expressar com sua língua natural (Libras).

que em um momento de sua história se sente obrigada, endogenamente a estender a concorrência de suas economias antagônicas à escala mundial” (Césaire, 2010, p. 17). Após essa explanação sobre a gênese da busca pela emancipação epistemológica de pesquisas latino-americanas, voltaremos nossos estudos aos princípios que originaram o surgimento da ACD e a sua difusão no continente sul-americano, ultrapassando as fronteiras do território brasileiro.

2.3.1 Ascensão epistemológica do Sul Global

Do final dos anos 90 aos anos 2000, na América Latina, diferentes debates epistemológicos deram origem a criação de um grupo internacional que tratava das questões sociais específicas do continente, sendo este uma inspiração voltada para os trabalhos desenvolvidos pelos indianos³⁴ a respeito da desumanização dos saberes oriundos do eixo Sul Global. Todavia, houve a necessidade de um aprofundamento crítico e radical, dando origem a uma corrente mais conhecida como o “giro decolonial”, que difere um pouco dos estudos pós-coloniais. Resende (2019) enfatiza que, de acordo com o giro decolonial, decolonizar o saber se refere a criticar teorias e métodos e entender que não há conhecimento universal; decolonizar o poder está direcionado à superação do conhecimento universalizante, assumindo e questionando constantemente a criação teórica e metodológica local; a autora conclui apresentando como decolonizar o ser. Esse ato carrega potencialidades da comunhão de saberes, incluindo o conhecimento comum (Resende, 2019).

Devido à sua forma de colonização, a América Latina compartilha de um discurso anticolonial, “ainda que não haja colonialismo sem exploração ou opressão, o inverso nem sempre é verdadeiro” (Ballestrin, 2013, p. 3). Para enriquecer essa discussão, a autora dá voz a pensadores pós-coloniais, e, nesse diálogo epistemológico com Memmi, Bhabha, Said, Spivak e Fanon, entendemos que estamos separados apenas geograficamente quando ela afirma que, mesmo que não linear, disciplinado e articulado, “o argumento pós-colonial em toda sua amplitude histórica, temporal, geográfica e disciplinar percebeu a diferença colonial e intercedeu pelo colonizado” (Ballestrin, 2013, p. 3).

Resende (2019) reforça a ideia de que a colonialidade sobrevive ao colonialismo. A colonialidade se reproduz em saberes de livros, nas escolas e universidades, nos padrões culturais e estéticos, no senso comum. A autora recorre às obras de outras autoras latino-americanas sobre o estudo do discurso, como Adriana Bolívar (2010), Laura Pardo (2010) e Neyla Pardo

³⁴ Estudos Subalternos, criados por Ranajit Guha, na década de 1970, no Sul asiático.

Abril (2016), para enfatizar que, como consequência, a colonialidade do saber nos discursos latino-americanos é a competência no domínio e na aplicação de teorias e métodos na validade das próprias ideias. Essas autoras não se limitam a expor exclusivamente as investidas coloniais eurocêntricas como simples fatos históricos descontextualizados. Elas trazem à tona a colonização sob um viés não apenas material, mas cultural, visto que muitas culturas foram subjugadas e até exterminadas há séculos.

Pardo (2010, p. 183) acrescenta que esse assunto, envolvendo colonialidade do saber, já foi abordado por várias disciplinas; porém, a Linguística tem sido relutante ao olhar de forma crítica suas próprias práticas coloniais. Entendemos que essa linha de raciocínio reverberou no pensamento acerca da superação de relações de “colonização, colonialismo e colonialidade” no continente latino-americano. Em Ballestrin (2013), observamos que o grupo interdisciplinar sul-asiático que inspirou a criação do Grupo Latino-Americano Estudos Subalternos, com nacionalidades diferentes, dialoga com as questões intrínsecas ao continente, sob o viés decolonial. Nesses termos, “o sujeito subalterno é aquele cuja voz não pode ser ouvida” (Ballestrin, 2013, p. 10). Ainda de acordo com a autora,

O trabalho do Grupo de Estudos Subalternos, uma organização interdisciplinar de intelectuais sul-asiáticos dirigida por Ranajit Guha, inspirou-nos a fundar um projeto semelhante dedicado ao estudo do subalterno na América Latina. O atual desmantelamento dos regimes autoritários na América Latina, o final do comunismo e o consequente deslocamento dos projetos revolucionários, os processos de democratização, as novas dinâmicas criadas pelo efeito dos meios de comunicação de massa e a nova ordem econômica transnacional: todos esses são processos que convidam a buscar novas formas de pensar e de atuar politicamente. Por sua vez, a mudança na redefinição das esferas política e cultural na América Latina durante os anos recentes levou a vários intelectuais da região a revisar epistemologias previamente estabelecidas nas ciências sociais e humanidades. A tendência geral para uma democratização outorga prioridade a uma reconceitualização do pluralismo e das condições de subalternidade no interior das sociedades plurais (Ballestrin, 2013, p. 10).

Dialogando com os Estudos Subalternos, Césaire (2010) não se limita a descortinar o passado sangrento das explorações coloniais dos europeus; em sua obra, visualizamos a tirania, a forma preconceituosa e autoritária de líderes políticos, militares, missionários cristãos, cientistas e escritores ocidentais, que, juntos, tentaram justificar e legitimar a colonização, alegando a existência de raças superiores (europeus brancos) e inferiores (negros, indígenas, orientais etc.). De forma condensada, Ballestrin (2013) busca apresentar a natureza transdisciplinar do grupo MC; porém, apesar de na década de 1990 já haver autores renomados no Brasil desenvolvendo pesquisas decoloniais, sobretudo em ACD, nenhum brasileiro compôs

o Grupo Latino-Americano Estudos Subalternos em favor de Epistemologias do Sul³⁵ global. O Quadro 2, a seguir, traz os integrantes do Grupo Colonialidade/Modernidade:

Quadro 2 - Perfil dos membros do Grupo Colonialidade/Modernidade

Grupo de Estudos Subalternos na América Latina			
Integrante	Área	Nacionalidade	Universidade
Aníbal Quijano	Sociologia	Peruana	Universidad Nacional de San Marcos, Peru
Enrique Dussel	Filosofia	Argentina	Universidad Nacional Autónoma de México
Walter Mignolo	Semiótica	Argentina	Duke University, EUA
Immanuel Wallerstein	Sociologia	Estadunidense	Yale University, EUA
Santiago Castro-Gómez	Filosofia	Colombiana	Pontificia Universidad Javeriana, Colômbia
Nelson Maldonado-Torres	Filosofia	Porto-riquenha	University of California, Berkeley, EUA
Ramón Grosfoguel	Sociologia	Porto-riquenha	University of California, Berkeley, EUA
Eduardo Lander	Sociologia	Venezuelana	Universidad Central de Venezuela
Arthuro Escobar	Antropologia	Colombiana	University of North Carolina, EUA
Fernando Coronil	Antropologia	Venezuelana	University of New York, EUA
Catherine Walsh	Linguística	Estadunidense	Universidad Andina Simón Bolívar, Equador
Boaventura Sousa Santos	Direito	Portuguesa	Universidade de Coimbra, Portugal
Zulma Palermo	Semiótica	Argentina	Universidad Nacional de Salta, Argentina

Fonte: Ballestrin (2013, p. 13).

Segundo Césaire, esse coletivo latino-americano parte do princípio de que

[...] ninguém coloniza inocentemente, que tampouco ninguém coloniza impunemente; que uma nação que coloniza, que uma civilização que justifica a colonização e, portanto, à força, já é uma civilização enferma, moralmente ferida, que irresistivelmente, de consequência em consequência, de negação em negação, é que chama a seu Hitler, quero dizer, seu castigo (2010, p. 26-27).

Justamente para subsidiar as lacunas presentes nessa arena discursiva, envolvidas por práticas e discursos conflituosos, é que os analistas críticos do discurso tomam partido em tudo aquilo que fere o direito de um indivíduo. Nesse embalo, entendemos que não há condições de neutralidade, pois, de acordo com Césaire (2010, p. 27), não há “discurso neutro no âmbito da colonização e tampouco nas práticas pós-coloniais” de descolonização.

Para compreender a audácia daquele que coloniza o saber, o ser e o poder, é importante destacar que os diversos discursos hegemônicos correspondem a uma vocação dominante, podendo ter uma relação direta ou indireta com o passado social, histórico e ideológico absorvido pelos indivíduos que coadunam essas práticas, constituindo em si uma vocação para

³⁵ Epistemologia do Sul – Glossário em ACD, página 258.

dominar. Com isso, o indivíduo marginalizado, estereotipado, independentemente do seu contexto social, não percebe que precisa aprender a separar sua memória da nostalgia para que seus relatos sobre o “outro” não se restrinjam a descrições preconceituosas, uma vez que, conforme explica Jameela Begum (2000, p. 15), a “memória não está sempre no passado. Ela não é estática. Por um lado, ela reflete um relacionamento profundo com o passado e, pelo outro, com o presente. [...] Ela se torna cada vez mais crítica desde que se separa da nostalgia”³⁶ (tradução nossa).

No próximo subtópico, assim como no contexto latino-americano, englobando todas as especificidades relatadas anteriormente, tratamos desse cenário no Brasil, onde a ACD toma uma proporção valiosíssima justamente pela infinidade de questões sociais locais que dialogam com o interesse dos pesquisadores.

2.3.2 Os Estudos Decoloniais da Análise Crítica do Discurso no Brasil

Como vimos, a Análise Crítica do Discurso (ACD) ganhou notoriedade no cenário acadêmico a partir dos anos 80 e 90. Evidentemente que essa agenda de estudos não ficaria de fora de pesquisas acadêmicas no Brasil por tudo o que este país representa na América Latina. Carregamos a herança vergonhosa de termos sido o último país a pôr fim ao regime escravocrata, o que acarreta práticas injustas e desumanas até os dias atuais por não haver reparos sociais nem educação antirracista, de modo que as desigualdades sociais não permitem oportunidades para pessoas pretas, além de injustiças sociais diversas; além disso, temos o mais vergonhoso quadro político relacionado à ditadura militar, a escândalos de corrupção e a extremismos políticos.

Santos (2017) esclarece que a ACD tem se desenvolvido no marco da modernidade tardia. Segundo o autor, nesse ponto de vista, é imprescindível que o pesquisador tenha “laços com o objeto pesquisado, a fim de que ele entenda a dimensão social do problema levantado para a coletividade” (Santos, 2017, p. 58); enquanto brasileiros pesquisadores, não podemos nos isentar daquilo que nos atravessa historicamente, não podemos nos afastar do que nos propomos a investigar como natureza transdisciplinar do discurso analítico e, mais ainda, não podemos rejeitar os laços que nos envolvem aos aspectos sociais em que estamos inseridos (movimentos sociais).

³⁶ “Memory, however, is not always in the past. It is not static. It reflects a deep relationship with the self on one hand and with the present on the other. [...] And it increasingly becomes critical as it separates itself from nostalgia” (Begum, 2000, p. 15).

Conforme nos diz Santos (2017, p. 58), não podemos esquecer que o que unifica todas as correntes internas da ACD é uma atitude crítica, social e política diante de uma questão social. Reforçando esse pensamento coletivo a respeito do assentamento teórico e metodológico em solo brasileiro, Resende e Ramalho (2011) nos trazem informações a respeito dos autores que desenvolveram/desenvolvem pesquisas em ACD na América Latina. Santos (2017), brilhantemente, apresenta-nos uma síntese das atuais pesquisas em solo brasileiro, direcionando-nos para a capacidade transdisciplinar de envolver questões sociais com análise crítica do discurso, conforme demonstrado no Quadro 3:

Quadro 3 - Pesquisadores em ACD no Brasil

Pesquisas em ACD no Brasil		
Pesquisas	Pesquisadores	Instituição
Estudos do Discurso Crítico a partir da tradução de Izabel Magalhães em 2001 do livro <i>Discurso e Mudança Social</i> , de Norman Fairclough (1993)	Magalhães, 2001	UNB
Aspectos relacionados a situações de rua e extrema pobreza	Silva; Ramalho; Rezende	
Racismo e sincretismo religioso a partir das pesquisas voltadas para a ACD por Célia Magalhães	Magalhães, 2001	UFMG
Sincretismo religioso, discriminação racial	Silva e Rosemberg, 2008	UFRN
Reflexões sobre contexto, violência contra indígenas, racismo, jogo de imagens veiculados em campanhas eleitorais, programas sociais e vozes silenciadas, discurso da sustentabilidade	Ramalho, 2012	
Cidadãos em situação de rua	Xavier, 2013	
Ensino de língua portuguesa na modalidade escrita para leitura crítica para alunos do Fundamental	Rios, 2013	
Poder simbólico e suas representações, relação entre discurso, linguagem e representações sociais	Santos, 2017	
Estudos acerca de diversos focos envolvendo o sujeito em discursos feministas e machistas presentes em mídias impressas	Saraiva, 2016	UFRN
A influência de redes sociais na produção de discursos	Abella, 2017	
Discursos de jovens trabalhadores e seu lócus social	Batista, 2016	
Divulgação da ciência e alfabetização científica	Damaceno, 2013	
ASCD (Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso) com foco destinado à mudança social e cultural e questões envolvendo identidades	Pedrosa, 2012, 2013	UFRN/UFS
Educação de surdos	Brito, 2017	
Formação educacional de surdos no Brasil	Lima, 2018	
Discursos envolvendo pais de pessoas com síndrome de Down	Cunha, 2021	
Acessibilidade para pessoas surdas no período pandêmico	Oliveira, 2022	
Velhofobia	Santos, 2022	
Discurso de ódio contra docentes	Souza, 2023	
Gordofobia médica	Azevedo, 2023	

Fonte: Santos (2017), adaptado pelo pesquisador.

Concordamos com Santos (2017) em relação a que esses tipos de pesquisa impulsionaram muitos pesquisadores a desenvolver seus trabalhos utilizando o arcabouço

teórico e metodológico da ACD. A atual conjuntura nacional propicia análises críticas que tendem a conceber a forma pela qual a linguagem e os falantes interagem e materializam os discursos em práticas sociais. O autor aproveita o ensejo para apresentar as principais instituições brasileiras que concebem a ACD como meio investigativo para o campo de estudo. Além das pesquisas apontadas no Quadro 3, outras pesquisas envolvendo ACD podem ser encontradas em repositórios ligados a instituições³⁷.

Diante do cenário nacional repleto de motivações para o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas, no Distrito Federal, na Universidade de Brasília (UnB), devido à relevância de pesquisas em estudos críticos no Brasil, destacam-se as professoras Isabel Magalhães, Denize Helena Garcia da Silva, Viviane Ramalho e Viviane Resende. Essas professoras são responsáveis pela difusão e publicação de obras que dão base aos estudos críticos, fomentando e cooperando para pesquisas na área.

Na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e na Universidade Federal de Sergipe (UFS), pesquisas provenientes do Grupo de Pesquisa em Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD), liderado pela professora Cleide Emília Faye Pedrosa, ganharam notoriedade por configurar uma nova corrente teórica em ACD. De acordo com Santos (2017), a ASCD preconiza o sujeito, sendo essa categorização pouco difundida dentro dos estudos em ACD e nos campos de análises discursivas. Nesse sentido, baseada nas premissas de Pedrosa (2012), a discussão envolvendo os sujeitos é “aberta”, considerando-se que o sujeito se move diferentemente, a depender das situações e circunstâncias. Nesse caso, os sujeitos estão em concordância com sua identidade. Por fim, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a professora Célia Magalhães tem desenvolvido pesquisas envolvendo sincretismo religioso e racismo em mídias impressas, além de contribuir com a publicação do livro intitulado “Reflexões sobre Análise Crítica do Discurso”, publicado em 2001 (Santos, 2017).

Evidentemente que outras instituições no Brasil também obtiveram êxito em publicar trabalhos em ACD, conforme observamos no acervo da Capes. Todavia, ressaltamos os trabalhos desenvolvidos na região Nordeste, os trabalhos precursores no Brasil e suas respectivas instituições. Desse modo, temos a oportunidade de entender como essa agenda de estudos se aproxima da nossa realidade enquanto pessoas nordestinas, originárias de uma região que, de fato, é estigmatizada. Além de trazer o sujeito para o centro das discussões, a abordagem em que iremos nos aprofundar no próximo subtópico busca desvelar as mazelas que atravessam

³⁷ Na página do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, encontram-se mais de 124 mil trabalhos desenvolvidos no país. Fonte: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 26 jan. 2023.

o sujeito e como ele se torna responsável na construção de sua identidade, cooperando para a mudança social. Oportunizaremos, assim, uma imersão nessa abordagem e, mais adiante, buscaremos também dialogar com os Estudos Surdos.

2.3.3 Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso

Acompanhar as mudanças sociais e culturais, enaltecer a luta contra-hegemônica, mobilizar comportamentos que favorecem a ruptura ideológica, a desconstrução de estereótipos e a quebra de paradigmas, assim como incluir o sujeito, a identidade, no centro das discussões que envolvam tipos de poder, são temáticas que se inserem em pesquisas do campo da Análise Crítica do Discurso (ACD). Seu caráter transdisciplinar permite diálogos com outras vertentes teóricas. Interessada em entender os posicionamentos e os olhares que surgem nas entrelinhas das relações assimétricas de poder, em torno das práticas discursivas, surge a proposta de uma corrente analítica que configura a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD). As mudanças sociais por meio da prática da linguagem dentro do sistema patriarcal hierarquizado da contemporaneidade, conforme o aporte teórico da ACD, desde a década de 90, apontavam para um caráter multifacetado, heterogêneo e multidisciplinar para o campo científico (Damaceno, 2013).

Em 2011, através da Prof^a. Dr^a. Cleide Emília Faye Pedrosa, o Grupo de Pesquisa em Estudo do Texto e do Discurso (Geted), do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Ppgel/UFRN), levantou hipóteses acerca dessa temática e apontou a necessidade de essa demanda ser observada a partir de análises crítico-discursivas. De acordo com Damaceno (2013), a referida professora, precursora dessa corrente, contou com o apoio dos seus orientandos de iniciação científica (à época Danielle Brito e Rafael Cruz), mestrado (à época Letícia Gambetta Abella, Paulo Sérgio S. Santos, João Paulo Cunha, Rodrigo Slama) e doutorado (à época Taysa Mércia dos S. S. Damaceno, João Batista da C. Júnior, Guianezza Meira, Silvio Luis da Silva e Derli Machado de Oliveira).

Sendo a ACD “como um grande guarda-chuva” (Pedrosa, 2012), materializando-se num campo profícuo para pesquisas relacionadas às análises críticas discursivas, seu caráter transdisciplinar vem desde a sua criação (Vieira; Resende, 2016).

A ASCD abarca a possibilidade de incluir outras vertentes nesse vasto campo investigativo, inclusive um rico diálogo com a Sociologia (Aplicada) para a Mudança Social, a Comunicação para a Mudança Social, os Estudos Culturais, a Luta por Reconhecimento e a

Linguística Sistêmico-Funcional (Pedrosa, 2013). Todavia, as correntes de pesquisa que fazem parte desse arcabouço teórico (Damaceno, 2013) proporcionam esse encaixe para os desdobramentos de ordem científica e metodológica da ASCD. Pedrosa (2012, p. 4) assim descreve:

Áreas da Linguística (como por exemplos: Linguística Sistêmico-Funcional, Linguística Textual) como compete todas as pesquisas em ACD, para atender a demanda da materialidade linguística; recorre à Gramática Visual para cobrir a multimodalidade do texto. Além disso, nasce conexa à Sociologia para Mudança Social (BAJOIT, 2003, 2008); traz para o seu quadro teórico a Comunicação para Mudança Social (GUMUCIO, 2001, 2004; NAVARRO, 2010) e os Estudos Culturais (MARTELLART, 2005; HALL, 2005).

Situando um pouco a ASCD, por ser uma abordagem com propostas de diálogos teóricos e metodológicos para pesquisas em ACD, Pedrosa (2012, p. 3) resume a corrente como uma “metodologia descritiva/interpretativa”, tendo a ACD como pano de fundo; a corrente faz menção à “metodologia e a Teoria Crítica do Discurso (TCD)”³⁸; as pesquisas são endossadas a partir de uma “Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO)”. Obviamente, a autora aborda que a corrente entende o “discurso como prática social”.

A ASCD possibilita novos olhares a partir de perspectivas locais que permeiam possibilidades discursivas e investigativas que visam a contribuir para o sujeito com um papel de “sujeito transformador”; nesse caso, caracterizada nas implicaturas de quem convive com as especificidades do meio social. Nesse perfil de sujeito transformador, o sujeito discursivo priorizado pela ASCD é conceituado a partir de uma recontextualização, proposta pelo sociólogo belga Guy Bajoit, sobre o grande Indivíduo, Sujeito e Ator Social (ISA)³⁸, que contribui para o protagonismo no contexto social estigmatizado, inferiorizado, marcado pela injustiça social. O sujeito transformador já havia sido apontado por Fairclough (2001), mas o que trazemos como pauta é que nem sempre o sujeito consegue ser um sujeito transformador diante de toda a conjuntura. Entre essas questões, ressaltamos que o foco de interesse dessa abordagem está voltado para práticas discursivas que promovam a ascensão do sujeito diante do que possivelmente o arraste para o patamar inferior da sua realidade a fim de que, na imersão desses contextos assimétricos, a intervenção do analista consiga contribuir para a mudança social.

Bajoit (2012, p. 1) medeia a discussão enxergando os sujeitos como “atores sociais”. Interpretando as premissas socioanalíticas de Bajoit, Pedrosa (2013) afirma que o indivíduo se

³⁸ Teoria defendida por Guy Bajoit. O grande ISA (2009).

torna sujeito quando há uma gestão relacional de si. A autora esclarece que o termo “gestão” se direciona ao modelo cultural em que vivemos. Conclui-se que é incomum “um sujeito fora de uma cultura, de uma sociedade” (Pedrosa, 2013, p. 4).

Dialogando com as reflexões que abordaremos na próxima seção, a comunidade surda internacional está também associada à premissa de Bajoit (2012). Vale lembrar que, insistentemente, tentava-se “curar” o ouvido defeituoso do surdo por meio de práticas que visavam ao aprendizado da língua oral e à proibição do uso da gestualização. Essa violência linguística justificou o grande movimento contra-hegemônico da comunidade surda em prol do respeito para com sua língua e sua cultura. Essas especificidades reverberam na interpretação do mundo e provocam a mudança social por meio das diferentes maneiras de expressão. Justifica-se, assim, a razão pela qual a ASCD se dispõe a inovar na forma de fazer pesquisa em ACD.

Abella (2017) esclarece que a ASCD possibilita ao pesquisador formas de ver, na pesquisa, uma mudança social que contribua para o entendimento de si enquanto sujeito, na sua condição de ator social e nas esferas identitárias que assume durante sua existência. Diretamente, o enfoque dado ao objeto de pesquisa servirá como base para a incorporação do papel de “sujeito-ator” (Pedrosa, 2012), concebendo a atitude e a confiança de que seu papel contribui para a promoção e o poder de mudar a realidade.

Nessa seara, temos investigações de atividades que envolvem a inferiorização, a desumanização e o descrédito de grupos subalternizados em relações de poder, manifestando-se em termos de discriminação, hierarquização racial, intolerância religiosa, machismo, xenofobia, homofobia, estereótipos, audismo, capacitismo, mudança social e cultural. Todas essas agendas de pesquisa interessam a essa corrente. Dito isso, vale destacar que neste trabalho propomos também um olhar para as causas sociais que interferem diretamente no dia a dia da pessoa surda. Concordamos com Santos (2010, p. 235) quando afirma que “dado que a condição do subalterno é o silêncio, a fala é a subversão da subalternidade. Tornar possível esta fala exige um trabalho político que vai para além da discursividade acadêmica”. Em termos de interculturalidade, ser letrado e ter acesso às informações é um privilégio para os que detêm o conhecimento da leitura. Logo, aqueles que contrariam essa perspectiva são considerados desumanizados, marginalizados, excluídos da sociedade. Essa hierarquização nos leva ao pensamento das premissas decoloniais, nas quais a relação de poder e o grau extremo de exclusão fazem com que os surdos brasileiros sejam enquadrados na desigualdade, na exclusão, na violência linguística, na segregação extrema.

No próximo subtópico, apresentamos como a Análise Discursiva Textualmente

Orientada coaduna a Gramática Sistêmico-Funcional para o desenvolvimento de pesquisas de cunho crítico.

2.4 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: CENA 4

Trataremos a respeito do uso funcional da língua no aspecto analítico dos termos utilizados durante o movimento discursivo em seus diferentes contextos e da aproximação de pesquisas acadêmicas com a realidade social (ou representação de uma realidade) e cultural de um determinado local para desmistificar preconceitos linguísticos. A Análise Discursiva Textualmente Orientada (ADTO) representa uma estratégia metodológica que, em consonância com a pesquisa qualitativo-interpretativista, permite observar nos discursos as representações sociais nas quais os sujeitos são inseridos e percorrem o trajeto em prol de sua transformação social e coletiva.

A razão pela qual nos debruçamos sobre pesquisas de cunho crítico e social se resume ao fato de não sermos coniventes com a discrepância e a exclusão social que testemunhamos diariamente. Essa especificidade excludente colabora para uma conclamação nas áreas das Ciências Humanas, e, dentro dos Estudos da Linguagem, pelo viés da Análise Crítica do Discurso (ACD), cada vez mais temos tido o privilégio de diferentes pesquisadores trazerem à baila questões socioculturais.

Como exposto anteriormente, o Funcionalismo nos permite compreender de que maneira a linguagem está representada nas práticas sociais. A abordagem comunicacional em tela dialoga com as premissas da Linguística Sistêmico-Funcional, em que se preconiza que a língua falada por um determinado grupo social representa aquilo que o direciona em atividades diárias.

2.4.1 Análise Discursiva Textualmente Orientada e Linguística Sistêmico-Funcional

Idealizada pelo britânico Michael Alexander Kirkwood Halliday e endossada posteriormente por seus colegas (Halliday; Hassan, 1989; Eggins, 1994; Thompson, 2003; Martin; Rose, 2003; Martin; White, 2005), a Linguística Sistêmico-Funcional compreende que a língua funciona como uma espécie de “rede de sistemas, interligados através de uma base funcional com a base semântica” (Cunha *et al.*, 2011); em outras palavras, o repertório lexical de um determinado falante de um grupo social é refletido no significado do que ele vivencia

por meio do uso da linguagem e pela sua experiência cultural. Nesse contexto, a representação social da linguagem pode ser mudada conforme o tipo de convívio e/ou situação social, e é nesse sentido que a LSF está baseada: a forma como as pessoas usam a linguagem umas com as outras em suas atividades diárias. Dentro desse escopo, a LSF age como um espelho, apresentando-nos a língua como um prisma, como um modo de escolha, levando-nos a entender como ela é usada a partir de diferentes pontos de vista.

Eggins (1994) reforça a ideia de que a língua em uso é posta como fio condutor para a interação entre os falantes, descortinando significados e descobertas, reverberando em conhecimento de mundo para o grupo de falantes em que esteja inserida. Para isso, o repertório lexical é representado pelo autor como escolhas possíveis para a produção de sentidos convencionalmente. Nessa perspectiva, temos a dimensão da profundidade do campo de estudo do discurso crítico. Entendemos que falares diversificados são estereotipados, desprestigiados, usados para oprimir, silenciar, distanciar. O sentido etimológico de LSF se baseia em sistema e função para compreender e descrever a linguagem. Além disso, Cruz (2015, p. 307) reforça que a LSF analisa a língua em uso, destacando seu aspecto social.

Vian Jr. (2014) nos conduz a um entendimento teórico, a partir dos estudos de Halliday (1985), de que o uso de adjuntos circunstanciais se insere em metafunções (ideacional, interpessoal e textual). Cada uma dessas metafunções é desenvolvida a partir de um contexto de situação e um contexto de cultura. Para o contexto de cultura, “todos os significados” fazem sentido dentro de uma cultura particular em contextos específicos; para o contexto de situação, “características extralinguísticas dos textos influenciam na construção dos diferentes gêneros textuais que os ouvintes, os surdos, os leitores, ou os sinalizadores de línguas de sinais usam para identificar e classificar esses gêneros” (Cunha *et al.*, 2011, p. 27). Conforme exposto por Halliday e Mathiessen (2004), o uso, o significado e o social norteiam o papel do pesquisador para entender as escolhas lexicais usadas nos discursos e como essas escolhas, semanticamente, produzem significados.

Ainda a respeito das metafunções, Halliday e Mathiessen (2014) explicam que a etimologia da palavra “metafunção”³⁹ é adotada para indicar a função plurifuncional dentro da teoria geral. Em LSF, a partir das contribuições teóricas de Halliday (1989, 1994) e Halliday e Mathiessen (2004, 2014), a metafunção ideacional representa os significados da experiência de vida de cada pessoa, tanto no mundo exterior quanto no interior; a metafunção interpessoal equivale à interação e aos papéis assumidos por cada pessoa mediante o sistema de modo e

³⁹ Metafunções – Glossário em ACD, página 285.

modalidade; já a metafunção textual representa o fluxo de informação, organização e textualização por meio do sistema temático.

Vian Jr. *et al.* (2010) frisam que o texto não possui posicionamento semiótico, a não ser em referência ao sistema da língua a que pertence, e que nele estão imbricados os sistemas linguístico e social. Através das metafunções, acessamos os contextos (de cultura e de situação), reverberando na materialidade linguística. A partir dessa ordem, entendemos que todo ato de comunicação veicula nossas experiências individuais e coletivas, impulsionando um meio de representar conhecimento e produzir significados (Cunha *et al.*, 2011). A Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) corresponde ao conjunto de categorias de análise compostas por recursos analíticos que permitem classificar os constituintes de uma frase selecionados pelo sujeito na emissão do seu argumento. Todo o caráter semântico-discursivo presente nos adjuntos circunstanciais designam o sentido textual e só é possível entender esses significados por meio da GSF.

Contudo, consubstanciada em Bakhtin (1988), a LSF concebe o diálogo como condição fundamental para a prática social da linguagem, pois a comunicação pressupõe disponibilidade de troca (emissão e recepção). A verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal e não verbal realizada por letramento e modos de ser letrado, por intermédio da enunciação ou das enunciações.

A gama de possibilidades de pesquisas que a ACD possibilita é delineada linguística, discursiva e socialmente. Essas possibilidades esclarecem a razão dos dados gerados de forma didática e objetiva. Na esfera social da análise, a ACD maximiza o problema enfrentado pela comunidade surda no atual contexto político nacional, e a esfera linguística permite conhecer as estratégias discursivas da ACD através de uma análise textualmente orientada. No subtópico a seguir, trazemos os conceitos de que trata o sistema adotado para o desenvolvimento das análises da tese e o porquê de os subsistemas e recursos estarem em consonância com o comportamento atitudinal do ator social politizado da comunidade surda, diante dos discursos oposicionistas, no contexto político-ideológico que polariza a comunidade surda nacional.

2.4.2 A Gramática Sistêmico-Funcional: das metafunções aos subsistemas

Para Martin e White (2005), Avaliatividade, todos os subsistemas e os recursos têm relação direta com a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF). Especificamente, o significado da função interpessoal atrela-se às relações sociais escritor e leitor (Cruz, 2015, p. 306). O sistema Avaliatividade abarca os seguintes subsistemas: atitude, gradação e engajamento. Para cada um

desses subsistemas, enfatizam-se subtipos (ou recursos) que permitem analisar os constituintes da frase, do predicado, presentes no discurso (orações, metáforas, implícitos, pressupostos) durante a prática social da linguagem na perspectiva semântico-discursiva. Segundo Almeida e Vian Jr. (2018, p. 276),

Como se pode depreender, os seis sistemas discursivos, no estrato semântico-discursivo, estão relacionados às metafunções e às realizações no estrato léxico-gramatical, na seguinte relação: avaliatividade e negociação à metafunção interpessoal; ideação e conjunção constroem sentidos ideacionais e identificação e periodicidade estão relacionados à metafunção textual

Na citação acima, observamos que os seis sistemas discursivos (ver Quadro 5) estão atrelados aos recursos semântico-discursivos, relacionando-se às metafunções (ideacional, interpessoal, textual), ou seja, os seis sistemas discursivos se ligam às três metafunções e não apenas ao sistema Avaliatividade. Assim sendo, conforme Fuzer e Cabral (2014, p. 32), as metafunções da linguagem também são responsáveis pela classificação dos sistemas discursivos dentro de cada contexto de situação em que o discurso estiver inserido (campo, relações, modo). Dessa forma, buscamos sintetizar no Quadro 4, a seguir, a classificação de cada metafunção de acordo com o nível semântico em que cada sistema discursivo se insere:

Quadro 4 - Níveis semântico-discursivos da Avaliatividade

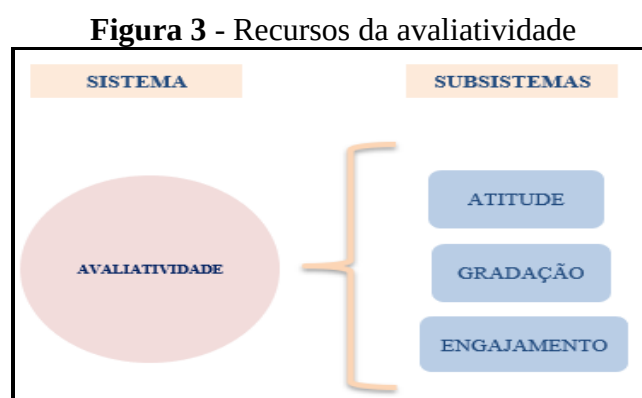
Metafunções	Sistema Discursivo	Conceituação
Metafunção interpessoal	Avaliatividade	Recursos utilizados para avaliações na linguagem, sentidos gerais dos termos escolhidos para expressar avaliações e opiniões dos falantes de línguas orais/sinalizadores de LS e escritores presentes nos textos.
	Negociação	Troca de informações entre falantes de línguas orais e sinalizadores de LS, os papéis assumidos e as atribuições de papéis. Essa interação suscita alteridade e empatia entre as relações sociais.
Metafunção ideacional	Ideação	Conteúdo do discurso, atividades realizadas pelos participantes do discurso, tipos de significados ideacionais presentes nos textos.
	Conjunção	Interconexões entre as atividades, reformulando-as, sequenciando-as, adicionando-as. Capacidade de revelar o modo como são ligados os eventos e as relações afetivas em termos de tempo, causa, contraste e similaridade.
Metafunção textual	Identificação	Abarca questões pessoais, lugares e coisas presentes no texto. Recursos que aprimoram o texto, fazendo-o ter um sentido para o leitor a partir do monitoramento das identidades apresentadas.
	Periodicidade	Baseia-se no ritmo do discurso; previsibilidade dos fatos a partir dos significados.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador com base em Almeida (2018).

A metafunção interpessoal, por meio do sistema discursivo Avaliatividade, sedimentará as análises discursivas desta tese, primeiro pelo fato de se tratar de comentários acerca de ideias

políticas e, segundo, pelo fato de que os posicionamentos nos *posts* e nos comentários se configuram como opiniões, no sentido de disseminar entre os pares informações que visem a emponderá-los em seus discursos oposicionistas.

Nesse sentido, Martin (2001) e Martin e White (2005) testificam que o sistema Avaliatividade permite ao leitor (surdo ou não-surdo) alternativas voltadas para a (re)leitura, (re)interpretação, (re)contextualização, agindo como incentivo para um posicionamento no discurso. Para visualizarmos como esse sistema se organiza, a Figura 3 sintetiza os recursos categóricos da Avaliatividade:



Fonte: Elaborada pelo pesquisador com base em Martin e White (2005).

Os recursos da Avaliatividade atitude, gradação⁴⁰ e engajamento compõem o sistema Avaliatividade, contudo para este estudo nos apropriamos apenas dos recursos dos subsistemas atitude e engajamento. A opção ancora-se como base linguística para analisarmos os *corpora* gerados nas redes sociais por meio dos epítetos, contextos envolvendo os termos pejorativos, associados aos eventos discursivos da cisão político-ideológica entre os membros politizados da comunidade surda brasileira durante o governo da direita política; as categorias de análise desses subsistemas serão caracterizadas nos subtópicos a seguir. Ressaltamos que as categorias selecionadas estão atreladas à metafunção interpessoal; a escolha dessas categorias se justifica porque elas trabalham com o entrosamento gramatical (semântico-discursivo e léxico-gramatical) para que as pessoas do discurso sejam entendidas e interpretadas, a partir do evento comunicativo, no seu papel dentro de uma oração.

Para Neigrames (2019), a abordagem analítica busca retratar como a língua é utilizada para avaliar e para se posicionar nas relações interpessoais. Situando as etapas de análise, exemplificamos como cada categoria e subcategoria se articulam para esmiuçar os sentidos dos

⁴⁰ Gradação – Glossário em ACD, página 280.

textos por meio das lexias escolhidas pelos atores sociais. Concordamos com a autora ao afirmar que o modo da oração é evidenciado como trocas de informações, considerando “as funções dos elementos” (Neigrames, 2019, p. 49).

Concebemos que a GSF/LSF colabora para a análise e o entendimento do funcionamento das escolhas léxico-gramaticais na produção de sentidos. A Avaliatividade, juntamente com os recursos atitude e engajamento, utiliza recursos diferenciados para atribuição de valor, conforme a experiência social do indivíduo. Entendemos que, em todo processo de participação comunicacional, nos expressamos construindo valores socialmente compartilhados, seja individual ou coletivamente.

O subsistema Atitude⁴¹ constitui-se de categorias que são compostas pelo afeto, pelo julgamento e pela apreciação. O Quadro 5, abaixo, caracteriza essas categorias em conformidade com o sistema Avaliatividade, da metafunção interpessoal:

Quadro 5 - Recursos do subsistema atitude

Afeto	Julgamento	Apreciação
Sistema básico, representado através da relação do indivíduo com o mundo. Escolhas atitudinais ligadas ao próprio comportamento e às questões positivas e negativas.	Envolve a capacidade do indivíduo de ponderar situações nas esferas sociais, legais e morais. Seu comportamento experiencia normalidade, (in)capacidade e/ou (não) confiabilidade para com outra pessoa.	Voltado para a maneira de escolher e avalizar processos, produtos, situações naturais, mensurando o impacto, a qualidade, o equilíbrio e a complexidade. Esteticamente, contribui para medir o efeito, a força e o foco dos enunciados.

Fonte: Martin e White (2005) – tradução nossa.

Nas condições dispostas pelo subsistema Atitude, conseguiremos adentrar o universo bilíngue das pessoas surdas por meio do predicado de uma frase estudado face à polarização político-ideológica que as cerca. Embora atravessadas por uma gama de situações que afetaram suas vidas sociais, suas lutas em conjunto, seus embates sociais, suas vivências familiares, escolares e religiosas, os comportamentos agressivos materializados em discurso de ódio ocasionam uma mudança de comportamento antes nunca vista numa comunidade surda.

O subsistema Atitude expressa sentimentos e emoções; nos recursos que envolvem **afeto**⁴² está a emoção; o **julgamento**⁴³ está relacionado ao julgamento do caráter, e a **apreciação**⁴⁴ está relacionada à atribuição de valor. Diante do exposto, lançando luz ao que propomos analisar nesta pesquisa, entendemos que o sistema Avaliatividade contempla as

⁴¹ Atitude – Glossário em ACD, página 273.

⁴² Afeto – Glossário em ACD, página 274.

⁴³ Julgamento – Glossário em ACD, página 283.

⁴⁴ Apreciação – Glossário em ACD, página 275.

análises discursivas que compõem os *corpora* devido ao caráter dos subsistemas atitude e engajamento serem entrelaçados à conjectura político-ideológica em que os recortes selecionados em redes sociais de pessoas surdas estão inseridos, e, conforme Almeida e Vian Jr. (2010, p. 25), “a Avaliatividade está relacionada a todo potencial que a língua oferece para [...] expressarmos pontos de vistas positivos ou negativo [...]”. Pontuamos que questões envolvendo o sistema e os subsistemas estarão detalhadas mais adiante (seção 4), assim como as categorias, e estarão também descritas as subcategorias de análise e como serão aplicadas nas análises desta tese.

Diferentes categorias analíticas contribuem para a materialização do discurso produzido na interação comunicacional dos atores sociais. Com isso, Martin e White (2005) endossam que, durante uma interação comunicacional, o falante/escritor convida o ouvinte/leitor para integralizar o sentido do que é enunciado, materializando, assim, uma interação dialógica (Bakhtin, 1988). Na interação comunicacional, as orações (ou as falas) “provocam na interação uma resposta a uma proposição anunciada”, uma afirmação sobre “algo que pode provocar outra resposta” e, também, “antecipar possíveis respostas afirmativas” (Cruz, 2015, p. 308).

Dentro dessa característica, na perspectiva dialógica, diferentes autores (Martin *et al.*, 2005; Ninin, 2013; Vian Jr., 2014; Almeida *et al.*, 2018) descrevem o Engajamento a partir de duas funções diferentes: a Monoglossia⁴⁵ e a Heteroglossia. Baseados em Martin e White (2005, p. 100), classificam-se como posicionamentos monoglóssicos aqueles que não se relacionam com características dialógicas, e heteroglóssicos são os posicionamentos com características dialógicas, constituídos por posições ou “vozes alternativas”.⁴⁶

Consideramos dois subsistemas do sistema Avaliatividade (atitude e engajamento) para fins de análise, uma vez que eles satisfazem nossos objetivos e descortinam as razões dessa mudança de postura: o engajamento, pelo viés heteroglóssico, por se aproximar do objeto de pesquisa; o subsistema atitude será manifestado transversalmente sempre que for preciso apontar alguma expressão avaliativa. Com isso, consideramos outras vozes atravessadas nos discursos, reconhecendo a posição que a sua própria voz ocupa no enunciado envolvido pelo cenário político nacional no contexto interacional. Vian Jr. (2009, p. 112) traduz esse envolvimento como engajamento, justificando:

Em relação ao termo Engajamento [...], estou utilizando como tradução para *Engagement*; poderia também ser traduzido por Envolvimento, mas o faço pelo fato de, no nível semântico-discursivo, Martin e White (2005) apontarem

⁴⁵ Monoglossia – Glossário em ACD, página 286.

⁴⁶ Tradução de Oscilene Cruz (2015, p. 308).

três possibilidades de recursos para a transmissão de significados interpessoais: Envolvimento (*Involvement*), Negociação (*Negotiation*) e Avaliatividade (*Appraisal*), ou seja, é mais uma maneira de se evitar novas confusões terminológicas (grifos do autor).

Ao se expressar, um indivíduo se posiciona diante daquilo em que acredita; é nesse comportamento avaliativo que seus posicionamentos são interpelados por outros posicionamentos. Martin e White (2005, p. 94) ainda complementam que essa característica heteroglóssica no Engajamento consiste no posicionamento do falante/escritor no discurso, indo em direção à polaridade, intensificação, atribuição, concessão e consequência. Esse subsistema é composto pela Contração Dialógica⁴⁷ e pela Expansão Dialógica⁴⁸.

Contração equivale aos desafios, restrições em relação a outras vozes (opiniões), e Expansão é quando, no discurso, se encontram vozes outras (opiniões) que materializam dialogicamente uma interação comunicacional. Conforme Cruz (2015, p. 309), uma “dificulta a possibilidade do espaço dialógico” e a outra permite vozes ou opiniões, posicionamentos.

Vejamos, no Quadro 6, a seguir, como são caracterizados os aspectos do subsistema engajamento dentro do sistema de Avaliatividade, em conformidade com o sistema discursivo Avaliatividade, da metafunção interpessoal:

Quadro 6 - Categorias do subsistema engajamento

Monoglossia	Heteroglossia
Instância do discurso na qual não há o reconhecimento das alternativas dialógicas.	Caracterizada pelos discursos que são estabelecidos por vozes que contraem ou expandem o espaço dialógico do texto.
Dialogismo constitutivo da linguagem; impossibilidade nas condições emergenciais de perspectivas da realidade, de maneira que as proposições se definam como concretas ou factuais.	Estabelecimento de alternativas, incorporação explícita de vozes externas, metarrepresentação de outras mentes, no tocante ao que é dito e a convicções subjacentes concordantes e discordantes. Envolve contração dialógica e expansão dialógica.

Fonte: Lima-Lopes e Vian Jr. (2007, p. 376); Martin e White (2005); Neigrames (2019, p. 55).

Ligando esses conceitos à pesquisa, segundo Neigrames (2019), o subsistema engajamento possibilita analisar os discursos do falante/sinalizador, leitor (surdo ou ouvinte) através de duas categorizações: monoglossia e heteroglossia. O caráter heteroglóssico corresponde ao que se buscamos analisar, devido às trocas de opiniões e aos pensamentos que se materializam em convicções, em avaliações positivas e negativas, entre os grupos da direita e da esquerda política, em que tais convicções podem gerar concordância ou discordância.

⁴⁷ Contração Dialógica – Glossário em ACD, página 276.

⁴⁸ Expansão Dialógica – Glossário em ACD, página 279.

Todavia, cabe-nos situar o leitor quanto à realidade excludente que atravessou pessoas surdas e que insistentemente as atravessa. Nos diferentes aspectos da vida, os Surdos testificam sua própria necessidade comunicacional para estar, de fato, incluídos na sociedade. Para essa realidade, a diferença que tende a categorizar as pessoas surdas parte do princípio da subalternização de seus pensamentos e de seus corpos, classificados como defeituosos. Ora, o devido reparo para essa ressocialização é justamente aquilo que os Surdos abominam. É com esse intuito que traremos, na seção 3, a triste trajetória que as pessoas surdas precisaram atravessar para testificar a valorização de sua língua e sua cultura, para o empoderamento dos seus pares e até mesmo para poder endossar a razão pela qual este trabalho se inclina às causas que classificam as pessoas surdas como grupo em situação de vulnerabilidade social para pesquisas em ACD.

2.5 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: ÚLTIMA CENA – PONDERAÇÕES DA SEÇÃO

A Análise Crítica do Discurso (ACD) busca emancipar pesquisas voltadas para questões sociais, das quais o uso social da linguagem evidencia instabilidades sociais entre os usuários de uma determinada língua. Essa característica dialoga com diferentes perspectivas funcionalistas, ompe barreiras epistemológicas, e propicia um vasto espaço para pesquisas com diferentes temáticas de cunho crítico e social. Por ser transdisciplinar, ramifica-se a partir de diálogos teóricos que endossam por que fazer pesquisa discursiva em ACD é oportuno na contemporaneidade.

Diante da heterogeneidade na sociedade moderna, os analistas críticos do discurso são imersos na sua própria realidade social e lhes cabe o papel de descortinar as assimetrias que testemunham, objetivando desvelar mazelas, injustiças, intolerâncias e preconceitos, já que, cada vez mais, observamos desigualdades sociais que subalternizam pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Isso justifica o motivo pelo qual compartilhamos dessa teoria, diante do problema social proposto nesta tese. Conforme Fairclough (2016), em nenhum momento, nós, enquanto analistas críticos, somos neutros, haja vista que cumprimos nosso papel social como disseminadores de ações que possam reverter o quadro assimétrico que cerca os que estão à margem da sociedade.

Assim, percorrendo o desenvolvimento desta investigação, na próxima seção abriremos um espaço para reflexão acerca daquilo que se caracteriza como assimetria entre surdos e não surdos. Os Estudos Surdos constituem espaço de diálogos transdisciplinares, coadunando a

ACD, e nos esclarecem sobre o local de resistência e do protagonismo que a língua e a cultura representam para a comunidade surda.

3 O CLÍMAX: SUBALTERNIDADE SURDA: ATMOSFERA HISTÓRICO-POLÍTICO-CULTURAL SOB O VIÉS DA VIOLÊNCIA LINGUÍSTICA

Esta seção versa a respeito de como pessoas surdas convivem com a inacessibilidade linguística numa sociedade hierarquizada que não perdoa os iletrados. Somos atravessados pela influência positiva, no sentido de nos requalificar cotidianamente, por meio de conhecimentos que combatam a gravidade que a desinformação causa na vida de uma pessoa. O conhecimento impacta no aperfeiçoamento e gera no aprendiz oportunidades para progredir. Desse modo, numa sociedade cada vez mais informatizada, o conhecimento de mundo é atrelado aos conhecimentos específicos e técnicos que permitem a convivência e a independência de um indivíduo.

Nesse viés, dialogando com as premissas foucaultianas e com diversos autores que versam sobre a subjetivação de pessoas surdas, teceremos o aprofundamento teórico a respeito da normalização que leva estudiosos a encararem as particularidades de pessoas surdas como condições de ressocialização. Esses pensamentos serão norteadores para entendermos como nossos corpos foram e estão assujeitados aos domínios e poderes engessados na sociedade e como essa relação assimétrica interfere na prática social da linguagem entre pessoas surdas e pessoas não surdas na sociedade contemporânea.

Michel Foucault nos conduz a atravessar fronteiras de pensamentos, de teorias, de ideologias, tendo, nas entrelinhas de seus textos, o compromisso social com a realidade humana. Pelo fato de os Estudos Surdos não fazerem parte de nenhuma das obras que envolvem ACD no mundo, é oportuno entendermos como a subalternidade tende a classificar as pessoas surdas. Para isso, recorreremos à obra do curso *Segurança, território e população*, de Foucault (1978), e ao trabalho de dissertação de José Raimundo Rodrigues (2018).

Distanciados das oportunidades que a sociedade oferece, os que se encontram à margem da sociedade representam o que mais caracteriza a desigualdade social que enfrentamos no Brasil, que, embora seja um dos países mais ricos do mundo, carrega a marca de ser também reconhecido como uma das nações mais desiguais, que não oportuniza qualidade de vida para sua população. Alimentação digna, segurança, saneamento básico, educação básica, salário mínimo, inclusão social e midiática são fatores que impulsionam esse alto índice de desigualdade.⁴⁹

⁴⁹ Disponível em: https://www.childfundbrasil.org.br/blog/indice-de-pobreza-no-brasil/?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=blogposts&gclid=CjwKCAiAioifBhAXEiwApzCztiH7NMiC19kqUd9r3PtEJ4C7HNXNwuxU2HMvXsYmJRKlIPk9bQrs2xoCoWkQAvD_BwE. Acesso em: 7 fev. 2023.

Como exposto anteriormente, infelizmente temos de admitir que também as pessoas surdas, em sua maioria, encontram-se em situação de vulnerabilidade social. Tal afirmativa se dá pela violência linguística⁵⁰ que essas pessoas sofrem ao longo da vida. Violência no sentido de precisarem vestir-se de uma roupa que não lhes cabe. Ao longo da vida, enquanto simpatizante dos movimentos surdos, parente de surdo, membro de igreja em que havia surdos, colega em sala de aula de surdos, observamos como essas pessoas buscam sempre se superar para estar no mesmo patamar social que as pessoas não surdas, seja para conseguirem estudar, para conseguirem emprego ou para se sentirem incluídas dentro de casa.

Diante desse contexto político e social dos últimos quatro anos no país (2019-2022), concomitantemente à explosão da polarização política entre surdos nas redes sociais, em oposição ao fascismo, nosso lugar de fala, neste momento, é como uma pessoa não-surda que, ao longo dos anos, participou de ministério com surdos em uma denominação religiosa, que militou com a comunidade surda em favor de inclusão social, que teve uma prima surda (*in memoriam*)⁵¹, que atuou como intérprete de Língua de Sinais (LS), além do contexto religioso em diferentes ambientes sociais, que estudou com colegas surdos no colegial (2003), na graduação (2006-2012) e na pós-graduação (2017-2018) e que leciona numa Instituição de Ensino Superior (IES), num curso de formação de professores de Libras, no qual há presença de alunos surdos (de março de 2013 a maio de 2015 na Universidade Federal de Sergipe; de julho de 2015 até os dias atuais na Universidade Federal de Rondônia).⁵²

Nos anos em que começamos a engatinhar no aprendizado de LS, na adolescência, foi-nos oportunizada a imersão em um universo completamente diferente do que imaginávamos. A riqueza que a língua de sinais representa e a forma como ela enfeitiça os aprendizes possibilitam uma experiência inovadora no modo de pensar, agir e falar a respeito dos que não ouvem. Naquele momento de aprendizado, em 1998, ainda não havia regulamentação da LS enquanto língua, não havia decretos nem nada substancial em matéria de políticas linguísticas para pessoas surdas. No contexto em que estávamos inseridos, eram os espaços religiosos que cumpriam esse papel social, sob a ótica da acessibilidade, devido aos princípios cristãos da caridade, por conta da proposta de um evangelismo; independentemente das denominações, éramos nós, intérpretes de LS, que promovíamos acessibilidade no âmbito religioso.

⁵⁰ Por se tratar de assimetrias voltadas para questões comunicacionais, diferente de outras especificidades que estão voltadas para acessibilidades arquitetônicas, nomeamos os embates excludentes de pessoas surdas no mundo como violência linguística.

⁵¹ Em nossa dissertação de mestrado em Letras, versamos a respeito dessa parte biográfica (Nascimento, 2018).

⁵² Na UFS como professor substituto; na UNIR como professor efetivo.

No que se refere ao fascismo religioso que percebemos nos dias atuais, refletimos como era criteriosa a imersão no universo cultural e linguístico das pessoas surdas. Estas, enquanto comunidade linguística, queriam que dominássemos a LS, que mostrássemos comprometimento com elas, cooperando com a proficiência e o desenvolvimento social dos envolvidos. Não foi fácil essa inserção na comunidade surda; por várias vezes fomos tomados por sentimentos de frustração, decepção, rejeição por causa do próprio investimento pessoal, até sermos “batizados” pelas pessoas surdas para comprovar nosso merecimento de estarmos inclusos na comunidade surda.

É desastroso observar que esses valores não estão mais em evidência; ao contrário disso, há muitas pessoas ouvintes que “mergulharam” na comunidade surda a partir de 2018 e se tornaram referência devido a eventos políticos... E esse é um ponto de reflexão. Contudo, o que torna mais complicado ainda essa diferença temporal na comunidade surda é quando percebemos a manobra que o discurso religioso causa num país democrático, um Estado laico; discursos que estão declarando, com todas as evidências, que há o objetivo de transformar o Estado democrático e laico em um Estado religioso, unilateral, o que é muito complexo. Sem dúvidas, um fato marcante para a comunidade surda brasileira foi o protagonismo da então primeira-dama, Michele Bolsonaro, na campanha das eleições, e o discurso sinalizado em Libras na posse presidencial em janeiro de 2019.

No entanto, analisamos essa inserção na comunidade surda e seus discursos positivos em favor da Educação Bilíngue para Surdos e dos direitos adquiridos pelas pessoas com deficiência, bem como a visibilidade para a Libras. Naquele exato momento da posse presidencial, sendo transmitida ao vivo para todo o mundo, a citada primeira-dama marcou a história nacional sinalizando em LS o discurso emblemático, algo nunca visto antes. Tudo isso encantou principalmente as pessoas surdas devido a todo o significado do posicionamento em sinalizar em Libras o discurso durante a sua participação.

A atitude inovadora da ex-primeira-dama, Michele Bolsonaro, trata-se de um importante passo para a valorização linguística e cultural da comunidade surda. Sendo parente de surdo, a então primeira-dama conhece a língua, convive com a comunidade e, assim, buscava demonstrar respeito para com as causas que envolvem a inclusão dos Surdos. Quando observamos a primeira-dama com um perfil eclesiástico, como “super-heroína” da causa surda no país, tudo isso é questionável ao se discutir sobre o Estado democrático de direito e laico, nesse estilo evangélico seguido de um discurso persuasivo, comovente, disciplinador, na doutrina de sacrifícios, na demonstração de sua devoção, à qual ela associa políticas públicas

para pessoas com deficiência (num país continental como o Brasil, que já foi a sexta potência da economia mundial) a uma guerra espiritual⁵³.

Então, em 2022, em seus discursos e engajamentos em prol da reeleição de Jair M. Bolsonaro para presidente, a primeira-dama traduz a política e os conflitos de oposição como uma guerra espiritual. Numa democracia, sabemos que se opor a ideias, propostas e projetos de um candidato, ou de um partido político, é identificável como normalidade, faz parte do contexto político e social de um país; o que não entendemos é a forma como essa oposição se configurou em uma polarização política, uma ruptura entre os pares surdos (surdo-surdo) jamais vista no país a partir da campanha eleitoral, em 2018, e durante os quatro anos de mandato do ex-presidente.

No final dos anos 90, como membro da comunidade surda, testemunhávamos a unidade e o engajamento em prol de visibilidade, respeito e inclusão social; portanto, o que acontece na contemporaneidade nos preocupa, haja vista que o discurso de ódio se instalou na nação. É necessário denunciar e desvelar esses comportamentos antidemocráticos. Os princípios que atravessam os discursos da direita política acerca do ponto de vista da primeira-dama é que as questões de políticas públicas, os conflitos⁵⁴ de oposição, são resultado de uma guerra espiritual de vertente evangélica, em que ela professa – a primeira-dama – que quem não segue o pensamento ideológico, quem não tem a mesma concepção religiosa, é posto como trevas, como o mal que quer ser instalado na nação; assim ela nomeia essa oposição política. Isso é um risco para a democracia! Observemos o trecho: “É um momento muito difícil, irmãos. Não tem sido fácil. É uma briga, uma guerra do bem contra o mal. Mas eu creio que nós vamos vencer, porque Jesus já venceu na cruz do calvário”. Esse discurso antidemocrático, anticonstitucional, perigoso é o que tem sido propagado para as pessoas surdas. Os próprios Surdos⁵⁵ entram em conflito com seus pares justamente por causa dessa manobra política, religiosa, sobretudo fascista. E a primeira-dama usa um lugar de fala em que se denomina evangélica e acessível ao surdo!



53

⁵⁴ Trecho do discurso da primeira-dama durante as campanhas presidenciais em Belo Horizonte-MG no dia 7 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/michelle-comanda-culto-ao-lado-de-bolsonaro-em-bh-na-busca-por-eleitoras.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2023.

⁵⁵ Usaremos o termo com a inicial maiúscula para nos referir às pessoas surdas politizadas e empoderadas linguística e culturalmente.

Diante de tudo isso, observando nossa trajetória na tradução e interpretação nos contextos religioso e educacional, entendemos que religião e política são indispensáveis em uma discussão, todavia com honestidade, sensibilidade e delicadeza, porque esses discursos atravessam as nossas vidas e impulsionam a mudança social. Ao falar sobre o Brasil, um país que levou anos para conquistar a participação social, a liberdade de expressão e todos os fatores que caracterizam a democracia, os discursos conservadores da direita política disseminados entre os membros da comunidade surda brasileira partem do princípio do discurso em prol de um Estado religioso, unilateral, de uma única nação. Logo, entendemos que, nesse tipo de discurso, não há espaço para a pluralidade cultural que caracteriza o Brasil. A maioria da população seria massacrada porque suas diferenças religiosas seriam minimizadas e porque nem todos querem ser adeptos a uma religião, a uma ideologia política. A diversidade de gênero seria ainda mais marginalizada devido ao desprestígio que há nos discursos da extrema-direita. Numa situação dessas, é muito difícil concordar com a contradição de estar num contexto religioso em que líderes incentivam o armamento em prol da autodefesa (Projeto de Lei nº 3.713/2019)⁵⁶.

Diante dessas circunstâncias, pensamos que oportunizar conhecimentos técnicos, educacionais e políticos se contrapõe ao conhecimento do mundo com o qual, infelizmente, as pessoas atravessadas por essas intempéries precisam conviver. O conhecimento é fruto do investimento educacional que impulsiona no sujeito a criticidade necessária para entender qual o seu papel diante de conflitos dessa natureza. Infelizmente, durante anos, esse direito ao acesso ao conhecimento foi negado aos Surdos no Brasil. Obras assistenciais e capacitistas engessaram na sociedade pensamentos tendenciosos em relação às pessoas surdas.

Nessa linha tênue, tornar-se letrado e adquirir conhecimentos numa sociedade hierarquizada acaba sendo uma obrigação para fugir de todo tipo de exclusão (social, digital, religiosa). Essas reflexões nos conduzem à realidade desigual das pessoas surdas na contemporaneidade. Tratar desses assuntos, que coadunam a exclusão da pessoa surda na sociedade, nos obriga a entender de onde partiram tais ideias, quem foram/são os responsáveis, como têm afetado e o que tem sido feito para combater esses eventos excludentes, que só inferiorizam a posição do surdo na sociedade.

A linguagem se constitui na interação com os outros sujeitos e, por isso, não basta ensiná-la ao surdo; é necessário inseri-lo em um diálogo em que, nessa interação, ele (o surdo) construa significados (Fernandes, 2005, p. 39). Concordamos com Fernandes (2005) ao afirmar

⁵⁶ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/04/05/projeto-altera-estatuto-do-desarmamento-e-impoe-novas-restricoes>. Acesso em: 22 maio 2023.

haver um “imenso abismo” entre o mundo acadêmico e o cotidiano escolar: primeiro porque o aspecto linguístico que o aprendiz (inserido no contexto escolar) apresenta depende da interação que ele tem no contexto familiar; segundo porque é por meio da linguagem que o conhecimento produz mudanças. Para essas mudanças serem significativas, é necessária uma imersão no conhecimento de mundo trazido pelo aprendiz. São pequenas ações, intervenções e estratégias que vão impulsionar a aprendizagem efetiva e o distanciamento de discursos extremamente oportunistas. Cremos que essas intervenções podem combater o grande índice de exclusão das pessoas surdas em diferentes âmbitos sociais, as quais vivenciam a experiência diária com a exclusão causada pela falta de oportunidades. Nesse sentido, buscamos um diálogo epistêmico com os Estudos Decoloniais a fim de entendermos como a relação das pessoas surdas com “a língua do outro” pode ser compreendida como violência linguística e como essa interdependência promove um protagonismo identitário em busca de uma mudança social.

3.1 ESTUDOS SURDOS NA PERSPECTIVA DECOLONIAL

A Análise Crítica do Discurso (ACD) se relaciona com estudos que se direcionam para questões discursivas que envolvem a subalternidade na sociedade de grupos em situação de vulnerabilidade social, que no caso deste estudo trata-se da subalternidade das pessoas surdas no Brasil em todas as esferas sociais. Dito isso, essa área de pesquisa se perpetua como uma proposta crítica interessada em investigar assimetrias, poder hegemônico, desigualdade, fatores excludentes numa sociedade. Esse é um momento em que buscamos uma reflexão acerca da violência linguística que caracteriza as injustiças sociais que assolaram as pessoas surdas do ponto de vista linguístico e cultural.

O desejo de concentrar esta pesquisa em ACD com o contexto político do Brasil surgiu diante da inquietude em testemunhar a instabilidade social na comunidade surda, entre membros politizados imersos na cisão político-ideológica, fato que nunca havia sido registrado anteriormente. Para essa inquietação, é oportuno entender que, em ACD, a pesquisa qualitativa está assentada em análises discursivas, linguísticas e sociais. Desse modo, buscamos, neste texto, apresentar reflexões dentro das premissas transculturais (Walsh, 2009) que dialoguem com a política linguística que unifica os valores e necessidades comungados pela comunidade surda e como, historicamente, num dado momento do percurso, a polarização política converge numa instabilidade, desembocando em uma arena discursiva que descortina toda uma cadeia de pensamentos controversos em meio aos discursos oposicionistas.

A respeito da transição comportamental de membros politizados da comunidade, devido

aos eventos políticos antes, durante e após o governo Bolsonaro, a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD) direciona-nos ao entendimento de que essa tensão discursiva na comunidade surda necessita de uma análise empírica, na perspectiva do sujeito, e que a materialidade configurada em seu discurso provoca uma ruptura, uma mudança social. A ASCD resgata e possibilita o acolhimento de pesquisas enviesadas para questões de injustiças sociais, com suas peculiaridades semelhantes em todo canto do mundo; todavia, o ponto de vista de pesquisadores advindos da região Nordeste brasileira se volta para um olhar crítico das releituras do arcabouço teórico, colaborando para um aprofundamento teórico em ACD.

A tessitura que buscamos neste subtópico é enaltecer os aspectos conceituais do diálogo entre Estudos Surdos, Estudos Decoloniais e ACD, na perspectiva da ASCD, atravessados pelo sentido transcultural, dando-nos suporte para conceber os entraves enfrentados diariamente pela pessoa surda. Nenhuma cultura é completa, única e independente. Todas as culturas se entrecruzam de alguma forma, permitindo uma relação social no perímetro em que as fronteiras são atravessadas pelas práticas sociais. Por isso, compreendemos que a complementaridade está relacionada a questões de todos os sentidos (culturais, morais, linguísticas), sobretudo ao pensarmos na situação linguístico-cultural de pessoas surdas.

Santos (2010, p. 237) argumenta que não há uma complementaridade, haja vista que a ambivalência está precisamente nas “zonas de sombra que criam espaços de manobra para contestar as relações hegemônicas em nome de outras mais justas”. Conforme anunciamos anteriormente, há uma relação hegemônica também quanto ao universo de quem ouve para com quem não ouve. Por isso, é oportuno trazer à tona esse ponto reflexivo neste trabalho, em consonância com a ASCD, para que sejam escancaradas as manobras, a opressão, a estigmatização que o sujeito surdo enfrenta numa sociedade excludente.

Um desses entraves envolve o limite que pessoas surdas convivem entre a produção sinalizatória em Libras e a produção escrita e a leitura em Língua Portuguesa (LP). Nesse sentido, entendemos que as pessoas surdas são também classificadas como grupo em situação de vulnerabilidade social devido à violência linguística persistir em vivências que não levam em consideração a manifestação linguístico-cultural de um grupo social, ocasionando barreiras linguísticas e reverberando em situações excludentes ao longo da vida. Michele Petit (2009) entende que, normalmente, a leitura de textos traz como pretensão, por parte dos leitores, uma busca por explicações de palavras, de conhecimento de mundo e de si: “[...] quando nos debruçamos aos diferentes tipos de textos, talvez procuramos algo desconhecido que se apresenta para nós como uma ponte para coisas escondidas” (Petit, 2009, p. 125).

Comparando esse fato acerca das pessoas surdas e a sua relação com a língua majoritária

no Brasil, Fanon (2008), numa perspectiva decolonial, salienta que, quanto mais se assimila o valor cultural da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Nesse sentido, a forma como a LP tem sido apresentada para as pessoas surdas, das séries iniciais até o ensino superior, é vinculada a uma vertente ligada ao sistema fônico, que preconiza uma visão normatizadora, colonial, que “dessoa” da característica que o sujeito surdo tem como falante de uma língua com modalidade de comunicação e expressão diferente.

Petit (2009) diz que, do nascimento à velhice, buscam-se sempre os ecos do que se vive de forma tortuosa, confusa, e que, muitas vezes, se podem revelar e se transformar graças a uma história, um fragmento ou uma simples frase. Quantas vezes temos visto estereótipos envolvendo os que não ouvem – por exemplo, de que são gesticuladores, falantes de “mímicas” –, uma violência linguística que reverbera no sentido de desfigurar o surdo como sujeito capaz de ascender social, cultural e linguisticamente.

Nos diferentes contextos em que estamos imersos (político, social, educacional), sujeitos de diferentes classes podem ter na relação discursiva com a leitura a ponte de acesso às informações para contribuição do seu próprio eu. Petit (2009) enfatiza que, quando se tem na leitura um prazer, sem espaço para imposições, a história ouvida/lida/sinalizada pode facilmente ser absorvida pelo sujeito, permitindo que ele rememore sua própria história, especialmente em capítulos mais difíceis.

No contexto linguístico, a visão hegemônica, hierárquica e normatizadora para com os que não ouvem está diretamente ligada às questões socioculturais, sobretudo patológicas. Nas palavras de Bell hooks⁵⁷ (2013, p. 223), a língua se recusa a “estar contida em fronteiras”. Fala a si mesma, contra a nossa vontade, em palavras e em pensamentos que invadem e até violam os espaços mais privados da mente e do corpo. Nesses parâmetros, é necessário que haja liberdade textual para que a impressão do aprendiz (surdo ou não-surdo) seja garantida, uma vez que não há verdade objetiva ou subjetiva da leitura, mas apenas verdade lúdica; e mais: o jogo não deve ser entendido como uma distração e sim como um trabalho pelo qual se evapora qualquer padecimento (Barthes, 2004).

Fanon (2008) exemplifica a respeito da mudança na personalidade dos negros antilhanos quando entram na França, em que a representação da metrópole “enfeitiça” e amputa o seu ser à medida que seus olhos a vislumbram. Os antilhanos cresceram ouvindo a respeito do valor linguístico da língua francesa e que, para ser alguém na vida, o primeiro passo é o aprendizado da “língua do outro” e o desprezo pela língua local. Nesse sentido, rejeitar o patuá (língua local)

⁵⁷ Por princípios decoloniais, a autora se apresenta em suas obras literária com a inicial “h” em minúscula.

e valorizar uma língua estrangeira traz alteração de personalidade, e “todo idioma é um modo de pensar” (Fanon, 2008, p. 34-36).

Muitos porquês ficam subentendidos nas entrelinhas das relações entre surdos e não surdos no Brasil. Por isso, devemos pensar como esses indivíduos são expostos e cobrados a uma forma de expressão desconexa de seu modo de ler o mundo. Barthes (2004) entende que a leitura se assemelha a um gesto do corpo que, com o mesmo movimento, internaliza e interioriza a ordem textual. Mudar a realidade dos Surdos no contexto educacional é uma responsabilidade social. A “amputação” e o “feitiço” pela língua e pela cultura do outro (ouvintismo)⁵⁸ devem ser observados como suporte para desconstruir mitos e ideias errôneas acerca dos que não ouvem. Comparar surdos com não surdos é uma atitude injusta. Essas práticas insolúveis são reverberadas por falta de conhecimento e de empatia com o universo linguístico-cultural dos Surdos. Ter acesso ao conhecimento é um direito de todos e um dever da escola.

Transgredindo essas práticas colonizadoras envolvendo a “cura do ouvido defeituoso”, concordamos com Silva Júnior e Matos (2019) quanto à assertiva de que “sulear” o conhecimento produzido no continente latino-americano, no sentido de problematizar e questionar a forma de ler o mundo, numa perspectiva eurocêntrica hegemônica, contribui para o surgimento de novas epistemes. Dentre as diversas comunidades linguístico-culturais no território brasileiro, a comunidade surda representa um importante meio para a visibilidade identitária. É por meio dessa comunidade linguística que os indivíduos se reconhecem e entendem o seu valor linguístico-cultural num mundo que cada vez mais insiste em silenciá-los. Por meio das relações sociais e, sobretudo, comunicacionais entre seus pares, surgem a capacidade de reinventar-se e a oportunidade de aprender uma língua que representa uma inenarrável forma de ressignificação social.

Incluem-se nessa problemática as situações comunicacionais que pessoas surdas enfrentam em seus lares. Quando não são informados da condição auditiva e comportamental da criança surda, automática e costumeiramente, os pais buscam maneiras de acolher o filho surdo com o mesmo tratamento dado a uma criança que escuta. Esse impacto só será diluído em práticas inclusivas à medida que for despertada a noção de que não se trata da “cura do ouvido doente” e sim de adaptação cultural, educacional e linguística de uma pessoa que deve ser vista pela diferença e não pela deficiência (Fernandes, 2005).

Sob esse enfoque, os estudos em ACD nos levam a entender a linguagem visual e espacial também como prática social da linguagem. A ideia equivocada de homogeneidade, de

⁵⁸ Termo utilizado para se referir à influência da cultura ouvinte para com os surdos.

que “todos são iguais” no contexto da inclusão escolar, é ultrapassada. Esse tipo de conduta ao planejar os conteúdos para uma aula, no que tange ao tratamento igualitário dentro do ambiente escolar, se reflete no insucesso, na evasão e, lógico, na exclusão. O fato de “incluir” todos dentro de uma sala de aula não significa atender às necessidades de todos ao mesmo tempo, muito menos em se tratando de questões que envolvem ensino e aprendizagem. Podemos agir com práticas excludentes mesmo estando inclusos num ambiente com alguém reconhecido como excluído socialmente.

Tomamos como referência as premissas de Walsh (2009), que concebe a interculturalidade no contexto educacional como uma ferramenta estratégica para um processo de negociação “em condições de respeito, legitimidade, simetria, equidade e igualdade” (Ballestrin, 2013, p. 4, tradução nossa).⁵⁹

hooks (2013, p. 224) afirma que “esta é a língua do opressor, mas preciso dela para falar com você”. Desse modo, a reinterpretação, a recontextualização e a participação das pessoas surdas no processo de interação com a LP partem do princípio da necessidade de fazer acessível sua jornada social, visto que, considerando-se a forma pela qual as pessoas surdas são “inclusas” na sociedade ouvinte, o caminho inverso não ocorrerá tão cedo. Paulo Freire (1982, p. 20) afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura deste é importante para a continuidade da leitura daquele”. Nessa linha, entendemos que, para os Surdos, tendo em sua língua materna, a Libras, a possibilidade de se expressar e absorver conhecimentos básicos, o processo de leitura e escrita será natural em seu universo social, histórico e cultural.

Fanon (2008), em seu texto, procura ajudar o negro a se libertar do arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial; nesse contexto, procuramos também elucidar que a Libras e toda sua representatividade na modalidade escrita, por meio de escritas de línguas de sinais, representam, para as pessoas surdas, uma libertação decolonial no ensino de LP como língua adicional, não no sentido de silenciar e apagar a representação da “língua do opressor”, mas de ressignificar “visograficamente”⁶⁰ uma língua que se baseia no som e que representa uma oportunidade de desenvolvimento social num país desigual como o Brasil.

Conforme hooks (2013), o conceito de língua de opressão representa um potencial de enfraquecimento entre os que estão apenas aprendendo a “falar” e entre os que também estão

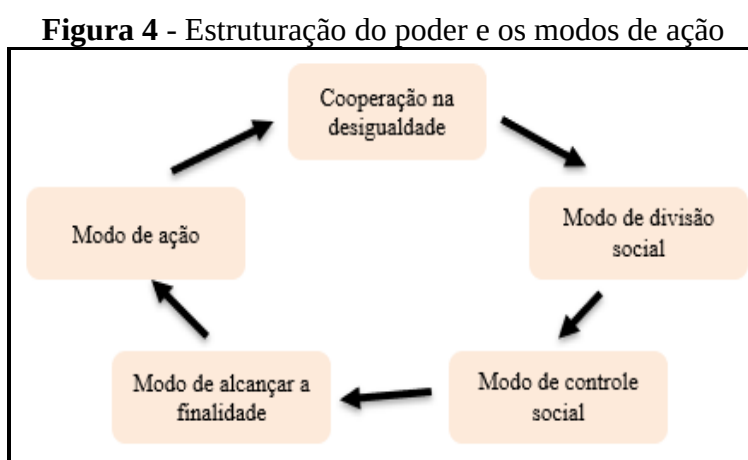
⁵⁹ “La interculturalidad entendida críticamente aún no existe, es algo por construir. Por eso, se entiende como una estrategia, acción y proceso permanentes de relación y negociación entre, en condiciones de respeto, legitimidad, simetría, equidad e igualdad”.

⁶⁰ Nos Estudos Surdos, esse termo é usado para se referir às Escritas de Sinais, que são sistemas de notação que buscam sintetizar em glosas (modo escrito) toda a sequência sinalizada em Língua de Sinais. Muitas são as pesquisas que evidenciam o aprendizado da LP pelos surdos com o apoio das Escritas de Sinais, sobretudo pela escrita *Signwriting*.

aprendendo a tomar posse da língua como um território em que o resultado é a transformação do sujeito. Na concepção de Perlin e Stumpf (2012), práticas colonizadoras resultam em práticas excludentes, tornando inexistente o prazer nas relações entre pessoas surdas e não surdas, entre LS e línguas orais. Sob esse aspecto, os estudos de Fairclough (1992, 1995) se direcionam à natureza discursiva das mudanças sociais e culturais contemporâneas.

Entendemos que, numa sociedade majoritariamente de pessoas não surdas, as pessoas surdas convivem com percalços comunicacionais em diferentes contextos sociais, e são essas vivências que nos alertam para a explosão da manifestação discursiva entre surdos e ouvintes em redes sociais. Por isso, estudamos essas manifestações tanto em LS quanto em LP escrita a fim de apontar a mudança discursiva⁶¹ que o contexto político no Brasil (entre 2021 ao primeiro bimestre de 2023) representa para a comunidade surda e interfere diretamente nas relações de poder não somente entre as línguas envolvidas, mas, sobretudo, nas relações entre os atores sociais. As traduções, interpretações e contextualizações dos fatos políticos por nós analisados propagam eventos discursivos em redes sociais que evidenciam a participação massiva de membros da comunidade surda brasileira.

Como focaremos em relações de poder identificadas em discursos polarizados com base em Bajoit (1999), propomos a elucidação dos tipos de poder que regem as relações sociais, conforme ilustrado na Figura 4:



Fonte: Bajoit (1999) e Abella (2017).

Seguindo a linha de raciocínio do sociólogo Guy Bajoit (1999), é possível observar essas relações assimétricas diante das evidências apontadas na Figura 4. O modo de divisão social trata de situações opostas, nas quais grupos dominantes se sobrepõem a grupos dominados, da

⁶¹ Mudança discursiva – Glossário em ACD, página 267.

mesma forma que em situações de força política hegemônica, contrapondo grupos de oposição; o controle social consiste em formas de exercício da opressão, seja pela forma de dominação, poder político, religioso, ideológico, entre outros; o modo de alcançar finalidade busca manter, controlar, governar, reprimir, obter poder, e o modo de ação direciona os modos que o grupo estrategicamente escolhe para obter a finalidade.

Pedrosa (2012, p. 13) aponta o conceito de que as diferentes práticas sociais da linguagem estão atreladas à coletividade e à “produção de suas riquezas, a ordem interna, a socialização de seus membros, o consenso e a solidariedade e suas relações com outras coletividades”. Em conformidade com Bajoit (1999), os modos de alcançar a finalidade envolvem as categorias de coerção (domínio, poder, autoridade, influência, hegemonia).

Finalmente, conseguimos encontrar nesses pressupostos o caminho para desvelar o discurso de ódio, a forma pela qual a linguagem das mídias sociais medeia a produção das presunções e falácias dentro da comunidade surda. Sistemáticamente, Pedrosa (2012) retextualiza e nomeia essas relações por meio dos termos poder-hegemonia⁶², poder-Estado⁶³, poder-autoridade⁶⁴ e poder-influência⁶⁵.

Segundo Van Dijk (2012, p. 31), é nos discursos que se materializam as ideologias com uma estrutura polarizada, “refletindo a competição e conflito entre membros do grupo”; assim sendo, as lexias que compõem o repertório lexical em discursos oposicionistas possuem carga ideológica, representam uma relação social, e o viés ideológico escancara os discursos (Bakhtin, 1998). Nesses termos, entendemos que a relação de poder, de manobras políticas, é relevante para compreendermos a tensão discursiva existente em qualquer grupo, espaço social ou sociedade, o que pode ser explicado dependendo de onde nos posicionemos. Posteriormente, embarcaremos no arcabouço teórico que possibilita entender os sentidos dos itens e das expressões lexicais selecionadas para ofender, reprimir, alertar, acusar, materializados nos discursos polarizados entre membros da comunidade surda brasileira no contexto político.

Seguindo essa temática, buscamos uma ligação deste subtópico, do ponto de vista do sujeito surdo como ator social responsável pela mudança social da comunidade surda, com as injustiças linguísticas causadas pela opressão ouvintista e pela ideia de “cura do ouvido doente” do surdo, tendo em vista a reabilitação vocal e social.

⁶² Poder-hegemonia – Glossário em ACD, página 271.

⁶³ Poder-Estado – Glossário em ACD, página 268.

⁶⁴ Poder-autoridade – Glossário em ACD, página 269.

⁶⁵ Poder-influência – Glossário em ACD, página 270.

3.2 PERSPECTIVAS CLÍNICAS E SOCIOANTROPOLÓGICAS DA SURDEZ

Concebemos que o conhecimento produzido no contexto escolar combate diversos fatores excludentes e desiguais. Aliado ao investimento educacional, o fator cultural promove a oportunidade de crescimento intelectual e clarificação das ideias para as pessoas marginalizadas. Durante anos vemos aumentar o número de casos envolvendo injustiças sociais, levando para os mais vulneráveis o martírio de ter de conviver com a dura realidade de quem vive à margem da sociedade. Para que pessoas consigam vencer as barreiras causadas pela exclusão social, faz-se necessário um planejamento que vise a levar emprego, educação, cultura, esporte a fim de que todos esses investimentos se transformem em oportunidades. Com isso, o conhecimento adquirido ao longo da vida, atrelado ao contexto escolar, possibilita qualidade de vida justamente porque a criticidade existente na relação desigual entre a sociedade ouvintista e as pessoas surdas reverbera em conflitos linguísticos e culturais, materializados em inacessibilidades comunicacionais, num país “monolíngue” como o Brasil (Fernandes, 2005).

Devido aos fatores excludentes na sociedade moderna respingarem em pessoas surdas há vários anos, na contemporaneidade as pesquisas em ACD nos ajudam a identificar os fatores que culminam em inferiorização de pessoas em situação de vulnerabilidade social. O fator principal para exclusão da pessoa surda na sociedade permeia a comunicação; então, encontramos, nos Estudos Surdos, um aporte teórico que enaltece a pessoa surda na sociedade, desconstruindo e desmistificando estereótipos atrelados à normatização do ouvido defeituoso do surdo por meio do método educacional de oralização.

Diante de várias correntes educacionais criadas para o ensino e aprendizagem da pessoa surda, tais como método oral puro, método misto, método em LS, nos dias atuais o bilinguismo surge na vertente de priorizar o conhecimento de mundo adquirido pela pessoa surda através da sua experiência visual, permitindo o acesso às informações por uma linguagem particular e que caracteriza a realidade do falante. Fernandes (2005) traz a ideia de que o bilinguismo nos atravessa política, social e culturalmente. Somente mergulhando nesse assunto poderemos entender as barreiras que insistem em excluir as pessoas surdas do mundo informatizado, politizado e midiático em que convivemos.

Desvelar situações que causam desigualdade, opressão, manipulação é um fator que endossa a razão pela qual a ACD se estabeleceu na América Latina. Além disso, seu caráter transgressivo se configura em pesquisas que visam a analisar criticamente embaraços políticos e sociais, que afetam grupos em situação desigual, em defesa dos direitos políticos, dos direitos

linguísticos, do respeito e do reparo social num Estado democrático de direito como o Brasil. Tudo isso envolve a luta das pessoas surdas e faz com que elas se incluam na lista dos grupos minoritarizados e atravessados pela verticalização política do país. As barreiras comunicacionais que se materializam em exclusões sociais são visivelmente percebidas e combatidas pela comunidade surda por meio de enfrentamentos políticos que se desdobram num constante embate desde a década de 1980, com a criação da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis⁶⁶). Mais adiante, aprofundaremos os desdobramentos políticos que impulsionaram a criação e a manutenção dessa instituição.

Nesta breve reflexão, destacamos uma distinção que o psiquiatra britânico Oliver Sacks apresenta em relação às pessoas surdas serem “deficientes” ou “diferentes”. Aproveitamos para enfatizar que diferentes perspectivas se contrapõem ao sentido real da surdez, provocando na sociedade uma ideia equivocada das necessidades voltadas para a acessibilidade da pessoa surda. Em Fernandes (2005, p. 41), observamos a criticidade em relação aos termos citados ao afirmar que essas “categorizações” são definidas sempre pelo ouvinte. Ideologicamente, a perspectiva clínica costuma categorizar o surdo como deficiente, aquele que necessita de reabilitação oral-auditiva para conseguir viver em harmonia numa sociedade desigual.

Naturalmente, a linguagem que serve de base para essa reabilitação é a língua oral-auditiva, abolindo-se veementemente a aproximação de qualquer linguagem produzida com as mãos. Na contramão dessa perspectiva clínica, a perspectiva cultural, endossada por Sacks (1990, 2010), enxerga o Surdo completamente diferente dessa visão normatizadora explicitada anteriormente. Observamos, ainda, a diferenciação a partir da letra inicial da palavra “Surdo” para com a palavra “surdo”: a maiúscula exemplifica que entre esses indivíduos há os que já se enxergam pela “diferença” e encontram na surdez a possibilidade de progredir em todos os aspectos que atravessam a vida de um ser humano.

No Quadro 7, a seguir, buscamos exemplificar os diferentes perfis de pessoas surdas para que sejam oportunizadas informações aos leigos, colaborando, assim, com a diminuição da generalização da surdez:

Quadro 7 - Perfis das pessoas surdas

Grupos de Surdos no Brasil			
Grupo de surdos	Língua	Identidade	Principais manifestações
Surdos (com “S” maiúsculo)	Libras	Cultura Surda	Manifestam-se através dos artefatos culturais que possibilitam o reconhecimento de si; as interações e a comunicação se dão por meio de LS.

⁶⁶ Ver: <https://feneis.org.br/>.

Surdos oralizados	LP	Não dependem da Libras para comunicação	Interpelados pela cultura majoritária (cultura do ouvinte); sua comunicação e interação se dão por meio da LP.
Surdos implantados	LP	Dependem da língua oral para comunicação	Monitorados com terapias fonoterápicas para o aprimoramento auditivo e labial; transitam muito bem através das manifestações na língua oral.
Surdos bilíngues	Libras e LP	Cultura Surda	Transitam muito bem nas culturas do surdo e do ouvinte e sabem se articular em ambas as línguas. Ressaltamos que na comunidade surda podemos encontrar surdos oralizados, usuários de próteses auditivas, que são sinalizadores de Libras e que compartilham a cultura surda.
Surdo indígena ⁶⁷	Língua de Sinais das Terras Indígenas (LSTI)/LP; por vezes apropriam-se da Libras para o desenvolvimento da LS da etnia.	Cultura Surda/indígena	A cultura indígena é mais forte, mas os Surdos-indígenas apresentam particularidades em que as manifestações visuais, que advêm de uma pessoa surda, possibilitam interações visuais e relacionamento cotidiano através da LSTI.
Surdo Pós-lingual	LP	Cultura ouvinte	Nasceram ouvintes e, com o tempo, tiveram perda auditiva; não são dependentes de Libras para socializar.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador com base em Castro Jr. (2014).

Indiscutivelmente, nos apropriamos dessa reflexão em relação às pessoas surdas que se reconhecem como pessoas diferentes⁶⁸ e que não se submetem ao controle social do pensamento clínico e patológico que a sociedade carrega em relação à surdez. Nesse sentido, concordamos com as palavras de Fernandes (2005, p. 42):

[...] há pontos de vista divergentes no que concerne à questão do surdo e da surdez, o que nos remete ao dilema daqueles que, como Sacks, defendem o surdo ou o Surdo, em contraposição àqueles que referendam a questão da surdez como deficiência. Dessa forma, fica claro também que o enfoque científico positivista-mecanicista ainda persiste.

Numa sociedade majoritariamente ouvinte, as pessoas surdas convivem com o estigma depreciativo de que são “analfabetas funcionais”, marginalizadas pela forma como são expostas em situações comunicacionais. Para que o Brasil inclua significativamente as pessoas surdas, o bilinguismo deve ser tratado como política pública, com incentivos que propiciem a essas pessoas marginalizadas a dignidade em se reconhecer como pessoas comuns, que enxergam o

⁶⁷ LTS – Língua Terena de Sinais, reconhecida como língua cooficial no MS – Prefeitura Municipal de Miranda. Disponível em: <https://www.librasol.com.br/aldeia-de-ms-e-berco-da-primeira-lingua-indigena-de-sinais-oficial-do-brasil/>. Acesso em: 4 jan. 2023.

⁶⁸ Fernandes (2015) reforça essa característica a partir do termo “Surdos”, distanciando-os dos que não são empoderados e que não compartilham de uma identidade cultural em volta da LS.

mundo por uma forma de se comunicar diferente, mas que não estão em nenhuma posição inferior às pessoas que ouvem. Essa não equidade social que tentamos esclarecer neste texto se constitui de fatores pelos quais a comunidade surda protesta e luta há anos, isto é, em favor do respeito pela maneira como os Surdos convivem com os não-surdos, bem como pela qualidade de vida, que depende exclusivamente das oportunidades ofertadas (respeito, educação, emprego) na sociedade.

Logo, a falta de atendimento a qualquer necessidade básica para a sobrevivência de um ser humano acarreta desafios provocados pela exclusão social. Das pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade social, das quais a ACD busca desvelar todas as intempéries, os Surdos têm nas barreiras comunicacionais as principais causas que os mantêm na lista das pessoas excluídas na sociedade: a língua, a cultura, a identidade.

Mesmo tendo conquistado esse reconhecimento de si, os Surdos ainda precisam mostrar constantemente que sua acessibilidade difere da daqueles surdos classificados como Deficientes Auditivos: tais diferenças envolvem a forma de ser, de viver e de enxergar o mundo. Essas barreiras estão claramente destacadas por Capovilla (1997) quando entendemos que se trata de uma forma de os Surdos se expressarem naturalmente numa sociedade excludente:

Ao conversar com surdos ou com ouvintes sinalizadores, ele pode usar sua língua de sinais. Ao conversar com ouvintes não sinalizadores, ele pode escrever ou oralizar ou usar um intérprete ouvinte. Ao conversar com ouvintes que falam e sinalizam ao mesmo tempo ele pode escolher uma forma sinalizada da língua falada (*pidgin*) que, embora difira dos sinais naturais de sua língua, é mais inteligível ao ouvinte, já que se baseia na língua falada (Capovilla, 1997, p. 576).

Concebemos ser possível uma sociedade na qual pessoas que não ouvem têm na comunicação a acessibilidade para o alcance da autonomia. Fernandes (2005), brilhantemente, abre-nos os olhos para entendermos como a sociedade se reconfigura para engessar a manipulação por meio dos nossos corpos, valorizando atributos físicos e mentais. A respeito dessa vertente social, a autora dialoga com as premissas foucaultianas sobre como somos disciplinados e como nossos comportamentos são assujeitados aos domínios e poderes instaurados na sociedade, interferindo diretamente na nossa língua e na nossa cultura e provocando influência identitária. Na visão de Foucault (1997, p. 28),

O corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias,

exigem-lhes sinais. Esse investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica.

Continuamos em busca daquilo que causa o imenso abismo entre o mundo acadêmico e o cotidiano escolar, interferindo na subjetividade da pessoa surda. Nesse sentido, pesquisas como esta buscam desvelar como a pessoa surda se reconstitui como sujeito empoderado, participe do processo em prol de uma mudança social para si mesmo e para a comunidade surda, contrapondo-se à perspectiva clínica e patológica da surdez, que vê os corpos e os comportamentos das pessoas surdas a partir de um determinado manejo social, instaurando o assujeitamento do que é belo, aceitável, polido, engessado no padrão imposto por um domínio inescrupuloso que corrompe, assola e aprisiona as mentes e os comportamentos em busca do que seja aceitável, bem visto, padronizado.

Outros aspectos podem ser citados como exemplos: a indústria da beleza, a moda, os sotaques, as etnias; em todos esses aspectos, Foucault (1997) nos chama atenção a respeito dos micropoderes engessados na sociedade contemporânea. Concordamos com a premissa defendida pelos Estudos Surdos: a surdez deve ser vista pela diferença e não pela deficiência (Fernandes, 2005).

Assim, na perspectiva clínica/patológica da surdez, os atributos físicos e mentais das pessoas com limitações auditivas são exercitados para a reabilitação, e seus corpos são atravessados por técnicas que aprimoram os resíduos auditivos, desembocando em práticas terapêuticas em favor da decodificação sonora, do reconhecimento fonético e do uso de próteses auditivas, que coadunam a habilitação desses corpos para a integração social por meio do oralismo. Segundo Goldfeld (2002, p. 34),

O oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Essa estimulação possibilitaria a aprendizagem da língua portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte. Ou seja, o objetivo do Oralismo é fazer uma reabilitação da criança surda em direção à normalidade.

No caminho desta pesquisa, encontramos dados relevantes que indicam o “procedimento disciplinar” (Foucault, 1997), como esses domínios e controles nos assujeitam em uma “prática de controle instaurada não sobre, mas no próprio corpo social” (Rodrigues, 2018, p. 36). Fernandes (2005) concorda que, para esses procedimentos disciplinares instaurados na sociedade, as imperfeições, as deformidades ou os defeitos não são permitidos. A respeito da forma como a sociedade se organiza para minimizar os efeitos excludentes que

ferem a autonomia das Pessoas com Deficiência (PCD) no país, assim como as pessoas com Deficiência Auditiva (DA), os Surdos são diretamente interpelados por ações que preveem a garantia dos direitos e os reparos sociais.

Dessa forma, buscamos conhecer os principais documentos gerados em prol da acessibilidade no Brasil. Ainda que a Organização das Nações Unidas (ONU) recomende o uso do termo “pessoa com deficiência”, optamos nesta pesquisa pelo uso de Pessoas com Necessidades Especiais (PNE), referindo-nos às pessoas com limitações na locomoção e na comunicação em todos os âmbitos sociais.

Numa linha cronológica, no Quadro 8, a seguir, elencamos os principais documentos que referendam os direitos assegurados às PNE. Segundo dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022, no Brasil, pelo menos 18,6 milhões de pessoas tinham algum tipo de deficiência; tratando-se de pessoas que não ouvem, 5% da população é surda, e parte dela usa a Libras. Essa porcentagem representa 10 milhões de pessoas, sendo que 2,7 milhões têm surdez profunda, ou seja, não ouvem nada.⁶⁹

Neste primeiro momento, damos ênfase ao contexto geral que situa as políticas de inclusão no Brasil para as PNE; em seguida, daremos vazão às questões que abarcam os Surdos, numa busca iminente acerca da forma como se configura o enraizamento de práticas excludentes para com as pessoas que não ouvem, distinguindo-as, num dado momento, das reais necessidades desses sujeitos.

Quadro 8 - Documentos oficiais a respeito dos direitos das PNE

Documentos oficiais que tratam dos direitos das PNE e Pessoas Surdas diretamente		
1	Lei nº 8.069/1990	Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).
2	Decreto nº 914/1993	Política Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência.
3	Declaração de Salamanca (1994)	Documento internacional em favor do acesso à educação para as PNE.
4	Portaria nº 1.793/1994	Necessidades complementares para a curricularização na formação de professores na Educação Especial.
5	Lei nº 10.098/2000	Normas gerais em prol da acessibilidade das pessoas com mobilidade reduzida.
6	Lei nº 9.394/1996	Lei de Diretrizes e Bases da Educação.
7	Decreto nº 2.208/1997	Regulamenta a Lei nº 9.394/1996.
8	Decreto nº 3.298/1999	Regulamenta a Lei nº 7.853/1989, que endossa a Política Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência e dá outras providências.
9	Lei nº 10.048/2000	Atendimento prioritário para as PNE.
10	Lei nº 10.098/2000	Regulamento e normas gerais em prol da acessibilidade das PNE.

⁶⁹ Censo 2022. Disponível em:

https://www.google.com.br/search?sca_esv=935992698d2d35ba&sxsrf=ACQVn0-N8yLSNPV7kmTAc6tiwQqtnNDKeg:1709928908121&q=CENSO+DE+2022+quantidade+de+pessoas+com+d+efici%C3%Aancia+auditiva+no+Brasil&spell=1&sa=X&ved=2ahUKEwjHiaPJveWEAxWVpZUCHUdVBI8QBsgAegQICBAC&biw=590&bih=405&dpr=1. Acesso em: 8 mar. 2024.

11	Decreto nº 3.952/2001	Conselho Nacional de Combate à Discriminação.
12	Decreto nº 3.956/2001	Convenção de Guatemala – Documento oficial latino-americano para a eliminação de todas as formas de discriminação contra as pessoas com deficiência.
13	Resolução CNE/CEB nº 1/2001	Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.
14	Resolução CNE/CEB nº 2/2001	Diretrizes Nacionais para a formação de professores.
15	Lei nº 10.436/2002	Reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua natural das comunidades surdas no Brasil, permitindo a curricularização e a formação de profissionais para o ensino e fonoaudiólogos.
16	Portaria nº 3.284/2003	Autorização e reconhecimento de cursos e credenciamentos de instituições para a acessibilidade das PNE.
17	Decreto nº 5.296/2004	Regulamenta as leis em prol da acessibilidade (Lei nº 10.048 e Lei nº 10.098)
18	Decreto nº 5.626/2005	Regulamenta a lei que reconhece a Libras, facilitando para as pessoas que não ouvem o acesso à escola, garantindo a certificação de professor, instrutor e intérprete de Libras, o ensino de LP como língua adicional e a organização da educação bilíngue para pessoas surdas.
19	Portaria nº 976/2006	Critérios de acessibilidade a eventos do MEC.
20	Decreto nº 6.215/2007	Comitê Gestor de Políticas de Inclusão das Pessoas com Deficiência (CGPD).
21	Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007	Prorrogada pela Portaria nº 948, de 9 de outubro de 2007. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.
22	Decreto nº 6.571/2008	Dispõe sobre o Atendimento Educacional Especializado.
23	Lei nº 12.319/2010	Reconhece e valida a profissão de Tradutor Intérprete de Língua de Sinais e Português (TILSP)
24	Lei nº 13.146/2015	Lei Brasileira de Inclusão (LBI)
25	Lei nº 14. 704/2023	Condições de trabalho do Tradutor Intérprete de Libras

Fonte: Elaborado pelo pesquisador com base em Silva (2014).

A partir de todas essas iniciativas públicas em favor da garantia de direitos e oportunidades para pessoas marginalizadas, desde a década de 1990 o protagonismo das PNE ganhou notoriedade. Ainda que, por vezes, esses direitos sejam desrespeitados, a sociedade tem percebido a ruptura ideológica atrelada aos aspectos patológicos e paternalistas, em que a subserviência caracterizava a relação com essas pessoas. A visão clínica e patológica da pessoa surda que depende de uma pessoa não-surda para viver tem sido desmistificada à medida em que cada vez mais os próprios Surdos protagonizam a luta incessante em prol dos seus direitos linguísticos.

Exclusivamente em relação aos fatores que dignificam o direito de ir e vir das pessoas surdas, percebemos que diversos dispositivos legais foram organizados em prol dessa mudança social no Brasil. Queremos, neste momento, exemplificar a forma desastrosa com que pessoas ouvintes, ditas educadoras de “surdos-mudos”, enxergavam a maneira peculiar de os Surdos se comunicarem. Nessa oportunidade, veremos como esse olhar colonizador provocou, de maneira preconceituosa, a linguagem e a cultura e como essa visão deturpada da supremacia ouvintista em todo o mundo interfere no reconhecimento subjetivo da pessoa surda.

3.3 OS CONGRESSOS E AS CONSEQUÊNCIAS EDUCACIONAIS PARA A COMUNIDADE SURDA

Há uma espécie de romantização em torno do aprimoramento didático e metodológico na Educação Especial, sobretudo em relação ao olhar paternalista que envolve aqueles que acham que a clemência deve ser maior que a consciência. Nessa perspectiva, não se levam em consideração a autonomia das pessoas surdas nem o poder que a língua tem na vida dos Surdos. Quando estudamos a respeito da forma como as pessoas que lidavam com a surdez agiam com essa especificidade, nos maravilhamos com a experiência assertiva que os poucos precursores apontaram para essa necessidade. Concordamos com os posicionamentos transgressivos que essas pessoas defenderam sobre a maneira de enxergar os Surdos. Em Fernandes (2005, p. 43), encontramos a definição mais objetiva da forma de polidez que a sociedade ouvintista ditava para a educação das pessoas surdas: “ser ajustado significa estar sujeito às normas que criaram e mantêm o corpo”.

É importante reconhecermos que precursores na educação de surdos transgrediam esses lugares marcados por controles, domínios, estigmas, estereótipos; segundo Foucault (1997), é nessas relações de poder que tem origem e se desenvolve o saber. Assim, todo saber assegura o exercício do poder, instaurando-se e mantendo o domínio sobre os outros (Fernandes, 2005). Berthier (1840) considera que muitos dos que se envolvem com educação de surdos, aclamados pela história como heróis, são apenas plagiadores e, outras vezes, charlatões.

Conforme Rodrigues (2018), o período entre 1878 e 1900⁷⁰ serve para captarmos aspectos positivistas em documentos históricos a respeito da educação de surdos no mundo e do contraponto mecanicista acerca da normalização e da subjetivação. Ainda nesse recorte temporal, exclusivamente, podemos entender claramente o que importava para os que ditavam as regras nas relações sociais entre pessoas surdas na sociedade. Em 1880 ocorreu em Milão, Itália, um congresso internacional carregado de propostas que subalternizavam completamente as pessoas surdas, invisibilizando-as e retirando-lhes o direito de serem e estarem onde quisessem e se expressarem livremente da forma que quisessem. Portanto, imageticamente, esse período nos permite adentrar o contexto social em que as pessoas surdas estavam inseridas.

Daremos espaço para alguns desses transgressores que, brilhantemente, se contrapuseram à opinião pública a respeito dos “corpos e das mentes imperfeitas” das pessoas surdas. Rodrigues (2018, p. 36), citando Foucault, aponta que a positividade “define um campo

⁷⁰ Na página 89, no Quadro 10, apresentamos a ordem cronológica dos congressos entre o período de 1878 a 1900.

em que, eventualmente, podem ser desenvolvidos identidades formais, comunidades temáticas, translações de conceitos, jogos polêmicos”.

A busca pela autonomia e pelo reconhecimento subjetivo de si mesmo eram os fatores que engendraram as estratégias didático-metodológicas das pessoas que não enxergavam as pessoas surdas com olhar clínico e patológico da surdez, na perspectiva de corpos defeituosos e mentes inoperantes e corrompidas (Sacks, 1990). Estimamos que o trabalho desenvolvido anos atrás corresponde a um legado que compartilhamos nos dias atuais sobre a educação bilíngue para as pessoas surdas no Brasil.

Diversas civilizações estigmatizavam as PNE, decretando-as como fracassadas, marginalizadas. Historicamente, na sociedade, esse mesmo perfil controlador, dominador, marcou os anos em que esses precursores no campo da educação de surdos viveram. Conforme Fernandes (2005, p. 43), a exclusão é dupla: i) quando o sistema renega as PNE por não atenderem ao procedimento disciplinar por serem “desviantes”, “desajustadas”; ii) quando a exclusão é atrelada ao próprio “corpo social”. Inteligentemente, Foucault metaforiza a relação pastor-rebanho na literatura vinculando-a ao campo político; Rodrigues (2018, p. 36) nos faz refletir sobre como essa comparação litúrgica do pastorado, enquanto forma de governo no Ocidente cristão, está relacionada ao Cristianismo, haja vista que aqueles que enxergavam as pessoas surdas em toda a sua completude e magnitude eram postos como referências educacionais, na maioria dos casos, eram educadores associados à igreja católica. Segundo Rodrigues (2018, p. 39),

Do mundo judaico se herda essa compreensão de que Deus é o pastor que guia suas ovelhas, ao mesmo tempo em que designa homens para que ajam em seu nome como pastores. O pastor zela pela vida das ovelhas, sacrifica-se para salvá-las, responde por todas e por cada uma em particular. É o responsável por apascentá-las na segurança, apesar de toda constante movimentação do rebanho pelos mais diversos territórios.

Entre os diversos precursores no campo da educação de pessoas surdas que podemos apontar como transgressores, apresentamos os trabalhos desenvolvidos por seis homens: Pedro Ponce de León; Charles Michel de L’Epeé; Thomas Hopppkins Gallaudet; Laurent Clerc; Ernest Huet e Edward M. Gallaudet. Todos os indicados como precursores colaboraram para a dignidade da pessoa surda, combateram a subjetivação do “ser surdo” e enalteceram a LS como maior ferramenta para a autoafirmação pessoal de ser surdo numa sociedade historicamente preconceituosa e hostil. Para a violência linguística posta pela dualidade entre línguas orais e LS, Fernandes (2015) atesta que dar acesso à educação para pessoas surdas vai além da

permissão do ingresso do aluno surdo ao ambiente escolar, vai além da mobilidade física. A permanência dessas pessoas depende da participação e do empenho do corpo docente. A proatividade deve ser tanto na perspectiva socioeducativa quanto na perspectiva linguística e cultural.

No Quadro 9, a seguir, trazemos a linha cronológica das contribuições educacionais, culturais e ideológicas para a surdez:

Quadro 9 - Linha cronológica das contribuições educacionais, culturais e ideológicas para a surdez

Precusores na Educação de Surdos	Contribuições para a mudança social na vida das pessoas surdas
Pedro Ponce de León (1520-1584)	Ouvinte, monge beneditino, no século XVI, com recursos próprios, dedicou atenção às questões sociais, educativas e culturais das pessoas surdas. Embora centralizasse a educação de surdos na reabilitação oral, foi responsável pela primeira publicação de um manual dedicado ao alfabeto manual dos surdos. Por acreditar que os surdos fossem capazes de desenvolver a aprendizagem, entrou para o rol da história como um dos educadores com um legado importante para sua época e para os dias atuais. Independentemente se o acesso à educação não era para todos, o que vale ressaltar é a visão altruísta e transgressora desse religioso para a época.
Charles-Michel de L'Épée (1712-1789)	No século XVIII, em Paris, L'Épée transgrediu o discurso normatizador da surdez, posicionando-se contra o argumento de que o surdo era uma alma condenada à morte pelo fato de não professar seus pecados. Na contramão dessa concepção injusta, estrategicamente, providenciou meios de agrupar pessoas surdas e mergulhar no universo linguístico e cultural produzido por essas pessoas. Colaborou para a criação de 21 escolas na França e em outros países europeus. Conhecido também como “o pai dos surdos”, sua atitude reverberou em uma visibilidade internacional para as questões da surdez pela diferença e não pela deficiência. Atualmente, seu legado colabora para o reconhecimento do surdo como uma pessoa comum, com todos os atributos que o ser humano tem na sociedade; L'Épée colaborou para que o surdo compartilhasse desse mesmo direito.
Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851)	Norte-americano, nasceu na Pensilvânia e testemunhava as condições naturais que pessoas surdas traziam consigo em relação à linguagem, cultura e participação na sociedade. Fundou a primeira escola para pessoas surdas nos Estados Unidos. Conhecendo muito bem o trabalho desenvolvido na Europa, sobretudo em Paris, os métodos aplicados nesses institutos o fizeram atravessar o oceano em busca de aprimoramento para assegurar o aprendizado das pessoas surdas. Esteve com Laurent Clerc em visita ao Instituto de Surdos-Mudos de Paris e o convidou para ajudar a difundir a didática e a metodologia aplicada no Asilo de Connecticut para Educação e Ensino de pessoas Surdas e Mudas nos Estados Unidos.
Louis Laurent Marie Clerc (1785-1869)	Aluno do Abade Roch-Ambroise Sicard (1742-1822), sucessor de L'Épée, considerado um dos melhores alunos surdos do Instituto de Surdos-Mudos de Paris; utilizava como método de ensino o uso de LS. Sendo fluente, colaborou com a abertura de várias escolas para surdos nos Estados Unidos.
E. Huet (1822-1882)	Aluno do Abade Roch-Ambroise Cucurron Sicard (1742-1822), sucessor de L'Épée, a convite do Imperador D. Pedro II chega ao Brasil com a missão de ajudar a inaugurar a primeira escola para acolher pessoas surdas. Devido à sua experiência como aluno e professor de surdos, Huet colaborou para a difusão do método de ensino por meio dos sinais. O fato de ser surdo prevaleceu e colaborou para o reconhecimento subjetivo da surdez entre os envolvidos na causa. Fundada em 1857, no Rio de Janeiro, essa instituição

	de ensino atualmente é conhecida como Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES).
Edward Miner Gallaudet (1837-1917) EUA. Foi o primeiro presidente da primeira universidade para surdos do mundo (Gallaudet University), em Washigton, DC.	Filho de Thomas Hoppikins Gallaudet, nascido em Hartford, Connecticut, transformou a primeira escola fundada pelo pai na primeira universidade para surdos do mundo. Sendo ouvinte, sempre considerou a LS como um importante meio de instrução para pessoas surdas. Essa concepção colaborou para a permanência e manutenção do trabalho iniciado pelo pai. Com essa mesma conduta visionária, impulsionou a educação de pessoas surdas no Ensino Superior. Atualmente, a Gallaudet University conta com cursos de graduação e pós-graduação para pessoas surdas e não surdas. Todavia, a <i>American Sign Language</i> (ASL) é a língua de instrução que conduz todas as atividades acadêmicas.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador com base em Berthier (2012).

O Quadro 9 denota a preocupação de todos esses precursores envolvidos na educação das pessoas surdas, mostrando o acolhimento, a empatia, o combate à discriminação do ouvido doente e à subjetivação do que seria ser “surdo-mudo” numa sociedade preconceituosa, que não perdoa os que não progridem intelectualmente. Todos esses embates comprovam que jamais o surdo será um ouvinte reabilitado; que jamais nenhum dos métodos de ensino que não respeitem a forma natural de comunicação e expressão surtirá efeito positivo. Berthier (1840) considera que o quadro de estar à parte, nomeado com desprezo, é empregado como algo tão dilacerante que a alma não o pode encarar sem horror; com isso, concordamos que o respeito às diferenças vale mais do que a opressão. Desde L’Epée, todos os que passaram a defender a educação de pessoas surdas na perspectiva linguístico-cultural tiveram o mesmo posicionamento: não subverter o jeito surdo de ser e estar no mundo; ao contrário disso, submergiram no que de melhor as pessoas surdas têm. A língua, a cultura e a diferença as tornam especiais, e nenhuma opressão linguística será capaz de fazê-las perder sua essência.

O sentido da vida deveria estar pautado em ações que viabilizam a felicidade, o amor, o bem-estar e que transmitem a mensagem do que importa para uma pessoa viver com qualidade de vida. É incrível como chegamos ao ponto de não nos importar com a qualidade de vida das pessoas, com os direitos básicos do cidadão, que propiciam acessibilidade e participação social. Talvez essa falta de empatia se deva ao fato de sermos atravessados por uma conduta egoísta, disfarçada de amor-próprio, que nos cega a ponto de relativizar esse abismo da desigualdade social.

3.3.1 Subjetivação, silenciamento e opressão linguístico-cultural

Conforme observamos o comportamento diferenciado de precursores que enalteciam a singularidade surda, infelizmente também encontramos no processo histórico-educacional de

pessoas surdas o contrário. Buscamos neste subtópico apresentar os principais congressos organizados por precursores ouvintes que viam na língua de sinais uma barreira para a inclusão do surdo na sociedade.

Num contexto assimétrico em que várias pessoas convivem na contemporaneidade, justifica-se que perdemos crianças, jovens e adultos para a marginalidade justamente por essas pessoas viverem no abismo imposto por essa sociedade desigual. Ora, a mudança social deve começar a partir de nós mesmos, por meio de um posicionamento crítico e participativo diante de tantas injustiças. É notório que nossas ações refletem nossos pensamentos. Se somos atravessados pela insatisfação de conviver com tantas indiferenças, nosso posicionamento jamais será neutro.

Cada vez mais vemos o grande índice de analfabetismo, o aumento do tráfico, a evasão escolar, assaltos e mortes de pessoas inocentes em zonas periféricas... Se apontarmos ainda as questões raciais, visivelmente teremos as pessoas pretas liderando esses índices. Indiscutivelmente, vivemos numa era desigual que não perdoa os analfabetos funcionais, os desinformados, os marginalizados. Num país no qual você é criticado até pelo seu jeito de falar, por nascer numa região dita mais pobre do que outra, imagine a pessoa ser preta, pobre, homossexual, transexual, analfabeta, surda, gorda, e morar num local menos prestigiado pela forma de agir e falar! Perde-se muito tempo analisando formas para descobrir o enraizamento desses comportamentos agressivos, em busca de uma polidez física e comportamental, ao invés de se aplicarem com celeridade ações antirracistas, contra-hegemônicas, diante desses episódios recorrentes.

Considerando concepções advindas de pesquisadoras surdas (Campello, 2011; Rangel; Stumpf, 2012; Rezende, 2012; Campello; Rezende, 2014; Perlin; Souza, 2015), Lage (2023, p. 4) afirma que “esse debate é relevante porque há disputas sobre como contarmos a história das concepções sobre a surdez. Os movimentos sociais surdos contemporâneos, em favor dos direitos humanos, denunciam a patologização da sua diferença linguística, reivindicando uma concepção socioantropológica”.

Converter corpos “desajustados” e mentes “inoperantes” foi a máxima das pessoas que viam o uso de línguas de sinais em contextos educativos como um prejuízo para a ascensão linguística e social das pessoas surdas. A narrativa dessas pessoas era materializada em concepções filosóficas, clínicas e sociais. O ser humano exterioriza seus pensamentos através das suas ações, e a linguagem concentra grande parte dessa expressividade. Conforme Souza *et al.* (2014), um grupo de educadores de pessoas surdas defendia práticas educacionais por meio de reabilitação fototerápica. Nesse sentido, sendo um dos mais emblemáticos e citado no campo

dos Estudos Surdos, no ano de 1880 em Milão, Itália, reuniram-se educadores não-surdos num congresso que ficou marcado internacionalmente. Os Estudos Surdos apontam esse congresso como um marco histórico por abarcar diversas opiniões afirmativas a respeito de que as pessoas surdas precisavam ser reabilitadas.

Para questões sociais nas quais se gera uma gama de práticas discursivas, Rodrigues (2018) aponta três grandes temas desenvolvidos por Michel Foucault durante um curso entre os anos de 1978-1979: lei e ordem; Estado e sociedade civil; política da vida. Acerca da biopolítica, Foucault (2008b, p. 431) versa o seguinte:

[...] eu entendia por isso a maneira como se procurou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas postos à prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças... Sabe-se o lugar crescente que esses problemas ocuparam desde o século XIX e que desafios políticos e econômicos eles vêm constituindo até hoje.

Sem dúvida, nossos comportamentos são materializados em despreocupações devido à forma engessada com que os (des)governos agem ao não fomentarem políticas públicas que viabilizam informações básicas para a população. Numa linha vertical, as oportunidades para os que mais precisam sempre custarão mais, a partir de esforços dobrados, para não viverem no constante abismo social.

Neste trecho, seguindo uma linha cronológica, reimpressaremos o termo “surdo-mudo”, utilizado na maioria dos congressos, documentos e instituições que acolhiam as pessoas surdas; logo, ao nos aproximar do nosso objeto, faremos questão de enaltecer o autopertencimento em ser Surdo, pensamento positivo que nos acompanha até os dias atuais como empoderamento contra a violência linguística.

Em sua dissertação de mestrado acadêmico, Rodrigues (2018) nos leva ao contexto sócio-político-cultural em que as pessoas que não ouvem viviam no mundo. Desde então, percebemos a organização em volta do modo de vida, a estrutura que a LS promovia para a comunicação, a animosidade em torno dos movimentos entre os pares Surdos e entre pessoas não-surdas como simpatizantes do movimento; toda a conjuntura social ao final do século XIX atraiu olhares menosprezantes. De acordo com Lage (2023), havia conscientização político-cultural, sobretudo educacional, entre os envolvidos na educação de Surdos. Segundo a autora,

Os Surdos já falam por si há muitos séculos, disputando espaço nos debates sobre as formas de comunicação que deveriam desenvolver – falar com o aparelho fonador, ouvir com leitura labial, falar por meio de sinais, como

ensinar a ler e escrever, desenvolver e divulgar escrita de sinais (Lage, 2023, p. 3).

Interferindo diretamente na vida dessas pessoas, congressos com temas voltados para o contexto de vida das pessoas surdas começaram a ser organizados por não-surdos como uma tentativa de “incluir” e “assegurar” a dignidade cidadã delas. Rodrigues (2018) aponta que, em Veneza, em 1872, foi realizado um primeiro evento acerca dessa temática, envolvendo o método educacional por meio de técnicas da oralidade, devido ao incômodo existente quanto à forma mimética produzida entre pessoas surdas, atestando as premissas darwinistas de que o falar é próprio do ser humano (Berthier, 1840).

Cabe destacar que, na França, conhecida como país de referência na Educação de Surdos no mundo, em 1791 foi criado o primeiro Instituto Nacional dos Surdos-Mudos, como citado no tópico anterior⁷¹. Desde então, essa efervescência da LS no século XVIII impulsionou, na comunidade surda francesa, movimentos para celebrar a data de aniversário do Abade L'Epeé, com banquetes e mostras culturais, para aproximar o movimento surdo da sociedade em geral (Rodrigues, 2018).

No Brasil, em 1857, o primeiro instituto que acolhia pessoas surdas foi criado, e, desde então, essa data é comemorada anualmente, em 26 de setembro, em alusão ao dia do surdo, dia em que foi inaugurado o Instituto Imperial para Surdos-Mudos, que teve o apoio indispensável do professor surdo Ernest Huet, egresso do Instituto Nacional dos Surdos-Mudos em Paris, convidado pelo imperador do Brasil para colaborar com a educação especial no país.

Lógico que esses eventos comemorativos tinham como interesse, por parte dos Surdos e dos não-surdos envolvidos, trazer visibilidade às necessidades, às inacessibilidades e, sobretudo, ao respeito à diferença. No contexto de vida francês, Rodrigues (2018, p. 87) comenta que, a priori, o intuito dos banquetes promovidos pelo Comitê dos Surdos-Mudos e posteriormente pela Sociedade Universal dos Surdos-Mudos era agregar somente homens, e, mais tarde, em 1886, as mulheres poderiam estar presentes nesses eventos. Isso se deu com o fortalecimento do movimento surdo através da criação de mais uma associação: a Associação de Apoio Fraternal aos Surdos-Mudos. Devido a essa independência do modo de vida que as pessoas surdas compartilhavam, a sociedade ouvintista, injustamente, lançou olhares paternalistas em torno desse modo de ser e estar no mundo e partiu para organizar congressos no final do século XIX.

⁷¹ A respeito desses dados históricos, consultamos as páginas <https://www.ines.gov.br/publicacoes> e <https://2-as.org/editions-du-fox/>. Acesso em: 31 jan. 2023.

No Quadro 10, elencamos os congressos realizados ao final do século XIX, nos quais podemos observar o intuito dos educadores em engessar um pensamento ideológico sobre o sentido de ser civilizado:

Quadro 10 - Congressos sobre Educação de Surdos entre 1878 a 1900

Métodos educacionais para pessoas surdas no século XIX			
Data	Cidade	Congresso	Organizadores
23-30/09/1878	Paris (França)	Congresso Universal para o melhoramento do destino dos surdos-mudos	Ouvintes atuantes na educação de surdos
22-24/09/1879	Lyon (França)	Primeiro Congresso Nacional para o melhoramento das condições dos surdos-mudos	Ouvintes atuantes na educação de surdos
06-11/09/1880	Milão (Itália)	Congresso Universal para o melhoramento do destino dos surdos-mudos	Ouvintes atuantes na educação de surdos
13-18/09/1883	Bruxelas (Bélgica)	Congresso internacional para o melhoramento do destino dos surdos-mudos	Ouvintes atuantes na educação de surdos
10-18/07/1889	Paris (França)	Congresso internacional dos surdos-mudos	Associações de surdos
18-23/07/1893	Chicago (EUA)	Segundo Congresso internacional de surdos-mudos	Associações de surdos
19-21/08/1896	Genebra (Suíça)	Terceiro Congresso internacional de surdos-mudos	Associações de surdos
27-29/10/1898	Dijon (França)	Congresso internacional de surdos-mudos	Associações de surdos
06-08/08/1900	Paris (França)	Congresso Internacional para Estudos de Questões de Educação e de Assistência de Surdos-Mudos / seção dos ouvintes	Professores ouvintes que ensinavam surdos
		Congresso Internacional para Estudos de Questões de Educação e de Assistência de Surdos-Mudos/ seção dos surdos	Associações de surdos

Fonte: Rodrigues (2018, p. 89).

A maioria desses eventos decorre do fato de que os educadores se sentiam incomodados com a forma de comunicação e com a representação política que a língua de sinais reverberava entre surdos. Desse modo, o primeiro congresso listado frisava questões educacionais, tendo em vista o “ensino e caminhos abertos aos surdos-mudos” (Berthier, 2012). Nesse contexto intervencionista, o Congresso de Paris, em 1878, foi organizado em jornadas que atravessavam maneiras e perspectivas sobre o desenvolvimento das pessoas “surdas-mudas”. Entre essas jornadas, procurava-se quantificar estatisticamente pessoas com essa especificidade; questões psicológicas; questões familiares, sobre como os pais poderiam intervir no controle em geral; o papel dos professores e os métodos de ensino; trabalho; e questões morais (Rodrigues, 2018).

Nesse evento, vislumbrou-se uma intervenção na forma de ensinar a pessoas surdas, o que resultou em violência linguística em nome da inclusão social, violência linguística em favor da dignificação do sujeito surdo na sociedade e apagamento histórico na educação de pessoas surdas desde esse primeiro congresso. Observemos a seguir um trecho das atas do congresso:

Quadro 11 - Intervenções ouvintistas em desfavor da língua e da cultura surda

Algumas intervenções ouvintistas associadas às pessoas surdas usuárias de línguas de sinais no Congresso Internacional de Paris (1978)	
Paris, 1878	O Congresso, tendo anotado o número daqueles que recebem instrução e o número daqueles que não a recebem, considerando que, apesar dos progressos feitos até agora no ensino dos surdos-mudos, muitos deles permanecem excluídos do benefício da educação, e que o progresso ainda a ser obtido requer a assistência da iniciativa privada e das autoridades públicas, expressa o desejo de esforços de todos os lados para desenvolver os meios de educação, instrução apropriada para esta classe de deficientes (Paris, 1878, p. 147). ⁷²
	Na negligência de preparar as crianças para entrar na escola; No excesso de trabalho e fadiga imposto pelo professor, o grande número de alunos em uma classe; Do pouco tempo normalmente dado à sua educação; Na instrução geralmente inadequada do corpo docente, muito pouco preparado para sua difícil tarefa; No defeito muito frequente da falta de um método preciso aplicado por uma direção firme, benevolente, esclarecida e competente; Na ausência de reuniões gerais, como uma escola normal, o que poderia contribuir para o desenvolvimento e disseminação de métodos (Paris, 1878, p. 170-171). ⁷³
	Para remediar a maioria dessas desvantagens, e particularmente a falta de controle competente, o Congresso expressa o desejo de que o serviço público de educação dos surdos-mudos seja transportado do Ministério do Interior para o Ministério da Educação Pública (Paris, 1878, p. 171).

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Rodrigues (2018, p. 89).

Rodrigues (2018, p. 96) nos mostra que tais resoluções do congresso de 1878 poderiam estar articuladas com intuítos estatísticos para contabilizar e controlar pessoas surdas, configurando um sinônimo de governantes que Foucault (1997) conceitua como pastorado ou biopoder: pastorado no sentido de levar as pessoas surdas à salvação de si mesmas, e biopoder como controle dos corpos assujeitados por pensamentos ideologicamente construídos em torno do que se julga como apto para estar inserido e progredir socialmente. Sendo as pessoas surdas classificadas como pessoas com ouvidos defeituosos e fala comprometida pela mudez, ora, eles poderiam se aprimorar, numa dinâmica mecanicista, a uma requalificação didática para uma comunicação baseada na língua falada (língua oral).

Tamanha degradação dos corpos das pessoas surdas se baseava na incapacidade comunicacional delas pela limitação em produzir signos (orais), uma vez que a LS não era vista com bons olhos pela falta de raciocínio lógico; no aspecto moral, julgavam a incapacidade de os surdos entenderem seu próprio papel social, sua existência, rendendo-se à marginalização (Lage, 2023).

Realizado na cidade francesa de Lyon, o primeiro congresso nacional procurou trazer para o centro da discussão os opositores ao método oral puro, o que, mais tarde, faria com que essa discussão desembocasse nas pautas do famoso Congresso de Milão, realizado um ano

⁷² Tradução de Rodrigues (2018).

⁷³ Idem.

depois (La Rochelle, 1879)⁷⁴. Alegando questões de ordem científica e filosófica, investidas com cuidados morais, educacionais e éticos, no Congresso de Milão, em 1880, os congressistas atestaram que a fala pode ser reintroduzida como objeto principal para a ressignificação da “pessoa surda-muda” na sociedade. De todos os congressos, esse marcou a história da educação de pessoas surdas no mundo devido ao fato de as resoluções serem enfáticas em medidas que afastassem a língua de sinais dos ambientes escolares.

Rodrigues (2018) traz informações de que o método aplicado por Samuel Heinicke (1727-1790) na Alemanha teve ampla adesão em outros países. O método consiste em ensinar a pessoa surda a falar. Por meio de leitura labial e testes fonológicos, pessoas surdas foram expostas a diferentes testes para aquilo que os defensores dessa prática chamam de reabilitação vocal. Logo, toda essa sistemática respinga em informações sobre o “obscurantismo da Língua de Sinais e seu extermínio”, posicionamento registrado pelos secretários Kinsey e La Rochelle:

Quadro 12 - Método ouvintista aplicado por Samuel Heinicke na Alemanha

Intervenções ouvintistas em desfavor da língua e da cultura surdas no Congresso Internacional de Milão, 1880, registradas pelos secretários Kinsey e La Rochelle	
1	Relate as vantagens do Método de Articulação em contraposição ao Método de Sinais e vice-versa (sobretudo levando-se em consideração o desenvolvimento mental e ressaltando sua importância no âmbito social).
2	Explique em que consiste o Método “Oral Puro” e mostre a diferença entre este e o Método Combinado.
3	Defina exatamente o limite entre os chamados Sinais Metódicos e os Naturais.
4	Qual é o meio mais natural e efetivo pelo qual os surdos-mudos poderão adquirir, sem dificuldade, sua própria linguagem?
5	Quando e como a gramática deve ser usada no ensino da linguagem? Deve ser usada a do oralismo ou a de sinais?
6	Quando os alunos deverão fazer uso de manuais ou livros? Em que disciplinas devem ser suprimidos?

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Rodrigues (2018).

As causas que levavam essas pessoas a subverterem a subjetividade da pessoa surda e cometerem essa violência linguística contra as pessoas surdas – na perspectiva de métodos de ensino – eram endossadas por argumentos envolvendo questões biológicas, haja vista concordarem que as cordas vocais das pessoas acometidas pela surdez eram preservadas, ou seja, não sofriam alterações com a perda auditiva; logo, um método natural promoveria uma prática na linguagem que resultaria numa normatização. Observemos os excertos aprovados por pessoas que lidavam com o ensino de pessoas surdas naquele contexto do Congresso de Milão (1880):

⁷⁴ *Congrès Universel pour l'amélioration du sort des aveugles et des sourds-muets*. Disponível em: <http://www.2-as.org/editions-du-fox/>. Acesso em: 9 fev. 2023.

Quadro 13 - Resoluções

Algumas intervenções ouvintistas a respeito dos novos procedimentos a serem adotados	
4ª Resolução	IV - O Congresso: Considerando que o ensino de surdos, que utilizam o Método Oral Puro, deve assemelhar-se, o máximo possível, ao ensino daqueles que ouvem e falam, Declara: 1. Que o meio mais natural e efetivo, pelo qual os surdos que falam possam adquirir o conhecimento da linguagem, é através do método - intuitivo, que consiste em expor primeiro pela fala e, posteriormente, pela escrita os objetos e os fatos que ocorrem diante dos olhos dos alunos. 2. Que durante o período inicial ou maternal o surdo-mudo deve ser conduzido à observação das formas gramaticais por meio de exemplos e de exercícios práticos e que, na etapa seguinte, ele deve ser auxiliado a deduzir as regras gramaticais, expressas com a máxima simplicidade e clareza, a partir desses exemplos. 3. Que os livros, escritos com palavras e numa linguagem conhecida pelo aluno, possam ser por ele manuseados a qualquer momento [...].
8ª Resolução	VIII - O Congresso: Considerando que a aplicação do Método Oral Puro em instituições, nas quais ainda não está completamente implantado, deva ser prudente, gradual e progressiva, caso contrário estará fadada ao fracasso, Recomenda: 1. Que os alunos que ingressaram mais recentemente na escola devam formar uma classe à parte, na qual o ensino deva ser efetuado por meio da fala. 2. Que esses alunos iniciantes devam ficar completamente separados, até o término da escola, daqueles alunos adiantados, educados por meio da língua de sinais, sendo tardio o ensino pela fala. 3. Que a cada ano seja formada uma nova classe oralizada até que todos os alunos antigos, que aprendem por meio de sinais, tenham concluído a educação escolar (Milão, 2011, p. 36, 40-41. Tradução Rodrigues (2018).

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Rodrigues (2018).

Comprovadamente, essas resoluções sobrepõem o direito linguístico-cultural de ensino para pessoas surdas. Com isso, muitas comunidades surdas espalhadas pelo mundo resistiram e lutaram contra essa violência linguística e cultural. Posteriormente, outros congressos internacionais endossaram as implicaturas inerentes ao ensino e aprendizagem de pessoas surdas, assim como em Bruxelas, na Bélgica, em 1883⁷⁵, o terceiro congresso tinha como pauta: a) a formação de professores não-surdos; b) a dificuldade de encontrar professores que dominassem o método oral puro; c) se seria viável apenas um professor para a formação do aluno “surdo-mudo”; d) a formação industrial de pessoas surdas; e) o fomento de obras e abrigos para surdos; f) a instituição e organização de comitês para as escolas de pessoas surdas.

No subtópico a seguir, observaremos os primeiros passos assertivos das pessoas surdas, organizadas em favor da sua emancipação linguística e cultural, numa sociedade que infelizmente deturpava o valor linguístico-cultural que as línguas de sinais representavam para a comunidade surda mundial.

⁷⁵ Disponível em: <https://letrasdeoficina.wordpress.com/2018/02/09/quer-saber-mais-sobre-o-congresso-internacional-de-educacao-de-surdos/>. Acesso em: 20 mar. 2022.

3.3.2 Protagonismo surdo contra a violência linguística

Após longos anos de eventos organizados por pessoas não-surdas para falarem a respeito da forma de vida das pessoas surdas, finalmente se realizaram congressos em oposição aos que os antecederam. Os congressos realizados em Paris (1878), Lyon (1879), Milão (1880), Bruxelas (1883) e Paris (1900) – seção dos ouvintes – foram realizados exclusivamente por pessoas ouvintes, sem a participação de surdos em sua organização.

Neste subtópico, veremos que, nos eventos organizados exclusivamente pelas associações de Surdos, cada vez mais a língua de sinais pautava uma luta unânime em favor do direito linguístico de uma comunidade linguística silenciada e estereotipada como pessoas a serem reabilitadas para estarem “incluídas” na sociedade moderna.

Quadro 14 - Marco temporal de Congressos Internacionais de Surdos até 1900

Primeiros congressos internacionais em favor do direito linguístico dos surdos no mundo		
1º	Paris (França)	1889
2º	Chicago (Estados Unidos da América)	1893
3º	Genebra (Suíça)	1896
4º	Dijon (França)	1898
5º	Paris (França)	1900

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Rodrigues (2018).

No **primeiro congresso** em Paris (1889), realizado pelas associações de Surdos, segundo Rodrigues (2018), o protagonismo surdo ganha espaço e oportuniza discussões sobre os efeitos das resoluções do Congresso de Milão (1880). Entusiasmada, a comunidade surda começava a se articular contra a interferência ideológica ouvintista a respeito do método de ensino oralista; assim, as sessões desse congresso avaliaram o papel do “surdo-mudo” na sociedade; questões trabalhistas; questões familiares; formação docente para o desenvolvimento intelectual que suprisse a demanda em questão:

Considerando que qualquer sistema que tentamos substituir àquele do abade L’Epée produziu resultados inferiores; O Congresso proclama a infalibilidade do método do abade de L’Epée, que, sem excluir o uso da palavra, admite que a linguagem mímica é o instrumento mais adequado para desenvolver a inteligência do surdo-mudo. O Congresso acredita que os alunos devem ser classificados em duas categorias: 1º aqueles que se tornaram completamente surdos-mudos por acidente ou que retiveram um remanescente de audição; 2º surdos-mudos de nascimento. O ensino da palavra será dado de acordo com

as aptidões línguas individuais, mas sob nenhuma circunstância a língua de sinais será descartada (Paris, 1889, p. 90, tradução de Rodrigues, 2018).

Contrapondo todos os mandos e desmandos propostos pelas resoluções de Milão (1880), as resoluções desse congresso em Paris (1889) manifestavam apreço à Língua de Sinais (LS), salientando a “tradição francesa”, por meio dos frutos do trabalho pioneiro de L’Epée para o reconhecimento da população surda; essa tradição está atrelada à identidade linguística que emerge das relações entre surdo-surdo, surdo-ouvinte e ouvinte-surdo. Essas relações marcam espaços e asseguram o autorreconhecimento e a autoafirmação de que ser diferente não é sinônimo de ser deficiente. Dessas uniões, por vezes, nascem crianças surdas; desse modo, não se pode dizer que essa é a verdadeira causa, especialmente uma vez que é impossível dizer por que os mesmos acidentes ocorrem em casamentos entre falantes (Paris, 1889, p. 91).

O **segundo congresso** realizado exclusivamente por pessoas surdas, reforçando a necessidade de o surdo ser protagonista de si mesmo, ocorreu em Chicago, nos Estados Unidos, em 1893. Rodrigues (2018) comenta que esse evento enalteceu ainda mais a dignidade do sentido de ser surdo no mundo. A busca pela reparação social causada pela violência linguística impulsionou que pessoas surdas de vários países estivessem presentes nesse primeiro evento fora da Europa. O evento dispôs de relatórios que, primeiramente, apresentavam obras missionárias que envolviam as pessoas surdas, imprensa destinada às causas dos Surdos, matrimônio entre surdos, debates sobre questões trabalhistas, requalificação profissional, além de questões educacionais como educação física, educação superior e educação artística. É notório que, nesse íterim, não houve protestos ou reivindicações; ao contrário, usou-se o momento para atestar a aplicabilidade que há nos honestos investimentos e o respeito à diversidade linguística e cultural de um povo que, até aquele momento, era invisibilizado.

Desse modo, a questão do poder se contrapõe à relação do saber. Podia-se achar que, por serem ouvintes e ditos “normais”, o controle da vida das pessoas surdas dependia dos mecanismos idealizados em favor da reinserção social dos Surdos. Nesse sentido, concordamos com as palavras de Foucault (2000, p. 8):

O que faz com que o poder se mantenha e seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma o saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir.

O discurso de prestígio (de que a medicina, a filosofia e a sociologia endossavam as propostas oralistas para os métodos de ensino para as pessoas surdas) é classificado como uma questão de poder. Numa relação entre dominador e dominados (educadores não-surdos/alunos surdos), não é algo que se adquire, compartilhe, mas que exerce em meio de relações desiguais, as grandes dominações são efeitos hegemônicos sustentados continuamente pela intensidade dos afrontamentos (Hennigen; Guareschi, 2006).

Amadurecidas e conscientes do que realmente importava para a emancipação das pessoas surdas na sociedade, associações de Surdos organizaram o **terceiro congresso**, que ocorreu na Suíça, na cidade de Genebra, em 1896. Nesse contexto, estava mais que declarada a ineficiência do método oral puro para a educação de surdos; o evento permitiu que um jornal propagasse que o único idioma possível aos que a natureza não concedeu os sons era a LS (Rodrigues, 2018). Vejamos alguns trechos de registros do evento:

Considerando que o sistema educacional com método combinado, por meio da fala, leitura labial e sinais, faz maior progresso na educação de surdos, desenvolve as faculdades intelectuais do surdo-mudo, manifesta o desejo de que o método misto opte pelo método oral puro (Genebra, 1896, p. 35, tradução nossa).

Considerando que atividades voltadas ao ensino do desenho é necessário, no que diz respeito às aptidões naturais dos surdos-mudos, para dar-lhes uma boa e lucrativa profissão e elevá-los ao nível dos trabalhadores das artes, o Congresso é de opinião que o desenho industrial deve ser ensinado em escolas, e por meio de sinais que auxiliem ainda mais as explicações do professor (Genebra, 1896, p. 35, tradução nossa).

Dada a inegável utilidade da geometria elementar e geometria descritiva para os surdos-mudos, o congresso expressa o desejo de que essas ciências sejam ensinadas em todas as escolas, sem exceção, e que cursos mútuos sejam estabelecidos nas principais cidades e dirigidos por professores surdos-mudos ou por professores ouvintes que conhecem o alfabeto surdo-mudo (Genebra, 1896, p. 37, tradução nossa).

Percebe-se que foi dada uma profunda atenção à LS nas resoluções proferidas no Congresso de Genebra, nas quais os congressistas persistem em viabilizar informações que ajudem a combater a “alardeada extinção” do uso dos sinais, além de promover meios acessíveis para o aprimoramento do ensino artístico para as pessoas surdas em paralelo com o uso dos sinais.

No mesmo embalo, dois anos depois, o **quarto congresso**, realizado em Dijon, na França (1898), também organizado por pessoas surdas e com o apoio das associações, enalteceu a LS, e todos os pronunciamentos resultaram no fortalecimento do que de fato importava para

as pessoas surdas daquela época. Foram deliberadas resoluções a respeito de métodos que contemplassem diferentes perfis de pessoas surdas: método oral puro apenas para pessoas aptas e com condições de reabilitação vocal e auditiva; método que trabalhasse a escrita, os sinais, a leitura labial, possibilitando que o surdo interagisse com métodos diferenciados. Entretanto, havia embates advindos dos congressistas Surdos com ideias distintas em relação ao método de ensino favorável para a conclusão das resoluções do evento. Parafraseando as palavras de Rodrigues (2018, p. 110), concordamos que oposições e pensamentos divergentes a respeito da educação de pessoas surdas apontam para uma realidade “como algo não homogêneo, mas como um movimento que oscila, titubeia e procura, a duras penas, organizar-se dentro de uma sociedade”.

No **quinto congresso**, organizado também por Surdos, o de Paris, em 1900, houve, em paralelo, uma sessão destinada e organizada por educadores não-surdos. Contudo, nessa linha do tempo, os eventos organizados por ouvintes evidenciavam os métodos e sua eficácia, orientações sobre como lidar com pessoas incapazes de administrar suas vidas, reafirmando a visão deturpada acerca da surdez e suas especificidades. Na sessão organizada por pessoas surdas, comprovou-se um clamor em prol da independência linguística, manifestações de resistência e empoderamento, mesmo que houvesse ideais contrários entre os próprios organizadores; no entanto, no final das contas, todos estavam a favor da visibilidade e do respeito às pessoas surdas (Rodrigues, 2018; Dijon, 1898).

No próximo subtópico, adentraremos o sexto congresso organizado exclusivamente para tratar das questões de interesse de pessoas surdas no mundo.

3.3.3 Congresso de Surdos de Paris (1900)

Um planejamento educacional normalmente é pensado coletivamente, de maneira exclusivamente didática e que atinja a todos os perfis de alunos e professores envolvidos. Acrescentamos que esse fator organizacional, estando pautado nas necessidades individuais dos envolvidos, auxilia no cumprimento do papel social de uma educação coletiva e positiva. Nesse intuito, neste subtópico, trataremos da sessão que a comunidade surda organizou no Congresso Internacional para Estudos de Questões de Educação e de Assistência de Surdos-Mudos, diferenciando-se da sessão organizada para educadores não surdos.

Refletimos, com isso, acerca das pessoas surdas no contexto escolar. Evidentemente que outros contextos de vida poderiam ser elencados aqui para endossar nosso entendimento (familiar, social, religioso, entre outros). Sempre que pensamos em grupos em situação de

vulnerabilidade social e em injustiças sociais, automaticamente somos levados aos motivos mais gritantes que caracterizam essas pessoas.

Nos entraves que persistem em estigmatizar as pessoas surdas, estão atrelados olhares paternalistas de que se trata de pessoas incapazes de administrar suas vidas pelo fato de estarem excluídas da sociedade ouvintista, falantes de uma dada língua minoritária e desconhecida, classificados como deficientes. Diante desse olhar colonizador, numa visão biopolítica, que resulta no domínio e controle social sobre nossos corpos, o fator organizacional de um planejamento educacional precisa estar pautado em ações que atravessem perspectivas e olhares diferenciados para os perfis envolvidos no contexto de ensino coletivo (Foucault, 2008). Espera-se que a alteridade se sobreponha à prepotência de se pensar que um modelo de ensino tradicional valha para todo tipo de pessoa. Conforme Fernandes (2005, p. 33), almeja-se que, ao tratar da vida das pessoas que trazem marcas de vida, costumes e vivências diferentes dos nossos, a língua ocupe “mudanças na arquitetura, nos espaços, nas formas de interação”, uma imersão no mundo do outro.

A dimensão que as narrativas de pessoas não-surdas atingiram no século XIX – sobre a maneira mais adequada para ressocializar pessoas surdas na sociedade – não levou em consideração, em nenhum momento, o olhar cultural e o respeito linguístico e social que já haviam sido calcificados no contexto educacional dos Surdos. Conforme observamos no Quadro 10, todos os congressos organizados por “professores que ensinavam a pessoas surdas e mudas” que anteciparam o Congresso de Paris de 1889 – Paris (1878), Milão (1880) e Bruxelas (1883) – não levaram em conta o que realmente caracteriza as pessoas surdas e todas as demandas que, muitas vezes, são inacessíveis para elas. Nesse período, nem se falava em Educação Bilíngue, mas percebemos que os banquetes comemorativos organizados por Surdos e por não surdos simpatizantes eram propostos com uma finalidade social, moral e política.

A finalidade social se direcionava para que a sociedade em geral testemunhasse a existência de pessoas surdas com diferentes perfis que precisavam de respeito, direitos e equidade. Já a finalidade moral se dava no sentido de que não eram pessoas leigas; muito pelo contrário, eram pessoas atentas à diferença que as caracterizava e que percebiam que seu papel social era justamente o de escancarar para a sociedade que o olhar paternalista e clínico não poderia reduzi-las e nem invisibilizá-las. Por sua vez, a perspectiva política se insere na efervescência cultural que a língua representa e no resgate do sentido de que a autonomia linguística era sinônimo de resistência à opressão linguístico-cultural da forma de expressão e comunicação desse grupo minoritário. Parafraseando Wrigley (1996, p. 13), ao contrário de se

definir a surdez como impedimento auditivo, pessoas surdas são definidas em termos culturais e linguísticos.

Fernandes (2005) esclarece que o olhar cultural (diferente do olhar paternalista, colonizador e clínico que pessoas não surdas têm da surdez) é multifacetado, porém apresenta características específicas em todo o mundo e é traduzido de forma visual. Por isso, as associações, os movimentos que enalteciam o jeito surdo de ser, tiveram um papel importante nesse período. A relação entre surdo-surdo (pares Surdos) representa uma forma elevada na organização do pensamento, na interlocução da linguagem sinalizada, as vivências, tudo o que atravessa a rotina dessas pessoas é de ordem da “base visual e por isso têm características que podem ser ininteligíveis aos ouvintes” (Fernandes, 2005, p. 34).

Diante disso, o Congresso de Paris, em 1889, foi o ponto alto para protestar sobre a representatividade surda e o apelo aos temas que, de fato, interessavam às causas que o movimento surdo compartilhava. Em todos os eventos posteriores havia planejamentos educacionais por meio de pautas que representavam as pessoas surdas, diferenciando-se dos congressos organizados por não-surdos. Para Fernandes (2005, p. 34), essa cultura se manifesta mediante a “coletividade que se constitui a partir dos próprios Surdos que se garantiram através de movimentos de resistência”, e esse protagonismo é percebido nitidamente no Congresso de Paris em 1900, na pauta e nas resoluções aprovadas para a organização do planejamento educacional para o ensino de pessoas surdas no mundo.

A sessão organizada por pessoas surdas apostou no enaltecimento de uma educação de Surdos pautada na empatia e no respeito à diversidade que representam a surdez (Surdos sinalizadores; Surdos oralizados); um renomado congressista que lutou em prol de resoluções que assegurassem essa organização educacional foi o surdo francês Henri Gaillard (1866-1939). Na página da Biblioteca Nacional da França, encontramos uma síntese das resoluções do congresso registrada por ele e pelo secretário Henri Jeavoine⁷⁶. O texto é uma releitura das atas e das sete resoluções defendidas pela sessão dos Surdos nesse congresso.

No Quadro 15, a seguir, de modo objetivo, elencamos as proposições apresentadas nas resoluções como mecanismo para um planejamento educacional para pessoas surdas em 1900, pautadas na alteridade, combatendo a injustiça social e a violência linguística, marcadas 20 anos antes, no Congresso de Milão, em 1880:

⁷⁶ Biblioteca Nacional da França. *Bnf Catalogue Général*: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3412427g/f20.item.zoom>. Acesso em: 2 fev. 2023. (As palavras utilizadas para pesquisa no repositório da biblioteca foram *sourds-muets* e Henri Gaillard).

Quadro 15 - Resoluções apresentadas na sessão dos Surdos no Congresso de Paris (1900)

Resoluções	Proponente	Teor
1ª	Thomas H. Gallaudet	Surdos-mudos apresentam características diferentes. Os que são habilitados para o desenvolvimento da leitura labial eram inseridos no método oral; para os que não conseguiam acesso à leitura labial, era assegurada a garantia do ensino por meio da gestualidade
2ª	Ernest Dusuzeau (1846-1917)	Uma combinação entre o método oral e o método de mímica, resultando num método misto, ou seja, um sistema combinado.
3ª	Henri Gaillard (1866-1939)	Ensino de qualidade por meio da sinalização, afastando-se de qualquer interferência completa do método oral para o desenvolvimento educacional dos surdos.
4ª	Charles Périno	Resolução não aprovada devido ao fato de o proponente sugerir a aplicação do método oral como único método. A justificativa não era condizente com a finalidade do congresso e, devido a isso, foi retirada da pauta.
5ª	Henri Jeanvoine	Divididos em dois aspectos: intelectual e profissional, e social. Importavam para os surdos: o ensino de qualidade, gratuito, a partir dos 8 anos; o ensino profissional em paralelo ao ensino tradicional; que o método do abade L'Epée, com foco na mimetização e escrita, assegurasse a participação dos surdos-mudos sinalizantes; que o Ensino Superior garantisse o acesso dos envolvidos a uma carreira profissional; o ensino religioso em paralelo ao planejamento educacional; o tratamento igualitário em todos os âmbitos sociais; que instituições acolhessem surdos incapazes de estar inseridos socialmente.
6ª	René Desperriers	Relação entre surdo-surdo como elemento principal para destacar a importância do protagonismo surdo diante do contexto educacional.
7ª	René Hirsch (1853-1932)	Garantia do acesso à educação artística para as pessoas surdas-mudas.
8ª	Victor Lagier	A criação de um colégio nacional para pessoas surdas e a garantia de um estabelecimento para formação superior na educação especial dessas pessoas.
9ª	Joseph Cochefer (1849-1923)	Conscientização do papel social da pessoa surda como um cidadão, com direitos e deveres iguais, assegurados pela forma de comunicação e expressão que os classifica.
10ª	Félicien Douard	Status de escolas para os espaços que acolham surdos-mudos em parceria com o Ministério da Educação.
11ª	Marcel Mauduit (1873-1946)	Transformação da visão do surdo como cidadão comum e que os espaços que os instruíam “educacionalmente” fossem vistos como escolas formais para que a estrutura de uma escola especial fosse pautada na organização, na disciplina, na moralidade, no respeito às diferenças e não um espaço destinado a serviços para a subsistência da pessoa surda.
12ª	Eugène Graff (1862-1935)	Reserva de vagas para trabalho em combate à exclusão.
13ª	Eugène Née (1863-1907)	Fortalecimento das associações de surdos e apoio do Estado aos movimentos surdos.
14ª	Edmond Pilet	Fortalecimento das associações e dos movimentos de pessoas surdas e rejeição ao olhar caridoso e paternalista em volta das caridades.
15ª	Henri Genis (1835-1928)	Visibilidade para os direitos sociais das pessoas surdas na sociedade.
16ª	Henri Gaillard	Educação profissional em paralelo ao planejamento educacional.
17ª	J. Him	Padronização das LS.
18ª	Cargo de inspetor para que nesse posto estivesse uma pessoa com empatia com as necessidades dos surdos.	
19ª	Victor Lagier	Felicitações aos delegados presentes no evento

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Rodrigues (2018, p. 135-149).

O Quadro 15 apresenta as resoluções defendidas em prol de um planejamento educacional eficaz para o desenvolvimento e a permanência da pessoa surda no contexto escolar. Salientamos que houve também resoluções propostas por ouvintes, além de resoluções

pautadas no método oral, assim como ocorreu no Congresso de Milão (1880). Todavia, o método oral estaria destinado apenas para a criança surda oralizada, ao passo que o método envolvendo Língua de Sinais estaria disponível para os Surdos sinalizadores. O que de fato nos direciona para esses dados históricos são os embates político-culturais, na intervenção baseada na equidade que os movimentos Surdos clamavam e que, nos dias atuais, se observa da mesma maneira.

A seguir, damos continuidade às discussões a respeito do papel social que a pessoa surda cumpre na sociedade, ressaltando como seu protagonismo representa força para os pares Surdos.

3.4 EMANCIPAÇÃO POLÍTICA E LINGUÍSTICA E O PROTAGONISMO DE PESSOAS SURDAS NO BRASIL

Discorrer acerca de uma luta contra-hegemônica remete-nos a diferentes embates sociais e culturais em todo o mundo. Todavia, a respeito de Política Linguística (PL), em que seu papel seja o de “trazer vozes”, a relação vertical que o uso da língua tem num determinado território inflama uma tensão que tende a silenciar qualquer outra língua que cause uma interferência intercultural. Santos (2010, p. 151-152) entende que é nas relações de poder, na relação envolvendo resistência, nos embates envolvendo uma dominação “e de alternativas de viáveis contra toda forma de opressão que a globalização rompe suas fronteiras territoriais”.

Conforme foi visto no decorrer desta seção, diante de toda a luta contra-hegemônica imposta pela violência linguística, destacamos o protagonismo da comunidade surda em prol da ressignificação do seu papel social na sociedade contemporânea. A comunidade surda, enquanto minoria linguística minorizada no país, compartilha algumas singularidades enquanto usuários de Língua de Sinais (LS). Como apontado anteriormente, surdos oralizados e “Surdos” sinalizadores apresentam necessidades comunicacionais específicas, no entanto esses atores sociais correspondem ao que chamamos de comunidade surda, uma vez que eles compartilham a mesma Identidade surda; é nesse sentido que encontramos algumas particularidades que os diferem.

Organizados mundialmente em prol dos mesmos objetivos, visando ao fortalecimento dos valores que implicam a liberdade de comunicação e expressão, a *World Federation of the*

*Deaf*⁷⁷ (Federação Mundial dos Surdos⁷⁸) reuniu-se no Congresso Internacional de Surdos, em Vancouver, no Canadá, entre os dias 18 a 22 de julho de 2010, para celebrar o 21º congresso organizado exclusivamente por representantes Surdos. Nesse sentido, longos anos depois de Milão (1880), o repúdio aos métodos educacionais pautados no aprendizado da oralização – resolução que a comunidade surda abomina terrivelmente – é algo em que os Surdos fazem questão de apontar o abismo que retrocedeu o desenvolvimento educacional e social, entre outros aspectos, e serve como exemplo daquilo que jamais deve ser praticado quando o assunto é acessibilidade comunicacional para Surdos (Fernandes, 2005). Nesse importante evento, foi expresso o profundo pesar pelos efeitos prejudiciais para o desenvolvimento escolar, linguístico e cultural das pessoas surdas, sobretudo do ponto de vista de as resoluções propostas versarem sobre maneiras de conduzir e governar a vida dos Surdos, quer seja na sua individualidade ou na sua condição de parcela da população (Rodrigues, 2018, p. 152). A última edição dos encontros da Federação Mundial de Surdos ocorreu em 2023 na cidade de Jeju, na Coreia do Sul.

As pessoas surdas geralmente são as que se reconhecem cultural e linguisticamente como detentoras de uma diferença apenas física, entendendo que tal diferença não justifica nenhuma razão para depreciação ou um olhar patológico e clínico. São considerados Surdos os que se classificam com surdez severa a profunda, podendo ser unilateral ou bilateral, e que na LS encontram oportunidade de ascensão cognitiva e identitária (Strobel, 2008).

Para que haja comunicação no contexto familiar, as pessoas surdas, automaticamente, procuram meios gestuais e visuais para serem entendidas na comunicação, criando gestos e nomeando pessoas, objetos e lugares através de sinais. Por isso, observamos quão importante são esses eventos internacionais que os Surdos organizam em favor do fortalecimento da língua e da cultura surda.

Em concomitância com as premissas foucaultianas, Severo (2013, p. 453) legitima a discussão acerca da “relação de poder e o caráter polissêmico da heterogeneidade que configura o campo do saber teórico-metodológico da política linguística”. Diante do contexto sociopolítico, interessa-nos salientar que, sendo uma das línguas cooficializadas no Brasil, a Libras é o veículo de comunicação entre Surdos e não-surdos em todos os âmbitos sociais. Ressaltamos que a essencialidade no uso das mãos para a comunicação em Libras não corresponde apenas às pessoas surdas, pois a comunidade surda também é composta por pessoas

⁷⁷ Disponível em: <https://wfdeaf.org/news/international-congress-of-the-deaf-iced-july-18-22-2010-vancouver-canada/>. Acesso em: 9 fev. 2023.

⁷⁸ Disponível em: <https://wfdeaf.org/our-work/>. Acesso em: 8 mar. 2024.

não surdas (pais, amigos, professores, intérpretes).

Durante anos a comunidade surda mundial resiste, usando seus corpos, sobretudo suas mãos, para desmistificar aquilo que persistem em julgar como desigual. O modo de se expressar através das mãos não significa se apropriar de mímica para emitir e receber informações. Essa tem sido a luta que a comunidade surda no Brasil tem enfrentado. O resultado dessa persistência resultou no reconhecimento legal da Libras como meio de expressão e comunicação natural das comunidades surdas (Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002), caracterizando-se como uma PL que oportunizou novos saberes e novas práticas para a inclusão dessas pessoas por meio do Decreto nº 5.620, de 22 de dezembro de 2005.

Apropriamo-nos da formulação teórica a respeito da transculturalidade (Walsh, 2009) para tecer uma reflexão teórica e prática a respeito da forma como pessoas surdas são incluídas em diferentes âmbitos sociais na contemporaneidade. Dentre as diversas comunidades linguístico-culturais no território brasileiro, a comunidade surda representa um importante dispositivo para a visibilidade identitária através da cultura surda e dos movimentos políticos. É através da Identidade Surda que o indivíduo se reconhece e entende o valor linguístico-cultural que a língua proporciona num mundo que cada vez mais insiste em silenciá-lo. É por meio das relações sociais entre seus pares (surdo-surdo) que surgem a capacidade de as pessoas surdas se reinventarem e a oportunidade de aprenderem uma língua que representa uma inegável forma de ressignificação social.

É por meio dessas implicaturas ligadas às questões comunicacionais que a comunidade surda nacional protagoniza um movimento em favor dos direitos linguísticos dos Surdos. A aplicabilidade de leis e decretos reverbera em acessibilidade linguística e arquitetônica para as Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (PNEE). No caso das pessoas surdas, organizadas pelos mesmos propósitos, foi redigido um documento, intitulado: “Manifesto dos cidadãos Surdos: nossos direitos humanos pela garantia da educação bilíngue ao longo da vida”. Trata-se de um relatório final da Conferência Nacional da Libras (CONALI, 2023), sendo que diferentes pesquisadores/colaboradores suscitaram essa mobilização, tendo a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) como maior representante federal da comunidade surda nacional. Diferentes pautas foram elencadas, tais como: Direitos Humanos das Pessoas Surdas; Educação Bilíngue de Surdos; Tecnologia e Acessibilidade para Pessoas Surdas; Pessoas Surdas no Esporte e Lazer; Arte e Cultura Surdas; Mulheres Surdas; Negros Surdos; Saúde da Pessoa Surda; Tradutores Intérpretes e Guia-intérpretes (Libras).

Objetivamente, nosso texto está assentado na justificativa e análise do protagonismo dos Surdos como minoria linguística. Mesmo em tempos de discursos oposicionistas, causados pelo

contexto político-ideológico que assola também essa demanda social, entendemos que a forma como as pessoas surdas são “incluídas” nos espaços sociais não deveria apenas depender da acessibilidade linguística advinda a partir da garantia da presença do TILSP. Do ponto de vista cultural dos Surdos, essa relação (surdo-não-surdo), imposta pelo sistema moderno, a respeito de um desses pontos que envolvem Direitos Humanos dos Surdos na sociedade, não se sabe se são obedecidos os critérios estabelecidos para avaliar a proficiência do tradutor para ocupar o posto e para intervir na inclusão do surdo no contexto inclusivo. O produto final é a “aceitação” daquilo que é oferecido tanto em sala de aula quanto nos diferentes âmbitos sociais quando se tem essa acessibilidade.

A respeito da acessibilidade linguística para os Surdos no contexto educacional, no portal do MEC encontramos:

Os Surdos que demandam atendimento especializado são os que têm outros comprometimentos (por exemplo, surdocegos, surdos autistas, surdos com deficiência visual, deficiência intelectual, com síndromes diversas ou com outras singularidades). A educação bilíngue de surdos não é compatível com o atendimento oferecido pela Educação Especial, pois se restringe às questões impostas pelas limitações decorrentes da deficiência de um modo extremamente amplo, como se o surdo, ele próprio, pela surdez, fosse objeto em si mesmo (GT-MEC/Secadi, 2014, p. 6).⁷⁹

Ao contrário desse assistencialismo, para a comunidade surda – que tem na cultura e na identidade surdas o suporte necessário para entender seu lugar no mundo – a Libras representa a riqueza de uma língua com modalidade de comunicação e expressão visual e espacial e possibilita a ascensão linguística e cognitiva para as pessoas surdas. Temos uma comunidade surda que durante anos marchou em prol de respeito e visibilidade envolvendo questões básicas para sua sobrevivência.

Poderíamos classificar a comunidade surda antes e depois do marco legal. No ano de 2002, o governo federal reconheceu a Lei de Libras, e, sendo esta regulamentada, houve uma necessidade de formação de pessoas para que o ensino e a tradução fossem ofertados e disseminados no país. Diversos âmbitos sociais precisaram correr contra o tempo para que surdos tivessem acessibilidade linguística por meio da sua própria língua. Diante dos fatos, Severo (2013) sugere que haja uma aproximação entre as políticas públicas e as práticas locais, direcionando-nos às questões que lidam com gestão das línguas. Sendo a Libras uma língua cooficializada, há uma política explícita em prol dos direitos dos falantes nativos dessa língua.

⁷⁹ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2015-pdf/17237-secadi-documento-subsidiario-2015/file>. Acesso em: 9 jun. 2023.

Todavia, as fronteiras da relação intercultural entre pessoas ouvintes e pessoas surdas, sobretudo entre a LS (Libras) e a língua oral (LP), fazem com que as questões culturais se distanciem cada vez mais, criando uma linha tênue para aqueles que almejam viver e se expressar livremente em sua língua.

É nas comunidades surdas que são emancipados as atitudes e os comprometimentos em favor da luta contra-hegemônica imposta pela sociedade excludente, e são esses espaços que proporcionam cultura e identidade para uma minoria linguística, representando lugar de resistência e autoafirmação do sentido de “Ser Surdo” (Strobel, 2008). Nem sempre as pessoas surdas eram, e/ou ainda são, bem vistas na sociedade “ouvintista”. Conforme observamos em pesquisas nos Estudos Surdos, segundo Perlin e Strobel (2008), a definição de historicismo é a história concebida na visão do colonizador, nesse sentido, o ouvintismo. No Brasil, nos dias atuais, os surdos são amparados por um arcabouço legal que garante sua liberdade de expressão (linguística e cultural), ainda que em alguns lugares a inacessibilidade exista (Albres, 2016).

Conforme Quadros (1997), os Surdos são pessoas com peculiaridades distintas, pessoas que veem o mundo numa perspectiva visual diferente da das pessoas não-surdas e compartilham de uma cultura que reverbera em seus pares o fortalecimento identitário por meio do uso de línguas de sinais. Os artefatos culturais (Strobel, 2008) das pessoas surdas são regidos por uma experiência completamente visual, e, em muitos artefatos culturais, as experiências refletem a luta pela afirmação de que surdos são pessoas diferentes, e não deficientes (Skliar, 1998).

Voltando um pouco ao contexto sócio-histórico dos Surdos, conforme o exposto, o respeito e a dignidade dados às pessoas surdas foram registrados, primeiramente, em Paris, na França, quando o monge beneditino Charles-Michel de L’Epée fundou o Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris (atualmente Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris) em 1760. A atitude de L’Epée em ir na contramão da visão sócio-antropológica da surdez lançou luz a uma comunidade de pessoas que tinham suas singularidades, que viviam em paralelo às pessoas não-surdas e compartilhavam de uma língua e uma cultura diferentes num mesmo lugar.

Eram organizados eventos e jantares objetivando abrir as portas do Instituto para que a sociedade francesa conhecesse a capacidade cognitiva e laboral das pessoas surdas. Esse Instituto representa um local de referência devido ao valor histórico do processo educacional de pessoas surdas. Juntam-se a esse patamar as associações de Surdos, que, no contexto social, representavam o lugar de acolhimento para o empoderamento identitário no sentido da língua, da cultura e da identidade surda (Perlin, 1998).

Foram as associações de Surdos as responsáveis pelas resoluções postas em evidência no Congresso Internacional de Surdos em 1900, em Paris. Segundo Rodrigues (2018), o evento

objetivava contestar as resoluções propostas no Congresso Internacional de Milão em 1880, no qual as pessoas não-surdas que lidavam com educação de pessoas surdas propuseram uma abordagem terapêutica calcada no fortalecimento da habilidade vocal dos Surdos (oralismo). Essa decisão baseava-se em pressupostos filosóficos de que o pensamento é exteriorizado pela linguagem (“Penso, logo existo” – René Descartes) e em pressupostos clínicos de que a surdez não afeta as cordas vocais e de que as línguas de sinais retardam o progresso evolutivo da oralidade em Deficientes Auditivos (DA). Em suma, invalidaram toda a conjuntura por trás da representação da língua de sinais para as pessoas surdas (Perlin; Strobel, 2009).

Metodologias criadas por pessoas não-surdas sempre buscam “incluir” a pessoa surda por meio de reabilitações para uma boa convivência social. Esquecem-se de que a linguagem e o pensamento são síncronos, assim como Vygostky (1989) aborda que a linguagem não funciona apenas como elemento comunicacional; ela tem função reguladora do pensamento. Bakhtin (1990) reforça que a linguagem está sempre presente na vida do indivíduo, mesmo em momentos em que ele não esteja se comunicando com outras pessoas. Assim, a linguagem constitui o sujeito.

Eis a razão pela qual o manifesto organizado pela FENEIS (2024) sintetiza as diferentes vertentes em que urge a garantia dos direitos da pessoa surda para que nessa conjuntura se abram espaços reflexivos para se entender que, na relação entre pares surdos (surdo-surdo), se encontram fatores importantes para o reconhecimento de si; quando ocorre o contrário disso (surdo-ouvinte), surge o hibridismo cultural, que permite aos envolvidos entenderem a diferença cultural preexistente em suas vidas. Conforme apontamos, L’Epée é citado em diferentes pesquisas acadêmicas justamente por causa dessa característica, sua relação (ouvinte-surdo) com o universo linguístico-cultural dos surdos, o que comprovou a capacidade da pessoa surda de produzir e exteriorizar seus pensamentos através da linguagem inerente às pessoas surdas.

Perlin e Strobel (2009) demonstram que houve uma revelação cultural antes do ocorrido em Milão (1880), pois muitos surdos escritores, professores, artistas, militantes (surdo-surdo) eram referências para as comunidades surdas. As autoras também citam Ferdinando Berthier, surdo francês responsável por diversas obras literárias abordando a respeito do povo surdo, da língua de sinais, de artistas surdos e que também relatou em suas obras sobre as atrocidades catastróficas oriundas das resoluções do Congresso Internacional de Milão (1880).

Na fase do isolamento cultural (Perlin; Strobel, 2009), metodologias com uso de línguas de sinais como forma de instrução eram proibidas, dando espaço para a metodologia oralista. Todavia, essa proibição inexistia nos pensamentos e no convívio entre Surdos, nas associações

de pessoas surdas e também entre membros da comunidade surda (surdo-surdo, surdo-ouvinte). No Brasil também essa metodologia de ensino (oralismo) passou a ser adotada pelo Collégio Nacional para Surdos-Mudos, atualmente conhecido como INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos). Esse Instituto foi criado por D. Pedro II em 1856, e um surdo francês chamado Ernest Huet, egresso do Instituto de Surdos de Paris, é considerado o primeiro professor surdo a dar aulas em língua de sinais no Brasil. Assim como nos primeiros congressos organizados/protagonizados por Surdos até o Congresso Internacional de Paris (1900), conforme delimitamos na pesquisa, e em diferentes lugares do mundo, no Brasil as associações de Surdos tiveram também um papel social importante na luta em favor da valorização da língua e da cultura surdas.

No Brasil, por volta da década de 70, surge uma das primeiras organizações com a finalidade de tratar de questões inerentes às políticas públicas da surdez. Todavia, Strobel (2008) salienta que somente pessoas não surdas eram envolvidas. Trata-se da FENEIDA (Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos). Os próprios Surdos, diante dos primeiros movimentos em prol da educação bilíngue, repensaram o uso do termo DA e, diante do reconhecimento de si e de suas peculiaridades, se organizaram e criaram em 1987 a FENEIS (Strobel, 2008).

Esse avanço organizacional entre membros da comunidade surda no Brasil teve seu início antes desse período da criação da Feneis por volta da década de 50. Com a explosão da criação de diferentes associações de pessoas surdas espalhadas no país, foi criada em 1958, na cidade de São Paulo, a Confederação Brasileira de Desportos Surdos (CBDS). O fortalecimento identitário do surdo advém de espaços culturais em que a língua e o pensamento estão inseridos. No contexto familiar em que o surdo é visto como diferente e não como deficiente, a língua e a cultura são favorecidas. É somente em 5% dos lares que os filhos Surdos são de família em que os pais são surdos. Na grande maioria, 95%, a criança surda nasce em lares em que os pais são não-surdos (Leibovici, 1997).

Fernandes (2005) afirma haver um imenso abismo no contexto educacional dos surdos no sentido equânime dos direitos educacionais, na medida em que diferentes lutas foram mobilizadas pelas comunidades surdas no país. A esse movimento, familiares, amigos, professores e intérpretes juntaram-se em favor da educação bilíngue para Surdos, uma vez que no Brasil esses direitos não eram oferecidos para essa minoria linguística. Para a violência linguística posta pela dualidade entre línguas orais e línguas de sinais, Fernandes (2015) atesta que dar acesso à educação para pessoas surdas vai além da permissão do ingresso da pessoa surda no ambiente escolar e além da mobilidade física. A permanência dessas pessoas depende

da participação e do empenho do corpo docente.

Mesmo com o reconhecimento da Libras (Lei nº 1.436/2002) e sua aplicabilidade por meio do Decreto nº 5.626/2005, somente no contexto educacional observamos a obrigatoriedade da aplicação legal dos Direitos Humanos das pessoas surdas sendo cumprida. Ínfimas são as ações que disseminam a acessibilidade linguística e comunicacional dos Surdos nos demais âmbitos sociais. São poucos os casos em que profissionais das demais instituições sociais (hospitais, delegacias, fóruns, comércios, transportes) se interessam pela comunicação em Libras. Por exemplo, no cap. VII do Decreto nº 5.626/2005 é assegurada a garantia do direito à saúde das pessoas surdas e DA, discorrendo que, a partir de 2006, o tratamento especializado direcionado para esse público no SUS deveria ser em Libras, com a presença de profissionais habilitados para a tradução e interpretação (Brasil, 2008), assim como nas clínicas particulares que detêm a concessão para o atendimento público, nas questões que envolvem ações de prevenções, tratamentos e diagnósticos. Porém, os profissionais da área da saúde muitas das vezes só mantêm contato com a língua de sinais durante a graduação.

Em uma pesquisa destinada às questões comunicacionais entre Surdos e profissionais da saúde, Costa *et al.* (2009) entrevistaram pessoas surdas que relataram os principais entraves que insistem em excluí-los nesse contexto. Segundo os pesquisadores, foi relatado que, durante a consulta médica, a maioria dos Surdos se sentem excluídos quando o médico fala e escreve ao mesmo tempo, quando são chamados de outra sala para a consulta sem nenhuma informação visual e durante as prescrições médicas em tratamentos e acompanhamentos sem a presença de um profissional habilitado para a tradução e interpretação. Espera-se que a acessibilidade comunicacional dos Surdos com os profissionais da saúde seja, assim como prevê o papel social do SUS, com tratamento humanitário, holístico e especializado para uma minoria linguística nacional.

Como forma de protesto, o protagonismo surdo no Brasil se insere nessas questões e propõe diferentes perspectivas assistenciais como forma de garantia dos direitos assegurados às pessoas surdas. Em Feneis (2024, p. 227-229), observam-se tópicos elencados para justificar por que se faz necessária a aplicabilidade do cap. VII do Decreto nº 5.626:

Quadro 16 - Saúde, Cuidado e Autodeterminação: ressignificando as pessoas surdas em saúde

Intervenção em favor do cumprimento do Cap. VII do Decreto-Lei nº 5.626/2005	
1	Desenvolver e implementar políticas de saúde voltadas para gestantes surdas, garantindo atendimento pré-natal acessível em Libras, promovendo – nesse caso também para mães ouvintes com bebês surdos

	– a orientação familiar bilíngue e o diagnóstico precoce de deficiência auditiva em bebês, visando à promoção da saúde materno-infantil e à inclusão da língua de sinais na formação das crianças surdas.
2	Estabelecer programas de acompanhamento médico e psicológico ao longo da infância e adolescência das pessoas surdas, assegurando que todas as necessidades de saúde específicas sejam atendidas, promovendo uma transição adequada para a vida adulta e conscientizando sobre a importância do autocuidado e da prevenção de doenças.
3	Implementar políticas de saúde que considerem as demandas de jovens, adultos surdos, incluindo a oferta de serviços de saúde mental, reabilitação e tratamento de condições de saúde crônicas em Libras, promovendo o bem-estar e a qualidade de vida ao longo da vida adulta.
4	Garantir a acessibilidade em saúde para a POPULAÇÃO IDOSA SURDA ⁸⁰ , incluindo o acesso a serviços de cuidados geriátricos, prevenção de doenças associadas à idade avançada e promoção da qualidade de vida na terceira idade.
5	Promover a educação (orientação e prevenções) em saúde em todas as fases da vida, com projetos e serviços realizados por profissionais de saúde capacitados em Libras em todas as fases da vida para garantir a detecção precoce de problemas de saúde, o apoio ao desenvolvimento saudável e desenvolvimento das habilidades de autocuidado pelas pessoas surdas.
6	Estabelecer políticas de saúde ocupacional que considerem as necessidades dos trabalhadores surdos, incluindo a oferta de exames médicos e avaliações de saúde em Libras, bem como a promoção de ambientes de trabalho acessíveis e inclusivos.
7	Implementar políticas linguísticas e tradutórias para tornar todos os serviços de saúde acessíveis em Libras, incluindo a presença de intérpretes, profissionais de saúde capacitados em comunicação com pessoas surdas e materiais traduzidos para videotextos em Libras, visando garantir o direito à saúde e a equidade no acesso a informações e tratamento.
8	Desenvolver e tornar programas de promoção da saúde por meio de atividades físicas e tratamentos terapêuticos alternativos homologados pelo SUS acessíveis em Libras para a comunidade surda, promovendo um estilo de vida ativo e saudável entre as pessoas surdas por meio desses espaços bilíngues de convivência e promoção do bem-estar.
9	Garantir a qualidade da comunicação entre pessoas surdas e sistema de saúde por meio dos serviços de tradução e interpretação em Libras, Guia-interpretação e profissionais de mediação por comunicações alternativas.
10	Garantir a formação e capacitação para os diálogos diretos em Libras entre pacientes surdos com seus familiares/acompanhantes e profissionais da saúde bilíngues.
11	Estabelecer medidas para eliminar as faltas e falhas de acessibilidade na rede de saúde pública e privada, abrangendo aspectos comunicacionais, linguísticos, atitudinais e arquitetônicos, visando garantir um atendimento inclusivo e equitativo para a comunidade surda.
12	Promover protocolos de “boas-práticas e éticas no atendimento ao paciente surdo sinalizante” que assegurem o respeito à autonomia das pessoas surdas, garantindo que sejam plenamente informadas e envolvidas, podendo opinar e consentir (ou não), em todas as etapas dos procedimentos e tratamentos relacionados à sua saúde física e mental.

Fonte: Elaborado pelo autor com base no Manifesto dos Cidadãos Surdos (2024, p. 227-229).

Dos diferentes movimentos Surdos no Brasil que resultaram no reconhecimento da Libras como língua natural (Lei nº 10.436/2002), por meio do Decreto nº 5.626/2005, somente o contexto educacional obrigatoriamente acessibiliza a comunicação para as pessoas surdas. Urge nos dias atuais haver estratégias, políticas locais, que fomentem a necessidade comunicacional em Libras para as pessoas surdas em diferentes âmbitos sociais que ainda excluem os surdos (contexto jurídico, segurança pública, saúde, transportes).

Dentro desse enfoque, cabe-nos indagar quão tenso para esses indivíduos deve ser estarem empoderados linguisticamente e, ainda assim, permanecerem num cenário em que não lhes é favorável se expressar da mesma forma como se expressam de modo livre com seus pares

⁸⁰ Destaque dos autores.

(surdo-surdo), sendo submetidos às imposições oralistas, na tentativa de remediar algo perdido, aculturando-se, para não ser tão desigual sua participação no cotidiano dos que os cercam, vivendo uma cultura paralela. Nas palavras de Santos (2010, p. 107), “o princípio da incompletude de todos os saberes” deveria ser o cerne de todas as discussões epistemológicas, colocando a alteridade em vigor, para que práticas excludentes sejam substituídas por uma práxis intercultural.

Entendemos que a comunidade surda no Brasil se configura como um grupo minoritarizado; etimologicamente, para reforçar o conceito de minoria, Wucher (2000) salienta que não há uma unanimidade de conceito e que, preferencialmente, o Grupo de Trabalho envolvendo esse assunto, na Organização das Nações Unidas (ONU), em conformidade com as discussões a respeito dos direitos humanos, define minorias como algo abstrato.

No contexto dessa subjetividade, devido à construção identitária impulsionada pelo contato social com os costumes, com a língua, com as histórias, com a militância, a pessoa surda encontra na condição de surdez a capacidade de reinventar-se, engajando sua personalidade em favor de um contexto contra-hegemônico. Nesse sentido, a pessoa surda é um indivíduo que carece de reabilitações⁸¹ (oportunizadas, principalmente, através da acessibilidade linguística em contextos familiar, social, educacional) para conviver numa sociedade ouvintista. São reparos que interferem em anos de exclusão, causada pelo desconhecimento governamental acerca dos princípios que regem os direitos humanos voltados para a pessoa surda.

Portanto, as pessoas surdas têm, na condição de surdez, a responsabilidade de se tornarem bilíngues para serem aceitas numa sociedade da qual muitas pessoas não surdas desconhecem as especificidades que caracterizam o sujeito surdo, falante de Língua de Sinais (LS), e que muitas vezes não perdoa os “atrasados intelectualmente”. Conforme aponta Wucher (2000, p. 87), “na ausência de características comuns”, um grupo não deve ser considerado como uma minoria linguística. Tal característica é claramente encontrada na Lei de Libras, a qual prevê que a Língua Natural (LN) das pessoas surdas deve ser tratada como Primeira Língua (L1)⁸², no entanto não exclui a necessidade de o indivíduo absorver conhecimentos acerca da língua majoritária, ou seja, da LP/L2, na modalidade escrita.

As pessoas surdas se tornam “biculturais” pelo fato de conviverem desde cedo com pessoas ouvintes; todavia, preferimos usar o termo “pessoas em condições transculturais”

⁸¹ Não no sentido patológico e clínico, e sim no sentido social, educacional e cultural.

⁸² No Brasil, a LS que corresponde à característica de LN é a Libras.

(Walsh, 2009), na medida em que a Identidade Surda⁸³, relação surdo-surdo, é constituída através da sua afirmação e do seu reconhecimento como minoria linguística numa sociedade. Ainda que vivam “ilhados”, imersos em ambientes nos quais muitas vezes apenas existe um surdo, essa identidade é reforçada pelo valor cultural, adquirido por meio das relações com os pares (falantes de Libras). Dessa forma, os estigmas lançados, o olhar curador e o olhar clínico e normatizador não as afetam.

No país em que vivemos, no nosso ponto de vista, é notório que as pessoas surdas cada vez mais se tornam politizadas a ponto de não aceitarem mais serem colonizadas com discursos pautados em normatização, comportamentos voltados à “cura” do ouvido defeituoso, que não condizem com a realidade peculiar dos Surdos empoderados e conhecem seu papel social diante da comunidade surda e da sociedade em geral. Não é raro observarmos comentários errôneos acerca de problemas sociais nos dias atuais; isso é resultado das ações de um costume que já está intrínseco no dia a dia do povo, acostumado a estereotipar o outro, sem se importar em ser empático, sendo intolerante com as especificidades das pessoas que vivem com barreiras comunicacionais⁸⁴. Em nome dessa prepotência em estigmatizar o outro, caracterizada como um poder sobre a vida do outro, e em nome desse poder exercido, “falam e decidem”, ao passo que os diferentes se perpetuam em seu silêncio – o refúgio da dependência, da dominação, enfim, das minorias. Segundo Foucault (1995, p. 70-71),

Ora, o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. Poder que não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito mais profundamente, muito sutilmente em toda trama da sociedade.

Contudo, devemos apontar que tantos problemas advêm da influência direta de uma experiência de subserviência em não nos atentarmos para a forma como somos conduzidos pelas nossas ações hegemônicas – ações que tendem a enxergar tudo em todos. Se em um ambiente linguístico e, sobretudo, inclusivo, como a sala de aula, o seio familiar, entre outros, a Libras como L1 não servir como base linguística para a aquisição dos conhecimentos específicos numa língua alvo (L2), será um desserviço àquele que se reconhece como surdo.

⁸³ Para Strobel (2006), a Identidade Surda é adquirida a partir do reconhecimento que o sujeito surdo tem de si, em conformidade com o processo de aceitação de um indivíduo pertencente à sociedade em que vive.

⁸⁴ As situações que causam exclusão da pessoa surda na sociedade são, em sua maioria, ligadas ao uso e ao privilégio da LP, em decorrência da invisibilidade da LS na sociedade.

Se o ambiente linguístico proporciona essa acessibilidade à pessoa surda, ainda que com a presença de um intérprete, mas fornecendo metodologias adequadas, que a contemplem visualmente, de fato essa pessoa será incluída. Segundo Sá (2015), dificilmente uma escola comum se torna um ambiente linguístico para uma pessoa surda se não for fornecido conhecimento de base em LS.

Como minoria linguística, os Surdos são inseridos em determinados ambientes, nos quais, muitas vezes, não focalizam algumas particularidades distintas, que requerem um certo cuidado. A respeito disso, expressões idiomáticas, falares variados do Português brasileiro, são embaçados para a realidade comunicacional dos surdos. Justamente no contexto inter/pluri/multicultural, como a sala de aula, as pessoas surdas são excluídas dessas singularidades da língua majoritária (LP).

Diferentemente das outras especificidades que necessitam de determinado tipo de acessibilidade, os Surdos dependem de acessibilidade exclusivamente linguística; dentro desse enfoque, muitos acabam excluindo essa demanda. Há necessidade de se enxergar as pessoas surdas por outro ângulo. A professora surda Gladis Perlin (2003, p. 80) explica:

Para os Surdos brasileiros é o momento de resvalar pela pedagogia dos Surdos e entrar em um terreno de construção de forma despreocupada. O (sujeito) da pedagogia dos Surdos é o sujeito outro naturalmente educável, naturalmente com capacidade virtual própria para sua educação que requer ser diferente das outras pedagogias.

Normatizar a educação para todos se reflete diretamente na atenção pautada nas questões acessíveis que contemplam as pessoas surdas. Colonizar o surdo com metodologias ouvintistas⁸⁵ é impor algo insolúvel, que acarretará problemas sérios na formação desses indivíduos. Dessa forma, vale lembrar que os surdos, como falantes de uma língua minoritarizada, estão inseridos num cenário em que a PL assegura normas no estabelecimento das relações comunicacionais e interculturais. De acordo com Coulmas (2014), línguas hegemônicas tendem a cobrir todo o espectro de funções, desde o mais informal e íntimo até o mais formal e oficial.

Sabemos que muitas pessoas surdas no Brasil estão inseridas em contextos inclusivos, como o ambiente escolar, nos quais o ensino de LP/L2 foge da regulamentação legal do currículo de ensino de língua adicional para pessoas surdas. Sobre as metodologias de ensino, muitas não estão adequadas, não surtindo resultados positivos de aprendizagem da Língua

⁸⁵ Termo comumente utilizado pela comunidade surda para se referir à forma de influência normalizadora das pessoas que ouvem.

Portuguesa (LP). Por falta de formação específica dos professores, são aplicadas atividades como se as pessoas surdas tivessem acesso ao aprendizado da LP da mesma forma que as pessoas DA por meio da leitura labial e da reabilitação fonoterápica⁸⁶.

Severo (2013) nos orienta a sempre indagar quem planeja, o que se planeja, para quem se planeja e como é planejada uma PL. Se a Lei de Libras foi fundamentada por meio do levantamento investigativo, culminando em todas as necessidades comunicacionais que uma pessoa surda apresenta, quais são, ainda, as implicaturas que persistem em subjugar essa liberdade comunicacional? Se aprofundarmos essa discussão, levando-a para o campo acadêmico, encontraremos situações excludentes envolvendo tanto professores quanto pessoas surdas, que, mesmo com a presença de TILSP (ou não), são submetidos a situações que envolvem hierarquização.

Em virtude do que apresentamos neste trabalho a respeito de atores sociais, membros (pessoas surdas e não-surdas) da comunidade surda brasileira que foram atravessados pela instabilidade política e ideológica, por meio de discursos oposicionistas em redes sociais, Almeida e Almeida (2019, p. 394) coadunam que é importante refletir sobre o quanto é indispensável que o profissional conheça as dificuldades que estão atreladas à inclusão e educação dos Surdos. Um dos motivos que impulsionou a instabilidade social entre esses membros politizados foi o fato de a equipe estar à frente dos pronunciamentos oficiais e dispor sempre de estratégias tradutórias-interpretativas para lidar com situações adversas para a acessibilidade linguística dos Surdos. Assim, “Com a língua de sinais as pessoas surdas podem, através do intérprete, compreender e ser compreendidos, e as pessoas não-surdas são colocadas no mesmo nível, precisam também do intérprete ou de aprender uma língua que não é sua língua natural” (Pereira, 2008, p. 151).

O papel de um profissional da tradução e interpretação da Libras é de suma importância para que a inclusão da pessoa surda resulte num processo benéfico para a experiência educacional do surdo. Afinal, é com um profissional que o acesso às informações é garantido, e a competência linguística em ambas as línguas (LP e Libras) não é o bastante. Cabe a esse profissional uma imersão em diferentes competências, sobretudo linguística, cultural e identitária, no universo bilíngue que envolve pessoas surdas. Como este trabalho envolve questões identitárias de grande valor para a comunidade surda, vale a pena destacar o TILSP

⁸⁶ Acompanhamento de fonoaudiólogos com pessoas surdas que possuem resíduo auditivo, com problemas de fala, linguagem escrita, para aprimoramento da fala e da audição, ou seja, terapia apropriada para os Deficientes Auditivos (DA) de qualquer idade.

como produto de PL em favor da educação de pessoas surdas no Brasil. Conforme Magalhães Júnior (2007, p. 19-20):

Intérprete tem que ouvir e falar ao mesmo tempo, repetindo em outra língua palavras e ideias que não são suas, sem perder de vista o conteúdo, a intensão, o sentido, o ritmo e o tom da mensagem transmitida por seu intermédio. Não tem qualquer controle sobre a complexidade, a velocidade, a clareza ou a lógica do apresentador. Precisa atentar para a concatenação de seu próprio discurso, lembrando-se do ponto exato em que largou cada frase, para fechar com correção um parente aberto pelo palestrante em forma verbal subjuntiva. Precisa tomar decisões instantâneas, ininterruptamente.

Apesar de atuarem há muito tempo nesse universo comunicativo de línguas de sinais no Brasil, somente em setembro de 2010, por meio da Lei nº 12.319/2010, o Governo Federal dispôs as atribuições laborais como reconhecimento da atuação profissional de pessoas que lidam com essa especificidade comunicacional, assim como a Lei nº 14.704⁸⁷, de 25 de outubro de 2023, endossa o exercício profissional e as condições ideais para o serviço de tradução e interpretação em Libras, regido pelo código de ética⁸⁸ estipulado pela Federação Brasileira dos Profissionais Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais (FEBRAPILS) em 13 de abril de 2014.

Reproduzindo o ideal de superioridade, com intenções civilizatórias, muitas vezes são criados estigmas que, de uma forma geral, repassam valores, os quais são observados por uma parte e não por um todo. Desse modo, colonizar os Surdos com metodologias julgadas pertinentes para a formação do sujeito sem levar em conta suas singularidades é “amordaçar” o sujeito e não lhe oferecer condições de sobressair no contexto em que está inserido. Com isso, “A maioria das escolas ditas inclusivas encontram-se professores cuja formação desconhece a cultura surda, pois em nada entendem da necessidade de experiência visual do surdo” (Perlin; Miranda, 2011, p. 104). É sabido que, para o sucesso de uma aula numa classe inclusiva multifacetada, saberes e práticas didáticas devem ser estabelecidos antecipada e continuamente entre os principais envolvidos no processo educacional da minoria incluída (professores, intérpretes, familiares).

A LP, com toda sua riqueza e variação, resulta numa disciplina assustadora para os que são falantes de Libras e têm na LP sua língua adicional. Práticas metodológicas não surtem

⁸⁷ Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14704.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2014.704%2C%20DE%2025%20DE%20OUTUBRO%20DE%202023&text=Altera%20a%20Lei%20n%C2%BA%2012.319,Brasileira%20de%20Sinais%20\(Libras\)](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14704.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2014.704%2C%20DE%2025%20DE%20OUTUBRO%20DE%202023&text=Altera%20a%20Lei%20n%C2%BA%2012.319,Brasileira%20de%20Sinais%20(Libras))

⁸⁸ Acesso em: 3 dez. 2023.

⁸⁸ Febrapils: <https://febrapils.org.br/wp-content/uploads/2022/01/Codigo-de-Conduita-e-Etica.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2023.

efeitos positivos se nesse contexto não houver uma relação intercultural com a língua alvo dos envolvidos. A interpretação do sentido emitido e como essa interpretação resultará para o receptor deverão ser os aparelhos norteadores no ensino de uma língua oral auditiva (LP) para falantes de uma língua visual e gestual (Libras).

Assim como a LP, a Libras também sofre mudanças variacionais, e os Surdos entendem essa ação. Desse modo, as pessoas surdas, em diferentes contextos, entendem que a língua majoritária não é estática e que, diariamente, ela é envolvida em situações que tendem a reestruturá-la. Os limites entre a Libras e a LP estariam cristalizados se as pessoas que lidam diretamente com o planejamento educacional inclusivo de pessoas surdas entendessem que as dúvidas (que costumam ficar nas entrelinhas interpretativas) são sanadas por meio de uma imersão linguística e cultural no universo bilíngue dos Surdos. Com isso, arenas discursivas impostas pela dualidade entre as interpretações em ambas as línguas estariam num patamar elevado, sem espaço para instabilidade político-ideológica da forma como foi vista com epítetos, contextos pejorativos/ofensivos, conforme observado nos *corpora* da pesquisa.

Descolonizar-se pressupõe, nesse sentido, ser informado dos seus direitos enquanto civis e se inserir em contextos bilíngues em que sua L1 seja respeitada para que, assim, seja possível ascender cognitivamente, colaborando na desconstrução da imagem do indivíduo surdo com ouvido defeituoso, proporcionando um olhar diferenciado para as peculiaridades que os distinguem.

McCleary (2003) afirma que o fato de as pessoas surdas se orgulharem por compartilharem uma Identidade Surda⁸⁹ é um ato político. Ao se reconhecerem como pessoas surdas, como um grupo com características linguísticas, cognitivas e culturais, os Surdos veem nessa diferença a necessidade de se impor e quebrar paradigmas acerca de um preconceito que perdura há anos.

Como comunidade organizada e politizada, conhecedora dos seus direitos enquanto sujeitos bilíngues e interculturais, os Surdos, segundo Perlin e Miranda (2011, p. 217), entendem que suas diferenças vão desde aqueles que são líderes ativos em movimentos e embates que envolvem uma determinada função ativa até aqueles outros que galgam novos ares a partir dos novos contatos com os pares Surdos nos contornos da fronteira⁹⁰.

Portanto, é hora de enxergar as necessidades que as pessoas surdas, enquanto grupo

⁸⁹ A Identidade Surda parte do princípio do pertencimento a um grupo minoritário que, por meio do reconhecimento de si, promove ressignificação social através do contato com a LS e com a cultura surda.

⁹⁰ Perlin e Miranda (2003) entendem as identidades essenciais ou, ainda, um essencialismo estratégico de que fala Bhabha como constantes do centro de um disco elástico em torno do qual existem as fronteiras, nesse sentido, “contornos de fronteiras”. Andar na fronteira equivale ao hibridismo (Perlin; Miranda, 2003, p. 224).

minoritarizado, demandam para se incluírem socialmente. Vale lembrar que os Surdos são protegidos por lei; no entanto, nas práticas educacionais, no cotidiano social, esses indivíduos se veem limitados e dependentes de terceiros para sua comunicação. Burgeile (2013) argumenta que há falsas promessas de aprendizagens que envolvem fatores e tendem a refletir no desempenho do aluno. Urgentemente se faz necessária a execução de uma PL que contemple o bilinguismo. Dessa forma, os conhecimentos adquiridos e disseminados facilitarão as ações, e, em contrapartida, a inclusão não seria mais um pesar em diversos casos em que o caos se instala quando não são observados fatores concernentes ao que expusemos anteriormente.

Constantemente atravessadas por uma política excludente imposta pela ignorância daqueles que não dedicam um segundo do seu tempo para conhecer as reais necessidades da acessibilidade linguística para pessoas surdas no Brasil, cabe a essas pessoas a árdua tarefa de se posicionar frente às barreiras comunicacionais impostas pela convivência verticalizada com as pessoas não-surdas. Em tempos de uma política polarizada, faz-se necessário conclamar toda a comunidade surda para lutar por direitos linguísticos reconhecidos por lei e que diversas vezes não são garantidos.

Sem dúvida, conforme o que foi exposto nesta seção, entendemos que as lutas dos movimentos Surdos se pautam na desconstrução do estereótipo do ouvido doente, nas lutas contra discursos capacitistas, engessados na homogeneização das necessidades entre pessoas surdas e pessoas DA, bem como na autonomia e na inclusão social caracterizada numa luta por reconhecimento linguístico, cultural e identitário.

Na próxima seção, apresentaremos as etapas da pesquisa. Ao longo do processo construtivo, observamos sempre a pessoa surda como protagonista de si mesma; seus posicionamentos, suas crenças e sua ideologia estão no cerne da investigação, coadunando a teoria que envolve os atores sociais diante de um fenômeno social. Para nós, enquanto analistas críticos do discurso, a questão social pautada para esta análise suscitará, primeiramente, a inclusão da pessoa surda nas agendas de pesquisa em ACD e o diálogo entre campos de estudo que fomentam a linguagem como prática social; com isso, os instrumentos norteadores descortinam a problemática que atravessa os Surdos no contexto político nacional.

3.5 PONDERAÇÕES DA SEÇÃO

Nesta seção, buscamos entender como as pessoas surdas usam seus corpos para despatologizar e discutir a visão clínica e socioantropológica da surdez desde o século XIX. Como nos dias atuais essa violência linguística tem sido insistentemente combatida com a

participação massiva dos movimentos Surdos internacionais, no Brasil observamos que algumas vitórias foram alcançadas a partir do reconhecimento da Libras como língua natural das comunidades surdas e como esse marco temporal permitiu um maior acesso dessas pessoas nos diferentes âmbitos sociais.

Infelizmente, o período assistencialista e clínico disseminado nos congressos (organizados por pessoas não-surdas atuando na educação de pessoas surdas) ocasionou algumas ações preconceituosas na sociedade moderna. Maneiras de desmistificar alguns equívocos poderiam ser fomentadas a partir de Políticas Linguísticas. Por outro lado, temos também o privilégio de ser o primeiro país a implantar um curso de graduação de formação de professores de LS⁹¹. Também, como fruto do árduo trabalho da comunidade surda nacional em prol de equidade social, a categoria dos Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais é reconhecida, e a sua atuação é a garantia mínima de acessibilidade linguística para quem depende desse tipo de serviço. São esforços mútuos que resultam em vitórias para toda a comunidade surda nacional, resguardados por diferentes manifestos em benefício dos direitos humanos das pessoas surdas e da comprovação da independência e do protagonismo da pessoa surda num país majoritariamente de pessoas não surdas.

Na seção a seguir, percorreremos o desenvolvimento metodológico, na Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso, a fim de apresentar as categorias de análise, que organizam os *corpora* em macrorregião e microrregião de análise.

⁹¹ Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/205-1349433645/5871-sp-245681699#:~:text=C%C3%B3digo%20para%20do%20Twitter.,sinais%20\(libras\)%20no%20pa%C3%ADs.](http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/205-1349433645/5871-sp-245681699#:~:text=C%C3%B3digo%20para%20do%20Twitter.,sinais%20(libras)%20no%20pa%C3%ADs.) Acesso em: 12 mar. 2024.

4 OS PROCEDIMENTOS: PERCURSO METODOLÓGICO

Nesta seção, demonstramos as etapas da construção desta pesquisa, cujo pilar se concentra na ACD, pelo viés da ASCD. Vinculado à linha de pesquisa Estudos do Discurso, na área dos Estudos Linguísticos, do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), este trabalho visa a trazer uma análise das múltiplas representações dos atores sociais nos discursos oposicionistas entre membros politizados da comunidade surda brasileira em direita e esquerda entre os anos de 2021 ao primeiro bimestre de 2023, concretizados no espaço midiático.

A análise sociodiscursiva estará, concomitantemente, enviesada aos pressupostos teóricos da LSF, no âmbito da GSF, alicerçada nos estudos de Halliday (1985, 1994), Halliday e Hassan (1989), Halliday e Mathiessen (2004) e assentada pelos demais estudiosos que fomentam o campo de pesquisa, entre eles: Martin e White (2005), Almeida e Vian Jr. (2010), Pedrosa (2012, 2016), Damaceno (2013), Abella (2017) e Cunha (2021).

A construção desta tese está embasada na pesquisa qualitativo-interpretativa, configurando-se numa Análise Discursiva Textualmente Orientada (ADTO), em que nos apropriamos dos pressupostos da ASCD (Pedrosa, 2012, 2013) em consonância com a representação dos atores sociais (Van Leeuwen, 1998, 2008) e os modos de operação ideológica (Thompson, 2011), para identificar a construção discursiva a partir da inter-relação do ator social em seu contexto de situação. Os objetivos que impulsionaram a investigação e o modo como foram executados, à luz da análise linguística e sociodiscursiva, estarão detalhadamente apresentados. A geração dos *corpora*, através dos filtros que organizamos, leva-nos às teorias acionadas.

Para analisar os conflitos ideológicos (Thompson, 2011) que se materializam em discursos oposicionistas entre membros politizados da comunidade surda da direita e da esquerda no *Instagram* e no *Facebook*, transdisciplinarmente, em consonância com os Estudos Surdos e com os Estudos Decoloniais, a ACD evoca, analiticamente, diálogos e reflexões acerca da forma como a linguagem se manifesta em práticas sociais multifacetadas. Nessa busca teórica e metodológica para o desenvolvimento desta tese, entendemos que, na área de estudo em questão, para a obtenção de dados, não existe uma única forma específica de análise; assim, como procedimentos metodológicos para as análises dos dados, seguimos os seguintes critérios: seleção de dados; primeiras análises – identificação dos indicadores para conceitos; atribuição das categorias de análise aos conceitos e comparação de novos dados com base nos primeiros resultados.

Essa abordagem nos permitirá lançar luz ao papel do sujeito social (Pedrosa, 2012), agente (Van Leeuwen, 2008) transformador de si mesmo. Ressaltamos que esse caminho de pesquisa (Pedrosa, 2013) deu origem às propostas para as etapas da pesquisa (Cunha, 2021). Eis o porquê de o caráter transdisciplinar de pesquisas de cunho crítico configurar um profundo espaço para diálogos reflexivos a respeito dos problemas sociais na contemporaneidade. Sempre há possibilidades de colaborações em pesquisas distintas, que endossam a importância da área. Em nossa pesquisa, também há essa mesma pretensão: apresentar ao mundo como as arenas discursivas envolvendo contextos nos quais membros da comunidade surda no Brasil cooperam para a difusão da ACD.

A partir de um quadro propositivo, instrutivo e reflexivo, Cunha (2021) sugere algumas etapas para a elaboração de uma pesquisa em ACD, oportunizando um olhar preliminar para os fatos a serem consultados, transformando-os, posteriormente, em objetos para análises. Desse modo, é oportuno apresentarmos o trajeto para as etapas que configuram os critérios de teorização, geração e análise dos dados por nós utilizados. Para tanto, elaboramos o Quadro 17:

Quadro 17 - Etapas para o desenvolvimento da pesquisa

Propostas para a pesquisa		
1ª Etapa: Produzir reflexões preliminares		Explicações
1.	Decidir sobre a escolha da pesquisa crítica a ser desenvolvida	A decisão se justifica pela concentração ínfima de pesquisas de cunho crítico, no cenário nacional, envolvendo pessoas surdas como grupo subalternizado. Todavia, o desejo de contribuir com o campo de estudos em ACD nos impulsionou para as análises da transformação social que a comunidade surda brasileira atravessa nos dias atuais.
2.	Definir um problema social a ser investigado, relacionado à abordagem crítico-discursiva	Na contemporaneidade, a tensão política oportuniza uma investigação sobre a realidade histórica dos Surdos a fim de compreender o porquê dos discursos oposicionistas nas redes sociais. Trata-se de problemas reais, sérios, nos quais a linguagem está no centro das discussões.
3.	Relacionar as razões pelas quais o problema social em estudo corrobora a conjuntura engendrada	Refletir sobre as causas que interferem para o problema social nos leva também ao pensamento de como superar tais obstáculos na busca desenfreada para entender quem são os causadores e quais os motivos para tamanho desconforto. Se esses conflitos afetam o campo cultural e social (Cunha, 2021), seja em vídeos em Libras ou em textos escritos nos comentários das postagens ou em <i>lives</i> , por meio da LP/L2, na modalidade escrita, o fato é que membros politizados da comunidade surda se encontram divididos politicamente e se “atacam” constantemente por meio das redes sociais.
4.	Formular hipóteses e inquietações	Concebemos que todo pesquisador busca colaborar com a questão social em estudo. Desse modo, as inquietações são instrumentos motivadores para compreender o problema social; questões que causem dúvidas sobre como entender o assunto ou um campo teórico (Cunha, 2021).
5.	Propor objetivos para a pesquisa	Momento que carrega uma carga responsiva no tocante a que os objetivos (geral e específicos) corroborem a questão social investigada. É nesse momento que o pesquisador, com clareza e exatidão, compreenderá qual o seu papel e quais resultados poderão ou não contribuir (Cunha, 2021). Por esse motivo, entendemos que nossa pesquisa, apoiada nos postulados da ACD, em consonância com a LSF e com os Estudos Surdos, permitirá uma imersão na

		forma como a prática social da linguagem utilizada em redes sociais pelos surdos nos leva a entender como a comunidade surda se encontra polarizada politicamente nos dias atuais.
2ª Etapa: Pré-análise		Explicações
6.	Definir estratégias	O agrupamento dos dados gerados para que sejam respondidas as hipóteses e as inquietações da pesquisa é uma etapa forte para o pesquisador, pois é nesse momento que a forma de selecionar os dados deverá estar definida. Quanto mais plausível, simples e de fácil acesso, mais os <i>corpora</i> colaboram para as análises. Essa etapa é um momento importante para a elaboração da pesquisa dada a carga de informações que encontramos nas redes sociais. Basicamente, o período ou o recorte do tempo envolvendo o contexto político escolhido para a coleta serve como pilar para o desenvolvimento metodológico desta pesquisa em ACD/LSF, em diálogo com os Estudos Surdos.
7.	Identificar interfaces	Identificação dos aspectos conceituais a serem trabalhados, quais diálogos transversais estarão presentes no corpo do texto. Justamente por se tratar de um campo de estudo transdisciplinar, a ACD permite essa fusão com diferentes campos, conceitos e autores (Cunha, 2021). Indiscutivelmente, envolver a ACD/LSF com a Sociologia, os postulados da ASCD, por meio da Comunicação para Mudança Social, os Estudos Decoloniais e os Estudos Surdos possibilita um hibridismo, levando-nos a enxergar lacunas a serem preenchidas, em prol de uma melhor intervenção teórica e prática em pesquisas que ainda não fazem parte da abordagem da qual partilhamos.
Propostas para a pesquisa		
2ª Etapa: Pré-análise		Explicações
8.	Selecionar categorias	Conforme a prática social da linguagem a ser observada analiticamente, as categorias viabilizam a versão que atenda às expectativas do pesquisador. Distanciando-se de uma pesquisa pautada na Gramática Tradicional (GT), nossa investigação dialoga com a GSF, e as categorias escolhidas contribuem para a compreensão social e discursiva do texto observado. Dessa forma, em nossas análises, as categorias que se aproximam dos <i>corpora</i> desta pesquisa são: atores sociais (Van Leeuwen, 2008), modos de operação ideológica (Thompson, 2011), engajamento, heteroglossia, atitude (Martin; White, 2005) e Comunicação para a Mudança Social (Pedrosa, 2012, 2013; Bajoit, 2012).
3ª Etapa: Análise		Explicações
9.	Identificar os sentidos na questão social analisada	Na seção destinada às análises e aos resultados, os dados precisam ser interpretados conforme os conceitos teóricos (que evidenciem a luta ideológica nas esferas sociais, educacionais, linguístico-culturais, os preconceitos) demonstrados nas análises.
10.	Conduzir a discursividade à sua materialidade	Sendo uma pesquisa qualitativo-interpretativista, na qual analisamos textos escritos por membros politizados da comunidade surda, entendemos que essa parte endossa a importância de conhecer o jeito simplificado que alguns Surdos ⁹² utilizam na escrita em LP/L2 e em LP; afinal de contas, os <i>corpora</i> envolvem fragmentos de discursos de pessoas surdas alfabetizadas em L2, sendo tais fragmentos aspectos semióticos e gêneros discursivos; a GSF se pauta no uso e nas práticas sociais da linguagem, e é por esse motivo que será acionada através dos recortes transcritos dos eventos discursivos no período de 2021, 2022 e primeiro bimestre de 2023, sendo esses eventos responsáveis pela geração das postagens e dos comentários nas redes sociais (<i>Instagram</i> e <i>Facebook</i>).
11.	Estabelecer diálogos	O aporte teórico da pesquisa dialoga com a ACD, a ASCD, a GSF e com as categorias dos atores sociais (Van Leeuwen, 1997, 2008) e os modos de operação ideológica (Thompson, 2009, 2011). É indispensável que o sentido das teorias apresentadas esteja imbricado com os dados analisados, justificando a sua utilidade.
4ª Etapa: Pós-análise		Explicações

⁹² Conforme explicado anteriormente, utilizamos a inicial maiúscula (Surdos) em referência às pessoas surdas politizadas, para as quais a LS, a Identidade Surda e a Cultura Surda fazem parte do orgulho surdo de ser.

12.	Reflexões finais	Aqui é importante apresentar que o trabalho contribui para a questão da mudança social estudada e como a teoria colabora para trabalhos posteriores destinados aos Estudos Surdos e à ASCD. Aspectos a serem pontuados nas análises de conclusão.
-----	------------------	---

Fonte: Elaborado pelo pesquisador com base em Cunha (2021).

A respeito do Quadro 17, enquanto pesquisadores, interessa-nos que o leitor compreenda a razão pela qual destacamos o problema social a ser pesquisado (Cunha, 2021). Entendemos que, a partir dessas etapas, conseguiremos conduzir o leitor às tensões discursivas e, principalmente, a perceber como a polarização política-ideológica entre membros politizados que compõem a comunidade surda brasileira pode ser compreendida através da representação dos atores sociais por meio das análises discursivas.

A seguir, teceremos considerações a respeito do caráter metodológico da pesquisa e apresentaremos o arcabouço teórico-metodológico para compreender as etapas dispostas anteriormente, lembrando que o caráter transdisciplinar da ACD possibilita o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativo-interpretativista.

4.1 A PESQUISA QUALITATIVO-INTERPRETATIVISTA

Centrada na qualidade da pesquisa, a pesquisa qualitativa é uma modalidade que nos possibilita examinar uma grande variedade de aspectos do processo social, a vida diária dos envolvidos, o significado e o imaginário dos participantes, de acordo com as vivências de cada um (Magalhães; Martins; Resende, 2017).

Preocupados em trazer vozes de grupos subalternizados na contemporaneidade e que, de alguma forma, sofrem diretamente alguma mudança social, dialogamos com as ideias de Cristine Gorski Severo (2013) ao denominar pessoas surdas como “minoritarizadas”⁹³, como pessoas que pertencem a uma comunidade linguística e que vivem em paralelo às pessoas ouvintes, grupo majoritário, e sofrem diretamente com os estigmas sociais. Nesses termos, a comunidade surda é caracterizada como um grupo minoritarizado (Severo, 2013), usuário de uma língua com modalidade de comunicação e expressão própria, subalternizada, a depender da perspectiva; toda luta e os movimentos desse grupo/comunidade têm sido em benefício da acessibilidade linguística. Nesse sentido, haja vista que a ACD abarca diferentes enfoques (Pedrosa, 2012), e, nas palavras de Silva (2017, p. 84), “considerar os sujeitos localizados histórica e socialmente e sua rede de práticas à medida em que elas representam ações políticas

⁹³ Distanciando-os da ideia de minoria social.

com repercussões para a vida social”, esse tipo de pesquisa permite ao pesquisador uma postura empática com o problema social investigado, colaborando com intervenções que visem a reduzir injustiças e desigualdades sociais (Pardo, 2015).

A motivação político-cultural, pertinente ao objeto de estudo, nos leva à solidez de uma metodologia qualitativa; para essa perspectiva, os diversos métodos podem ser desenrolados do início ao fim, com procedimentos e técnicas específicas para a análise do objeto (Pardo, 2015). Concordamos que a metodologia adotada para uma pesquisa em ACD consiste em vários planos e cada um deles exige realizar um certo número de seleções.

O caráter interpretativista da pesquisa qualitativa descortina diversos métodos para se analisar um objeto e a maneira como as pessoas se expressam espontaneamente (Pardo, 2015, p. 272-273) para protagonizar pontos de vista que importam a elas, o que nos leva também a argumentos do ponto de vista contrário. Essas características contribuem para a investigação proposta nesta pesquisa, e, como exposto, a variedade de aspectos do processo social coaduna o interpretativismo a partir do jeito de se expressar, seja pela linguagem escrita ou sinalizada⁹⁴ (Magalhães; Martins; Resende, 2017).

Cunha (2021, p. 58) acrescenta que, para esse viés interpretativista (Prodanov; Freitas, 2013; Flick, 2007; Martins; Resende, 2017; Santos, 2022), a pesquisa qualitativa visa “a qualidade e não a quantidade de dados; discussão do contexto social específico; a base fenomenológica subjetivista e interativa; o caráter indutivo de hipóteses; pesquisa de base aplicada; multiplicidade de métodos”.

A pesquisa qualitativo-interpretativista dialoga com a transdisciplinaridade da ACD por causa do foco da análise textual com a mediação textual da vida social contemporânea. Sendo assim, a ADTO permeia os *corpora* e viabiliza entendermos a pesquisa discursiva, social e linguisticamente pela forma como somos interpelados pelos textos diariamente; isso inclui a fala, a escrita, o contexto de comunicação virtual pelas novas tecnologias e, lógico, o contexto envolvendo a sinalização em Libras.

Acrescentando essas informações, Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 33) nos levam ao entendimento de que a metodologia contribui para o estudo textual-discursivo junto à crítica social. Com isso, diante do contexto político e social exposto, na comunidade surda polarizada ideologicamente, há um problema social em que os que lidam com essa especificidade (educação de surdos) nunca presenciaram tamanha mobilização. Aproveitamos o ensejo para dar voz às palavras de Wodak (2009, p. 7) quando menciona que o debate crítico

⁹⁴ LP na modalidade escrita por pessoas surdas; ao mesmo tempo que representações de atores surdos e ouvintes por meio de vídeos sinalizados em LS.

contribui para reflexões diversas e que os analistas críticos “querem produzir e apresentar conhecimento crítico que capacite os seres humanos a emanciparem-se de formas de dominação mediante a autorreflexão”.

A situação política brasileira suscita em seus compatriotas discussões acaloradas, relacionadas a diversos aspectos da vida social. Cabe uma interpretação dos fatos para entendermos a razão pela qual a mudança social provoca ruptura ideológica e comportamental. Conforme Magalhães, Martins e Resende (2017), os elementos textuais são entendidos como argumentos para uma interpretação da prática social. Portanto, as análises de cunho léxico-gramatical e semântico (Cruz, 2015) dos comentários agressivos – postados e comentados entre membros politizados da comunidade surda no *Instagram* e no *Facebook* – se materializam como artefatos para o estudo do processo social, integrados à categoria de análise específica (mais adiante explanaremos a respeito disso). Para a aplicabilidade desta pesquisa, formulamos questões acerca da problemática evidenciada e buscaremos respostas que possam contribuir ainda mais com pesquisas em ASCD.

4.2 QUESTÕES DE PESQUISA

As inquietudes que fundamentam nossa pesquisa surgiram a partir dos discursos polarizados entre os membros da comunidade surda na contemporaneidade. Durante anos Surdos e não-surdos, membros politizados da comunidade surda brasileira, caminharam juntos em defesa dos direitos da pessoa com necessidades especiais e educacionais. Sendo os Surdos um grupo em situação de vulnerabilidade social, a luta por visibilidade atraía também pessoas não-surdas (familiares, professores, intérpretes, amigos).

Sabemos que, durante longos anos, a educação de surdos no Brasil não tinha a mesma visibilidade que se tem nos dias atuais; promover a inclusão de pessoas surdas, no sentido de fomentar mecanismos que facilitem a interação social, é indispensável, com base em todos os instrumentos que garantem o desenvolvimento do sujeito surdo, a partir de meios acessíveis, instrumentos legais, construindo caminhos que o tornem partícipe do processo político, cultural e educacional, usando tais benefícios como instrumentos de luta e descolonização. Para Ferraz e Mattos (2014, p. 234), as influências sociais, econômicas e políticas estão “intimamente ligadas aos desafios colocados à sociedade contemporânea”. Visivelmente, identificamos que a comunidade surda se encontra dividida politicamente, e o reflexo dessa cisão é evidenciado também nas redes sociais, bombardeadas constantemente com discussões políticas, regidas por forte linguagem de violência, entre direita e esquerda, entre o período de 2021, 2022 e 2023/1.

Daí surgiu nossa percepção a respeito do ineditismo que o contexto político influenciou na comunidade surda brasileira. A polarização entre grupos de direita e esquerda nos levou à formulação da seguinte pergunta: por quais motivos surgiu a instabilidade social entre membros politizados da comunidade surda no contexto da polarização política instalada no Brasil durante o governo do ex-Presidente Jair M. Bolsonaro? Notamos, então, a materialização de discursos de teor político-ideológico, acrescidos de ofensas pejorativas dirigidas a ambos os grupos, especificamente às questões de cunho identitário e linguístico para os Surdos. Esse percurso nos conduziu à formulação das seguintes questões:

1. Através das categorias do subsistema heteroglossia, do sistema Avaliatividade, como podemos testificar o atravessamento de vozes no espaço dialógico dos eventos discursivos polarizados?
2. Quais aspectos sociais podem ser evidenciados, conforme a teoria da Comunicação para a Mudança Social, pelos atores sociais politizados da comunidade surda brasileira diante da tensão político-ideológica?
3. Como os modos de operação ideológica são constituídos discursivamente em discursos político-ideológicos de membros politizados da comunidade surda brasileira?
4. Como poderíamos aproximar a pessoa surda, enquanto leitor, às questões basilares da ACD para interligação dos fatos desenvolvidos nesta pesquisa?

4.3 OBJETIVOS

Logo após a formulação das questões basilares, direcionamos os objetivos às questões de pesquisa. Todos eles se centram em pressupostos teóricos, metodológicos e analíticos. Buscamos analisar a participação da comunidade surda brasileira no contexto político nacional através dos objetivos.

4.3.1 Objetivo geral

Analisar as múltiplas representações dos atores sociais, membros politizados, nos discursos opositoristas que testificam a cisão político-ideológica entre os membros da comunidade surda em direita e esquerda entre os anos de 2021 ao primeiro bimestre de 2023, concretizadas no espaço midiático.

4.3.2 Objetivos específicos⁹⁵

A fim de direcionar adequadamente os processos da investigação, elencamos nossos objetivos específicos para responder à inquietação de investigar como as representações discursivas são efetivadas pelos discursos atravessados pela instabilidade social instaurada na comunidade surda devido à luta político-ideológica, uma vez que os embates sociais que a comunidade surda no Brasil compartilhava durante anos envolviam respeito à Libras e Políticas Linguísticas (PL).

Buscamos desvelar como os discursos estão envolvidos em componentes políticos e ideológicos. Em outras palavras, acionamos nossas análises com os recursos do subsistema engajamento (categorias da heteroglossia: com as subcategorias expansão dialógica e contração dialógica) e, secundariamente, com o subsistema atitude (apreciação, afeto e julgamento), assim como as representações dos Atores Sociais e os modos de operação ideológica, pois essas categorias são de extrema importância para submergirmos nos estratos sociais estruturantes na sociedade excludente e entendermos todos os fatores que ocasionaram a mudança social na trajetória dos movimentos sociais dos Surdos no Brasil, uma vez que os movimentos surdos no Brasil eram em prol de PL. Assim sendo, formulamos nossos objetivos específicos da seguinte forma:

- a) analisar linguisticamente, pelo viés da Linguística Sistêmico-Funcional, como as postagens e os comentários legitimam a polarização política-ideológica;
- b) demonstrar como a representação dos Atores Sociais permeia a relação conflituosa no espaço dialógico das arenas discursivas oposicionistas;
- c) identificar como os modos de operação ideológica refletem relações assimétricas envolvendo discurso, poder e hegemonia na polarização política-ideológica;
- d) oferecer um aprofundamento teórico dos aspectos conceituais atrelados à temática desta tese, entre eles: polarização, pessoas politizadas e comunidade surda.

Além de todo o percurso traçado para o desenvolvimento desta pesquisa, pretendemos contribuir com a área da ACD ofertando um glossário bilíngue, Português - Língua Brasileira de Sinais (Libras), como fruto do desenvolvimento da pesquisa, acessibilizando os principais



termos, sinalizados em Libras, com os conceitos legendados em Português e escrito em *Signwriting* (SW), abrindo espaço para que leitores Surdos se aproximem do nosso objeto de trabalho.

Essa escrita (SW) é um recurso didático-metodológico nos Estudos Surdos para o ensino de Línguas de Sinais (LS) como primeira língua para pessoas surdas, e também como segunda língua para pessoas não surdas. Desde o século XIX, educadores Surdos e não-surdos priorizavam o modo natural de comunicação e expressão dos Surdos. A respeito da criação de glossários, dicionários bilíngues, pesquisas que envolvam conceituações, e por envolver os Estudos Lexicográficos, Castro Júnior *et al.* (2022, p. 9) nos conduz aos cuidados que precisamos ter ao propor um acervo em Libras em diferentes contextos.

É necessário ter preocupação e cuidado com as diversas publicações em andamento e futuras. Especialmente, quando se precisa utilizar um sinal-termo adequadamente e este parece faltar no repertório disponível e o profissional sinalizante de língua de sinais propõe a criação de sinais na Libras, que, muitas vezes, ocorre de forma desordenada. Algumas inovações da língua de sinais, como os empréstimos linguísticos e ou neo-sinais-termo, devem fazer uso da base paramétrica e das condições paramétricas de sinalização de um sinal-termo já conhecido, para que um novo vocábulo siga as condições da língua para a formação de novos sinais-termo. Lembre-se que é sempre possível ampliar o léxico ou substituir algum.

Conforme o exposto, essa iniciativa trata-se de uma contribuição para a área dos estudos em Análise Crítica do Discurso dos principais termos, num diálogo transdisciplinar com os aspectos conceituais que incidiram para o desenvolvimento desta pesquisa, traduzidos para o referido sistema de escrita de sinais (*Signwriting*).

Salientamos que esse objetivo transversal não se assenta diretamente nos princípios lexicográficos, uma vez que não estamos criando e nem formando sinais-termos, porém essa iniciativa visa contribuir para que futuros trabalhos desenvolvam-se nesse viés de ensinar a “ler corretamente as obras lexicográficas” e que as definições dos sinais-termos estejam dentro do princípio da “definição sob as mais diversas perspectivas” (Castro Júnior *et al.*, 2022, p. 8).

Sistematizando os porquês do desenvolvimento da tese, para visualizar de modo amplo, apresentamos, no Quadro 18, as questões de pesquisa em consonância com os objetivos específicos:

Quadro 18 - Questões de pesquisa e objetivos específicos

Questões de pesquisa		Objetivos específicos	
1.	Através das categorias do subsistema heteroglossia do sistema Avaliatividade, como podemos testificar o atravessamento	a)	analisar linguisticamente, pelo viés da Linguística Sistêmico-Funcional, como as postagens e os comentários legitimam a polarização política-ideológica;

	de vozes no espaço dialógico dos eventos discursivos polarizados?		
2.	Quais aspectos sociais podem ser evidenciados, conforme a teoria da Comunicação para a Mudança Social, pelos atores sociais politizados da comunidade surda brasileira diante da tensão político-ideológica?	b)	demonstrar como a representação dos Atores Sociais permeia a relação conflituosa no espaço dialógico das arenas discursivas oposicionistas;
3.	Como os modos de operação ideológica são constituídos discursivamente em discursos político-ideológicos de membros politizados da comunidade surda brasileira?	c)	identificar como os modos de operação ideológica refletem relações assimétricas envolvendo discurso, poder e hegemonia na polarização;
4.	Como poderíamos aproximar a pessoa surda, enquanto leitor, às questões basilares da ACD para interligação dos fatos desenvolvidos nesta pesquisa?	d)	oferecer um aprofundamento teórico dos aspectos conceituais atrelados à temática desta tese, entre eles: polarização, pessoas politizadas e comunidade surda.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Acreditamos que esse procedimento metodológico canalizará o ponto central desta pesquisa no que concerne às escolhas lexicais dos envolvidos nessa arena discursiva polarizada. Em cada um dos aspectos metodológicos envolvidos para o desenvolvimento da pesquisa, teremos condições de analisar paulatinamente, por meio dos epítetos nas postagens e nos comentários, onde se concentra o comportamento atitudinal do ator social surdo e não surdo durante os embates discursivos.

4.4 DELIMITAÇÃO DOS *CORPORA*

Os *corpora* da pesquisa são constituídos de sete postagens, envolvendo eventos discursivos diversos, retiradas das plataformas digitais *Facebook* e *Instagram*. Apresentamos, a seguir, as razões e os critérios de escolha.

Como dissemos, os eventos discursivos que possibilitaram a seleção dos *corpora* são fatos que afetam diretamente a importância da Libras, da cultura e da identidade, além de questões políticas e ideológicas. São questões que ocupam um espaço significativo para a comunidade surda nacional. As postagens e os comentários se vinculam ao período de 2021, 2022 e 2023/1.

Conforme apontamos, uma parte das análises trata de questões que envolvem a importância da língua para a comunidade surda. Os eventos discursivos de 1 a 3 envolvem questões ligadas à Libras; os demais (4 a 7) estão atrelados às questões político-ideológicas que suscitaram discursos oposicionistas. Nesse quesito, temos como exemplo:

Quadro 19 - Conteúdos dos eventos discursivos

Ordem	Conteúdos
1º	Evento esportivo em que o comportamento e a atitude do TILSP, em nossa opinião, envergonham o papel que ele ocupa. As análises partem das postagens e dos comentários a respeito de o TILSP omitir informações na interpretação do discurso do ex-presidente num evento esportivo, além da polêmica sobre o local ideal para interpretação de Libras num comício com o palanque lotado em Brasília.
2º	Extinção de uma diretoria que compunha a pasta da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi), do MEC, que tratava de questões voltadas para a educação bilíngue para Surdos.
3º	Tratamento capacitista do ex-Presidente Bolsonaro num evento esportivo para Surdos.
4º	Comentários oposicionistas envolvendo desprestígio aos membros da esquerda numa <i>live</i> com o ex-parlamentar Jean Wilys abordando o retorno da ex-Presidenta Dilma Rousseff ao cenário político nacional.
5º	Discurso sobre a ineficácia da vacina a partir da postagem de um vídeo em Libras de uma influente professora surda da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
6º	Reportagem da revista <i>Isto é</i> sobre expressões faciais e corporais dos TILSP.
7º	Comentários a partir de questões ideológicas e religiosas.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Assim, somam-se sete postagens, com dois módulos diferentes, em que todos os eventos discursivos envolvidos refletem discursos polarizados (oposicionistas). No tocante à seleção dos discursos político-ideológicos, iniciamos com a busca por adjuntos circunstanciais, epítetos, contexto e expressões depreciativas (gado, esquerdopatas, burro, cego, luladrão, bolsosurdesminions, amiga da onça, mamata de Bolsonaro, puxa-saco, nojo, robôs do ódio, orelhuda...), além de epítetos e atributos ofensivos inseridos nos contextos de discussão atribuídos a ambos os lados (hipócrita, safado, vaca, palhaço, idiotas, bandidos, hipócritas, anticristo, Hitler). A partir desse primeiro mapeamento, tivemos acesso a uma gama de postagens (vídeos, *lives* e comentários), as quais submetemos a uma segunda triagem, buscando selecionar quais delas configuravam discursos oposicionistas (Thompson, 2011) entre membros politizados da comunidade surda da direita e da esquerda política, uma série de representações dos Atores Sociais envoltos nas postagens e nos comentários.

Salientamos que os discursos polarizados (Van Dijk, 2012) a favor do governo e contra o governo representam os aspectos centrais das análises, uma vez que as falas capacitistas e o comportamento antiético para com a Libras advêm do próprio ex-presidente; em conformidade com isso, a postura do ator social, o(a) Tradutor(a) Intérprete de Língua de Sinais e Português (TILSP) que o acompanhava em todos os pronunciamentos, comícios e *lives*, foi determinante para a valorização das pessoas surdas no país. Ou seja, sem que se fizesse algo para alertá-lo a respeito das especificidades que caracterizam o povo surdo, as falas, as piadas, as brincadeiras

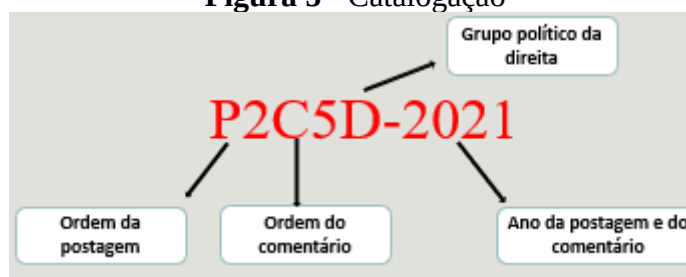
com gestos, as escolhas lexicais e as omissões do TILSP se tornaram preponderantes para os posicionamentos dos atores sociais em favor do respeito à língua e da valorização da cultura e da identidade surdas.

Ao passo que conseguimos estruturar esses critérios de mapeamento, amadurecemos a definição das categorias sociodiscursivas nas suas interfaces com os assuntos analisados, numa perspectiva macro e com microrregiões, observando, em uma análise prévia (Quadro 20), a presença de tais categorias em alguns discursos, em conformidade com os diálogos selecionados. Ressaltamos que o aporte teórico, por vezes, precisou ser reformulado devido às configurações dos *corpora*. Desse modo, considerando o ineditismo que a polarização político-ideológica influenciou no comportamento dos membros politizados da comunidade surda brasileira, foi mais sensata a escolha do sistema Avaliatividade, subsistema heteroglossia, na perspectiva da LSF, modos de operação ideológica (Thompson, 2011) e as representações dos atores sociais (Van Leeuwen, 1997, 2008), devido ao espaço dialógico reproduzido nas tensões discursivas e por essas categorias evidenciarem o aspecto interpessoal da interação dos sujeitos. A seguir, esquematizamos as escolhas dos eventos discursivos⁹⁶ que configuram os *corpora*.

4.4.1 Organização e sistematização: catalogação

Tratamos de eventos discursivos que permitem uma análise de cunho linguístico, discursivo e social. Para a catalogação (codificação) dos *corpora*, utilizamos o seguinte esquema: para cada postagem (P), atribuímos comentários (C), podendo estes ser de membros da direita (D) ou da esquerda (E) política. Todos os fragmentos discursivos analisados fazem parte de um contexto específico, envolvendo a polarização político-ideológica entre direita e esquerda, realizados nos seus respectivos eventos discursivos. A seguir, apresentamos um exemplo de como se organiza a codificação para as análises linguística e sociodiscursiva.

Figura 5 - Catalogação



⁹⁶ As imagens utilizadas para exemplificar a esquematização dos dois módulos encontram-se na seção destinada às análises, com todas elas – as imagens – referenciadas nas respectivas fontes.

Fonte: Exemplo de uma postagem e um comentário codificado elaborado pelo pesquisador (2023).

À medida que selecionamos os comentários, atribuímos informações referentes a: ordem da postagem; número do comentário, podendo estar atribuído à direita ou à esquerda; ano. Neste caso, a figura acima representa um exemplo da Postagem 2 (P2), acompanhado do quinto comentário (C5), sendo esse comentário de um membro da direita política (D) no ano de 2021. Ainda, a fim de classificar os tipos de eventos discursivos, encaixamos as postagens em dois módulos: 1) eventos discursivos que afetam questões ligadas à Libras e às pessoas surdas; 2) eventos discursivos que retratam assuntos influenciados pelo governo do ex-Presidente Bolsonaro em questões político-ideológicas que suscitaram discursos oposicionistas.

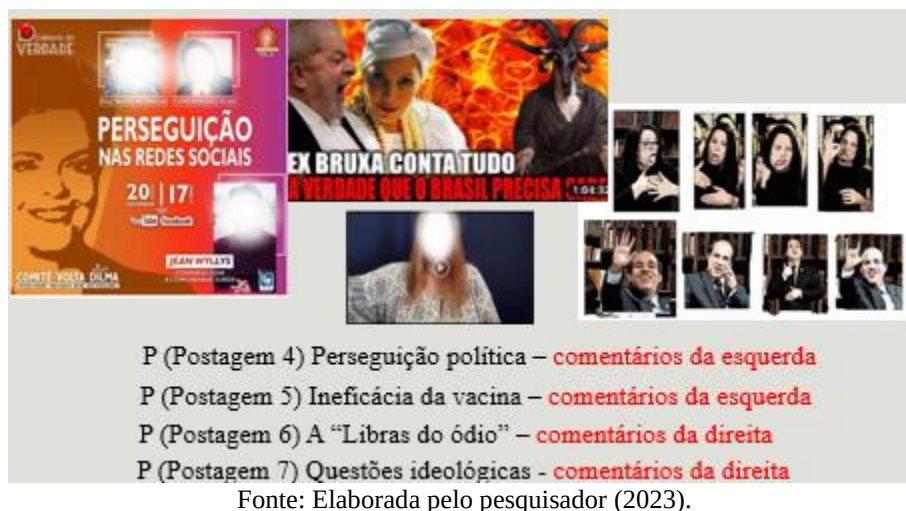
Imagem 1 - Módulo 1



Fonte: Elaborada pelo pesquisador (2023).

Conforme foi dito, nesse módulo encontram-se postagens e comentários oposicionistas, no contexto político-ideológico, de eventos discursivos que retratam posicionamentos diretos da comunidade surda no tocante à língua, à cultura e à identidade surdas. O outro módulo representa postagens que refletem situações e comportamentos do governo Bolsonaro e que maximizam a polarização entre membros politizados da comunidade surda.

Imagem 2 - Módulo 2



As análises dos discursos dos comentários entre membros politizados da comunidade surda estão organizadas em cada postagem a partir do grupo político. Optamos por seguir essa ordem para equilibrar as análises e também para que a arena discursiva amplificasse os posicionamentos opositoristas de cada postagem. Assim, a P1 e a P2 apresentam comentários heterogêneos, sendo que o próprio contexto de situação (eventos discursivos) provoca essa estrutura mista entre direita e esquerda. As postagens 3, 4 e 5 são comentários oriundos da esquerda política; e as postagens 6 e 7 são dos membros politizados da direita.

Os *corpora* que permitem situar esta tese numa polarização político-ideológica de pessoas politizadas na comunidade surda, nos anos de 2021 e 2022 e no primeiro bimestre de 2023, concentraram-se em perfis de grupos da esquerda (*Instagram*) e perfis da direita (*Facebook* e *Instagram*)⁹⁷. Devido a isso, a formatação de apresentação dos *corpora* será por meio de quadros, textos e imagens. Ressaltamos que os comentários são oriundos de surdos ou não-surdos e que para nossa pesquisa essa diferenciação não entra em evidência, mas sim o contexto discursivo da instabilidade político-ideológica causada pela polarização político-ideológica entre esses membros politizados, assim como os números de seguidores nos perfis não representam critérios para compor os *corpora*. Os perfis dos membros politizados da esquerda estão assim representados:

(i) perfil @cafe.compolitica⁹⁸, organizado pelo professor surdo Valdo Nóbrega. Ele é mestre e trabalha como professor efetivo na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Sua conta

⁹⁷ Ressalta-se que o quantitativo de membros dos perfis das redes sociais não se tornou critério para seleção dos *corpora*. Buscou-se apenas uma equivalência entre a quantidade de perfis de pessoas ou grupos de direita e de esquerda.

⁹⁸ Ver: <https://www.instagram.com/cafe.compolitica/>.

no *Instagram*, atualmente, tem 4.010 seguidores. Por meio de *lives*, *posts* e comentários em publicações diversas, pudemos obter dados para as análises.

(ii) perfil @surdospelademocracia⁹⁹, composto por 2.809 seguidores, organizado por Surdos e não surdos da esquerda política, visa a um espaço democrático em favor dos direitos humanos para os Surdos numa luta direta contra a polarização política.

(iii) O perfil @fakenewslibras¹⁰⁰, composto por 5.222 membros, tem como principal objetivo desmascarar mentiras propagadas nas redes sociais. Organizado por Surdos, esse perfil sempre busca atualizar a comunidade surda com notícias nacionais e internacionais a respeito do que acontece no mundo político e social.

(iv) O perfil @surdoscomlula¹⁰¹, que conta com 4.197 seguidores, tem como principal intuito promover informações sobre as investidas da oposição em desfavor do governo da direita política.

São quatro perfis no *Instagram*, compostos por pessoas surdas e não surdas de diferentes classes sociais, formação acadêmica, e de diferentes lugares. Da mesma forma, optamos por quatro perfis da direita para equilibrar as análises oposicionistas. Os perfis de direita para nossas análises estão assim representados:

(i) perfil no *Facebook* intitulado “Mão Direita”, que contava com 8.923 seguidores¹⁰²;

(ii) perfil fechado intitulado “Reflexões, opiniões e críticas do povo surdo sobre políticas públicas”, grupo do *Facebook*, composto por Surdos e não-surdos; tratava-se de um espaço destinado a informações concernentes à direita política, recompartilhando ideias, informes e pensamentos em comum entre os pares Surdos e não-surdos.

(iii) perfil no *Instagram* @maodireita2021¹⁰³. Criado pelo perfil “Mão direita”; contava com 1.680 seguidores; essas duas contas do referido perfil eram alimentadas semanalmente e compartilhavam informações referentes ao contexto social e político do Brasil e do mundo. No *Instagram*, o grupo @mãodireita contava com 7.615 curtidas e se configurava numa página aberta, que dialogava com pensamentos conservadores ligados ao governo do ex-Presidente Jair Bolsonaro e permitia o acesso das pessoas surdas às informações interpretadas da LP para a Libras em diferentes reportagens veiculadas na mídia nacional. No momento, as duas contas estão desativadas;

⁹⁹ Ver: <https://www.instagram.com/surdospelademocracia/>.

¹⁰⁰ Ver: <https://www.instagram.com/fakenewslibras/>.

¹⁰¹ Ver: <https://www.instagram.com/surdoscomlula/>.

¹⁰² Ver: <https://www.facebook.com/maodireitista/>.

¹⁰³ Ver: <https://www.instagram.com/maodireita2021/>.

(iv) perfil pessoal no *Instagram* da professora surda Priscilla Gaspar¹⁰⁴, ex-secretária da pasta dos direitos da pessoa com deficiência (Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos – Dipebs), do governo do ex-Presidente Jair M. Bolsonaro; conta com pouco mais de 53 mil seguidores e representa um espaço profícuo para a coleta dos dados destinados para as análises.

Conforme foi dito, todos esses critérios de seleção estão agrupados em dois módulos: 1) eventos que envolvem diretamente questões ligadas aos Surdos e à Libras; 2) eventos que tratam da influência do período do governo Bolsonaro. No Quadro 20, a seguir, demonstramos a catalogação do módulo 1:

Quadro 20 - Catalogação do módulo 1

Módulo 1) Pessoas surdas e Língua Brasileira de Sinais							
Postagens (P) Comentários (C)		Ano	Assunto	Comentários selecionados	Total	Plataforma	Página
P1	Comentários mistos da D e da E	2022	Acessibilidade linguística em Libras ¹⁰⁵	10	18	<i>Instagram</i>	144
P2		2023	Extinção da Dipebs	11	17	<i>Instagram</i>	151
P3	Comentários da E	2021	Capacitismo	4	4	<i>Instagram</i>	156

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2023).

Esses critérios se justificam pela busca do equilíbrio das filtragens (codificação) para que sejam evidenciadas as múltiplas representações do ator social engajado heteroglossicamente em discursos político-ideológicos na polarização entre membros politizados da comunidade surda brasileira. A seguir, o Quadro 21 apresenta a catalogação do módulo 2:

Quadro 21 - Catalogação do módulo 2

Módulo 2) Governo Bolsonaro							
Postagens (P) Comentários (C)		Ano	Assunto	Comentários selecionados	Total	Plataforma	Página
P4	Comentários da E	2021	Perseguição política	5	7	<i>Instagram</i>	163
P5		2022	O perigo da desinformação	4	4	<i>Instagram</i>	168
P6	Comentários da D	2021	A “Libras do ódio”	5	5	<i>Instagram</i>	173
P7	Comentários da D	2021	Questões ideológicas	8	11	<i>Facebook</i>	179

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2023).

¹⁰⁴ Ver: <https://www.instagram.com/priscillagasparoficial/>.

¹⁰⁵ Conceituação do papel social dos intérpretes enquanto classe trabalhista nas páginas 112 e 113.

Assim como expusemos no subtópico anterior (4.4.1), para cada comentário inserido dentro dos dois módulos de eventos discursivos, destacamos apenas aqueles acompanhados com epítetos, contextos e/ou expressões lexicais que mapeamos e que legitimam a polarização político-ideológica¹⁰⁶ e nos permitem observar as representações dos atores sociais politizados numa ação avaliativa, seja ela positiva ou negativa. Nesse contexto, buscamos o suporte transversal do subsistema Atitude (afeto, apreciação, julgamento) para ratificar o sentido das escolhas semântico-discursivas do sujeito envolvido.

Disponibilizamos nos Anexos todos os comentários das postagens sequencialmente. Todas as postagens e os comentários são representados pelas transcrições fidedignas dos *posts* e dos comentários dos membros da comunidade surda brasileira, tanto em LP quanto em LP/L2, linguagem escrita de pessoas surdas não alfabetizadas completamente em LP na modalidade escrita. A estrutura lexical das sentenças escritas dessas pessoas se destaca pelas materializações da estrutura interna da Libras, que não se estrutura de forma linear (sujeito-verbo-objeto) como em LP. Sua estrutura interna é simultânea e flexível, composta pelos parâmetros¹⁰⁷ que regulam as línguas de sinais em todo o mundo.

A seguir, discorreremos a respeito das categorias e subcategorias de análise; todas elas estão atreladas, primeiramente, ao subsistema engajamento; de modo secundário, recorreremos às categorias do subsistema atitude para avaliar os recortes das postagens e dos comentários à luz da GSF, considerando também as representações dos atores sociais e os modos de operação ideológica.

4.5 AS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Para o desenvolvimento de uma pesquisa em ACD, observamos uma gama de possibilidades para analisar linguisticamente a forma como a materialidade discursiva produzida pelos falantes de uma dada língua se insere em fenômenos linguísticos. Nesse bojo, leva-se sempre em consideração o **contexto de cultura** no qual “todos os significados” fazem sentido dentro de uma cultura particular, em contextos específicos; no **contexto de situação**, as

¹⁰⁶ Conforme a delimitação dos *corpora*, item 4.4. (gado, esquerdopatas, burro, cego, luladrão, bolsosurdesminions, amiga da onça, mamata de Bolsonaro, puxa-saco, nojo, robôs do ódio, orelhuda...), além de epítetos e atributos ofensivos inseridos nos contextos de discussão atribuídos a ambos os lados (hipócrita, safado, vaca, palhaço, idiotas, bandidos, hipócritas, anticristo, Hitler).

¹⁰⁷ Todas as LS no mundo se estruturam em cinco aspectos diferentes para dar sentido aos sinais e às sentenças sinalizadas: configuração de mão, ponto de articulação, orientação da palma da mão, movimento e expressões não manuais (expressões faciais/corporais).

“características extralinguísticas dos textos influenciam na construção dos diferentes gêneros textuais que os ouvintes, os surdos, os leitores, e os sinalizadores de línguas de sinais usam para identificar e classificar esses gêneros” (Vian Jr., 2017, p. 2).

A dinamicidade que há na prática social da linguagem, nos contextos de cultura e de situação, permite ao falante/sinalizador a exteriorização do seu pensamento, do seu conhecimento de mundo e, nessa interatividade, há criatividade; a língua se reinventa por meio da experiência de cada falante/sinalizador. Para esse hibridismo sociocultural e linguístico, um grande repertório lexical é disponibilizado para os falantes de uma determinada língua. Nessas interações o ato de absorver o conhecimento linguístico, social e cultural permite ao indivíduo, tanto uma pessoa surda quanto uma pessoa não-surda¹⁰⁸, a relação entre o surdo-surdo¹⁰⁹, o leitor e o sinalizador.

No Brasil, pessoas surdas e pessoas não surdas (ouvintes) convivem com duas línguas distintas e não há nenhuma familiaridade no seu modo de produção. Em Libras, a linguagem é produzida a partir de um canal visual e espacial, diferentemente da Língua Portuguesa (LP), cuja produção oral/auditiva está assentada em elementos sonoros. Essa dupla e distinta experiência da forma de produção da linguagem não é e nunca será posta num patamar superior ou inferior do que está representado como língua para ambos os falantes. O surdo jamais deverá ser visto como alguém com ouvido defeituoso e que necessita da LP para ser sociável. A Libras, assim como qualquer LS, é completa e testifica a capacidade inata que o sujeito surdo tem para se desenvolver linguística, cultural, social e politicamente. É nesse lugar que encontramos membros da comunidade surda participando do processo político no Brasil, pessoas que se reconhecem como surdas, que têm na LP a necessidade comunicativa com pessoas surdas e com pessoas não-surdas e que veem na língua de sinais a forma mais confiável de produção de linguagem.

Sendo as pessoas surdas protagonistas de si mesmas, reforçamos a ideia de que elas são representadas como Atores Sociais politizados por serem diretamente responsáveis pela comunicação para a mudança social. Conjecturamos a ideia de as pessoas surdas, em nosso país, serem consideradas grupos em situação de vulnerabilidade social devido à violência linguística que persiste em atrapalhar sua inclusão social. Delineamos o próximo tópico a partir dos estudos que justificam como os Atores Sociais estão representados em análises discursivas como a aqui proposta.

¹⁰⁸ Relação bilíngue entre pessoas surdas (Língua de Sinais) e pessoas não surdas (Línguas Orais).

¹⁰⁹ Relação linguístico-cultural entre pares surdos (falantes de Línguas de Sinais).

4.5.1 A representação dos Atores Sociais

Concentrar pesquisas de ACD em situações que atravessam a vida de pessoas surdas nos leva ao cerne das questões excludentes que afetam esse grupo social. Por causa do nosso papel enquanto pesquisador engajado nas assimetrias que assolam essa minoria, testificamos o protagonismo/posicionamento do sujeito surdo como agente de transformação social. Seja por meio de associações de surdos, por meio do contexto familiar, educacional e/ou religioso, encontramos sempre o mesmo comportamento mobilizador em prol do orgulho de ser surdo. O cenário excludente em que o surdo está inserido na sociedade é aquele tipo de “exclusão que deixa rastros” prejudiciais na representação dos atores sociais (Surdos) e suas atividades (Van Leeuwen, 2008).

Como análise social para o desenvolvimento desta pesquisa, partilhamos como categoria de análise social as representações dos atores sociais, desenvolvida por Van Leeuwen (1998, 2008).¹¹⁰ Esse tipo de categoria dialoga com as especificidades que caracterizam a comunidade surda. Sendo um grupo minoritarizado (Severo, 2013), os Surdos encontram barreiras sociais que contribuem para sua exclusão social. Para quem desconhece as especificidades que caracterizam o sujeito surdo (língua, cultura, identidade), a exclusão não deixa rastros. Muitas vezes, é difícil saber se os atores sociais são reprimidos ou não. Por toda a trajetória histórica das pessoas surdas no mundo, envolvendo lutas por reconhecimento, por respeito aos direitos linguísticos, atribuímos essa concepção teórica dos rastros com os quais a exclusão social afeta os atores sociais surdos, aqueles se reconhecem como diferentes e que buscam igualdade e fortalecimento das suas redes de apoio contra toda forma de poder hegemônico. Nessa categoria, o intuito é verificar os diferentes modos das escolhas lexicais representadas nos discursos para, assim, conseguirmos nos referir às pessoas (Van Leeuwen, 1998).

Diante disso, Van Leeuwen (1998, 2008) desenvolveu um panorama sociodiscursivo em que os atores sociais podem ser caracterizados de acordo com o contexto social em que se inserem. Numa dupla perspectiva, o autor sugere que o ator social esteja inserido na relevância sociológica e crítica de algumas categorias linguísticas, e, nessa conjuntura, essas categorias sejam associadas como “pansemióticas” devido à cultura ou ao contexto não ter sua própria ordem de formas de representação do mundo social, como também, semioticamente, determinar com maior ou menor impacto o que pode ser materializado verbal ou visualmente (Van Leeuwen, 1998).

¹¹⁰ Salientamos que o trabalho que consultamos desenvolvido por Van Leeuwen (1998, 2008) encontra-se em língua inglesa.

Assim, as categorias dos Atores Sociais se interligam a uma rede de sistemas linguísticos que nos permitem adentrar aspectos léxico-gramaticais a partir das escolhas dos adjuntos circunstanciais dos sujeitos durante a prática social; nessa ação, o ator social pode estar incluído ou excluído no processo que envolve o apagamento, a reestruturação e a substituição da consistência linguística. Na categoria Exclusão, há um importante aspecto que serve aos interesses e propósitos, em relação aos leitores, para a compreensão de textos que excluem ou incluem a participação ou a não participação dos atores sociais em contextos de situação ou em contextos de cultura. Acerca desse importante aspecto da exclusão, Van Leeuwen (1998) diz que a supressão permite que o ator social seja excluído sem deixar referência em qualquer parte do texto; todavia, ele se encontra presente em segundo plano, no contexto de situação.

Já na categoria Inclusão, segundo Van Leeuwen (1998), encontra-se grande parte do comprometimento do ator social, pois, dentro desse aspecto, concentra-se grande força política da representação dos atores sociais, haja vista que, nos discursos, as representações e as relações estão distribuídas e não refletem na prática social. A categoria Inclusão, segundo o autor, apresenta os papéis que os atores sociais desempenham na inclusão, representados por três tipos de subsistema: a) os que são representados como “agente” (ator) e como “paciente” (objetivo) em relação a uma determinada ação em que, muitas vezes, podem ser avaliados como baixa estima, subservientes, criminosos ou ruins; b) os que são incluídos de modo “específico” ou “genérico”, influenciados culturalmente, com conotação negativa, ou biologicamente, com estereótipos étnicos; c) os que são incluídos como “indivíduo” ou “grupo”, no caso do grupo, este pode ser conhecido por diferenciação ou homogeneização, podendo resultar na negação dos seus membros e suas características devido às atribuições de uma identidade grupal (Magalhães, 2004).

Van Leeuwen (2008) afirma que, para essa questão, não há congruência entre os papéis que os atores sociais realmente desempenham nas práticas sociais e nos papéis gramaticais que recebem no texto. O autor discorre, ainda, que os Atores Sociais podem ser referidos como indivíduos ou como grupos.

Considerando o grande valor atribuído à individualidade em muitas esferas de nossa sociedade (e o valor atribuído em conformidade com outros casos), essas categorias priorizam o sentido principal de pesquisas em ACD¹¹¹. É nesse viés que tornamos a canalizar nossas análises no(s) perfil(s) de pessoas surdas, diante do cenário excludente que as cerca em todo o âmbito social. Somam-se forças que cooperam para a visibilidade e o reconhecimento de si

¹¹¹ Tradução nossa.

contra as barreiras impostas pela desigualdade; as representações dos Atores Sociais, sempre que possível, suscitam o estabelecimento de relevância sociológica e crítica (Van Leeuwen, 2008).

Para Resende e Ramalho (2006), a representatividade dos Atores Sociais, em seus entrelugares na sociedade, indica seus posicionamentos como forma de estudar a realidade à sua volta; é nesse bojo que entendemos a respeito dos atravessamentos que cruzaram e cruzam a vida das pessoas surdas, tornando-as protagonistas de si mesmas. Conforme apontam as autoras, essa é

[...] uma categoria analítica que pode ser bastante profícua para acessar o significado representacional em textos é a representação dos atores sociais. As formas como os atores são representantes nos textos podem indicar posicionamentos ideológicos em relação a eles e as suas atividades (Resende; Ramalho, 2006, p. 72).

Conforme Damaceno (2013), nessas análises podemos enxergar práticas discursivas atreladas aos posicionamentos ideológicos. Cunha (2021, p. 71) salienta que o conceito envolvendo esse tipo de categoria sociodiscursiva desemboca na necessidade de uma inter-relação com o conceito de identidades, formulado pelo sociólogo Guy Bajoit (2006, 2008, 2009b). Cunha (2021) endossa que o ator social surge a partir da representação social em que esteja inserido; essa inserção resulta na manifestação identitária, no reconhecimento de si, permitindo desempenhar diferentes papéis na sociedade. O ponto é importante para pesquisas em ACD, pois, com o crescente número de situações assimétricas, nas quais as pessoas em situações de vulnerabilidade social estão cada dia mais à margem da sociedade contemporânea, em uma ampla variabilidade de contextos sociais, torna-se cada vez mais pertinente elaborar as mesmas perguntas críticas a respeito de representações. Na seção destinada às análises, aprofundaremos esses conceitos identitários nas representações que as pessoas surdas ocupam na sociedade em período de polarização político-ideológica, de acordo com os *corpora*, no que diz respeito a representações em todas as mídias que fazem parte dos textos multimídia contemporâneos (Van Leeuwen, 2008).

Damaceno (2013) nos ajuda a entender que a relação dos aspectos sociais, na representação dos atores sociais, não está na língua e sim na cultura. No contexto sociocultural das pessoas surdas, conforme sugere a autora, entendemos que a impessoalidade faz sentido de acordo com o “significado” e a representação de “visão de mundo em uma dada cultura” (Damaceno, 2013, p. 104).

Concentrando-se em análises discursivas, sobretudo em lutas contra-hegemônicas, hierárquicas e ideológicas, a ACD é influenciada pela teoria defendida por Van Leeuwen (1998, 2008) quando revela relações “opacas de significados” no discurso, especificamente a linguagem dos atores sociais nos discursos. Há uma probabilidade de que os posicionamentos de atores sociais sejam representados metaforicamente (ou não); contudo, para cada posicionamento é dada sua própria importância sócio-semântica. Segundo Van Leeuwen (1998, p. 170),

Não há uma co-referência exata entre as categorias sociológicas e linguísticas, e se a análise crítica do discurso, ao investigar, por exemplo a representação da agência, se restringir demasiado a operações ou categorias linguísticas específicas, muitos exemplos relevantes de agência poderão ser ignorados

Categorizar análises sociodiscursivas permite o surgimento de possíveis perguntas a respeito da materialidade do discurso, proveniente das escolhas lexicais. Os agentes dos processos verbais são representados pessoal ou impessoalmente, individual ou coletivamente, sendo atribuído ao enunciador o caráter de ator social pelo fato de o discurso estar em referência à sua pessoa ou ao seu enunciado, sem privilegiar nenhuma das escolhas dos constituintes predicativos de uma frase no discurso e sem privilegiar o contexto ou os contextos em que um ou outro tende a ocorrer mais normativo que outros. Para as representações dos Atores Sociais, priorizam-se escolhas representacionais associadas a realizações linguísticas ou discursivas específicas. Vale lembrar que Van Leeuwen (2008) atribui seu maior interesse por categorias sociológicas (nomeação, agência) em vez de categorias linguísticas.

A teoria dos Atores Sociais (Van Leeuwen, 1998, 2008) é sustentada pelos pressupostos da LSF, concentrando-se nos estudos da “metafunção ideacional” (Halliday, 1985). Cunha (2021) compreende que a LSF corresponde a uma teoria da linguagem complexa. Ela abarca categorias que norteiam (ou suleiam, conforme o contexto decolonial) analiticamente as diversas interações de que o usuário de uma língua usufrui, conforme seu repertório lexical e seu contexto social. As categorias para as análises são classificadas por meio da GSF, que permite a materialização linguística das lexias utilizadas no discurso.

Assim sendo, o caminho metodológico do sistema Avaliatividade corrobora os subsistemas (prioritariamente o engajamento, e secundariamente a atitude), apontando o fenômeno discursivo nas análises dos *corpora*. Desse modo, as etapas metodológicas referendam nossos objetivos aos critérios de uma análise crítica. Como exposto anteriormente nos objetivos, os subsistemas escolhidos, em diálogo com as representações dos atores sociais,

justificam-se pela forma de expressar e avaliar sentimentos e pelas vozes que atravessam os discursos. Entendemos que essa junção categórica nos possibilita revelar os posicionamentos e os engajamentos dos membros da comunidade surda brasileira, representada pelos atores sociais surdos, testificando que, ainda que a sociedade não priorize meios inclusivos para quem carece, esses rastros excludentes não serão suficientes para acomodar e neutralizar a pessoa surda diante de alguma mudança social. A seguir, desenvolvemos um esboço sistemático das categorias de análise linguística e dos recursos que deram vazão à nossa busca analítica.

4.5.2 As macro e microrregiões de análise

Após situar o ponto de partida para a tessitura textual da pesquisa, encabeçamos, neste momento, as categorias sociodiscursivas selecionadas para o estudo. A gama de possibilidades de pesquisas pela ACD permite uma análise detalhada de questões assimétricas em diferentes contextos sociais, assim como o objeto desta investigação, ligado à instabilidade social instaurada entre Atores Sociais Surdos e não-surdos, membros politizados da comunidade surda nacional, em contextos político-ideológicos, considerando que postagens e comentários em redes sociais impulsionaram uma explosão de epítetos, contextos ofensivos de ataques oposicionistas durante o governo Bolsonaro. Para as esferas social e discursiva, a ACD desvela o problema enfrentado pela comunidade surda no atual contexto político nacional; a esfera linguística nos permite conhecer as estratégias discursivas da ACD por meio de uma análise textualmente orientada.

Na perspectiva da Teoria da Avaliatividade, com base na metafunção interpessoal, os três tipos de recurso (atitude, engajamento e gradação) permitem ao falante/sinalizador/escritor expressar afeto, julgamento, apreciação em maior ou menor grau de avaliatividade, além de poder expressar posicionamentos e opiniões (Martin; White, 2005; Almeida; Vian Jr., 2010; Ninin; Barbosa, 2013).

Segundo Martin e White (2005), ao subsistema Engajamento é conferida a seguinte organização: i) reconhecimento de vozes anteriores e o modo como o falante/sinalizador/escritor se engaja no atravessamento dessas vozes no texto; ii) proposições que envolvem antecipação do texto sobre como o ouvinte/surdo/leitor responderá ao valor posicional presente nos textos¹¹².

¹¹² Devido a esta pesquisa tratar de discursos provenientes de uma comunidade linguística reconhecida como usuários de Libras, entendemos ser pertinente incluí-los nessa perspectiva categórica do subsistema.

Devido a isso, de acordo com Neigrames (2019), o subsistema Engajamento possibilita analisar os discursos do falante/sinalizador/leitor (surdo ou ouvinte) por meio de duas categorizações: monoglossia e heteroglossia. No tocante ao perfil dos *corpora* coletados, o caráter heteroglóstico corresponde ao que buscamos analisar devido às trocas de opiniões, aos posicionamentos e aos pensamentos, que se materializam em convicções e em avaliações positivas ou negativas entre os grupos da direita e da esquerda política, nos quais tais convicções podem gerar concordância ou discordância. A autora ainda reafirma que o ponto alto desse sistema é a “distinção entre o enunciado monoglóstico ou a afirmação direta e não dialógica e a enunciação heteroglástica ou dialógica que envolve uma posição ou uma fonte alternativa” (Neigrames, 2019, p. 58).

Ao examinar o subsistema engajamento, Martin e White (2005) testificam que todo texto corresponde ao aspecto heteroglástico quando é atravessado por outras vozes, ou seja, num mesmo espaço há possibilidades para “alternativas dialógicas” (Ninin; Barbosa, 2013); no entanto, no aspecto monoglástico não há espaço para dialogicidade.

Por ora, considerando que as postagens e os comentários de nossos *corpora* se aproximam do aspecto heteroglástico, assentamos nossas análises na perspectiva heteroglástica do engajamento e, transversalmente, buscamos suporte no subsistema atitude. Ninin e Barbosa (2013, p. 130) concordam que é impossível conhecer o envolvimento do autor com as proposições apresentadas no texto quando as orações são analisadas isoladamente. Evidentemente, num sentido sociodiscursivo, nossas análises dialogam também com questões sociais por meio das representações dos Atores Sociais (Van Leeuwen, 1998, 2008) e pelos modos de operação ideológica (Thompson, 2011). Nesse sentido, toda postagem por nós analisada, postada por um membro da comunidade surda brasileira de direita ou de esquerda política, está ligada aos comentários subsequentes ao teor do enunciado, configurando-se, assim, uma arena discursiva com posicionamentos diferenciados, a favor ou em oposição à postagem.

4.5.3 Os modos de operação ideológica

Os modos de operação da ideologia e as estratégias presentes em cada um desses modos podem ser também classificados como microrregiões de análise, pois são elas que também reforçam o movimento discursivo em que o ator social transita e como essa movimentação se instancia nas análises sociais.

Segundo Thompson (2009, p. 80), os modos de operação da ideologia se dividem em

legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação, conforme disposto no Quadro 22, a seguir:

Quadro 22 - Modos de operação da ideologia

Modos Gerais	Algumas estratégias Típicas de Construção Simbólica
Legitimação	Racionalização Universalização Narrativização
Dissimulação	Deslocamento Eufemização Tropo (sinédoque, metonímia, metáfora)
Unificação	Estandartização Simbolização da unidade
Fragmentação	Diferenciação Expurgo do outro
Reificação	Naturalização Eternalização Nominalização

Fonte: Thompson (2009, p. 81).

Nesse contexto, a *Legitimação*, a partir da racionalização, corresponde à forma simbólica de persuadir, justificar, usar o discurso para se comprometer com determinada causa. A universalização pode ser entendida como um modo de militar em prol daquilo que é bom para uma parte do grupo, mas que é compartilhado e essencial para todo o grupo. Ainda dentro desse espaço, a narrativização inclui situações em que o sujeito rememora fatos e envolve situações contemporâneas em seu discurso, como estratégia persuasiva.

Na *Dissimulação*, podemos compreender o que Thompson (2009, p. 84) chama de “formas simbólicas”. Essa classificação equivale ao modo de operação ideológica envolta na dominação. Dentro desse meio, manifestam-se estratégias de deslocamento, atuando para se referir a um sujeito ou a um objeto, eufemização – a qual objetiva apelar à atenção dos interlocutores para validar o discurso – e o tropo, representado por meio de metáforas.

A *Unificação* é entendida como relações de dominação nas quais os sujeitos estão ligados a uma identidade coletiva. Dentro desse modo de operação da ideologia, encontra-se a estandarização, um meio de envolver os sujeitos a partir do compartilhamento. Compara-se esse modo aos contextos político, religioso e/ou cultural nos quais o discurso persuasivo é invocado para agrupar seus membros numa construção discursiva, por meio da linguagem, que se enquadra em determinadas comunidades e/ou grupos com peculiaridades distintas. Isso vai ao encontro da estratégia de simbolização da unidade, que, semioticamente, elabora sua marca coletiva a partir da criação de símbolos ou objetos (Thompson, 2009, p. 86).

A *Fragmentação* opera no intuito de agrupar seus filiados, combatendo e resistindo às interpelações advindas de grupos opostos em torno de uma batalha ideológica. Nesse modo de operação ideológica, a diferenciação é vista como forma de esclarecer sempre aos componentes do grupo o risco iminente de se associar ao oponente; a estratégia do expurgo do outro evoca dos filiados formas de combater as investidas do oponente.

Na *Reificação*, a naturalização é o modo pelo qual o grupo defende seus pressupostos ideológicos, com situações arbitrárias sendo naturalizadas e aceitas incontestavelmente. A eternalização preconiza fatos históricos insignificantes como passos memoráveis a seguir. Na nominalização, os filiados ao grupo ideológico se apropriam de sentenças ou partes da sentença como lema coletivo. Na passivização, o produtor do texto atrai os leitores àquilo que lhe interessa, utilizando terminologias em suas alegações, para serem prestigiadas, e afastando o leitor de fatos, por meio de verbos na voz passiva, que ele (o produtor) julga serem desinteressantes (Thompson, 2009, p. 88).

No Quadro 23, a seguir, buscamos esclarecer a seleção das categorias de análise, numa visão macro e micro, para o desenvolvimento da pesquisa:

Quadro 23 - Sistema das categorias de análise

Macrorregião			Microrregião				
ACD/ASCD			GSF/LSF				
Atores Sociais	Esfera política	Módulo 1	P1	Engajamento (Heteroglossia)	Contração dialógica	Refutação	Negação
	Esfera social		P2				Contraexpectativa
			P3			Ratificação	Expectativa confirmada
		Esfera linguística e cultural	P4				Endosso
	P5		Expansão dialógica			Pronunciamento	
	P6				Ponderação	Probabilidade	
	P7				Atribuição	Evidência	
Modos de operação ideológica			Legitimação			Racionalização	
						Universalização	
						Narrativização	
			Dissimulação			Deslocamento	
						Eufemização	
						Tropo (sinédoque, metonímia, metáfora)	
			Unificação			Estandartização	
						Simbolização da unidade	
			Fragmentação			Diferenciação	
						Expurgo do outro	
			Reificação			Naturalização	

		Eternalização
		Nominalização

Fonte: Elaborado pelo pesquisador com base em Martin e White (2005), Van Leeuwen (1998, 2008) e Thompson (2009, 2011).

Essa configuração categórica possibilita entender como os critérios analíticos se desdobram no decorrer das análises. Na perspectiva da macrorregião de análise, os discursos oposicionistas nos permitem compreender como os eventos discursivos atravessam o espaço dialógico da polarização entre os membros politizados da comunidade surda, considerando-se que os posicionamentos dos diferentes atores sociais equivalem a suas lutas e seus discursos ligados às esferas política, social, linguística e cultural, que suscitam debates acalorados, conforme os *corpora* coletados.

Situando as categorias para as análises (discursiva, linguística e social), fica viável para que pesquisas com Análise Discursiva Textualmente Orientada (ADTO) classifiquem as vozes que atravessam o texto. Na perspectiva macro, pautaremos nossa análise sociodiscursiva nas representações dos atores sociais (Van Leeuwen, 1998, 2008) em consonância com a ASCD; na perspectiva micro, os recursos da heteroglossia (expansão e contração dialógica) nos permitem o aprofundamento em análises linguísticas para entender o sentido dos adjuntos circunstanciais e predicados escolhidos pelos usuários para expressar seus discursos (Martin; White, 2005).

Nas microrregiões, podemos também observar como os eventos discursivos, separados em módulos (1 e 2), colaboram para a identificação da representação dos atores sociais, membros politizados da comunidade surda brasileira, na luta em prol dos seus ideais político-ideológicos por meio das postagens (P) de 1 a 7. Nas categorias de análise da contração dialógica, na perspectiva da Heteroglossia, os discursos estão inseridos em categorias que refutam e que ratificam, sendo que essas categorias são complementadas por constituintes da frase compostos pelas subcategorias voltadas para negação e contraexpectativa compondo a categoria refutação; e expectativa confirmada, pronunciamento e endosso compondo a categoria ratificação.

Para a expansão dialógica, os itens lexicais são agregados à categoria acolhimento, sendo a probabilidade uma subcategoria, e à categoria atribuição, composta pelas subcategorias reconhecimento e distanciamento. Nesses termos, para as análises discursivas, todas as palavras utilizadas na prática da linguagem estão ligadas às categorias e subcategorias. No Quadro 24, a seguir, demonstramos essa organização proposta por Martin e White (2005).

Quadro 24 - Recursos lexicais heteroglósticos

Engajamento	Categoria	Recurso	Itens lexicais ¹¹³
Contração dialógica	Refutação	Negação	<i>Não, nem, nunca, jamais</i>
		Contraexpectativa	<i>Embora, mas, entretanto</i>
	Ratificação	Expectativa confirmada	<i>Claramente, notoriamente, obviamente, visivelmente, evidentemente, logicamente</i>
		Endosso	<i>Salientar, aportar, asseverar, atestar, mostrar</i>
		Pronunciamento	<i>Argumentar, defender</i>
Expansão dialógica	Ponderação	Probabilidade	<i>É possível, pode, provável, factível</i>
		Evidência	<i>Acho, penso, creio, parece</i>
	Atribuição	Reconhecimento	<i>Conforme, segundo, em concordância</i>
		Distanciamento	<i>Alegar, de acordo, como afirma</i>

Fonte: Elaborado pelo pesquisador com base em Martin e White (2005, p. 122-134).

Recursos como negação, contraexpectativa, expectativa confirmada e pronunciamento caracterizam maior responsabilidade assumida pelo autor do discurso. Os recursos endosso, probabilidade e evidência caracterizam uma responsabilidade parcial do autor do discurso, sendo sua voz uma entre outras. Distanciando-se por completo do enunciado, os recursos reconhecimento e distanciamento atribuem à voz externa a responsabilidade pelo enunciado (Ninin; Barbosa, 2013).

Para fins de análise, uma vez que os recursos heteroglósticos condizem com os objetivos e com as questões de nossa pesquisa e que cooperam na observação da mudança de postura da comunidade surda através dos discursos de ódio em redes sociais polarizadas, consideramos tais recursos como inquietações, haja vista que essas pessoas são atores sociais associados às “vozes do Sul do Sul”. Assim, consideramos outras vozes atravessadas em seus discursos, reconhecendo a posição que a sua própria voz ocupa no enunciado envolvido pelo cenário político nacional. Ao se expressar avaliativamente, o indivíduo se posiciona naquilo que defende de fato, e seus posicionamentos são influenciados por outros posicionamentos.

O uso desse subsistema será basicamente para compreendermos a hibridização de linguagens tanto na dimensão do processo de reconhecimento político-ideológico quanto nas escolhas semântico-discursivas no interior de tradições sociais de classes e grupos, como

¹¹³ Embora se use como exemplo, o sentido é dado em contexto, não em palavras isoladas.

também na dimensão da participação em espaços sociais, especialmente os midiáticos. Para um espaço plurilíngue, no qual minorias linguísticas estão inseridas, essa pode ser a chave para compreender as dificuldades relacionadas à aquisição de conhecimentos que atores sociais Surdos encontram para exteriorizar seu posicionamento discursivo numa língua oral escrita.

4.6 PONDERAÇÕES DA SEÇÃO

Conforme endossamos no decorrer desta investigação, a ACD é transdisciplinar e transgressora por não se estabelecer apenas em um aspecto metodológico. Segundo Wodak *et al.* (2009, p. 70), esse campo de estudo é conhecido por transmitir conhecimentos críticos que permitem aos seres humanos emancipar-se de formas de dominação através da autorreflexão. Essas premissas nos ajudaram a organizar metodologicamente este trabalho, possibilitando ao leitor enxergar marcas polarizadas nos discursos político-ideológicos e, dentro desse movimento discursivo, observar maneiras que os atores sociais (surdo e não surdo, da direita e da esquerda) encontram para sobrepor seu ideal político.

Nesta seção, detalhamos nossos objetivos e as questões de pesquisa dentro do panorama de uma metodologia qualitativo-interpretativista. Todo nosso suporte metodológico advém do roteiro de Cunha (2021) sobre a aplicabilidade de pesquisa em ASCD. Isso nos permitiu estabelecer alguns critérios, como os de filtragem e o de catalogação, as categorias de análise, bem como as representações dos atores sociais, os modos de operação ideológica e os subsistemas (engajamento, e transversalmente, atitude) do sistema Avaliatividade.

Na próxima seção, procederemos às análises segundo os objetivos e as perguntas de pesquisas propostas; com isso, discorreremos a respeito dos sete eventos discursivos que possibilitaram agrupar os *corpora* para o desenvolvimento analítico desta tese, com base nas categorias definidas, percorrendo os níveis discursivo, linguístico e social.

5 MORAL DA HISTÓRIA: ANÁLISE DE DISCURSOS OPOSICIONISTAS DE ATORES SOCIAIS POLITIZADOS DA COMUNIDADE SURDA BRASILEIRA

Esta seção se destina às análises linguística e sociodiscursiva da pesquisa, cujo objetivo geral é analisar as múltiplas representações dos atores sociais, membros politizados, nos discursos oposicionistas que testificam a cisão político-ideológica entre os membros da comunidade surda em direita e esquerda entre os anos de 2021 ao primeiro bimestre de 2023, concretizadas no espaço midiático.

Guiados pelas premissas da LSF (Halliday, 2004), do sistema Avaliatividade, subsistema heteroglossia, e por vezes o subsistema Atitude (Martin; White, 2005), estruturadamente, conforme a proposta transdisciplinar da ACD, buscamos mapear as marcas linguísticas que contribuem para responder as questões de pesquisa expostas na seção anterior e, sobretudo, legitimar as análises sociodiscursivas. Ademais, buscaremos os recursos das representações dos Atores Sociais (Van Leeuwen, 1998, 2008) e os modos de operação ideológica (Thompson, 2009, 2011) para evidenciar os adjuntos circunstanciais, epítetos, atributos pejorativos/ofensivos entre ambos os grupos (direita e esquerda).

Optamos por nos aprofundar nesta manifestação oposicionista entre os membros politizados da comunidade surda nas redes sociais *Instagram* (principalmente) e *Facebook* durante o intenso, instável e conturbado período político (2021-2022) e na transição dos governos (2023/1). Conforme Abella (2017), as redes sociais iniciaram novas formas de apropriação, circulação e organização da informação. Devido a isso, o período destacado para discussão corresponde a uma mudança social entre membros da comunidade surda brasileira através da intensa troca de informações, cuja finalidade configurava defesa de valores, crenças políticas, ideológicas, religiosas, uma vez que, nesse período, a tradução e interpretação da Libras para a LP e vice-versa em eventos discursivos descortinaram a necessidade da inclusão e a participação das pessoas surdas por meio de seus posicionamentos.

Contudo, os anos a que correspondem estas análises podem ser definidos como um dos principais períodos sociais e espontâneos de articulação, de resistência, de tentativas para que membros da comunidade surda da direita e da esquerda conclamassem o apoio necessário para compartilhar seus objetivos. Diante dessa instabilidade social, podemos evocar o sociólogo Guy Bajoit (2006) para entender como a socialização permite colaborar com as identidades coletivas:

Cada um procura, portanto, a companhia daqueles que possuem traços

socialmente prestigiados e foge da dos indivíduos cujos traços são desprezados: tende, portanto, a aproximar-se daqueles com quem ele se parece ou a quem ele queira parecer-se, e a manter à distância aqueles de quem ele se diferencia ou queira diferenciar-se (Bajoit, 2006, p. 151).

Nas análises críticas, sociais, discursivas e linguísticas dos textos, no próximo subtópico, evidenciaremos esses posicionamentos contrários na comunidade surda brasileira e entenderemos como essa citação de Bajoit (2006) envolve essa polarização. Conforme apresentado no parágrafo anterior, um marco social do período analisado foi a posse presidencial em janeiro de 2019, evento discursivo que, internacionalmente, foi comentado devido ao ineditismo e o compromisso social com a inclusão de o Hino Nacional ser interpretado para Libras¹¹⁴ ao vivo por um surdo, professor, preto, gay, pelo discurso sinalizado em Libras pela então primeira-dama e pelo discurso interpretado para Libras ao lado do candidato eleito, o ex-Presidente Jair M. Bolsonaro.¹¹⁵

Embora a comunidade surda já se apresentasse com fortes indícios de polarização político-ideológica, todos apreciavam essa democratização¹¹⁶ com respeito: primeiro devido à beleza de um hino interpretado para uma língua visual e espacial; segundo porque nunca houve na história do Brasil um evento como esse – uma figura pública utilizar uma língua que não fosse a LP para se expressar para a multidão presente e para toda a rede midiática e as redes sociais. Outrora víamos sempre em transmissões de canais televisivos, fora do país, os pronunciamentos serem paralelamente interpretados para uma LS; no Brasil, esse fenômeno passou a ser comum nesse período. Trata-se de um denominador comum entre toda comunidade surda sobre o elevado patamar de valorização linguístico-cultural, um momento esperançoso para que pautas de interesse educacional fossem resguardadas e a luta contra a deformidade igualitária de pessoas surdas na esfera social.

Diante do exposto contextualizado, conforme vimos na seção metodológica, para a geração dos *corpora* de análise, nossa pesquisa considerou páginas de grupos e de perfis pessoais no *Instagram* e de um grupo no *Facebook*. Abella (2017) esclarece que, numa análise crítica, o foco se destina aos produtores do texto no texto propriamente dito e/ou no momento da recepção. A rede social *Instagram* foi utilizada como ponto de partida devido à quantidade de manifestação político-ideológica; para situar as análises, destacamos sete postagens, que

¹¹⁴ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/responsavel-por-intepretar-hino-em-libras-na-posse-de-bolsonaro-se-diz-honrado-por-oportunidade-23339874>. Acesso em: 6 abr. 2023.

¹¹⁵ Disponível em: <https://exame.com/brasil/michelle-discurso-em-libras-foi-um-segredo-guardado-ate-o-dia-da-posse/>. Acesso em: 6 abr. 2023.

¹¹⁶ Democratização – Glossário em ACD, página 266.

denominamos “eventos discursivos”, nas quais a animosidade entre os membros da comunidade surda gerou diferentes comentários da direita e da esquerda.

5.1 APRESENTAÇÃO DAS MACRO E MICRORREGIÕES DAS ANÁLISES

Como temos elucidado, para além da obtenção do título, o valor deste trabalho está na incorporação das particularidades das pessoas surdas na agenda de pesquisas em ACD na América Latina, quiçá no mundo. Portanto, com base na Lei de Acessibilidade¹¹⁷ (Lei nº 10.098/19, de dezembro de 2000, cap. VII, art. 18) e na Lei Brasileira de Inclusão¹¹⁸ (Lei nº 13.146/2015, cap. I, art. 3), os aspectos que embasam essa inclusão correspondem ao registro histórico, linguístico, cultural, social e educacional dos Surdos. Resistência e mobilização em prol de políticas linguísticas para o empoderamento da comunidade surda e o restabelecimento da dignidade humana em ser surdo num mundo majoritariamente de pessoas não-surdas.

Assim, esta seção evidencia os eventos discursivos que polarizam e atravessam a comunidade surda brasileira a partir do arcabouço teórico proposto para direcionar o desenvolvimento da pesquisa, tendo como destaque as macrorregiões, guiadas à luz das categorias dos Atores Sociais, e os modos de operação ideológica, sobretudo o sujeito surdo e o sujeito não surdo como agentes ativos diante das esferas (política, social, linguística e cultural) que as postagens (P) e os comentários (C), bem como as microrregiões discursivas, suscitam sobre a polarização político-ideológica na comunidade surda brasileira.

Importa-nos informar que nossas análises não estão assentadas num contexto cronológico; ao contrário, a macrorregião se dá por temáticas (postagens), isto é, eventos discursivos, que nos permitem observar a representação dos atores sociais, e as subdivisões indicam as microrregiões, que, por meio das categorias do subsistema engajamento, nos possibilitam categorizar os discursos produzidos pelos envolvidos nos eventos discursivos.

As macrorregiões se dividem em aspectos que visam a identificar as representações dos Atores Sociais e como os modos de operação ideológica operam a relação discursiva entre os envolvidos diante da instabilidade social que a polarização político-ideológica causou na comunidade surda nacional. Sistemáticamente, essas análises estão organizadas da seguinte forma: concentram-se em dois módulos (módulo a e módulo b), que denominamos macrorregiões de análise; e os conteúdos das postagens (P) (de P1 a P7) denominamos

¹¹⁷ Ver: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm.

¹¹⁸ Ver: https://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/Content/uploads/20162317410_FINAL_SANCIONADALei_Brasil_eira_de_Inclusao_06julho2015.pdf.

microrregiões de análise. Os dois módulos são: a) questões que envolvem diretamente pessoas surdas e LS, composto pelas seguintes postagens: Postagem 1 (P1) – acessibilidade linguística, Postagem 2 (P2) – extinção da Dipebs, Postagem 3 (P3) – capacitismo; b) questões que tratam de ações ligadas ao governo do ex-Presidente Jair Bolsonaro: Postagem 4 (P4) – perseguição política, Postagem 5 (P5) – o perigo da desinformação, Postagem 6 (P6) – “A Libras do ódio” Postagem 7 (P7) – questões ideológicas.

Vale ressaltar que os eventos discursivos, em cada espaço virtual, apresentam suas estratégias narrativas nos comentários, que contam com linguagem, ferramentas e possibilidades próprias, em conformidade com o *post* em evidência. A delimitação da macrorregião nos possibilita abarcar uma quantidade significativa de aspectos presentes na polarização político-ideológica entre membros politizados da comunidade surda brasileira nos discursos analisados. Questões ideológicas, políticas e/ou religiosas atravessam esferas que representam os atores sociais envolvidos nos discursos: esfera política, esfera social, esfera linguística e esfera cultural, envolvendo lutas por reconhecimento por meio da oposição posta pelo contexto político nacional.

Com isso, para elucidar as microrregiões, essa classificação por eventos discursivos (discursos mistos, discursos da esquerda e discursos da direita) e a classificação dos eventos por módulos facilitam a seleção dos discursos.

A seguir, procedemos a nossas análises, primeiramente a partir dos três eventos discursivos que colaboraram para a geração de discursos bolsonaristas e que afetaram as pessoas surdas e a Libras.

5.2 EVENTOS DISCURSIVOS ENVOLVENDO PESSOAS SURDAS E LIBRAS

Nesta subseção, trataremos dos discursos que evidenciam a frustração de membros da comunidade surda brasileira a partir das escolhas dos adjuntos circunstanciais no discurso oficial do então Presidente Jair Bolsonaro e na sinalização em Libras. Como comunidade, os Surdos veem na língua a grandeza da sua existência, na qual, por meio da cultura, desassocia a ideia de “ouvidos doentes”, possibilitando a resistência e o aprimoramento identitário em ser surdo.

Para os três eventos discursivos analisados neste primeiro subtópico, as Postagens (P) representam os modos operacionais dos atores sociais politizados, membros da comunidade surda, diante dos posicionamentos polarizados, estando organizados da seguinte forma: a) postagens com comentários mistos de direita (D) e de esquerda (E): Postagem 1 (P1) e Postagem

2 (P2); b) postagens com posicionamentos apenas da esquerda: Postagem 3 (P3).

5.2.1 Comentários heterogêneos da postagem 1: acessibilidade linguística em Libras

Esse evento discursivo ocorreu nos dias 4 a 7 de dezembro de 2021, na cidade de São José dos Campos-SP, e ficou conhecido por terem ocorrido falas polêmicas proferidas pelo ex-presidente, dentre as quais algumas foram interpretadas pelo Tradutor Intérprete de Língua de Sinais e Português (TILSP) e outras foram omitidas. Trata-se de um evento nacional envolvendo esportistas surdos de várias modalidades. Tais atitudes representam indignação da comunidade surda da esquerda e da direita política, pois, diante de um termo falado pelo ex-presidente¹¹⁹ e omitido pelo TILSP, apresenta-se um conflito comunicacional, repercutido de forma vergonhosa, ao uso adjunto circunstancial e como essa opção predicativa foi readaptada na interpretação em Libras.

Essa postagem¹²⁰ (P1) corresponde à omissão do termo capacitista na tradução- interpretação em Libras, sendo esse termo mencionado pelo ex-presidente¹²¹ no ato do seu pronunciamento na cerimônia de abertura do evento. Em vários perfis do *Instagram*, nas redes sociais, a comunidade surda se manifestou contra essa escolha interpretativa do sinalizador num momento formal, assim como contra a maneira como a organização do evento (Feneis, CBDS¹²²) lidou de modo omissivo com o ocorrido. Regidos por um código de ética¹²³, os profissionais que trabalham com esse artefato cultural das pessoas surdas (a tradução e a interpretação em Libras) não só precisam ter excelência na competência linguística, mas também competência cultural.

Imagem 3 - Gesticulação e piadas

¹¹⁹ Referiu-se às pessoas surdas como pessoas deficientes, tratando-as como pessoas dependentes.

¹²⁰ Conforme apontamos na seção destinada à metodologia, por vezes, as postagens serão por meio de textos, quadros e/ou imagens.

¹²¹ Nomeou os Surdos como surdos-mudos em seu discurso de abertura.

¹²² Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo; Confederação Brasileira de Desportos Surdos.

¹²³ Ver seção 3.



Fonte: *Instagram @cafe.compolitica* (Valdo Nóbrega).



Para a comunidade surda, esse comportamento representa descaso, ainda mais sendo de uma pessoa com tamanha importância para o país e pelo momento pandêmico suscitar atenção com os informativos/pronunciamentos.

Como observamos nas Imagens 4 e 5, a seguir, em um comício do partido do então candidato, em 27 de março de 2022, em Brasília-DF, o ex-presidente se irrita com a quantidade de gente no palanque e com a posição do TILSP:

Imagem 4 - Bolsonaro empurrando o intérprete de Libras



Fonte: *Instagram* @priscillagasparoficia (Priscilla Gaspar).

Imagem 5 - Espaço impróprio para o intérprete de Libras



Fonte: *Instagram* @cafe.compolitica (Valdo Nóbrega).



A nosso ver, a forma como a equipe de TILSP (Imagem 3) lida com o despreparo do ex-presidente representa um dos vários momentos nos quais o ex-presidente brinca ao comparar Libras com gestos e testifica a capacidade do tradutor em interpretar/sinalizar determinadas expressões (frases, piadas, termos em inglês). Diante dos fatos ocorridos, destacamos comentários das postagens baseadas nesses assuntos em diferentes contas no *Instagram* de

membros politizados da comunidade surda da direita (D) e da esquerda (E), posicionando-se contra e a favor das situações. Além dos comentários escritos em LP, apresentamos também comentários escritos em LP/L2 por Surdos que não dominam completamente a escrita da LP. Em ambas as situações, somos fiéis aos *corpora* coletados.

a) Discursos oposicionistas da esquerda política

Iniciando a análise pelo viés da GSF, identificamos que a heteroglossia por **contração** permeia posicionamentos e convicções de membros da direita (D) e da esquerda (E) política na comunidade surda, cujos posicionamentos (comentários) contraem e/ou expandem o espaço dialógico. Abaixo, seguem, aleatoriamente, os comentários acerca desse contexto da omissão do termo verbalizado pelo ex-presidente e das escolhas dos adjuntos circunstanciais para a interpretação em Libras; na subcategoria **negação**, item que compõe a categoria contração dialógica, nos recortes P1C1E-2022, P1C3E-2022 e P1C8E-2022, observa-se a presença de constituintes que levam semanticamente o discurso para um espaço de desaprovação/negação, tais como: “nem”, “nunca” e “não”.

P1C1E-2022: [...] *vergonhoso esses intérpretes que hoje, 2022, acham “engraçado” esse (des)presidente com suas piadinhas com os sinais da Libras. Só vergonha desses...(melhor nem dizer).*

P1C3E-2022: *ele fez “piada” de novo?! Afff mas nem me surpreendo mais.*

P1C8E-2022: [...] *Querida Amiga-da-onça, você me considera seu inimigo? O problema está aí: escolher um inimigo a dedo. Pois eu nunca te considereí inimiga, mas sim uma figura pública que merece ser criticada, por bem ou por mal. E quem te botou no caminho da desgovernança não foi Deus e sim a sua trupe, ou seja, a família Bozo, que você tanto lutou para aparecer. E por fim, a condecoração que recebeu é por ser manequim desse desgoverno, pois de serviço público você não prestou nada mesmo. Quer lista de desserviço ou quer medalha? A resposta é óbvia, né? Se os boatos forem verdadeiros eu lhe desejo sorte na pre candidatura a “deputada federal” de SP e espero que não siga os passos do Bozo, 32 anos de desserviço com o país. E nós nos encontramos por aí em 2023 [...].*

Em ambos os comentários, observamos marcas de contração, dando margem à opinião intrínseca do ator social a respeito do que ele julga como negativo nos posicionamentos da oposição política ao optar pela lexia “nunca” para a atribuição do valor negativo aos membros que persistem em defender essa omissão e as brincadeiras com a Libras.

Nesse mesmo comentário acima (P1C8E-2022), podemos citar como exemplo da **expectativa confirmada** o trecho “*quer lista de desserviço ou quer medalha? A resposta é*

óbvia, né? [...]”. Essa subcategoria ratifica a opinião do ator social da esquerda sobre o período da ex-secretária Priscilla Gaspar à frente da Dipebs ter sido um desserviço à comunidade surda, uma vez que ela não tinha, segundo ele, representatividade massiva na luta em favor dos direitos linguísticos para os Surdos. Isso é possível ser observado no comentário a partir do momento em que o ator social da esquerda utiliza lexias compostas por verbos no infinitivo que contextualizam sua expectativa confirmada (salientar, aportar, mostrar, asseverar).

P1C4E-2022: *Verdade... esses surdos afff mente pequena”. Bolsonaro sempre foi ignorar assim mesmo sem nação. Quero #ForaBolsonaro.*

P1C5E-2022: *É isso, vdd. Brasil é um grande povos gados são cegos demais.*

Conforme Almeida e Vian. Jr. (2018), as avaliações, ou seja, os posicionamentos, podem ser de forma implícita ou explícita. Conseguimos entender essa lógica através da participação do ator social no texto quando este expressa diretamente seu ponto de vista, estudando o contexto situacional. Quando acontece o contrário (trechos em que cabe ao não-surdo/leitor e/ou surdo/sinalizador reinterpretar avaliações indiretas), os referidos autores classificam como situações implícitas. Identificamos essa performance por meio da subcategoria **expansão dialógica**, em que os adjetivos que fazem parte do rol de constituintes predicativos que podem contextualizar a participação do ator social, de modo explícito, permitem ao leitor uma dimensão da instabilidade discursiva que proporciona os discursos oposicionistas entre os membros politizados da comunidade surda brasileira. Assim sendo, a subcategoria **probabilidade**, pelo viés de uma análise linguística e sociodiscursiva, demonstra a ativação do ator social ao avaliar os membros da oposição como pessoas surdas com “mente pequena”, conforme o recorte da P1C4E-2022.

Diante disso, é provável que o ator social da esquerda esteja opinando que a condição dos membros da direita, que persistem em minimizar (defender) a interpretação em Libras com a omissão na sinalização do termo capacitistas (“surdo-mudo”), seja uma alienação política e ideológica. Para esse mesmo fragmento (P1C4E-2022), no qual o ator social se põe contra aos critérios avaliados da oposição, ao passo que o mesmo estuda formas de fortificar seus laços através dos constituintes predicativos na oração, observa-se o modo de operação ideológica *Unificação* devido ao sentido de coletividade.

P1C6E-2022: *Só falta dizer “foda-se acessibilidade para surdos” a postura já diz mas os gados surdos enxergam isso..*

Nesse modo operacional, *Unificação*, o recurso estandarização justifica-se pelo discurso persuasivo, estrategicamente envolvendo peculiaridades distintas, conforme se vê em P1C6E-2022. Esse fato que envolveu o profissional da tradução e interpretação (TILSP) é entendido como peculiaridade distinta da comunidade surda por envolver a língua, a cultura, a acessibilidade comunicacional, e tudo isso pode ser entendido discursivamente nas categorias de análise linguística e sociodiscursiva. A fim de exemplificar a categoria **atribuição**, no viés da LSF, temos fragmentos de comentários que caracterizam a subcategoria **reconhecimento**, conforme visto em P1C8E-2022: “*Se os boatos forem verdadeiros eu lhe desejo sorte na pre candidatura a deputada federal*” e em P1C6E-2022: “*Só falta dizer foda-se acessibilidade para surdos [...]*”.

Os adjuntos circunstanciais, os contextos e as expressões que classificam essa subcategoria geralmente são conjunções/locuções conjuntivas conformativas (conforme, segundo, em concordância); esse tipo de recurso indica o fato como base para o argumento do ator social engajado. Nesses termos, ao citar a respeito dos boatos conforme as informações recebidas, o ator social, em P1C8E-2022, se posiciona no discurso com veemência. Embora não haja adjetivos e os processos contraídos que caracterizem esse recurso (possível, factível, pode, provável), a escolha da expressão “só falta” (P1C6E-2022) é interpretada como algo provável de acontecer. No contexto de situação analisado, a oração está atribuída ao comportamento do ex-presidente ao não se preocupar com a transmissão do discurso para a comunidade surda brasileira (cf. Imagens 3, 4 e 5).

Sendo assim, a perspectiva das categorias do subsistema Engajamento, por meio dos seus dois “valores possíveis” (expansão e contração), nos possibilita entender o princípio constitutivo do que se enuncia no “potencial dialógico”, e, na contração, desencoraja-se a negociação de sentidos no potencial dialógico (Almeida; Vian. Jr., 2018, p. 278).

P1C2E-2022: *Já sabia há muito tempo, esse presidente não muda, postura horrível, Ja brincou a nossa língua duas vezes, até empurrou intérprete pra trás, e as pessoas continuam babando esse Bozo, Deus me livre. Ainda bem não votei, ele já disse inúmeras vezes bostas, covid chegou AE é uma gripezinha, teve MT mortes, e daí? Cara, essas pessoas não enxergam direito, até os ministros saíram, um ministro disse que sempre obedeceu às ordens do Bozo. Muito estranho da parte dele, MT coisa estão acontecendo que ninguém saibam...*

Numa perspectiva sociodiscursiva, o modo de operação ideológica (Thompson, 2009, 2011) se insere em diferentes trechos a partir das escolhas lexicais. O recurso racionalização, componente do modo de operação Legitimação, é visto à medida que o ator social legitima seu

ponto de vista a respeito do comportamento do então presidente ao lidar com o momento da tradução e interpretação em Libras em diferentes ocasiões.

Nesse sentido, Thompson (2009, p. 84) reforça que nesse modo de operação ideológica existe o recurso universalização, e esse recurso pode ser entendido no momento em que o ator social milita em prol da sua crença (P1C2E-2022) ao tratar da forma como o ex-presidente lidava com as especificidades¹²⁴ da acessibilidade linguística¹²⁵ para Surdos, no ato da sinalização, no período da pandemia da Covid-19. Nesse mesmo fragmento o sujeito rememora que alguns ministros haviam deixado seus ministérios, que a Covid-19 foi tratada pelo ex-presidente como uma “gripezinha” e que muitos perderam suas vidas por consequência dessa pandemia. Em todas essas afirmativas/posicionamentos, identifica-se o recurso narrativização, que também faz parte da Legitimação.

P1C7E-2022: [...] *Fala verdade que eu tenho pena com comunidade surdos **acordar e manifestar e resistir** ser surdo e somos surdos*¹²⁶.

Esse evento discursivo disponibiliza diferentes fragmentos que enriquecem nossas análises sociodiscursivas. No posicionamento do ator social, observam-se a opinião pessoal e o alerta que ele faz em relação ao posicionamento do outro diante do contexto de situação experienciado. Lembramos que nesse comentário é possível observar a LP/L2 através da estrutura sintática dos envolvidos (cf. seção 3).

b) Discursos oposicionistas da direita política

O modo de operação Dissimulação, por meio do recurso eufemização, é visto nesse posicionamento. O modo como o ator chama atenção dos seus pares para que seu discurso seja validado pode ser visto a partir das escolhas lexicais deste fragmento. Podemos identificar o recurso deslocamento quando um ator social se refere a uma pessoa ou a um objeto (P1C4E-2022: “*Bolsonaro sempre foi ignorar assim mesmo sem nação. Quero #ForaBolsonaro*”).

P1C9D-2022: *Olá!!! Como sempre aquele pessoalzinho da esquerda vive cortando pedacinhos do vídeo onde é gravado com os mínimos detalhes. Eles estão repercutindo o vídeo cortado onde aparece o presidente Bolsonaro tirando o intérprete de libras do seu lugar. A*

¹²⁴ Piadas, brincadeiras (falar em outro idioma e usar metáforas para saber como o TILSP traduziria), epítetos (“surdo-mudo”) (cf. Imagem 3), não respeitar o local da interpretação durante um dos comícios na campanha eleitoral em 2022 (cf. Imagens 4 e 5).

¹²⁵ Inclusão da pessoa surda por meio da tradução e interpretação de língua de sinais.

¹²⁶ LP/L2.

regra é o presidente ficar de frente para o público e o intérprete sempre do seu lado (tanto da direita como da esquerda)... vcs precisam procurar o vídeo original e assistir do 23 e 26 minutos onde aparece a Pd Michelle pedindo para o intérprete ficar do lado para transmitir informações para a Comunidade Surda!!! É mto comum ver o lugar lotado de gente querendo aparecer ao lado do Presidente e tirar o lugar do intérprete... Então, para quem fica cutucando sobre acessibilidade comunicacional, me parece que não querem q o governo ofereça informações por meio da Libras! Querem lutar para perdermos uma oportunidade dessas? Vão pensando nisso!!!.

Ainda no modo de operação *Dissimulação*, as lexias envoltas em figuras de linguagem (metáforas) são entendidas como recurso tropo, conforme visto em P1C2E-2022: “*bostas*”, P1C4E-2022: “*mente pequena*”, P1C5E-2022: “*É isso, vdd. Brasil é um grande povos gados são cegos demais*” e “*gados cegos*” e P1C8E-2022: “*amiga da onça*”, “*manequim*”.

P1C10D-2022: *Veja o vídeo que Bolsonaro coloca o interprete por trás, por causa dos desconforto e a Michelle ainda tenta colocar o interprete na frente ao lado do presidente, mais ninguém tem reconciliação. Para mim é uma falta de respeito com os surdos e com os intérpretes. Uma falta de organização e despreparo para receber. Muito mal organizado e Bolsonaro ficou desconfortável e perdeu o controle. Vc Pricilla não percebe a expressão das pessoas. Mas a gente sente e ver que nada tá agradável senhora. Se liga minha filha. Para de ficar puxando saco Bolsonaro. Vc parece mamata de Bolsonaro.*

Vejamos que o ator social utiliza as expressões “mamata” e “puxando saco”. Diante dessas circunstâncias, nas quais o TILSP é envolvido diretamente, Quadros (2004, p. 28) nos lembra os aspectos éticos relativos a esse profissional:

Realizar a interpretação da língua falada para a língua sinalizada e vice-versa observando os seguintes preceitos éticos: a) confiabilidade (sigilo profissional); b) imparcialidade (o intérprete deve ser neutro e não interferir com opiniões próprias); c) discrição (o intérprete deve estabelecer limites no seu envolvimento durante a atuação); d) distância profissional (o profissional intérprete e sua vida pessoal são separados); e) fidelidade (a interpretação deve ser fiel, o intérprete não pode alterar a informação por querer ajudar ou ter opiniões a respeito de algum assunto, o objetivo da interpretação é passar o que realmente foi dito).

É nesse sentido que as manifestações dos membros politizados da comunidade surda da esquerda se posicionam. O fato de, à época, o governo acessibilizar em Libras os pronunciamentos do ex-presidente e patrocinar o evento esportivo é, sim, benéfico; porém, a natureza dos termos (“surdo-mudo”) utilizados e a omissão na interpretação (LP/Libras) impulsionaram discursos acalorados. Todavia, o comportamento atitudinal de um profissional da tradução e interpretação, numa situação como essa, vai contra aquilo que o código ético que

rege a profissão defende: imparcialidade nas escolhas lexicais no ato da interpretação, o que não foi feito e que escancarou a parcialidade do TILSP em favor da direita política, buscando atenuar as falhas da fala capacitista do discurso oposicionista. Sobre a atitude de escolher omitir informações, Quadros (2004, p. 40) esclarece:

O quanto mais imparcial melhor. Não poderá emitir opiniões ou comentários no que ele próprio está interpretando, a não ser que perguntem sua opinião. O intérprete deverá ter tão somente o cuidado de passar a informação para Libras e/ou Português. Não é ele que está falando. Ele é apenas a ponte de ligação entre os dois lados.

Conforme vimos nas análises, o ator social foi acionado diante da atitude polêmica do ex-presidente e da forma como atuou o TILSP nesse processo de inclusão, ou seja, de ativação. Nos comentários gerados a partir dessa postagem, a P1C7E-2022 inclui o ator social por meio da ativação. O papel atribuído (atores e portadores) é um papel relacionado aos fatos ocorridos (falas capacitistas omitidas), produtos culturais (polarização política) por meio dos processos relacionais atributivos (“acordar”, “manifestar”, “resistir”): *“Fala verdade que eu tenho pena com comunidade surdos **acordar e manifestar e resistir** ser surdo e somos surdos”* (cf. P1C7E-2022).

Essa forma de inclusão dos atores sociais é uma contestação da inclusão passiva na perspectiva assistencialista, conforme o discurso oposicionista, e representa uma reivindicação de espaço e reconhecimento linguístico e cultural, pois, de acordo com Van Leeuwen (1997), as representações são conhecidas por redistribuírem papéis e organizarem as relações sociais entre os envolvidos. Notamos que esse processo de ativação entre os sujeitos que compõem a comunidade surda, diante do fato polêmico, representa, discursivamente, “o surdo” como sujeito social ativo em processos de mudança social, como observamos no comentário P1C6E-2022: *“Só falta dizer ‘foda-se acessibilidade para surdos’ a postura já diz mas os gados surdos enxergam isso”*.

Desse modo, através do recurso de linguagem ativação, os adjuntos circunstanciais ativados por meio da ordem do fazer/executar através dos termos “acordar”, “manifestar” e “resistir”, destaca as habilidades e competências do ator social membro politizado da comunidade surda. O sistema Avaliatividade, como recurso para análise linguística, endossa o arcabouço sociodiscursivo (Martin; White, 2005; Almeida; Vian. Jr., 2018) pela forma como os envolvidos se utilizam do texto como um evento comunicativo, direcionando-nos a informações relativas ao tempo, à polaridade (positiva e negativa) e à modalidade (probabilidade, usualidade, obrigação, inclinação) (Fuzer; Cabral, 2011).

O modo como essas tensões políticas polarizam a comunidade surda se reflete numa mudança social vista nesse marco temporal em que os discursos oposicionistas se instalaram nas relações sociais, conforme visto em P1C9E-2022. Pedrosa (2012) chama atenção para esse comportamento à medida que o grupo social experiencia, em um mesmo tempo, a velha e a nova maneiras de se relacionar socialmente. Com isso, inserido no espaço dialógico, conforme as premissas da Sociologia para a Mudança Social (SMS), primeiramente o sujeito tenta sobreviver e, secundariamente, ele se impõe para, em seguida, conseguir analisar a mudança e assim descobrir a maneira antiga, para depois ter condições básicas para explicar por que e como houve a transformação social.

Van Dijk (1980, p. 38) esclarece que a ideologia não consiste somente em conhecimentos e crenças, mas também em opiniões e atitudes, que neste caso justificam a instabilidade política na comunidade surda em tempos de polarização político-ideológica. É perceptível que esse posicionamento do ator social da direita, ao atribuir juízo de valor à esquerda, complementa o que o autor citado defende, haja vista escolher as lexias para justificar o que os apoiadores da direita acreditam e defendem:

P1C9D-2022: *A regra é o presidente ficar de frente para o público e o intérprete sempre do seu lado (tanto da direita como da esquerda)... vcs precisam procurar o vídeo original e assistir do 23 e 26 minutos onde aparece a Pd Michelle pedindo para o intérprete ficar do lado para transmitir informações para a Comunidade Surda!!! É mto comum ver o lugar lotado de gente querendo aparecer ao lado do Presidente e tirar o lugar do intérpete... Então, para quem fica cutucando sobre acessibilidade comunicacional, me parece que não querem q o governo ofereça informações por meio da Libras!...*

Trazer essas discussões que envolvem a realidade política e ideológica entre membros politizados da comunidade surda para o centro de pesquisas sobre surdez em ACD torna-se interessante porque nos revela como esses atores sociais protagonizam sua própria história nos tempos atuais. Trata-se de problemas reais que testificam quebra de paradigmas quanto aos Surdos serem tachados de pessoas dependentes, limitadas apenas ao “ouvido doente”, quando, na verdade, conforme apontamos, são esses atores sociais os principais responsáveis que mobilizam toda a comunidade a se posicionar politicamente para defender suas crenças no que diz respeito às questões políticas e ideológicas.

Visivelmente entendemos que houve um equívoco, visto que deslocaram alguém que estava repassando em Libras as informações do comício para uma comunidade linguística nacional. A nosso ver, não se justifica uma desorganização em um evento pensado para ser acessível para as pessoas surdas e, no momento de o evento acontecer, haver esse equívoco.

Poderiam repensar as estratégias para a inclusão do surdo a partir de um lugar fora do palco no qual o TILSP pudesse estar posicionado e sendo filmado para que a sinalização estivesse sendo projetada num telão, já que possivelmente o palanque estaria lotado. Entendemos que, enquanto membros da comunidade surda, no papel de pesquisadores, não há explicação para a atitude vexatória (cf. Imagens 4 e 5) e defendida (cf. P1C9D-2022). Após esses passos experimentais, “o sujeito identifica as práticas que configuram ou não uma nova forma de vivências, e se essa mudança é confirmada. Pois nunca se tem certeza” (Pedrosa, 2012, p. 5).

Thompson (2009) nos ajuda a compreender essa tensão discursiva do conceito do modo de operação ideológica Fragmentação a partir desses comportamentos em torno de julgar e de defender o ato. Observamos que, nas Imagens 3 e 4, os atores sociais politizados (surdos e não-surdos) da direita enfatizam que houve sim uma conscientização; eles usam a estratégia diferenciação como forma de esclarecer aos seus aliados, seus pares, o risco de acreditar em postagens de pessoas da esquerda a respeito desse conflito no palanque. Ainda nessa mesma situação, o expurgo do outro, outra estratégia do modo de operação Fragmentação, é observado nos comentários P1C9D-2022 e P1C10D-2022, que visam a alertar e combater as investidas do oponente.

Em contrapartida, nos membros da esquerda, observamos o modo de operação *Reificação*, do qual eles usam a estratégia naturalização para descortinar o comportamento da direita em naturalizar um fato explicitamente desorganizado (P1C4E-2022, P1C6E-2022 e P1C10D-2022).

A seguir, analisaremos comentários mistos de assuntos que afetam as singularidades da comunidade surda (língua, cultura e identidade). Trata-se de discussões acerca de uma pasta que compõe o MEC que cuida dos direitos linguísticos para as pessoas surdas (qualidade da educação bilíngue e preservação da cultura e identidade surdas) e que sua extinção provocaria mudanças sociais. Com isso, mais uma vez, reproduzimos questões contemporâneas que estimulam a polarização política entre os membros da comunidade surda brasileira

5.2.2 Comentários heterogêneos da Postagem 2: extinção da Dipebs

Na transição do governo anterior para o atual, houve mudanças, e uma delas foi a extinção da Diretoria de Política de Educação Bilíngue para Surdos (Dipebs) (Decreto nº 11.342/2023/01, de janeiro de 2023), que passaria a compor a então Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi). Todavia, por tratar de questões educacionais, na perspectiva bilíngue, para pessoas surdas, esse evento discursivo gerou

preocupação entre membros da comunidade surda. Após a publicação da nota de repúdio¹²⁷ da Feneis, o governo Lula reconsiderou e voltou atrás na decisão tomada¹²⁸.

Compondo atualmente a pasta da Secadi, extinta¹²⁹ nos primeiros dias do governo Bolsonaro e restabelecida no governo do atual¹³⁰ presidente da República (2023), Luís Inácio Lula da Silva, a Dipebs, no governo do ex-Presidente Bolsonaro, foi criada para compor a pasta do MEC quando houve, naquele período, a extinção da referida secretaria¹³¹.

Em 6 de outubro de 2020¹³², a Feneis (Federação Nacional de Educação e Inclusão do Surdo), em parceria com diferentes pesquisadores Surdos, os quais denominamos como membros politizados da comunidade surda brasileira, encaminhou à Secretaria de Educação Especial, da qual a Dipebs faz parte atualmente, uma nota de apoio e esclarecimentos sobre o Decreto da Política Nacional de Educação Especial (Decreto nº 10.502/30, de setembro de 2020) em prol de mudanças relevantes para as demandas da educação bilíngue para Surdos.

Conforme apontamos, o fato ocorrido repercutiu nas mídias sociais, adentrando a arena discursiva, acalorada pelo ocorrido. Do perfil do grupo da esquerda, no *Instagram*, @cafe.compolitica, retiramos a Postagem 2 (P2) e, em seguida, os comentários (C) que se destacaram¹³³. Os comentários de 1 a 11 dessa postagem serão analisados aleatoriamente de acordo com a categoria de análise apontada, correspondente ao sentido semântico-discursivo de cada comentário. Isso se dá devido ao contexto conversacional em que se insere a ordem do discurso proferido a partir dos posicionamentos dos atores sociais politizados envolvidos. Ressaltamos que esses comentários a serem analisados correspondem a ambos os lados (direita e esquerda) e neles observamos a referência explícita dos atores sociais, membros politizados da comunidade surda brasileira, dentro desse contexto sociopolítico, o que nos permite a compreensão do discurso. Os atores sociais, dependendo do caso, são ativados e passivados (Van Leeuwen, 1998, 2008). Neste caso, a postagem apresenta o momento da ativação quando o emissor se compromete e inclui seus pares ao dizer: “*Não queremos quantidade, queremos QUALIDADE! Por isso os grupos @surdoscomplula @surdospelademocracia @fakenewslibras*

¹²⁷ Disponível em: <https://feneis.org.br/2023/01/03/nota-publica-sobre-a-extincao-da-diretoria-da-politicas-da-educacao-bilingue-de-surdos/>. Acesso em: 29 maio 2023.

¹²⁸ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2023/01/5064084-mec-volta-atras-e-diretoria-de-educacao-de-surdos-segue-funcionando.html>. Acesso em: 29 maio 2023.

¹²⁹ Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/CadernosdoGPOSSHE/article/view/1523>. Acesso em: 7 jan. 2024.

¹³⁰ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/11/governo-lula-vai-recrutar-secretaria-de-diversidade-e-inclusao-no-mec-extinta-por-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 7 jan. 2024.

¹³¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/11/governo-lula-vai-recrutar-secretaria-de-diversidade-e-inclusao-no-mec-extinta-por-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 29 maio 2023.

¹³² Disponível em: <https://www.acessibilidade.unesp.br/Home/legislacoes/nota-de-esclarecimento---pnee-1.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2024.

¹³³ Comentários com epítetos e contextos que polarizam os discursos oposicionistas.

@cafe.compolitica se dão ao trabalho de ler, pesquisar e descobrir as fakes news que os grupos de direita divulgam. NÃO TRABALHAMOS COM A MENTIRA!” (P2 - @cafe.compolitica).

Evidentemente, o movimento discursivo da ativação dos atores sociais permite um chamamento da comunidade surda, objetivando conclamar uma pressão popular em favor da manutenção da Secadi, atingindo, assim, seus propósitos. No primeiro comentário (P2C1D-2023) da P2, é possível identificar o ator social passivado, pois o contexto indica esse ator sendo afetado pela situação. Então, o primeiro momento da ativação, como consequência para a passivação, revela-nos um sujeito preocupado com o governo do presidente eleito em 2022. Vejamos os comentários destacados no Quadro 25:

Quadro 25 - Extinção da Dipebs

Comentários (C) da postagem 2 (P2) em 2023	
P2C1D-2023	Lula nunca ajudou com vocês e vocês estão cego mesmo.. pra quem votam com Lula... feliz FAZ O L.
P2C2D-2023	Sua cala boca, já separam esquerda x direita então sinto muito, lula ganhou presidente mas foi revogado vc acha que é justo? Por isso não vo apoio ninguém que sei lado crianças surdos como futuro mas INFELIZMENTE.
P2C3D-2023	Oi @@@. Desculpa. Não apoio... Pq você já falou mal do Bolsonaro as vezes. Você aceitou pronto. Faz o L. Vá trabalhar no PT. Os surdos já avisamos sim. Passa batom vermelho.
P2C4E-2023	Vamos sim vamos lutar pelas crianças Surda como diz nossa colega criança partidária temos q pensar neles e eles precisam de nós não importa se Bolsonarista ou Petista vamos esquecer lutar pela educação das crianças vamos comunidade surda.
P2C5D-2023	Não, obrigado!!! Desculpa não vou apoiar as esquerdistapatas!!! Sai fora... bem feito faz o L. As esquerdistas amam dormir do que lute! Faz o L.
P2C6E-2023	Exatamente! Essa história de polarização de política é uma merda, temos que lutar pela educação bilíngue para as crianças surdas mesmo assim. Bora lutar bolsonaristas!!! Está na hora de levantar a bunda e deixem de ser preguiçoso. Se estão ignorados de não querer lutar pela educação, terão que pesar a consequência e consciência, não é por nós e sim pelas crianças e o futuro da educação depende deles. Pensem e refltem!
P2C7D-2023	Vc foi faz o L apoio Luladr4o não resolver nada atenção para surdos. Nao vou apoio esquerda! Vcs que voto Luladr4o esquerda surdo vai reclamando ele!! Nojos.
P2C8D-2023	Sinto muito doce veneno! Os bolsominions não vão apoio vc e nem mistura direito e esquerdistas. Os esquerdistas vão lutando e o bolsominions vão sentado, comendo pipocas e quero vc vão passar ou fracassada. Acredito que vc é fracassou. Sinto muito doce venenosa! Faz o L.
P2C9E-2023	Vamos juntos pelo Dipebs @@@@ @surdosocmlula Essa é a hora de cobrar do governo @lulaoficial foi assinado o compromisso com a comunidade Surda quem não quiser ok é um direito também mas quem votou no @lulaoficial tem o direito e o dever de cobrar e faremos isso...
P2C10E-2023	Infelizmente o mal é o maior, enquanto o bem é minoria. Quem discorda não tem o pensamento humanizado, e temos que conviver com a consequência das nossas escolhas.
P2C11E-2023	Passado não pe manda pessoas escolheu Hitler porque ele fala “Pátria, família e Deus” , igual Bozo faz pra enganar pessoas, mas na verdade ele: família já traiu esposa e casou outra; Pátria ele já fez bomba contra exército e depois exército expulsou ele; Deus ele fala é cristão mas vai Maçonaria. Bolsonaro é anticristo! Cristo fala amor e não armas!!!

Fonte: Feneis (<https://feneis.org.br/>); Instagram, @surdosocmlula, @surdospelademocracia, @fakenewslibras e @cafe.compolitica.



A materialidade das constituintes predicativas selecionados para compor um texto é reflexo do contexto de instanciamento em que o ator social está inserido. É o que Fuzer e Cabral (2011, p. 25-26) chamam de contexto de cultura e contexto de situação. Para definir contexto de cultura, as autoras exemplificam a partir de ambientes socioculturais, envolvendo ideologias, convenções sociais e instituições; para contexto de situação, toda a enunciação envolve o campo, as relações e os modos (Fuzer; Cabral, 2011). E as escolhas dos adjuntos circunstanciais, constituintes predicativos, em P2C3D-2023 envolvem o deboche que o ator social faz questão de expor por não se importar com a convocação para apoiar o abaixo-assinado (*“Passa batom vermelho”; “Faz o L”*); assim como os constituintes predicativos do comentário P2C8D-2023, quando ele irônica e debochadamente se refere ao jeito suave do enunciado em prol da união da comunidade surda em favor da causa (*“[...] doce veneno”; “[...] o bolsominions vão sentado, comendo pipocas e quero que vc vão passar ou fracassada”*). Quando o ator social utiliza a lexia destacada no comentário P2C11E-2023, ele busca referências ideológicas da forma como o Nazismo pregava valores familiares, cívicos e cristãos, comparando-as com a maneira como o governo Bolsonaro evocava esses valores em seus pronunciamentos.

Conforme Fuzer e Cabral (2011), o ponto de partida para uma análise semântica são a gramática e a abordagem sistêmico-funcional, que nos direcionam às diversas formas pelas quais a linguagem se manifesta “nos diferentes estratos da língua”. As autoras contribuem, ainda, no entendimento de que a linguagem, por meio das práticas sociais, permite ao falante, ao escritor, ao sinalizador¹³⁴ “selecionar elementos linguísticos apropriados a determinada situação” (Fuzer; Cabral, 2011, p. 25-26).

No campo discursivo, as duas postagens (P1 e P2) são produzidas em torno de comportamentos contrários ao clamor social: a primeira em torno do discurso capacitista, reverberando na omissão dos termos na tradução e interpretação (Português-Libras); e a segunda em torno do comportamento dos membros da comunidade surda da direita ao fecharem os olhos contra algo indispensável para a educação de Surdos. Em suma, as duas evocam na comunidade surda um alerta em favor do direito à acessibilidade linguística das pessoas surdas,

¹³⁴ Falantes de Línguas de Sinais (LS).

e, diante dessa instabilidade social, os modos de operação ideológica reinterpretam, por meio dos predicados presentes nos discursos, os pensamentos que atravessam os discursos político-ideológicos desses membros politizados da comunidade surda.

Com isso, inicialmente, adentramos esse campo teórico-ideológico apronfundado por Thompson (2009, 2011) a partir do conceito da categoria Unificação, que, segundo o autor, se insere no sentimento coletivo dos atores sociais e pode ser entendido a partir do comentário P2C4E-2023 pela forma como o discurso envolve um chamamento de ambos os lados (“*bolsonaristas*” e “*petistas*”). No modo de operação ideológica Fragmentação, observamos também esse sentimento de agrupamento em torno de uma batalha ideológica em P2C9E-2023 (“*Vamos juntos pelo DIPEBS*”). Esse modo de operação gira em torno de constituintes predicativos que envolvem o recurso diferenciação (P2C4E-2023: “*bolsonaristas*” e “*petistas*”, P2C10E-2023: “*o mal é maior*”, “*o bem é minoria*”; P2C11E-2023: “*ele fala é cristão mas vai Maçonaria*”), uma maneira de deixar claro o risco de associar-se ao oponente, e o recurso estratégia do expurgo (P2C7D-2023: “*Luladr4o não resolver nada atenção para surdos*”, P2C5D-2023: “*As esquerdistas amam dormir do que lute*”) reforça a luta em prol da distanciação das investidas do oponente (Thompson, 2009, p. 87).

A respeito dessa instabilidade social, que denominamos polarização político-ideológica entre membros politizados da comunidade surda brasileira, a ACD, por meio do pensamento de Pedrosa (2008, p. 117), justifica que a linguagem é um meio de dominação e de força social, servindo para legitimar as relações de poder estabelecidas institucionalmente. Para essa questão crítica, conforme as premissas da SMS, Pedrosa (2012) esclarece-nos utilizando três etapas que corroboram a ativação dos atores sociais em busca desse estímulo em lutar em favor da permanência da Dipebs. Segundo a autora, a primeira etapa equivale à necessidade de mudança e de estabelecimento de uma relação de mudança; os atores sociais se engajam, individual e coletivamente, estudando as mudanças necessárias, possibilitando a promoção e a participação naquilo que os caracteriza no contexto de situação.

A segunda etapa “envolve à conversão da necessidade de mudança em ações baseadas no diagnóstico” (Pedrosa, 2012, p. 7), ou seja, detectado o problema a partir da extinção da Dipebs, os atores sociais (os membros da comunidade surda) conseguem delinear seus direcionamentos em prol da mudança almejada. A terceira etapa consiste na fase de visibilização e divulgação da mudança, ou seja, no contexto da transição dos governos, a repercussão negativa da extinção da pasta alertou a comunidade surda para o risco que a educação bilíngue para Surdos no Brasil estava correndo. Com isso, as redes sociais configuraram um espaço midiático para visibilizar e conclamar toda a comunidade surda para

a “institucionalização de uma mudança” (Pedrosa, 2012, p. 7) de comportamento em favor do interesse comum a todos. Damaceno (2013, p. 84) endossa que “a ASCD é uma proposta que se anuncia com o objetivo de (re)discutir algumas questões primordiais para ACD, como Sujeito e Identidades, tipos de mudanças sociais e culturais, tipos de poder, entre outros”. Portanto, a respeito dessa arena discursiva analisada entre os membros politizados da comunidade surda, compreendemos que a ASCD firma-se como uma vertente de crítica discursiva e com caráter transdisciplinar (Nascimento *et al.*, 2021, p. 3).

Essa instabilidade político-ideológica pode ser também compreendida a partir do que Van Dijk (2012) chama de estratégia geral e combinada da autorrepresentação positiva e negativa. Nessa luta discursiva nas plataformas analisadas (*Instagram* e *Facebook*), conforme observamos os modos de operação ideológica das múltiplas representações dos Atores Sociais (surdos e não-surdos politizados da comunidade surda brasileira no contexto de situação e cultura da extinção da Dipebs), o autor justifica que no discurso estruturas ideológicas podem aparecer como expressões de outras estruturas ideológicas subjacentes, e não apenas como uma expressão da relação polarizada entre grupos ideológicos opostos (Van Dijk, 2012, p. 33).

Baseado nesse ponto sobre estruturas ideológicas em comum, o modo de operação ideológica Reificação (Thompson, 2009, p. 88), com o recurso naturalização, justifica-se justamente pela forma como o grupo social defende seus interesses ideológicos (P2C11E-2023), assim como os recursos externalização e passivização (P2C11E-2023: “*Deus ele fala é cristão mas vai Maçonaria*”; P2C7D-2023: “*Luladr4o não resolver nada atenção para surdos*”; P2C2D-2023: “*Sua cala boca, já separam esquerda x direita então sinto muito, lula ganhou presidente mas foi revogado vc acha que é justo? Por isso não vo apoio ninguém que sei lado crianças surdos como futuro mas INFELIZMENTE*”), nos quais o ator social recorre a fatos insignificantes para justificar seus passos a serem seguidos com veemência, levando o leitor àquilo que apenas lhe interessa.

São essas implicaturas que facilitam entendermos o porquê de as postagens e os comentários atingirem animosidade desproporcional na comunidade surda nacional, caracterizada como momento inédito, com um cenário no qual divergências políticas e ideológicas têm tornado insustentável uma convivência pacífica em prol dos mesmos objetivos, tal qual antes da era dos discursos bolsonaristas. Concordamos que essas tensões discursivas permitem investigações a respeito do poder e da ideologia durante a prática social da linguagem, e, dentro desse contexto, a ACD, “como um guarda-chuva” (Pedrosa, 2013), é útil para revelar a natureza discursiva de muitas mudanças sociais e culturais contemporâneas (Wodak, 2004).

Diante dos embates comunicacionais na sociedade majoritariamente de não surdos, as pessoas surdas reconhecem o que de fato impede o acesso e o desenvolvimento individual e coletivo. Chouliaraki e Fairclough (1999) concebem o discurso como um momento semiótico, um momento da prática social, entre outros momentos existentes. E são esses embates linguísticos e culturais que possibilitam a construção de sentidos conforme as experiências vivenciadas. Nada supera os anos em que pessoas surdas foram expostas à imposição de uma língua oral, à ressocialização a partir da “fala”, à proibição do uso natural da LS em ambientes educacionais.

Numa análise linguística, o que mais nos chama atenção, enquanto pesquisadores, é a forma engajada de os atores sociais da direita e da esquerda atribuírem responsabilidades pelas escolhas políticas (P2C7D-2023, P2C8D-2023, P2C9E-2023, P2C4E-2023). Conforme visto, a arena discursiva nos esclarece como a perspectiva dialógica do engajamento nos leva a compreender a relação dos atores sociais surdos e nãsurdos (membros politizados da comunidade surda brasileira) a partir de um enunciado (Martin; White, 2005).

Os fragmentos dos comentários (C) que compõem a Postagem 2 (P2), na perspectiva da **contração dialógica**, a heteroglossia se insere em posicionamentos e convicções de membros da direita e da esquerda, dos quais esses posicionamentos contraem ou expandem o espaço dialógico. No recurso **negação**, no comentário P2C1D-2023: “Lula **nunca** ajudou com vocês”, observa-se o advérbio de tempo “**nunca**” referindo-se à contraposição que o ator social da direita alega em relação ao contexto de situação, assim como no recurso **contra expectativa** no comentário P2C8E-2023: “... igual Bozo faz pra enganar pessoas, **mas** na verdade ele: família já traiu esposa e casou outra”. O uso da conjunção adversativa “**mas**” indica a opinião explícita do ator social. Esses dois recursos analisados compõem a categoria contraposição. Ainda temos a categoria proposição compondo a contração dialógica, na qual se apresentam recursos como: **expectativa confirmada**: P2C9E-2023: “**Exatamente!** Essa história de polarização de política é uma merda”; **endosso**, P2C7D-2023: “**Luladr4o não resolver nada** atenção para surdos[...]”; **pronunciamento**, P2C9E-2023: “direito e o **dever** de cobrar e faremos isso...”. Para essa categoria, observamos que, nos três recursos, o ator social assume com parcialidade o seu papel social enquanto agente comunicativo. Em alguns momentos, os discursos incluem alguns atores sociais e excluem outros, assumindo parcialmente seus posicionamentos (Van Leeuwen, 1998, 2008).

Com isso, a expansão dialógica, através da categoria ponderação, evidencia discursos atravessados por vozes nos recursos **probabilidade** no comentário P2C6E-2023: “Se estão ignorados de não querer lutar pela educação, terão que pesar a consequência”; e o recurso

evidência no comentário P2C11E-2023: “*Passado não pe manda pessoas escolheu Hitler porque ele fala ‘Pátria, família e Deus’*”. Nesses dois recursos (probabilidade e evidência), ao elevar o enunciado a um distanciamento de sua própria convicção, o ator social da esquerda (P2C6E-2023) dá vazão a uma probabilidade/possibilidade de que os que não apoiarem a mobilização em favor da permanência da Dipebs terão de arcar com possíveis prejuízos. Ainda observamos que, por meio do recurso **evidência**, o ator social da esquerda (P2C11E-2023) também não se pronuncia por completo, colocando seu ponto de vista baseado numa premissa (“*Bozo faz pra enganar pessoas, mas na verdade ele: família já traiu esposa e casou outra; Pátria ele já fez bomba contra exército e depois exército expulsou ele*”).

Nas análises desses comentários, observam-se as manobras discursivas em que os atores sociais se inserem. O comentário P2C3D-2023 materializa o modo de operação da categoria *Legitimação* à medida que busca persuadir, justificar, comprometer-se com a causa quando esse ator expõe sua abstenção no apoio à causa devido à eleição do Presidente Lula, apoiada pela esquerda política da comunidade surda politizada (“*Desculpa. Não apoio... Pq você já falou mal do Bolsonaro as vezes. Você aceitou pronto*”). Os recursos universalização e narrativização, componentes desse modo operacional, são entendidos nos movimentos de conclamação, militância, em prol de algo visto como benéfico para a comunidade, conforme visto em P2C4E-2023, quando o ator social apela para que apoiem a causa por causa da Educação Bilíngue para crianças surdas (“*Vamos sim vamos lutar pelas crianças Surda como diz nossa colega criança partidária temos q pensar neles e eles precisam de nós não importa se Bolsonarista ou Petista vamos esquecer lutar pela educação das crianças vamos comunidade surda*”), e em P2C6E-2023, quando o ator expõe sua opinião a respeito do prejuízo que a polarização causa na comunidade surda e evoca a consciência de classe (“*Essa história de polarização de política é uma merda, temos que lutar pela educação bilíngue para as crianças surdas mesmo assim*”).

Fairclough (2005) reforça a ideia de que o discurso caracteriza uma articulação dialética, envolvendo o papel ativo do ator social na relação sujeito/linguagem/mundo, e dependente do contexto social, operacionado pelo uso de constituintes predicativos da articulação com outros textos e convenções discursivas preestabelecidas. Assim sendo, Thompson (2009, p. 84) apresenta-nos outras maneiras de analisar discursos envoltos de pressupostos ideológicos. O modo de operação ideológica Dissimulação insere-se em contextos de dominação. Podemos observar essas nuances nos fragmentos de P2C1D-2023, a partir do termo “cego”, e em P2C2D-2023 e P2C3D-2023 quando os atores sociais politizados da direita usam seus discursos como forma de repreensão aos apoiadores do presidente eleito, atribuindo a essas pessoas a culpa pela

extinção da pasta da Dipebs. Nesse modo de operação ideológica, podemos identificar que os atores sociais da direita política recorrem ao recurso eufemização, uma forma de apelar à atenção dos seus interlocutores para o seu ponto de vista crítico. Observamos também que diferentes comentários são carregados de figuras de linguagem (metáforas) que configuram o recurso tropo, conforme visto em P2C3D-2023: “*passa batom vermelho*”, P2C8D-2023: “*doce venenosa*”, “*comendo pipocas*” e PC11E-2023: “*Hitler*”.

Daremos continuidade às postagens ligadas às pessoas surdas e à Libras apresentando as postagens que originaram comentários apenas da esquerda (E) política na comunidade surda brasileira.

5.2.3 Comentários da esquerda na Postagem 3: capacitismo

Conforme apresentamos no Quadro 9 (cf. seção 3), a pessoa surda não deve ser confundida como uma única identificação de pessoas relacionada à surdez¹³⁵. Talvez seja essa generalização que leva pessoas que desconhecem a especificidade das pessoas surdas a agir com indiferença em relação aos Surdos. O sentido etimológico das duas classificações (Surdos e DA) vai ao encontro de atitudes preconceituosas, acarretando comportamentos assistencialistas, paternalistas, fazendo entender que pessoas surdas são incapazes de socializar-se com autonomia.

A Postagem 3 (P3) está interligada à P1 e à P2 por questões inerentes às especificidades de pessoas surdas (respeito à língua, à cultura e à identidade surda – acessibilidade linguística de modo geral) e aborda o protesto feito por uma surda a respeito do ocorrido no evento esportivo para Surdos no interior de São Paulo em 2021. A carta de repúdio assevera ainda mais o comportamento frustrado da diretoria da Federação Nacional de Educação e Inclusão dos Surdos (Feneis) em optar por apagar do *site* a gravação da transmissão do evento, na qual se mostrava, na íntegra, a atitude do ex-presidente ao se referir aos Surdos com o termo “surdo-mudo”, expressão discriminatória com quem tem deficiência, indiscutivelmente repudiado pela comunidade surda, e a forma assistencialista que ele atribui a um evento para Surdos, o que foi atenuado durante a tradução e interpretação (Português-Libras).

¹³⁵ Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/hz/viver-bem/superacao-do-audismo--5-informacoes-que-voce-deve-saber-0722#:~:text=Pessoas%20com%20defici%C3%Aancia%20auditiva%20s%C3%A3o,audio%20e%20deve%20ser%20superado>. Acesso em: 25 abr. 2023.

A seguir, apresentamos a P3 e os quatro comentários¹³⁶.

P3: *Repúdio contra ao audismo e capacitismo de Jair Bolsonaro. O vídeo agora está legendado e com áudio da interpretação para português na voz de @@@ (obrigada, mulé arretada)*

11 *Bolsonaro, que infelizmente ocupa a cadeira de presidente deste país, em sua live na úl-*
 12 *tima quinta-feira, ao informar sobre a Surdolimpiada Nacional (que vai ocorrer de 4 a*
 13 *7/12 em São José dos Campos, SP, debochou de nós, Surdos/as/es, e da nossa língua além*
 14 *de fazer piadinha de teor sexual que teve o sentido omitido pelo intérprete ao seu lado.*
 15 *A Condeferação Nacional de Desportos de Surdos (CBDS), organizadora do evento, ao*
 16 *invés de criticar publicamente a postura do presidente e do intérprete, postou o vídeo*
 17 *em suas redes normalizando o audismo e capacitismo. Após meu comentário, o vídeo*
 18 *foi apagado ontem. Mas, até o momento, não há nenhum esclarecimento público da*
 19 *CBDS em relação à situação. Já sabemos que esse (des)governo vem desde 2018 tem-*
 110 *tando cooptar as bandeiras de luta da surda para benefício de seu projeto fascista e*
 111 *neoliberal com caráter assistencialista. Mas há resistência.*
 112 *Esporte é direito! Qualquer verba ou benefício do Governo Federal para o surdodespor-*
 113 *to. É direito! Qualquer verba ou benefício do Governo Federal para o surdodesporto é*
 114 *pública fruto de muitas décadas de lutas protagonizadas pelo Povo Surdo e seus aliados.*
 115 *Não é favorzinho da família Bolsonaro, não é presente, muito menos mágica da primeira-*
 116 *dama. Sabemos Bolsonaro vive emitindo falas preconceituosas/discriminatórias e se*
 117 *comportando de forma opressora, desrespeitando direitos humanos cotidianamente. Ele*
 118 *não vai mudar. Precisa ser retirado do poder o quanto antes!*
 119 *Mas desta vez ele falou diretamente sobre a Comunidade Surda urcando um evento que*
 120 *está tendo patrocínio e visibilidade do Governo Federal. As Associações de Surdos e*
 121 *Associações Associações de TILS/Gi precisam urgentemente se manifestar de forma pú-*
 122 *blica e institucional em defesa do Povo Surdo e das Línguas de Sinais. E, também devem*
 123 *cobrar posicionamento das Federações a que estão vinculadas (tanto as Federações*
 124 *Desportivas como também a Feneis e a Febrapils). Escolher se omitir é concordar com*
 125 *o Opressor.*

Fonte: @cafe.compolitica, Instagram, repostagem, Mariana Hora, 2021.



A premissa da ACD pode ser entendida como uma área de pesquisa que conduz o pesquisador à construção discursiva a partir dos contextos de situação e de cultura em que ele esteja inserido. Entendemos que a tensão discursiva estabelecida a partir dos discursos bolsonaristas suscita o engajamento de atores sociais, surdos e não surdos (membros da comunidade surda brasileira); todavia, é necessário esclarecer que a ACD não mantém o foco apenas no discurso, “mas nas relações entre discurso e outros elementos sociais” (Chouliaraki; Fairclough, 2010, p. 1215).

¹³⁶ Ressaltamos mais uma vez que as postagens, até então, não seguem uma uniformidade devido aos diferentes tipos de *corpora* coletados. Por vezes apresentamos por textos, por quadros (cf. P2) e por imagens e textos (cf. P1).

A P3 remete ao evento esportivo promovido pela CBDS e pela Feneis que impulsionou o posicionamento de atores sociais surdos e não surdos politizados da esquerda e da direita, principalmente da esquerda, a partir dessa carta de repúdio compartilhada em várias contas no *Instagram*. Vejamos os comentários, elencados no Quadro 26, a seguir:

Quadro 26 - Audismo e capacitismo

Comentários (C) da postagem 3 (P3) em 2021	
P3C1E-2021	o problema com os surdos q defedem o genocidaé q eles também são cegos
P3C2E-2021	Parabéns, @@@@! Importante esse seu vídeo de esclarecimento pq realmente não dá para os surdos entenderem a piada de cunho sexual feita pelo presidente. O mais lamentável de tudo é que ele ainda seja presidente do Brasil e continue tendo grande apoio da comunidade surda q ele não respeita como não respeita o povo brasileiro em geral. Avante! Temos uma luta pela frente!
P3C3E-2021	Parabéns, @@@@. Muito importante e profunda sua análise sobre a situação do tradutor/intérprete de Libras e seu compromisso com seu cliente. Quem é o cliente desse intérprete que acompanha Bolsonaro? Ele interpreta para as pessoas surdas ou para o Bolsonaro? Não é a primeira omissão que ele comete. Eu ousou dizer aqui que o intérprete conta com o fato dos surdos não estarem ouvindo...
P3C4E-2021	...penso o mesmo é angustiante vê o nosso país cada dia pior. Só nos resta ter esperança.

Fonte: @cafe.compolitica, *Instagram*, compartilhado do perfil Mariana Hora, 2021.

Ver: https://www.instagram.com/p/CW_e8chpKKL/.

Como discutimos anteriormente, os discursos vistos na postagem do professor surdo correspondem à indignação da comunidade surda ao observar a forma como o ex-presidente se pronunciou na cerimônia de abertura do evento, chamando-a de “*surdo-mudo*”, termo omitido pelo intérprete durante a interpretação simultânea. A cobertura do evento estava sendo transmitida pela *internet*, e esse comportamento antiético do Tradutor resultou em indignação em diferentes perfis nas redes sociais. Desse modo, esta tese se insere justamente nesse campo assimétrico, no qual descortinamos esses tipos de violência em diferentes plataformas digitais direcionadas às minorias linguísticas, conforme pontuado nas seções 2 e 3, e concordamos que o discurso estabelece domínio; além disso, o discurso representa e constrói a realidade social como prática que muda o mundo e o sujeito (Fairclough, 2003).

Esse evento esportivo trata-se de um campeonato nacional, ocorrido em dezembro de 2021, em São José do Rio Preto-SP, que antecedeu o evento internacional, que aconteceria em abril de 2022 na cidade de Caxias do Sul-RS. Ambos representam um importante passo para os Surdos esportistas que treinam para se classificar para a etapa da Surdolimpíada Internacional. Diante da péssima repercussão, o termo “*surdo-mudo*” proferido pelo ex-presidente, no discurso de abertura, demonstra o despreparo e a desinformação dele em relação aos Surdos. Em Libras, uma sinalizante relatou e traduziu sua sinalização (P3) para que todos pudessem ter acesso ao fato. Envergonhada, a diretoria da CBDS excluiu o vídeo (gravado na *live*) da página

da Confederação e não comentou nada a respeito. Lógico que o fato abriu espaço para que atores sociais Surdos da esquerda política se revoltassem.

Pelo viés dos modos de operação ideológica (Thompson, 2009, 2011) adentramos as esferas que compõem os constituintes predicativos desses discursos; nesse contexto, é possível identificar a movimentação que os atores sociais politizados da esquerda política utilizam para a ativação de suas crenças. Com isso, na Legitimação observamos a maneira persuasiva do ator social da esquerda ao atribuir responsabilidades aos apoiadores da direita quanto às situações vexatórias em que o governo envolveu a língua, a cultura e a acessibilidade comunicacional através da tradução e interpretação. Em P3C1E-2021, categoricamente, utiliza-se o epíteto “cego” para justificar o discurso opositorista e mostrar que a consequência da polarização político-ideológica causa esse tipo de discurso em apoio ao “*genocida*”. Assim como no recurso universalização, outros adjuntos circunstanciais foram escolhidos para a militância do ator social politizado da esquerda em favor do que ele acredita ser benéfico para a comunidade (P3C2E-2021). Ao alertar os membros da comunidade surda sobre o efeito que as brincadeiras, as piadas, advindas de um líder governamental podem causar, como a naturalização dos fatos pelos apoiadores, assim como a omissão do termo usado, “*surdo-mudo*”, pelo Tradutor, P3C3E-2021 inclui o recurso da narrativização como estratégia persuasiva ao rememorar fatos que afetam situações culturais de pessoas surdas.

Diante do questionamento levantado pelo ator social em P3C3E-2021 a respeito da subordinação do Tradutor e da demanda que ele atende através do serviço tradutório e interpretativo, encontramos componentes do modo de operação ideológica Dissimulação pela forma de envolver dominação/alienação e desprezo pela causa (acessibilidade linguística e comunicacional para pessoas surdas). Sem dúvida, essa tensão discursiva no evento esportivo despertou a importância da coletividade entre os membros da comunidade surda brasileira em prol de pautas que somam diferentes valores para a língua, a cultura e a identidade surdas. São essas questões que justificam o modo de operação ideológica Unificação. Ao afirmar que é preciso “*ter esperança*” (P3C4E-2021), observa-se o sentimento identitário aguçado, debruçando-se diante do contexto caótico que a polarização político-ideológica causou na comunidade surda.

Diante dessa tomada de decisão, o modo de operação da categoria Fragmentação busca agrupar os membros de um determinado grupo para o fortalecimento dos laços que os une (Thompson, 2009, p. 86-87), como visto em P3C3E-2021 no combate às investidas da oposição, assim como o recurso nominalização, do modo de operação ideológica da categoria Reificação,

notado em P3C4E-2021 quando alinha seus ideais por meio de sentenças, frases ou lemas coletivos.

Contextualizando, a fim de aplicar a essa situação, Martin e White (2005, p. 1) salientam haver um processo à medida que “os escritores/produtores textuais se entusiasmam e abominam, aplaudem, engajam e criticam quanto à forma como conduzem seus leitores/ouvintes a fazer o mesmo”¹³⁷. Devido ao profundo ponto de reflexão abordado na P3, preferimos evidenciar a representação dos atores sociais nessa postagem e na redução dos comentários para fins de equilíbrio dos *corpora*. Na contração dialógica, a categoria contraposição seleciona constituintes predicativos utilizados em duas categorias: destacamos os trechos atribuídos à **negação**, P3C1E-2021: “[...] *comunidade surda que ele não respeita*”, e à **contraexpectativa**, na linha 19 (l19), que, conforme Martin e White (2005), se utilizam de conjunções para reforçar o sentido da oração. Todavia, no recorte “**Mas** desta vez ele falou diretamente sobre a Comunidade Surda [...]”, sintaticamente, o termo “**mas**” (assim como outros constituintes da oração, tais como: *todavia, entretanto, contudo...*) age como modulação para o reforço do argumento.

A categoria ratificação está dividida nas seguintes subcategorias: a **expectativa confirmada**, que pode ser interpretada por meio do recorte da linha 3 (l3): “*Já sabemos que esse (des)governo vem desde 2018 tentando [...]*”; para essa afirmativa, o sentido da ordem do fazer/executar, a partir do adjunto circunstancial “**saber**”, na primeira pessoa do plural, interpreta-se como: evidentemente, obviamente, claramente, no modo implícito. Nota-se o **endosso** no recorte da linha 20 (l20): “*As Associações de Surdos e Associações de TILS/Gi precisam urgentemente se manifestar[...]*”, em que observamos uma forma de posicionamento que pode ser interpretada a partir de constituintes predicativos que compõem essa categoria (asseverar, atestar, mostrar...). O uso do constituinte “**precisar**”,¹³⁸ na primeira pessoa do plural (precisamos) evidencia o sentido de o ator social conclamar a comunidade surda a se posicionar diante do ocorrido. Já o **pronunciamento** é visivelmente entendido através do recorte das linhas 11 e 12 (l11, l12): “*Mas há resistência. Esporte é direito*”; nessa subcategoria, as lexias “argumentar” e “defender” estão associadas a expressões que visam a sintetizar o discurso para que o receptor receba a informação de forma objetiva. Embora no fragmento destacado não estejam as palavras que compõem essa categoria, a afirmativa da sinalizadora/escritora surda que sinalizou e interpretou para LP o discurso assegura a justificativa em relação à insatisfação

¹³⁷ Tradução nossa.

¹³⁸ Uso do termo “*precisam*”, no recorte do comentário no qual o ator social endossa o papel das associações de surdos e de intérpretes

quanto ao evento em questão.

Na expansão dialógica, as categorias podem ser entendidas através dos recortes envolvidos na categoria ponderação, em que, por meio do recurso **probabilidade**, adentramos discursos nos quais o ator social não se compromete completamente, alegando o fato a situações adversas, conforme visto em P3C3E-2021: “*Ele interpreta para as pessoas surdas ou para o Bolsonaro? Não é a primeira omissão que ele comete*”. Já o recurso **evidência** pode ser visto na linha 8 (l8): “*Mas, até o momento, não há nenhum esclarecimento [...]*”. Nesses dois recursos, entendemos o motivo pelo qual o ator social mensura seu posicionamento em relação ao fato. Conforme o recorte P3C3E-2021, outros motivos são:

A língua de sinais é uma língua natural, com gramática própria e, por ser visual/espacial, é adquirida sem dificuldades pelas pessoas surdas. A aquisição da língua de sinais permitirá à criança surda, além do desenvolvimento linguístico, o desenvolvimento dos aspectos cognitivo e sócio-afetivo-emocional. Permitirá também o desenvolvimento de identificação com o mundo surdo, um dos dois mundos aos quais ela pertence. E mais, a língua de sinais servirá como base para a aquisição da língua majoritária, preferencialmente na modalidade escrita. Finalmente, o fato de ser capaz de utilizar a língua de sinais será uma garantia de que a criança surda possa usar pelo menos uma língua.

Devido à grande importância que a LS representa para a comunidade surda, corrobora-se a insatisfação a respeito do TILSP diante dos pronunciamentos oficiais, assim como no recorte da linha 18 (l18), em que observamos o ator social evidenciando algo para o qual não houve um esclarecimento.

Na categoria atribuição, observamos o recurso **reconhecimento** por meio do recorte da linha 19 (l19): “*Mas desta vez, ele falou diretamente sobre a Comunidade Surda*”, e o recurso **distanciamento** em P3C3E-2021: “*Quem é o cliente desse intérprete que acompanha Bolsonaro? Ele interpreta para as pessoas surdas ou para o Bolsonaro?*” Embora no reconhecimento os itens lexicais não estejam no quadro das lexias dessa categoria (conforme, segundo, em concordância), podemos reinterpretar a expressão “*mas desta vez...*” como “em concordância” devido ao ator social do discurso se basear na interpretação simultânea da fala do ex-presidente para exteriorizar sua opinião. No recurso distanciamento, conforme os termos que o caracterizam (alegar, de acordo, como afirma...), o fragmento selecionado pode ser também reinterpretado ao alegar ou estar de acordo com a questão pontuada sobre a escolha do Tradutor por omitir um termo durante a tradução e interpretação (Português-Libras). É nesse sentido que analisamos linguisticamente a P3.

Por representar a maior expressão cultural e linguística dos Surdos, a LS é sinônimo de

resistência diante de toda a trajetória opressora e colonizadora que pessoas surdas passaram (cf. seção 3). Os Surdos têm na língua o orgulho, o sentimento de pertencimento em reconhecer o seu lugar no mundo. É por ela que a relação surdo-surdo é fortalecida. É nessas relações que muitos Surdos são acolhidos e se tornam Surdos empoderados, politizados, destemidos e fortalecidos para enfrentar todo julgamento relacionado à incapacidade laboral, comunicativa; e, dentro da própria família, a LS tem a capacidade de unir e aprimorar o desenvolvimento linguístico e cultural entre Surdos e não-surdos.

Através dos pressupostos defendidos por Van Dijk, compreendemos que, a respeito desse sentimento autoparticipativo, o motivo dessa instabilidade política e ideológica na contemporaneidade advém justamente dessa busca iminente de ambos os grupos sociais tentarem proteger os seus: “uma maneira de classificar as ideologias, bem como os discursos, é pelo campo social em que eles funcionam (Van Dijk, 2012, p. 24). Logo, como a língua representa resistência contra-hegemônica para os Surdos, concordamos com Pereira e Vieira (2009, p. 64) ao explicarem o sentido que esse artefato cultural representa para a comunidade surda.

Por representar resiliência num mundo que não perdoa os iletrados (Nascimento, 2018), por representar toda manifestação cultural e linguística que caracteriza mundialmente os Surdos e por representar oportunidades na aquisição de conhecimentos, entre outras razões, a comunidade surda valoriza a LS em defesa do respeito e da disseminação dessa língua para a educação e a inclusão dos Surdos. Portanto, testemunhando todas essas situações vexatórias na tradução e interpretação, a partir de piadas, de julgamentos da expressão facial e corporal, a respeito do ato de omissão e da repercussão de gestos obscenos comparados com a Libras, é comum que a comunidade surda se rebele contra esses comportamentos.

Almeida (2010) aborda que nos discursos a atitude de apreciação é um recurso semântico que tem a função de avaliar coisas, objetos e fenômenos. Como expusemos anteriormente na nota de repúdio (P3), a indignação, ou apreciação, corresponde à omissão do Tradutor durante a tradução e interpretação (Português-Libras) e ao modo capacitista de Bolsonaro se referir às pessoas surdas com o termo “*surdos-mudos*”. Em vários perfis nas redes sociais, a comunidade surda se manifestou contra esses comportamentos e contra a forma de organização do evento pela Feneis e pela CBDS. A escolha por omitir representa um dos vários momentos da interpretação dos pronunciamentos, nos quais o ex-presidente brinca ao comparar Libras com gestos, testificando a capacidade do tradutor em interpretar/sinalizar determinados epítetos (frases, piadas, termos em outras línguas). Desse modo, para a comunidade surda, esse comportamento com a LS representa descaso, ainda mais vindo de uma pessoa que estava à

frente do governo do país. Além disso, as autoras reafirmam que esse modo de se expressar está associado às avaliações de elementos do cotidiano, bens culturais e de serviços, além de fenômenos da natureza (Nascimento *et al.*, 2021, p. 5).

Para esse comportamento do ex-presidente em generalizar as pessoas surdas com o termo “*surdos-mudos*”, observamos uma tendência em direção à homogeneização global da surdez; percebemos uma inversão do discurso que identifica a importância da cultura surda com a antiga propaganda do governo em busca da “alteridade” a partir da visibilização da Libras. É nesse ponto que podemos levantar questões sobre a representação das pessoas surdas nos discursos oficiais do ex-Presidente Bolsonaro. A respeito dessa classificação (surdo-mudo)¹³⁹, de acordo com Ana Regina Campello (2020, p. 2),

A designação é antiga, porém foi submetida e atualizada em novas lógicas, em perspectivas diferentes. Ao nosso ver, como denominações incorretas que violentam o direito humano da pessoa surda de sinalizar posicionando os surdos como sujeitos que precisam ser reparados por meio de recursos terapêuticos-medicinais. É óbvio que a denominação ainda é utilizada em certas áreas e divulgada nos meios de comunicação, principalmente na televisão, nos jornais e nas rádios, pela lógica de não ouvir e de não falar, mas se comunica com sinais. Defendemos que essa é uma política de denominação mais correta, pois enxerga a pessoa Surda como um ser afirmativo e não como um ser estigmatizado. O fato de uma pessoa ser Surda-Muda não significa que a voz dela seja muda. A voz é destoante por natureza da ausência de contato de som.

Campello (2020) esclarece que o termo surdo-mudo caiu em desuso a partir do Congresso de Milão, ocorrido nos dias 6 a 11 de setembro de 1880 na Itália. Nessa ocasião, foram estabelecidas as novas metodologias de ensino para pessoas surdas, com a implantação da “filosofia oral pura”; com isso, houve a mudança do termo Surdos-Mudos para Surdos a fim de coincidir com o trabalho clínico e terapêutico em benefício da ressocialização dessas pessoas a partir do oralismo.

Nas representações dos atores sociais, o comportamento do ex-Presidente Bolsonaro equivale à inclusão, de modo genérico, por categorização biológica e por categorização cultural (Van Leeuwen, 1998, 2008) devido ao enraizamento do termo “surdo-mudo”, utilizado para fins assistenciais, na perspectiva patológica do “ouvido doente”. Como forma de protestar contra as investidas colonizadoras, no sentido do que Resende (2019) chama de “colonialidade do ser”, e contra o que Santos (2009) chama de “pensamento abissal”, a comunidade surda luta

¹³⁹ A respeito do significado do termo, cunhado por uma linguista surda, Dr^a. Ana Regina Campello, ver: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/42434/pdf>. Acesso em: 6 set. 2023.

em prol de visibilidade, em favor dos direitos humanos, para quebrar paradigmas devido aos entrelugares preestabelecidos e demarcados pelas formas de colonialismo predefinidos, enraizados pela violência linguística advinda e impulsionada desde Milão (1880)¹⁴⁰.

Na carta de repúdio, identificamos a forma discursiva pela qual a comunidade surda age em prol de uma mobilização política, no sentido de reconhecimento de sua cultura e sua identidade, inclusive com destaque para a problemática instalada a partir da polarização político-ideológica entre os membros politizados da comunidade surda, aplicando-se justamente a noção de abissal, a ideia de um lugar de separação entre dois pontos extremos, que agem na afirmação e negação do outro e que, pela clivagem que há entre eles, não se pode passar de um lugar para o outro, de tal modo que há apenas um sempre estar cá em oposição a um sempre estar lá, sendo, portanto, lugares estáticos (Nascimento *et al.*, 2021, p. 7).

Conforme apontamos, essas postagens (P1, P2, P3) afetam diretamente os aspectos linguísticos, culturais e identitários, aspectos que a comunidade surda defende intensamente, conforme observamos nas palavras de Campello (2020). Qualquer situação que desmereça esses aspectos resulta em desaprovação em massa. Eis a razão pela qual os discursos analisados suscitaram essa tensão discursiva acerca da omissão do termo capacitista, das piadas, das brincadeiras e da desorganização no espaço destinado à interpretação durante o comício. Melo e Cabistani (2019) compreendem que o modelo caritativo aponta a Pessoa com Necessidades Especiais (PNE) e as Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (PNEE) como tendo uma vida trágica e sofrida, merecedora de ajuda e caridade. E, nesse contexto, os cuidadores têm plenos poderes no tipo de atendimento que a pessoa recebe.

No Manifesto dos Cidadãos Surdos (Feneis, 2024, p. 7), documento organizado por membros politizados da comunidade surda brasileira, os organizadores destacaram um texto escrito por um surdo norte-americano (Paddy Ladd, 1988) que coincide com esse contexto decolonial que destacamos neste subtópico.

Ah! Não queremos mais viver de caridades. Nem nos repetir nos erros da sua colonialidade. Não mendigaremos direitos como se fossem favores. Nem nos aquietaremos nas “gentis” mãos dos opressores. Vejam tudo o que fizemos e falamos com as nossas mãos! Nos respeitando verão a força da nossa comunidade. Vejam tudo o que fizemos e falamos com as nossas mãos! Nos libertamos dos seus olhares cheios de piedade. Não nos tratem como peças quebradas em exposição, “Só queríamos ajudar!” – palavras vazias, pura ilusão! [...] Nossas mãos erguidas, na luta, são a nossa canção Que pede por equidade e novos espaços sem opressão. [...] Façam como quiserem, mas nossa luta não vai parar, pelos nossos direitos humanos avançamos sem

¹⁴⁰ Cf. seção 3.

recuar. Isso é o que chamamos de reparação! Olhem bem, porque nossas são as faces de uma justa reivindicação: Curar as feridas da nossa comunidade caminhando juntos em uma nova visão (Feneis, 2024, p. 7).

Assim, entendemos que, nas relações sociais, é necessário romper fronteiras que nos impedem de reconhecer o que caracteriza um grupo social. A necessidade de aceitação, nas relações sociais, permite-nos desenvolver uma nova postura que coopera com a identificação cultural; e é a partir dessa postura que novas práticas discursivas exercem seu papel em processos de mudança social e cultural (Fairclough, 2001).

É nessas ações protagonizadas por líderes Surdos que é fortalecida imagetivamente a força do sentido do que é ser Surdo, aspecto também compreendido através do conceito que Paddy Ladd (2013) denomina *Deafhood* – em tradução, Estudos Surdos –, modo de emancipação linguística e cultural dos pensamentos enviesados em conceitos assistencialistas, assim como destacamos em premissas decoloniais de autores críticos que tratam essa questão como forma de descolonização do pensamento, do ser e do saber, como atestam Resende (2019) e Santos (2009).

A seguir, iniciaremos o segundo módulo, com postagens relativas à forma como o governo Bolsonaro propiciou discursos oposicionistas polarizados na comunidade surda nos eventos discursivos.

5.3 EVENTOS DISCURSIVOS ENVOLVENDO O GOVERNO BOLSONARO

Para os quatro eventos discursivos analisados neste subtópico (P4 – perseguição política, P5 – ineficácia da vacina, P6 – a “Libras do ódio” e P7 – questões ideológicas e religiosas), as postagens ainda representam os modos operacionais dos atores sociais surdos e não-surdos (membros politizados da comunidade surda) diante dos posicionamentos polarizados, estando organizados da seguinte forma: i) postagens com comentários apenas da esquerda (E): Postagem 4 (P4) e Postagem 5 (P5); ii) postagens com comentários apenas da direita (D): Postagem 6 (P6) e Postagem 7 (P7).

5.3.1 Comentários da esquerda na postagem 4: perseguição política

Conforme apontamos anteriormente, as análises, a seguir, deste tópico equivalem ainda aos comentários da esquerda política, membros politizados da comunidade surda, assim como vimos no primeiro módulo, na postagem 3 (P3), e veremos adiante na Postagem 5 (P5) dentro

deste segundo módulo.

Assim sendo, o episódio gerado durante a *live* organizada por membros da esquerda política, no *Instagram* @cafe.compolitica, impulsionou a consciência crítica na comunidade surda e escancarou ainda mais a polarização político-ideológica entre os politizados. Conforme a Imagem 6, a seguir, esse evento discursivo trata-se de uma *live* organizada pelo @café.compolitica, na qual o convidado entrevistado era o ex-parlamentar Jean Willys, mediada por professores Surdos: o professor surdo Me. Valdo Ribeiro Resende da Nóbrega (UFPB) e a professora surda Dr^a. Carlissa Dall’Alba (UFSM), ambos professores universitários. Por ter sido uma *live*, a gravação/vídeo desse evento discursivo não está disponível nas contas dos organizadores. Os comentários gerados e filtrados para os *corpora* correspondem aos comentários no *chat* dos atores sociais surdos e não-surdos, da esquerda, durante a entrevista. Observemos a Imagem 6:

Imagem 6 - Comitê Volta Dilma



Fonte: *Instagram* @café.compolitica.

Durante 12 anos, o Partido dos Trabalhadores (PT) esteve no comando do Brasil (2003-2006, 2007-2010, Presidente Lula; 2011-2016, ex-Presidenta Dilma Rousseff). Nesse contexto governamental, diversos escândalos colaboraram para a prisão de vários corruptos. Eis a razão pela qual a direita política se levantou com tamanha força no governo Bolsonaro, proporcionando fortes conteúdos discursivos. Esse evento discursivo analisado representa um posicionamento ideológico contrário à direita. Em tempos de polarização política-ideológica no país, durante o governo do ex-Presidente Bolsonaro, e atualmente no terceiro mandato do presidente Lula, estar contra o governo atual representa apoiar uma ideologia antidemocrática

e, no governo anterior, estar contra o governo, conforme o discurso da ex-primeira-dama, representava ser das “trevas” (cf. seção 3).

O evento discursivo em questão nos faz entender a linguagem na sua condição de prática social (Abella, 2017), abrindo horizontes para compreendermos, semântico-discursivamente, a intencionalidade por trás dos posicionamentos político-ideológicos a fim de atacar diretamente os membros da comunidade surda da direita, apoiadores do então Presidente Bolsonaro. Vejamos os comentários destacados no Quadro 27:

Quadro 27 - Perseguição política

P4C1E-2021	@@@@ não seja hipócrita né? É tão óbvio que vc e sua manada irão assistir.
P4C2E-2021	Vão assistir pra poder depois falar mal. Mas pelo menos vão assistir a aula. Tomara que um dia esses BolsoSurdesMinions acordem pra realidade: Brasil destruído, famílias destruídas, inflação cada vez mais alta, perca de direitos e GENOCÍDIO! Gado é forte né? Então carreguem todas essas mortes e retrocessos nas costas também porque vocês SÃO CULPADOS IGUAL O BOLSONARO!.
P4C3E-2021	Mente fechada é a sua que não acha que o Brasil inteiro é vítima desse BANDIDO chamado Bolsonaro. Ele foge de investigação da polícia porque? Ele foge de debate porque? Moro defendia o presidente e não defende mais porque? Você não enxerga??? Ele não aceitou as vacinas MILHARES de vezes e MUITA gente morreu por causa disso. Você não tem empatia pelas famílias que perderam alguém para a morte...
P4C4E-2021	@@@ e leva seu pet preferido junto: gado.
P4C5E-2021	... pelo visto tu prefere força do que inteligência. Enfim até não percebeu a frase que escrevi... continue escolhendo a força de gado, pq de inteligência ele nunca foi... prefiro do que ser gado. Boa sorte aí com a petec... ops o pet que levou...

Fonte: *Instagram (@maodireita)*.

O conteúdo da P4 foi um dos que nos possibilitou atestar a instabilidade social entre membros politizados da comunidade surda, sobretudo no contexto pandêmico, especialmente contra o governo Bolsonaro e membros da direita política na comunidade. Foram utilizados discursos oposicionistas violentos em posicionamentos contra o sistema do governo Bolsonaro e a forma como foi encarada a pandemia. Destacaram-se comentários que contrapõem a manifestação dos membros da comunidade surda da direita, depreciando a organização da *live* em defesa dos ideais políticos da direita.

De acordo com a categorização de Van Leeuwen (1998, 2008), nos comentários anteriores, os atores sociais da direita, implicitamente, se situam dentro da grande categoria de inclusão; os constituintes predicativos “hipócrita”, “manada”, “bolsosurdesminions”, “gado”, “pet”, e até mesmo a generalização a partir do termo “CULPADOS”, revelam a forma como os atores sociais, membros politizados da comunidade surda brasileira da esquerda, estudam coletivamente o contexto de situação. E, à medida que não são nomeados partidos, excluem o perfil da rede social, ou até mesmo o nome específico de algum membro da comunidade surda.

Todos os adjuntos circunstanciais têm como objetivo responsabilizar o governo Bolsonaro e os apoiadores de direita diante do contexto pandêmico, e isso pode ser traduzido como uma exclusão por encobrimento, visto que há marcas discursivas que dão as pistas necessárias acerca das respostas concretas dos atores sociais da esquerda às ofensas recebidas durante a *live*. No centro dessas duas arenas discursivas, do ator social incluído ou do ator social excluído, ambas as arenas desempenham um papel na redução do número de participantes, e muitas vezes atores sociais específicos são explicitamente referidos (Van Leeuwen, 2008).

Para relacionar essas marcas de inclusão dos atores sociais da direita no texto, nas quais eles aparecem apenas por referências, faz-se necessário conhecermos os contextos de situação e de cultura em que a tensão discursiva está inserida. O resultado desses posicionamentos pode ser entendido através dos modos de operação ideológica e através do subsistema engajamento, cujas categorias e recursos nos permitem adentrar o campo discursivo em que os constituintes predicativos estão envolvidos, e os contextos “sociopolíticos e históricos em que as práticas discursivas institucionais se encaixam” (Magalhães, 2009, p. 26) colaboram também para essa construção sociodiscursiva.

Thompson (2009, p. 84) argumenta que numa relação sociodiscursiva os discursos são construídos em torno de operações ideológicas, cujas estratégias revelam as identidades coletivas e individuais dos atores sociais, inicialmente por meio da Legitimação, em que os discursos são construídos com recursos da universalização e da narrativização. Nesse modo de operação, os atores sociais buscam racionalizar seus posicionamentos, justificando, persuadindo, militando, por meio de rememorações de fatos como estratégias justificadoras para tal situação. E, diante do contexto em que a postagem 4 (P4) se insere, no comentário P4C2E-2021 encontram-se fragmentos que endossam essas características discursivas. Quando o sujeito ativo se apropria da lexia “*GENOCÍDIO*”, escancaradamente ele milita em prol do que julga ser pertinente para o seu grupo social, comprometendo-se com a causa defendida (a *live* com Jean Wylis).

Observamos que nos comentários da P4 há uma espécie de embate contraideológico por parte dos membros politizados da comunidade surda em desfavor dos diferentes comportamentos materializados no contexto discursivo em que a *live* se insere. Os discursos oposicionistas, diante desse embate político-ideológico dessa postagem, apelam à atenção dos interlocutores para uma espécie de validação do que os apoiadores da esquerda interpretam. A partir da dominação ideológico-política dos membros politizados da comunidade surda da direita, o comentário P4C3E-2021 busca um deslocamento ao se referir ao ex-Presidente Bolsonaro como “*BANDIDO*” e ao afirmar que ele não se importou com as “*vacinas*”; com

isso, num recurso que Thompson (2009) chama de eufemização, o ator social da esquerda apela para que os interlocutores validem seu discurso através do fragmento: “*Moro defendia o presidente e não defende mais...*”, assim como o que o autor citado chama de tropo diante da expressão “*mente fechada*”, como forma simbólica e imagética, caracterizando os membros da direita (Thompson, 2009, p. 86). Essas características correspondem ao modo de operação ideológica Dissimulação (Thompson, 2009, p. 84).

Nos comentários P4C2E-2021 e P4C3E-2021, os atores sociais, numa luta contra-hegemônica, buscam envolver seus membros numa construção discursiva, criando símbolos coletivos, numa linguagem peculiar para confrontar os discursos oposicionistas. São nessas peculiaridades que o modo de operação Unificação é evocado na polarização político-ideológica. No fragmento “*pelo menos vão assistir a aula. Tomara que um dia esses BolsoSurdesMinions acordem para a realidade*” (P4C2E-2021), a construção discursiva do ator social da esquerda distancia seus membros dos posicionamentos opostos, nos quais ele julga haver uma espécie de alienação devido ao fato de os membros polarizados da comunidade surda da direita não observarem os aspectos sociais¹⁴¹ que ele julga serem óbvios no contexto social vivido.

No percurso discursivo analisado nos comentários citados (P4C2E-2021, P4C3E-2021), nos quais há um agrupamento para combater as investidas da oposição em defesa dos pressupostos ideológicos, encontram-se elementos característicos do modo de operação ideológica Fragmentação quando o ator social da esquerda inclui os atores sociais da direita no fragmento “*Vão assistir para depois falar mal*” (P4C2E-2021) e no fragmento “*Você não tem empatia pelas famílias que perderam alguém para a morte...*” (P4C3E-2021), situações fatídicas que os atores sociais da direita, membros politizados da comunidade surda, naturalizam. Esse comportamento de naturalizar situações arbitrárias faz parte das características do modo de operação ideológica Reificação (Thompson, 2009, p. 88).

Na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, por meio dos processos de avaliação do subsistema Heteroglossia, a P4 se insere no espaço dialógico que suscita diferentes recursos categóricos. Na contração dialógica, a categoria contraposição parte do princípio de como o ator social da esquerda se comporta diante de um fato. Nesses termos, no recurso **negação**, conforme o recorte P4C3E-2021, “[...] *Você não tem empatia pelas famílias*”, o posicionamento enfático do discurso aponta para uma afirmativa pessoal a respeito da apreciação que o sujeito faz; já a **contraexpectativa** pode ser observada em P4C2E-2021: “[...]”

¹⁴¹ “*Brasil destruído, famílias destruídas, inflação cada vez mais alta, perca de direitos e GENOCÍDIO*” (P4C2E-2021).

mas pelo menos vão assistir a aula”, em que a opinião explícita do ator social se manifesta em torno da palavra “mas”.

A categoria proposição concentra recursos como **expectativa confirmada** em P4C1E-2021: “*É tão óbvio que vc e sua manada*”; **endosso** em P4C2E-2021: “*[...] pelo menos vão assistir a aula*”, e **pronunciamento** em P4C3E-2021: “*[...] Moro defendia o presidente e não defende mais*”. Conforme dito, essa categoria agrupa recursos que endossam a opinião explícita e o comportamento do ator social diante do fato.

Isto posto, a partir dos interesses de pesquisas em ASCD, a comunidade surda é constituída como parâmetro de uma minoria linguística, sendo que o conceito de minoria se opõe ao aspecto numérico, mas, sim, abarca os fatores da representatividade e da vulnerabilidade, relacionando-se diretamente com os espaços que a comunidade ocupa em determinadas práticas sociais (Santos, 2022, p. 55). Consideramos que os discursos oposicionistas que suscitam polarização em questões como anticiência, antivacina e outros aspectos políticos correspondem aos espaços de representatividade nos quais a comunidade surda, enquanto minoria linguística, pode ser acionada. Conforme ilustrado anteriormente, no evento discursivo em prol da campanha para a volta da ex-Presidenta Dilma ao contexto político, em favor também da candidatura do então candidato Lula, situamos a definição dos *corpora* para este módulo no desenvolvimento das análises deste trabalho.

Conforme Santos (2022), compreender os discursos oposicionistas é relacioná-los ao aspecto das representações discursivas aglutinadas em seu interior pela manifestação de ódio, intolerância, desrespeito, coletiva e individualmente, contra as mesmas pessoas que, como membros, pertencem à comunidade surda. Na representação dos Atores Sociais politizados da direita, implicitamente, os sujeitos ativos estudam o contexto de situação, com a tarefa de conclamar seus pares para livrar o país das supostas ameaças comunistas insultando a organização do evento. Portanto, os discursos oposicionistas despertam nos atores sociais politizados da esquerda a necessidade deles estudarem se posicionarem diante dos ataques e insultos. Essa naturalização do movimento polarizado torna cada vez mais difícil combater o ciclo de reprodução discursiva de poder e dominação (Van Dijk, 2018). Com isso, conforme observamos nos comentários gerados, constituintes predicativos como “manada”, hipócrita, “gado”, “bandido”, “bolsosurdesminions”, “pet” são atrelados não somente à pessoa de Bolsonaro, mas também aos que apoiam atitudes e comportamentos do governo Bolsonaro.

Van Leeuwen (1998, 2008) esclarece que, no contexto de situação, diante da tensão discursiva, o ator social é passivado ou ativado. Temos na P4, exatamente no P4C2E-2021, o momento em que podemos observar, na prática, essa teoria social do momento em que o ator

social é afetado (momento da passivação): *“Brasil destruído, famílias destruídas, inflação cada vez mais alta, perda de direitos e GENOCÍDIO”*; e um momento que conduz à ativação do ator social no P4C5E-2021: *“[...] Enfim até não percebeu a frase que escrevi... continue escolhendo a força de gado, pq de inteligência ele nunca foi... prefiro do que ser gado. Boa sorte aí”*. Esse movimento discursivo (passivar e ativar) configura uma provocação aos seguidores. Provocar – *“Vão assistir pra poder depois falar mal”* – é o que possibilita atingir os objetivos de alertar a comunidade surda polarizada quanto ao risco de estar submissa à manipulação política.

Por fim, encontramos na P4 um terceiro ator social, que identificamos como membro da esquerda política, em P4C2E-202; ele é passivado em um primeiro momento; logo depois, é ativado, em um movimento que surge submetido à ação de outros e logo após reagindo a esses efeitos. É possível entender esse jogo discursivo nos seguintes trechos: *“Brasil destruído, famílias destruídas, inflação cada vez mais alta, perda de direitos e GENOCÍDIO! Gado é forte né?”* (**passivação**); *“Então carreguem todas essas mortes e retrocessos nas costas também porque vocês SÃO CULPADOS IGUAL O BOLSONARO!”* (**reação-ativação**).

O movimento do P4C2E-2021 (*“[...] Gado é forte né? Então carreguem todas essas mortes e retrocessos nas costas também porque vocês SÃO CULPADOS IGUAL O BOLSONARO!”*) é ativado no trecho em que o ator social estuda e contesta a provocação implícita do ator social da direita, visto que ele responde *“Gado é forte né”*, atribuindo responsabilidade social ao que de fato estava ocorrendo no país, em paralelo com essa tensão discursiva polarizada na comunidade surda. Estamos frente a uma ativação de forte conteúdo ideológico em que a esquerda atribui a si mesma a responsabilidade de mudança na instabilidade social entre os membros politizados da comunidade surda brasileira. Nesse contexto,

O conhecimento sociocultural, incluindo a linguagem, define comunidades e não grupos ideológicos. A esse respeito, esquerda ou direita, socialistas ou neoliberais, racistas ou antirracistas, não falarão ou escreverão de modo muito diferente. Isso sugere que diferenças ideológicas devem ser procuradas no que as pessoas dizem e não como elas dizem (Van Dijk, 2012, p. 31).

Portanto, discursivamente, observamos um confronto ideológico: temos nesse comentário um movimento discursivo de passivação-ativação em que os efeitos de uma ação alheia levam à reação, no caso, do ator social da esquerda política; em um momento do comentário (P4C2E-2021), o movimento é apresentado como resultado de uma autodefesa dos ataques oposicionistas dos discursos político-ideológicos implícitos da direita, e, em outro, ele é responsável pela conclamação da comunidade surda em geral. Ou seja, como os atores sociais

de ambos os lados expressam seus discursos (em defesa dos seus ideais, utilizando epítetos em tensões discursivas), interessa-nos em Análise Crítica do Discurso (ACD) e não a forma que um lado ou outro usa para ofender, julgar, avaliar o outro.

Na perspectiva da ASCD, é possível identificar marcas da Comunicação para a Mudança Social (CMS) através dos comentários a seguir: P4C2E-2021: “*Brasil destruído, famílias destruídas*”, P4C3E-2021: “*Ele não aceitou as vacinas MILHARES de vezes e MUITA gente morreu por causa disso*”, P4C5E-2021: “*Enfim até não percebeu a frase que escrevi... continue escolhendo a força de gado, pq de inteligência ele nunca foi...*”), nos quais identificamos trechos que se reportam a quem está sendo atribuída a responsabilidade da desinformação a respeito das vacinas. Conforme Pedrosa (2016, p. 73-74), a ASCD visa a aprofundar os estudos quanto às mudanças sociais e culturais; aos tipos de poder; aos sujeitos e à constituição de suas identidades; à contribuição das orientações da socioanálise para o estudo das narrativas do eu. Por isso, acreditamos que, dada a instabilidade social provocada na comunidade surda com a derrocada dos posicionamentos contrários ao governo de direita, diferentes constituintes predicativos, epítetos, contextos pejorativos, advêm desse conflito político-ideológico.

Por exemplo, o trecho “*Mente fechada é a sua que não acha que o Brasil inteiro é vítima desse BANDIDO*” se refere explicitamente a um contra-ataque do ator social da esquerda por meio da expressão “*mente fechada*” e conclui atribuindo também responsabilidades a uma terceira pessoa (“*ele*”): “*Ele não aceitou as vacinas MILHARES de vezes e MUITA gente morreu por causa disso. Você não tem empatia pelas famílias que perderam alguém para a morte...*”. Com isso, o texto em P4C3E-2021 permite-nos observar pistas semântico-discursivas para a construção de sentidos que aproximam, incluem e distanciam dentro de um movimento discursivo. De acordo com Abella (2017), esse tipo de movimento leva o leitor para o centro da problemática instalada na polarização política entre os membros politizados da comunidade surda brasileira.

5.3.2 Comentários da esquerda na postagem 5: o perigo da desinformação

Em 17 de janeiro de 2022, num vídeo de pouco mais de 4 minutos¹⁴², repercutido nas redes sociais, a professora surda da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Dr^a. Karin

¹⁴² Apesar de o vídeo sinalizado em Libras representar o objeto de análise da postagem do professor surdo em seu perfil no *Instagram* e dos comentários gerados a partir do texto escrito por ele, nos atemos aos comentários das redes sociais, uma vez que não conseguimos o *download* do vídeo no período de coleta, pois não estava mais disponível na rede.

Lilian Strobel, sintetiza, de modo negacionista, a razão pela qual é arriscado se vacinar. Sem fonte científica, sem dados comprobatórios, ela enfatiza que se trata de um simples experimento e que não há eficácia comprovada nas vacinas.

Imagem 7 - Fake news



Fonte: *Instagram @café.compolitica*.

Tal postura resultou numa discussão acalorada na comunidade surda, gerando várias denúncias na ouvidoria da UFSC, instituição de cujo quadro efetivo a professora faz parte, haja vista que Strobel é uma professora referência para os Estudos Surdos, além de engajar a luta em favor dos direitos linguísticos a uma educação bilíngue para as pessoas surdas no Brasil. Conforme Van Dijk (2012, p. 25), a organização das crenças sociais como uma luta entre esquerda e direita é o resultado da polarização subjacente às ideologias políticas que impregnam a sociedade como um todo. De repente esses embates político-ideológicos escancaram um modo das pessoas surdas de serem e estarem no mundo, em contraste com o modo como as lutas equânimes entre os membros da comunidade surda em geral eram imaginadas.

Eis a razão pela qual esse ato discursivo causou inquietação. Para quem acompanha a representatividade que alguns professores Surdos¹⁴³ têm para a comunidade, a disseminação de inverdades a respeito da vacina com certeza aumentou significativamente a instabilidade entre as múltiplas representações dos Atores Sociais, membros politizados da comunidade surda; diante desse contexto crítico, vários posicionamentos contrários e a favor puderam ser observados em diferentes perfis nas redes sociais. Em seu perfil no *Instagram*, o professor mestre Valdo Nóbrega (professor surdo), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), publicou o seguinte texto¹⁴⁴ repudiando a conduta da professora no vídeo:

¹⁴³ Principalmente quando se trata de pessoas surdas formadas, sendo que esses atores sociais são referência para a própria comunidade linguística.

¹⁴⁴ Chamamos essa publicação de Postagem 5 (P5).

P5:

l1 Se uma bolsonarista nega a vacina contra a Covid-19 ela estaria negando também
 l2 seus trabalhos científicos e acadêmicos? A vacina e a ciência está aí para comprovar,
 l3 inclusive em 1796, de que ela é eficiente quando é aplicada nas fases de testes em certas
 l4 quantidades numerosas de pessoas e, com êxito, elas procedem. É um método específico
 l5 e aplicados na população por cientistas, biotecnólogos, infectologistas e farmacêuticos.
 l6 E não por meros tios e tias do ZAP negacionistas da ciência. Se a mesma bolsonarista
 l7 nega a vacina e a ciência dela podemos repensar os trabalhos “científicos” como por
 l8 exemplo: a Cultura Surda e o Método (sic) Letrônico aplicado na Educação de Surdos?
 l9 Pois a mesma afirmou que as vacinas que existem são “experimentais”... e penso eu: e
 l10 a tese de doutorado dessa bolsonarista também é... está na hora de retirar os trabalhos
 l11 acadêmicos desta Bolsonarista nas referências bibliográficas e acadêmicas da Comuni-
 l12 dade Surda Brasileira. E sem esquecer que os apontamentos desta bolsonarista são
 l13 ilegais e passíveis de punição pelos seus crimes, inclusive uma afronta ao ECA.
 l14 E não venha dizer que é opinião dela pois propagar fake news e incitar negação à vacina
 l15 para seus pares Surdos não é opinião, É CRIME. OBS: Podem printar e mostrar para
 l16 essa desalmada bolsonarista.

Fonte: @café.compolitica.

Vejamos os comentários elencados no Quadro 28:

Quadro 28 - Ineficácia da vacina

P5C1E-2022	Há um ano e os negacionistas surdos insistem na ineficácia da vacina...
P5C2E-2022	Façam a denúncia na comissão de ética da UFSC ou FALABR(UFSC) nome da professora fakenews Karin Lilian Strobel que é Professora do Departamento de Libras da UFSC.
P5C3E-2022	Vacinas salvam vidas! Não acredite em notícia falsa.
P5C4E-2022	@@@ muito triste porque ela é doutora e professora da UFSC. Foi ela que presidiu a cerimônia de formatura da minha turma LETRAS/LIBRAS no CEFET-MG em 2012. Foi a professora da minha turma, da turma anterior e posteriores a minha, tem livros publicados que auxiliaram nossos estudos. Tem muita influência sobre os surdos. Se a expectativa de vida da população aumentou devido ao surgimento das vacinais, como ela ode dizer que a vacina contra Covid tira imunidade? Muitos vão deixar de vacinar as crianças por causa dessa fake news (MENTIRA). Nenhuma vacina no Brasil é de fase experimental. Todas já passaram pelas 3 fases obrigatórias. E ela sabe disso... Mas o fanatismo político deixa muitas pessoas sem noção.

Fonte: Instagram @maodireita; @café.compolitica.

Inicialmente, pelo viés da análise linguística, conforme a GSF, os comentários apenas da esquerda política surgiram a partir da postagem do vídeo de uma professora surda da direita, conforme exposto anteriormente. Observa-se o recurso da subcategoria **negação**, em P5C4E-2022: “[...] Nenhuma vacina no Brasil é de fase experimental”, composto por constituintes predicativos que agrupam o sentido de negar algo (nem, não, nada, nenhuma), de modo que o ator social estuda o seu lugar, enquanto membro do grupo social, ao expor seu ponto de vista em oposição ao teor do vídeo sobre a ineficácia da vacina. Nesses termos, o comportamento do sujeito ativo não é passivo: ele se engaja e ultrapassa barreiras comunicacionais em prol da

sua verdade. Temos também a subcategoria **contraexpectativa**: ao utilizar o constituinte da oração “*mas*”, o ator social da esquerda eleva o discurso a um ponto reflexivo, a nosso ver modulando seu posicionamento em favor do seu ponto de vista, protestando o risco que a desinformação causa na comunidade surda em geral, acusando a postura antiética da oposição em compartilhar inverdades sem fontes científicas e, sobretudo, a alienação político-ideológica que causa instabilidade social, como observamos em P5C4E-2022: “*Mas o fanatismo político deixa muitas pessoas sem noção*”.

Com base nos estudos de muitos linguistas críticos (Fairclough, 1985; Fowler, 1996; Van Dijk, 1991), Van Leeuwen (2008, p. 32) argumenta que o ator social é representado como “agente” (ator) e/ou como “paciente” (objetivo), ativação ou passivação, sendo que não precisa haver congruência entre os papéis que os atores sociais realmente desempenham nas práticas sociais e nos papéis gramaticais que exercem no texto.

Devido a isso, a categoria proposição, por meio da subcategoria **expectativa confirmada**, é vista em P5C4E-2022: “*Tem muita influência sobre os surdos*”, em que o ator social estuda e expõe seu ponto de vista. Implicitamente, podem ser observados adjuntos circunstanciais que endossam a afirmativa (notoriamente, logicamente, claramente...) do poder de persuasão que a emissora tem sobre a comunidade surda. A subcategoria **endosso**, estrategicamente, também é observada nessa oração. Ainda que não apareça um constituinte predicativo exclusivo desse recurso (salientar, aportar, mostrar...), de modo oculto, o efeito desse recorte nos permite compreender a força da indignação do ator social diante do contexto social em que ele se insere. Ao contrário disso, em P5C3E-2022: “*Vacinas salvam vidas!*”, observamos explicitamente o recurso **pronunciamento** no posicionamento do ator social em defesa da sua verdade. Todos esses recursos observados aqui compõem a contração dialógica.

Na expansão dialógica, na postagem em foco, adentramos categorias que possibilitam atravessamentos de vozes no discurso; nesse sentido, segundo Thompson (2011), a situação dialógica de uma conversação é entendida de forma que aquele sujeito que ouve é também um possível respondente. Conforme a linha 7 (l7), ao escolher o adjunto circunstancial “poder”, flexionado na terceira pessoal do plural, “*podemos*”, a **probabilidade** nos faz refletir a respeito da ordem do fazer/executar, por meio do ponto de vista do ator social da esquerda ao argumentar acerca dos trabalhos científicos produzidos pela professora que emitiu a opinião sobre as vacinas, uma vez que ela põe à mesa críticas ao avanço da ciência na produção das vacinas para Covid-19. Na linha 9 (l9), o recurso **evidência** é observado por meio do constituinte predicativo “*penso*” quando, nesse contexto, o ator social se insere no discurso por meio de sua opinião.

Os dois recursos que caracterizam a categoria atribuição podem ser observados na linha 9: “*Pois a mesma afirmou [...]*” e em P5C4E-2022: “*E ela sabe disso...*” Ao reconhecer a postura de quem emitiu, o ator social se baseia no próprio discurso emitido para compor seu posicionamento crítico (I9); assim sendo, o recurso **reconhecimento** é definido dessa maneira. Já o recurso **distanciamento** (P5C4E-2022) nos permite entender que o ator social alega seu ponto de vista de acordo com o contexto criado pela situação na negação à vacina. Esses foram comentários de membros da comunidade surda da esquerda que abominam com veemência a ideologia conservadora da direita política a ponto de rejeitar o benefício da vacina que combate o vírus da Covid-19.

Thompson (2011) entende essa situação como formas simbólicas no contexto de mediação da cultura moderna, uma vez que, segundo o autor, essas formas possuem traços de condições sociais por uma fala, pelo dialeto, pelo tom ou pela expressividade do que é dito/sinalizado. Com isso, conforme a P5, nas linhas 6-8 da postagem do professor Me. Valdo Nóbrega, no trecho em que o ator social se compromete em defesa do seu posicionamento em favor do valor benéfico das vacinas – “*É um método específico e aplicados na população por cientistas, biotecnólogos, infectologistas e farmacêuticos. E não por meros tios e tias do ZAP negacionistas da ciência. Se a mesma bolsonarista nega a vacina e a ciência dela podemos repensar os trabalhos “científicos”* –, Thompson (2011) resume que a “contextualização social das formas simbólicas tornam-se objetos de processos complexos de valorização, avaliação e conflito”.

Esse posicionamento do ator social surdo, membro politizado da esquerda política, podemos compreender a partir dele o que Thompson (2009) chama de *Legitimação*, uma vez que dentro dessa categoria/modo o ator social se compromete no discurso através da universalização e da narrativização. Ao buscar uma forma de persuadir, justificar, militar, o ator social ativa a universalização em seus discursos, conforme visto na linha 9, quando o ator social compartilha o constituinte predicativo “*experimentais*”, usado pela professora surda. O mesmo ator social da esquerda busca fatos para endossar seu discurso, conforme visto nas linhas 6-8, em que observamos o recurso da narrativização (Thompson, 2009, p. 84).

Na perspectiva dos Atores Sociais, a respeito da mobilização da professora surda contrária à aplicabilidade das vacinas, a categoria observa essa conduta a partir da categoria **mobilizadores** (Van Leeuwen, 1998, 2008). Nessa categoria, situam-se os dois grandes campos, a inclusão e a exclusão. De um lado, temos a professora surda, que dissemina uma informação para uma parte da comunidade surda por meio das redes sociais, fazendo parte do grupo da direita, tendo como intuito um discurso anticiência, antivacina, alertando a contra os

“malefícios” da vacina. De outro lado, temos o ator social, membro da esquerda, acionando a comunidade contra as informações disseminadas no vídeo a respeito das vacinas: “*Pois a mesma afirmou que as vacinas que existem são ‘experimentais’*” (linha 9); além disso, também na P5, observamos explicitamente o emissor incluindo os atores sociais da direita (últimas linhas): “*E não venha dizer que é opinião dela pois propagar fake news e incitar negação à vacina para seus pares Surdos não é opinião, É CRIME. OBS: Podem printar e mostrar para essa desalmada bolsonarista*”.

Na inclusão, o próprio ator social na ação, conforme observamos em P5C3E-2022 (“*Vacinas salvam vidas! Não acredite em notícia falsa*”), alerta contra o perigo em acreditar em falácias negacionista, assim como esse mesmo ator social pode ser entendido como incentivador/mobilizador. Os atores sociais da esquerda representam uma mesma ideologia política e integram o movimento contrário aos discursos oposicionistas, sendo ativados em uma convocação em defesa da ciência na luta contra a Covid-19, conforme P5C2E-2022 (“*Façam a denúncia na comissão de ética da UFSC ou FALABR (UFSC) nome da professora fake news Karin Lilian Strobel que é Professora do Departamento de Libras da UFSC*”).

A essa característica de integrar um mesmo movimento político-ideológico, Thompson (2009, p. 86) chama de Unificação, forma pela qual os envolvidos são ligados numa espécie de identidade coletiva. Nesse caso, observamos que na P5 a representação dos Atores Sociais da esquerda impulsiona o recurso da estandarização, recurso esse que pode ser entendido pela forma como os atores compartilham suas crenças, podendo ser em contexto como o que estamos discutindo, ou ainda contexto religioso, cultural, identitário.

Nesses termos, numa discussão conjunta com a teoria dos Atores Sociais, na perspectiva de Van Leeuwen (1998, 2008), sobre esse modo de operação *Unificação*, para o autor, há uma espécie de **personalização** em que, de acordo com ele, os atores sociais são alinhados ideologicamente em defesa e na disseminação do benefício das vacinas contra o vírus da Covid-19, peculiaridades distintas e defendidas pelo grupo social, como vemos em P5C2E-2022: “*negacionistas surdos insistem na ineficácia da vacina...*”

Entretanto, Van Leeuwen (1998) acrescenta a condição de uma espécie oposta, a **impersonalização**, que expõe os atores sociais de modo abstrato, impulsionando a qualidade do grupo, como visto em P5C1E-2022: “*Há um ano e os negacionistas surdos insistem na ineficácia da vacina...*” Temos aqui a exposição de uma desinformação, um discurso ultrapassado em desfavor da vacina, tese defendida por uma parcela da sociedade que insistia em defender uma figura pública cujos comportamentos eram completamente desconexos do mais alto cargo do poder executivo nacional. Essa conceituação dialoga com o que Thompson

(2009, p. 88) chama de Reificação, modo de operação ideológica em que, por meio do recurso naturalização, o grupo defende seus pressupostos ideológicos com situações arbitrárias, sendo essas naturalizadas e aceitas incontestavelmente, como é o caso da desinformação da veracidade da vacina divulgada pela professora surda.

A base teórica da ASCD, a partir do conceito Mudança Social (Pedrosa, 2012), nos conduz ao entendimento da intenção clara do discurso negacionista da professora surda citada; o ator social se compromete a mobilizar um discurso tendencioso para seus interlocutores; no caso em análise, a professora surda usou o espaço midiático da sua conta no *Instagram* e seu poder de indução, devido à sua popularidade no meio dos Estudos Surdos, a fim de alertar seus pares de que o ex-Presidente Bolsonaro não comprou as vacinas em tempo hábil por elas estarem em fases experimentais e que os efeitos alarmantes que elas poderiam causar na população deveriam ser observados pelo menos pela direita política.

Santos (2017) justifica as características presentes no discurso como uma tendência semiótica, materializada no discurso por meio do atravessamento no uso prático da linguagem, sendo possível também observá-la na comunicação não verbal e por meio das imagens visuais. Reforçando esse comportamento persuasivo do ator social comprometido, Thompson (2011) salienta que essa característica, a partir dos diferentes modos de operação, pode ser entendida como Legitimação pelo fato de o discurso oposicionista apelar por um motivo explicitamente político; essa postura é resultado da estratégia da racionalização, que corresponde à forma simbólica de persuadir, justificar e usar o discurso para se comprometer com determinada causa.

Essa relação estabelecida a partir da escolha em posicionar-se nos leva a compreender que o ator social (a professora surda da direita) opta por engajar sua verdade a partir da reciprocidade que julga ter com a comunidade. Damaceno (2013) justifica que esses indícios se configuram em manifestações para uma aproximação de saberes e pensamentos participativos que colaboram para a mudança social. Sendo o discurso uma “parte” de toda prática social (Pedrosa, 2013; Cunha, 2021; Ramalho; Resende, 2011), a linguagem sinalizada e pretenciosa, a partir da disseminação de ideias e fatos pessoais, reverbera de modo preocupante, tanto para a direita quanto para a esquerda, por se tratar de um contexto de situação crítico, como foi a pandemia da Covid-19. Desse modo, a representação dos Atores Sociais e o discurso dirigido à comunidade surda, “*Pois a mesma afirmou que as vacinas que existem são ‘experimentais’*”, com a tentativa de convencer os pares surdos, deixam marcas da **coletivação**, do agrupamento por **assimilação** (Van Leeuwen, 1998, 2008).

A seguir, passaremos a analisar postagens com comentários de membros da direita

política em situações que ainda envolvem o governo do ex-Presidente Bolsonaro.

5.3.3 Comentários da direita na Postagem 6: “A Libras do ódio”

Constantemente criticado em seus pronunciamentos interpretados em Libras, o ex-Presidente Bolsonaro não media esforços para se expressar por meio de linguagens escandalosas, obscenas, ríspidas e agressivas¹⁴⁵. Seus falares eram materializados visivelmente na interpretação simultânea em Libras. Diversos TILSP eram expostos a situações nas quais suas expressões faciais e os sinais utilizados eram retirados de contexto para esses recortes serem disseminados em redes sociais, readaptados para contextos humorísticos. Diante disso, dados foram gerados a partir de uma publicação da revista *Isto é*, em 2021, envolvendo o desconhecimento das pessoas a respeito das estratégias semântico-sintáticas da interpretação em Libras, causando uma calorosa discussão entre membros da comunidade surda da direita e da esquerda sobre a sinalização. Observemos a Imagem 8:

Imagem 8 - Expressões faciais e sinais estigmatizados



Fonte: Instagram @cafe.compolitica.



¹⁴⁵ Disponível em: <https://istoe.com.br/as-libras-do-odio/>. Acesso em: 22 maio 2021.

Nos comentários a seguir, observamos a animosidade entre membros politizados da comunidade surda brasileira diante da publicação da forma como são interpretados os “palavrões” para Libras; nitidamente, as expressões faciais/corporais que compõem os requisitos para uma performance interpretativa em LS dão margem para disseminar *prints*, reverberando em *memes* e *gifs* na internet. A comunidade surda mostra-se indignada com o modo como as pessoas não surdas deturpam o uso da LS por desconhecerem as particularidades da língua, utilizando-se desses *prints* das “caras e bocas” dos intérpretes, associados ao discurso proferido pelo ex-presidente, para rir de uma língua rica e que, infelizmente, a maioria das pessoas não conhece.

P6: a libras do ódio. Bolsonaro utiliza o trabalho de intérpretes da língua dos surdos em suas lives para disseminar sentimentos negativos e para intensificar o divisionismo da comunidade que precisa de acessibilidade”. “ESCÁRNIO Elizângela Castelo Branco representa a crueldade do presidente / FÚRIA Para interpretar Bolsonaro, Fabiano da Rocha faz até gestos obscenos.
 Fonte: Isto É independente. <https://istoe.com.br/as-libras-do-odio/>.

O professor surdo Valdo Nóbrega utilizou sua conta do *Instagram* para repostar e protestar sobre a postura da revista (Imagem 6) em relação às características que correspondem às nuances interpretativas em qualquer LS. Todavia, membros da comunidade surda da direita, não satisfeitos com a repercussão do fato, a partir da postagem do professor surdo da esquerda, e também de outros, fizeram comentários na postagem do professor surdo, atacando-o com atitudes infundadas, levando em consideração apenas a questão política. Vejamos o Quadro 29:

Quadro 29 - “A Libras do ódio”

P6C1E-2021	Que engraçado... Mesmas pessoas que procuravam “dialogar” promovem discurso de ódio por conta das minhas colocações na revista Isto é. A inveja deles é a velocidade do meu sucesso.
P6C2D-2021	@@@@ deixa pra ele lutou muito mas... Vc agiu o que? Que nada kkkkk por isso quero ver vc lutou apoiar nossa comunidade. Que zero!
P6C3D-2021	@@@ coitadinho! Leu texto dele IstoÉ? O que vc sentiu na sua pele? Ele é discriminador de todos. Pooohaaaa. Se vira aparece lá na Brasília quero ver vc lutar lá pq vc é professorinho. Tu é mor-CEGO de todos os dias. #Repúdio
P6C4D-2021	@@@ Esquerdopatas são doentes inúteis para sempre #ForaLula #ForaPT
P6C5D-2021	Oi, sua inveja faz fama de Primeira Dama Michelle e Presidente Bolsonaro! Kakakakakakakakakka!!!! #Repúdio vc está quebrando a nossa Comunidade Surda e não respeitou nada até agora. Grande vergonha na sua cara!!!! Obviamente, Isto é mídia esquerda. Fechado!!!! Perdão fuzei seu face kkkkk

Fonte: @cafe.compolitica (Valdo Nóbrega) – *Instagram*; a libras do ódio – *Isto é Independente* (istoe.com.br) em 22 de maio de 2021.

Os comentários gerados a partir da publicação da revista *Isto é*, repostada pelo administrador do perfil @cafe.compolitica no *Instagram*, foram analisados inicialmente por meio do modo de operação ideológica para adentrarmos a arena político-ideológica instaurada entre membros politizados da comunidade surda brasileira a fim de desvelar a instabilidade social provocada pela Comunicação para a Mudança Social. Salientamos que, conforme apontado no corpo deste trabalho, recorreremos às premissas do subsistema Atitude para também analisar criticamente, e exclusivamente, essa postagem pelo fato de os *corpora* advirem de uma publicação jornalística leiga a respeito das especificidades da língua e da cultura surdas, diferentemente dos *corpora* das demais postagens, que foram gerados e comentados a partir do próprio contexto da polarização político-ideológica dos membros politizados.

Thompson (2009) chama atenção para algumas formas simbólicas presentes em discursos que envolvem instabilidades sociais, e nessa postagem podemos observar o modo de operação ideológica da categoria Legitimação a partir do comentário P6C3D-2021 (“*Se vira aparece na Brasília*”), no qual o ator social da direita justifica seu discurso para comprovar seu comprometimento com os ideais da direita, induzindo que, se o ator social da esquerda fosse a Brasília para acompanhar de perto as negociações em favor dos interesses da comunidade surda, ele entenderia as razões defendidas pela direita política. Ou seja, nessa categoria o recurso narrativização endossa os discursos envoltos nessa narrativa, conforme observamos ainda no comentário P6C3D-2021 (“*Lá na Brasília quer ver vc lutar lá pq você é professorinho. Tú é mor-cego de todos os dias*”); concluindo com o recurso universalização quando o autor citado atribui marcas de militância aos discursos, com compartilhamento daquilo que o grupo acredita ser bom e essencial (P6C5D-2021: “*sua inveja faz fama de Primeira Dama...*”), deixando claro que a antipatia do ator social com os ideais da direita só aumenta mais ainda a importância da representatividade que Michele Bolsonaro tem para a comunidade surda da direita.

Para a categoria do modo de operação Dissimulação, traremos como exemplos analíticos trechos da publicação da revista *Isto é* nos quais ela destaca como manchete a língua de sinais e as expressões faciais dos tradutores intérpretes. A classificação dessa categoria está envolta no que o autor chama de dominação (Thompson, 2009, p. 84), uma vez que a revista opta pelas lexias “*Bolsonaro utiliza o trabalho do intérprete da língua dos surdos em suas lives para disseminar sentimentos negativos [...]*”, ou seja, há no imaginário do leitor que a língua de sinais tem dono, e que os donos são os Surdos, no entanto nos entrelugares em que as línguas se encontram elas são atravessadas por diferentes lugares de fala, de posições, de usuários. Thompson (2009) chama atenção para esse tipo de situação no discurso, atribuindo uma espécie de eufemização, a qual objetiva apelar à atenção dos interlocutores para validar o discurso;

assim como no recurso categórico tropo, o discurso é envolvido por lexias metafóricas com o propósito discursivo de polidez, deixando o discurso robusto, conforme a escolha do título da matéria “*A Libras do ódio*”, não sabendo eles que expressões faciais e corporais são elementos gramáticos da comunicação e expressão em línguas de sinais. Além disso, associam a maneira agressiva e expressiva do discurso do ex-Presidente à língua e não dão vazão aos pressupostos éticos que regem a atuação do(s) Tradutor(es) Intérprete(s) de Língua de Sinais e Língua Portuguesa (TILSP) em sua matéria jornalística.

O contexto de situação pode ser entendido a partir de três direções: (i) avalia o próprio contexto (referindo-se aos TILSP diante dos itens lexicais proferidos nas falas do ex-presidente); (ii) avalia a publicação do professor surdo em sua página no *Instagram* e (iii) avalia a postura dos membros da comunidade surda da direita. Para entender melhor as escolhas léxico-gramaticais que apontam a intencionalidade discursiva da P6, primeiramente nos apoiamos no subsistema Atitude. Os subtipos **Apreciação**, **Afeto** e **Julgamento** nos ajudam a entender o perfil dessa categoria de análise e todos eles envolvem sentimentos. O que é falado, para quem é falado, a intencionalidade e a repercussão do que é falado, tudo isso reverbera um discurso crítico. Almeida e Vian Jr. (2018, p. 277) compreendem o subsistema atitude como algo centralizado no processo avaliativo do sistema discursivo.

Nessa postagem, a apreciação se aplica principalmente nas escolhas léxico-gramaticais, recontextualizando sentimentos sobre o senso de valor das coisas; no caso da publicação da manchete do jornal, na P6 (*A Libras do ódio*), temos as escolhas destinadas à atuação dos profissionais da tradução e interpretação em Libras: “*Bolsonaro utiliza o trabalho de intérpretes da língua dos surdos em suas lives para disseminar sentimentos negativos e para intensificar o divisionismo da comunidade que precisa de acessibilidade*”. O **Afeto** pode ser exemplificado no trecho “*Que engraçado... Mesmas pessoas que procuravam ‘dialogar’ promovem discurso de ódio por conta das minhas colocações na revista Isto é. A inveja deles é a velocidade do meu sucesso*”, em que encontramos esse subtipo materializado na justificativa do *post* do professor surdo contrapondo-se à má interpretação do jornal; já no rechaçamento dessa fala (P6C1E-2021), percebemos o **Julgamento** no modo como os sentimentos envolvem os diferentes tipos de comportamento no terreno da moralidade, da ética, do convívio social em geral (Almeida; Vian Jr. (2018).

Conforme anunciado anteriormente, nossas análises na P6 suscitaram transversalmente o subsistema Atitude devido ao teor da matéria jornalística atingir toda a comunidade surda. Consequentemente, o subsistema engajamento também permeia a P6, e seu caráter heteroglóstico (cf. seção 4) representa uma abertura dialógica para compreendermos a tensão

discursiva presente na visibilização da língua e do povo surdo de modo deturpado. Esse caráter encontra-se nos seguintes trechos do texto: por **expansão dialógica** – quando a P6 se refere à “*linguagem*” sinalizada pelos intérpretes de Libras, emitindo as falas do ex-presidente: “*ESCÁRNIO Elizângela Castelo Branco representa a crueldade do presidente; FÚRIA Para interpretar Bolsonaro, Fabiano da Rocha faz até gestos obscenos*”, sendo os itens lexicais “alegar”, “de acordo”, “como afirma” componentes da categoria atribuição.

Entendemos que esse recorte representa a subcategoria **distanciamento**, na qual o emissor atribui valor ao conteúdo da manchete alegando que os constituintes predicativos do ex-presidente são materializadas nas expressões faciais e nos sinais escolhidos para transmitir a mensagem; por **contração dialógica** – trata-se dos efeitos da seleção de constituintes predicativos para se referir aos membros da comunidade surda da esquerda em P6C2D-2021: “*quero ver você lutou apoiar nossa comunidade e não respeitou nada até agora*”; temos aqui a subcategoria **negação**, que pertence à categoria refutação. O recorte “*Bolsonaro utiliza o trabalho de intérpretes da língua dos surdos em suas lives para disseminar sentimentos negativos e para intensificar o divisionismo...*” representa a subcategoria **endosso**, da categoria proposição.

A **expectativa confirmada** em P6C5D-2021 – “*Grande vergonha na sua cara!!!! Obviamente, Isto é mídia esquerda*” – é representada por constituintes predicativos que pertencem à classe gramatical advérbio; já a subcategoria **pronunciamento** em P6C1E-2021: “*Mesmas pessoas que procuravam ‘dialogar’ promovem discurso de ódio por conta das minhas colocações na revista Isto é*” é composta por verbos transitivos diretos ou indiretos. Ainda que não esteja explicitamente presente na oração o fato de o emissor iniciar seu posicionamento alegando algo, a interpretação nos conduz à presença implícita dos constituintes “**argumentar, defender**”, pertencentes a essa subcategoria.

Sobre todos os desdobramentos que envolvem a tradutibilidade de LS no Brasil, sob o ponto de vista técnico, a Federação Brasileira dos Profissionais Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais (Febrapils)¹⁴⁶ repudia quaisquer desinformações e inferiorização relacionadas à tradução e interpretação e, claro, à atuação dos TILSP. Inclusive, em sua página na *internet*, os representantes das associações e da federação elaboraram uma nota de repúdio contra a veiculação da revista *Isto é*, por desconfigurar o verdadeiro sentido do uso de expressões não manuais (expressões faciais e corporais) para a Libras, elementos intrínsecos à

¹⁴⁶ Ver: <https://febrapils.org.br/>.

sinalização; além disso, uma nota técnica¹⁴⁷ a respeito do código de ética para atuação como TILSP está disponibilizada no *site* da Federação.

Entendemos que a indignação da comunidade surda da esquerda política, diante desse episódio recorrente e em alguns pronunciamentos dos discursos oposicionistas, se direciona ao fato de o momento da fala de um representante político estar sendo repassado para Libras, língua que representa a diferença linguística entre Surdos e não-surdos, e por se enxergar nessa língua a capacidade de gerar mudança social. Nesse viés, concordamos com Wodak (2003) ao defender que a teoria crítica desvela discursos ideológicos e favorece aos grupos minoritarizados uma luta por emancipação.

Sob o ponto de vista sociodiscursivo, Fairclough (2003) elucida que o foco da análise crítica são os produtores do texto, ou seja, os discursos emitidos e as formas como são recepcionados. No caso dos discursos por nós analisados, veiculados em redes sociais, percebemos a interatividade dos textos num espaço unidirecional, no qual são compartilhadas informações que o grupo julgue pertinente e que corresponda aos seus interesses. Observamos que a P6 compõe o espaço multimodal de comunicação devido ao atravessamento de vozes presentes nos discursos. Os leitores e os sinalizadores (em LS) que têm acesso a esse *post* constroem um percurso de leitura, interpretação e contextualização próprio, ligando os fatos com a linguagem, observando fotos, vídeos ou navegando em redes sociais como outra ferramenta de análise.

A esse sentimento de indignação por parte dos usuários da Língua Brasileira de Sinais (Libras) Thompson (2009, p. 86) atribui o modo de operação ideológica Unificação, com seu recurso estandarização, sendo essa categoria entendida como relações de dominação nas quais os sujeitos estão ligados a uma identidade coletiva, conforme observamos na fala de um ator social politizado da comunidade surda ao afirmar “*vc está quebrado nossa comunidade surda*” (P6C5D-2021), colocando que a repostagem e o comentário oposto só desunem mais ainda a comunidade surda. Essas classificações justificam o contexto político-ideológico em que “os discursos persuasivos é invocado para agrupar os membros numa construção discursiva, por meio da linguagem, que se enquadra em determinadas comunidades e/ou grupos com peculiaridades distintas”, como é o caso dos grupos políticos de direita e de esquerda política.

Na mesma classificação anterior do modo de operação ideológica Unificação, a categoria do modo de operação ideológica Fragmentação é vista por Thompson (2009, 2011) como uma maneira que os membros usam para agrupar seus filiados a fim de combater e resistir

¹⁴⁷ Disponível em: https://febrapils.org.br/wp-content/uploads/2022/01/NT-004-2020_sobre-interpretacao-simultanea-remota.pdf. Acesso em: 10 abr. 2023.

às interpelações advindas de grupos contrários, e o comentário P6C5D-2021 comprova essa cisão instalada entre esses membros na comunidade surda. A categoria Reificação é conhecida pela forma como os membros de um determinado grupo social naturaliza seus pressupostos ideológicos, independentemente da lógica. São inegociáveis os fatos.

A respeito dessa arena discursiva composta por atores sociais em situações opostas, nesse contexto de situação, os atores sociais são classificados como ativados e/ou passivados. Na análise desse texto, temos o momento de **passivação** (ator social sendo afetado) no trecho: *“Bolsonaro utiliza o trabalho de intérpretes da língua dos surdos em suas lives para disseminar sentimentos negativos e para intensificar o divisionismo da comunidade que precisa de acessibilidade”*, além do momento em que o contexto de situação aciona o recurso **ativação**: *“[...] coitadinho! Leu texto dele IstoÉ? O que vc sentiu na sua pele? Ele é discriminador de todos. Pooohaaaa. Se vira aparece lá na Brasília quero ver vc lutar lá pq vc é professorinho. Tu é mor-CEGO de todos os dias. #Repúdio¹⁴⁸”* (P6C3D-2021), representando a preocupação e expondo a indignação da direita política surda.

É evidente que essa teia discursiva de ativar e passivar (Van Leeuwen, 1998, 2008) envolve um meio de provocar os seguidores de uma mídia social. Nesse sentido, a nota publicada pelo jornal busca desprestigiar o discurso do ex-presidente, que envolvia palavrões, e como esses itens lexicais eram convertidos na sinalização em Libras. Com isso, a pressão popular respinga na indignação da comunidade surda, que vê nesse comportamento uma afronta à associação da Libras a gestos obscenos popularmente conhecidos.

A passivação corresponde ao sentimento de pesar que a comunidade surda compartilha toda vez que a mídia dá vazão a um tipo de reportagem que generaliza (ou descontextualiza) um aspecto linguístico e cultural extremamente importante para a comunidade surda. A matéria gira em torno das expressões faciais e dos “gestos”, sinais utilizados pelos intérpretes para transmitir os pronunciamentos oficiais do ex-presidente, pronunciamentos esses muitas vezes críticos, com palavrões, insultos e insatisfação, advindos de quem está na posição de enunciador (o ex-presidente); todavia, a matéria se aproveita da posição do intérprete, enquanto ponte de transmissão do discurso, para nomear a reportagem como “A Libras do ódio”.

Nesse sentido, concordamos que a língua preenche uma função identitária (Calvet, 2007), e as práticas discursivas em LS levam pessoas surdas à construção do conhecimento de mundo e de texto, os quais são fundamentados para a aquisição da leitura e da escrita na língua

¹⁴⁸ LP/L2.

alvo. Conforme a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002¹⁴⁹, entende-se como Língua Brasileira de Sinais (Libras) a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2002).

Na forma semântico-discursiva representada no título da reportagem (“*A Libras do ódio*”), os aspectos semióticos foram preponderantes para as escolhas dos constituintes predicativos para o título da matéria explicitamente, sem levar em consideração o que de fato representam essas nuances interpretativas para a comunidade surda. Ao escolher os constituintes da oração, “escárnio” e “fúria” – “*ESCÁRNIO Elizângela Castelo Branco representa a crueldade do presidente / FÚRIA Para interpretar Bolsonaro, Fabiano da Rocha faz até gestos obscenos*” – para imprimir sua opinião, a revista comprova que desconhece os elementos básicos para comunicação em Libras. Van Leeuwen (2008, p. 24) chama atenção, na linguagem, para os significados que pertencem a uma cultura; no caso em foco, a escolha do constituinte predicativo “ódio”, para adjetivar a Libras, o que advém do aspecto humorístico e depreciativo presente nos pronunciamentos do ex-presidente.

Posto isso, essas figuras retóricas, no aspecto léxico-gramatical, representam, no discurso, o apagamento, a reestruturação e a substituição da consistência linguística, fatores que Van Leeuwen (1998, 2008) classifica como inclusão e exclusão. Na situação da P6, a categoria inclusão está acionada pelo fato de a matéria jornalística incluir a Libras no subsistema genérico, que pode ser também entendido como categorização cultural, com conotação negativa (Magalhães, 2004). Ademais, é óbvia a representação por personalização, mais claramente por nomeação, visto que eles (a revista) fazem referência na Libras ao jeito de falar e se expressar do ex-presidente, respingando na interpretação em Libras, conforme apontamos. A conotação negativa dessa postagem, em referência à reportagem, é de indignação, na qual ocorre a ativação “*para disseminar sentimentos negativos e para intensificar o divisionismo da comunidade [...]*”, que passa a “*[...] promovem discurso de ódio por conta das minhas [...]*”.

Temos, então, o que Van Leeuwen (1998, 2008) classifica, dentro da categoria sociológica Especificação, como assimilação por coletivização, que se refere a substantivos relacionados a um grupo de indivíduos (comunidade surda). Sendo originada de um membro da comunidade surda da esquerda, tratando a respeito do teor da matéria jornalística, a P6

¹⁴⁹ Lei que reconhece a Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/abril/lei-que-reconhece-a-libras-como-meio-legal-de-comunicacao-e-expressao-dos-surdos-completa-19-anos>. Acesso em: 7 set. 2023.

impulsionou a participação dos membros da direita com os comentários. O P6C3D-2021 também representa coletivização, na perspectiva da direita, ao dizer: “*Que nada kkkkk por isso quero ver vc lutou apoiar nossa comunidade*”. Já o P6C4D-2021 e o P6C5D-2021 carregam um peso ideológico quando utilizam termos como “esquerdopatas”, “inúteis”, “doentes”, associando o posicionamento do professor surdo da esquerda (P6) com a mídia.

Todo esse contexto social e político em torno da reportagem reverberou nas políticas afirmativas defendidas pela ex-primeira-dama, e, frise-se, a acessibilidade dos Surdos era um tipo de medida assistencial do governo! Eis o motivo de os comentários da direita política terem sido gerados na P6. No caso da P6, o ator social prioriza protestar contra a desinformação do título escolhido para a matéria; ora, como os interlocutores da direita estavam envolvidos com questões inclusivas do governo, interpretaram o posicionamento na P6 como uma manobra política. Na escolha léxico-gramatical em P6C3D-2021, por meio dos adjetivos “coitadinho”, “discriminador”, “professorinho”, “cego”, manifesta-se o que Van Leeuwen (1998, 2008) entende como categorização cultural na representação dos atores sociais por inclusão, na qual eles são representados em termos de identidades e/ou funções que compartilham com os outros. Em relação à identidade, o autor aborda que a identificação ocorre quando aos atores são referidos “termos daquilo que, mais ou menos permanente, ou inevitavelmente, são” (Van Leeuwen, 1998, p. 202).

A seguir, traremos mais uma postagem com maior evidência de comentários de membros da direita política na comunidade surda.

5.3.4 Comentários da direita na postagem 7: questões ideológicas

Considerando a pluralidade cultural do Brasil, tratar de questões ideológicas e religiosas nem sempre é fácil, ainda mais se tratando de um contexto político polarizado como o observado no governo do ex-Presidente Bolsonaro. Encontramos um grupo restrito do *Facebook* intitulado “Reflexões, opiniões e críticas do povo surdo sobre políticas públicas” (Imagem 9):

Imagem 9 - Grupo fechado no *Facebook*



Fonte: Facebook (Reflexões, opiniões e críticas do povo surdo sobre políticas públicas).

O grupo contava com mais de 20 mil inscritos, e essas temáticas eram abordadas gerando posicionamentos altamente críticos em desfavor da esquerda política. No momento o grupo encontra-se desativado na plataforma.

Os comentários são frutos de uma das muitas imagens divulgadas no grupo, em que os membros da direita política, considerados conservadores, atribuem posicionamentos diferentes às trevas, ou a tudo que seja maligno. São discursos envolvendo questões religiosas, ideologias de gênero e questões que impactam o ponto de vista de surdos da direita ao temerem uma vitória de um político da esquerda e deslocando-se num governo permissivo, com questões que a direita abomina, tais como aborto, ideologia de gênero, alegações de movimento comunista ao buscar colaboração e apoiar nações como Venezuela, Cuba e China, deturpações de valores morais para uma sociedade republicana. Vejamos a Imagem 10 (que é a P7) e os comentários destacados no Quadro 30:

P7:

Imagem 10 - Discursos de ódio a partir de imagem



Fonte: Facebook (Reflexões, opiniões e críticas do povo surdo sobre políticas públicas).

Quadro 30 - Questões ideológicas

P7C1D-2021	esquerda falar não esuqecer presidente Deus Religiosa. Muito falar odeio Falso Religiosa. Cuidar votos Presidente...
P7C2D-2021	Esquerda pode aborto... Não concordo d abortar pq abortar igual mata família ou mata pessoa... Deus não aceito abortar... Lixo lula...
P7C3D-2021	Lula louco... Não concordo aborto é pecado Deus ver triste, deus bravo dia destruição para lula medo dentro vida interno diabo sofrer fogos Deus Jesus ver juízo escrever ele Lula vai carne alma inferno está sofrendo muito eterno próprio diabo. Deus Saber sim.
P7C4D-2021	Igualdade China e Coreia do Norte também mau ruim esquerda perigosa cérebro menor básico feijão.
P7C5D-2021	Hospício e esquerdophatos burro mesmo culpado estado governadores e prefeitura mandou ICMS só bandidos STF proteger soltar maquiagem máfia PT quadrilha políticos vagabundos hipócritas.
P7C6D-2021	olha pessoas não quer saber político. Eles em filhos ou filhas outro pessoas pode entra no banheiro curioso jeito né. Eles gostou ou não. ?!?!
P7C7D-2021	Eu já sbaia... outros esquerdistas libras nunca pesquisar pula assunto manipulação surdo doutor muito libras mentiroso... Deus vendo juízo deixa slibras....
P7C8D-2021	“Vocês esquerdas sudos burros voto amei bandeira PT vagabundos Luladrão cuidado vocês vida escolher Luladrão esta mentiro grande também esposa a Janja não gosto libras surdos nunca também Dilma e Temer caras pau. Melhor acredito voto Bolsonaro 22 esposa a Michele amei libras surdos comunicar que importante e cultos igreja Deus fé sempre 22.

Fonte: Facebook (Reflexões, opiniões e críticas do povo surdo sobre políticas públicas).

Para um aprofundamento crítico das questões concernentes aos ideais políticos defendidos pela direita política, os modos de operação ideológica permitem interligar os fatos aos *corpora* gerados, e o aspecto sociocultural envolto nos discursos permite imageticamente entender a instabilidade social instaurada entre membros politizados da comunidade surda nacional durante o governo de direita. A partir da forma de persuadir, de usar o discurso como modo de comprometer-se com o pensamento coletivo, o ator social da direita política apropriase do que Thompson chama de Legitimação quando, no comentário P7C4D-2021, ele atribui a forma de pensamento dos atores sociais da esquerda a algo mínimo, irrisório, e alega que são alienáveis, citando como exemplo países com formas de governo comunista, por exemplo China e Coreia do Norte. Para essa categoria, o recurso universalização pode ser entendido justamente pela forma como os membros militam e naturalizam aquilo que eles acreditam fazer parte do grupo. O recurso narrativização inclui situações nas quais os atores sociais rememoram fatos e envolvem seus discursos em situações contemporâneas como estratégia persuasiva (P7C8D-2021: “*Luladrão esta mentiro grande também esposa a Janja não gosto libras surdos nunca também Dilma e Temer caras pau [...]*”).

Outra categoria que compõe os modos de operação ideológica é a Dissimulação, uma forma de dominação por meio da linguagem, conforme observamos nos *corpora* gerados na Postagem 7 (P7). Diferentes pontos dominantes nos posicionamentos são observados, tais como tachar os membros da oposição como loucos (P7C5D-2021: “*Hospício e esquerdophatas*”),

como pessoas desinformadas (P7C4D-2021: “*perigosa cérebro menor básico feijão*”), como pessoas alienadas política e ideologicamente (P7C5D-2021: “*máfia PT quadrilha políticos vagabundos*”), provando serem pessoas intolerantes (P7C6D-2021: “*Eles filhos ou filhas outro pessoas pode entrar no banheiro curioso jeito né. Eles gostou ou não.?!*”; P7C7D-2021: “*Deus vendo juízo*”). Esses recortes também caracterizam o que o recurso eufemização dessa categoria preconiza. Os discursos sempre buscam validação ao apelarem à atenção dos interlocutores ao se referirem a um sujeito ou um objeto, assim como o tropo, recurso que utiliza constituintes predicativos metafóricos em seus posicionamentos (Thompson, 2009, p. 84).

A Unificação é entendida a partir do trecho do comentário P7C7D-2021, no qual o ator social chama o ator social da esquerda de mentiroso e manipulador, desvelando a preocupação das investidas da oposição em favor dos seus pares. A característica dessa categoria é justamente uma ligação coletiva entre os membros do grupo social, uma maneira de compartilhar contextos políticos, religiosos, culturais com discursos persuasivos e linguagem determinante e apelativa (Thompson, 2009).

Na perspectiva da Gramática Sistêmico-Funcional, esses discursos também podem ser entendidos através dos recursos do subsistema engajamento. Com isso, em contração dialógica, a categoria contraposição, por meio do recurso **negação**, é vista em P7C2D-2021, P7C3D-2021 e P7C8D-2021. Nos dois primeiros comentários, ao usar o constituinte “não”, os atores sociais estudam explicitamente o contexto situacional, posicionando-se contra ideologias contrárias às suas; do mesmo modo, em P7C8D-2021, ao usar o advérbio “nunca”, o ator social também se insere no discurso em desfavor de outras ideologias políticas.

Na **contraexpectativa** e na **expectativa confirmada**, o comentário P7C3D-2021 exprime claramente o posicionamento do ator social da direita, e implicitamente observamos os recursos agindo no enunciado quando a postura do sujeito é direcionada àquilo em que acredita e defende, assim como no trecho “[...] *Melhor acredito voto Bolsonaro 22*”, no P7C3D-2021, em que se assevera o posicionamento do enunciador e se testifica o recurso **endosso** ao afirmar ser contra o aborto. Na mesma postagem, observamos também o recurso **pronunciamento** quando o argumento envolve a justificativa de que há uma condenação religiosa para quem defende tal ideologia: “*Deus ver triste, deus bravo dia destruição para lula medo dentro vida interno diabo sofrer fogos*”.

Em expansão dialógica, o comentário P7C2D-2021, por meio do termo “pode”, demonstra o recurso probabilidade; assim como o comentário P7C8D-2021, através do termo “acredito”, em “*Melhor acredito voto Bolsonaro 22*”, age em favor do recurso **evidência** quando este é caracterizado pelo uso de verbos, nessa oração, implicitamente, entendendo-se

como um constituinte que mobiliza o sentido real da oração.

A categoria atribuição, através do recurso **reconhecimento**, é observada no comentário P7C2D-2021, em que, ao se comprometer, o ator social se insere no discurso, conforme a lexia “concordo”, afirmando sua defesa contra o aborto. Na mesma postagem, também podemos observar o **distanciamento** quando o ator social alega: “[...] *Deus Jesus ver juízo escrever ele Lula vai carne alma inferno*”. A partir da sua crença, sua perspectiva ideológica é exposta explicitamente com base no que ele crê como julgamento final.

Nas análises da P7, pudemos observar a escrita em LP/L2 de alguns envolvidos no evento discursivo. Nesses termos, entendemos o porquê da importância da inclusão social de pessoas surdas na sociedade de forma digna, diferenciando-se das necessidades de que outras especificidades da surdez carecem (cf. seção 3). Para essa comunidade linguística, conforme aponta Fernandes (2006, p. 134), ao tratar de educação para pessoas surdas,

A língua de sinais exerce função semelhante à oralidade no aprendizado da escrita pelos surdos, possibilitando a internalização de significados, conceitos, valores, e conhecimentos que medeiam a apropriação imagética do sistema de signos escritos. Assim, não é necessário que o surdo consiga falar/ouvir para aprender a modalidade escrita da Língua Portuguesa.

Tais contribuições nos levam a refletir sobre a violência linguística pela qual o surdo passa quando não lhe são ofertadas oportunidades em sua própria língua. São essas ações excludentes que permitem à ACD adentrar a comunidade surda, entender as mudanças sociais, os movimentos surdos, e trazer para o centro das discussões o ator social surdo, sujeito ativo, que se compromete e engaja seus pares em torno de melhorias e qualidade de vida para os seus. Petit (2009) acrescenta que os Surdos, enquanto leitores/escritores, operam um trabalho produtivo: eles reescrevem, alteram os sentidos, fazem o que bem entendem. Conforme as postagens e os comentários analisados, esses sujeitos interpretam, reinterpretem, contextualizam, reempregam, introduzem variantes de modo explícito ou implícito, testificando sua atitude em agir em prol da sua própria mudança social.

O engajamento por heteroglossia é evocado a partir das imagens repercutidas no grupo do *Facebook*. Isso se dá pelo fato de o sujeito discursivo iniciar a argumentação em favor dos princípios cristãos, permitindo diálogos entre seus pares, configurando espaço para interlocução (Vian Jr., 2010), imediatamente atacando a esquerda pelo seu ponto de vista ideológico (P7C3D-2021). Esse posicionamento está atrelado a uma série de engajamentos de grupos bolsonaristas, e a arena discursiva se origina a partir de publicações a respeito de situações associadas à esquerda política.

Conforme vimos na seção teórica dedicada à ACD (cf. seção 2), Fairclough (2003), em seus pressupostos, enfatiza que, no discurso, priorizam-se os produtores do texto na interlocução na medida da emissão e da recepção do discurso. No caso desta investigação, volvemos um olhar especial para a produção. As redes sociais propiciam interatividade, e, nesse espaço multidirecional, as informações consideradas pertinentes são reproduzidas, impulsionando diversos comentários carregados de lexias semanticamente interessantes para uma pesquisa em ACD, como se vê nos comentários P7C5D-2021 e P7C8D-2021.

A postagem que estamos analisando parte da publicação de uma imagem criada para denunciar o PT, associando-o a um risco iminente para o país, uma nação praticamente unilateral, defendida pela direita política. A representação do bode e de uma mulher vestida de baiana, associada à bruxaria, faz parte da estratégia ideológica para construção de sentidos dos ideais políticos da direita. Com a difusão da imagem, observa-se, nos comentários, o patriotismo, uma espécie de apelação ao nacionalismo por meio da reeleição do então Presidente Bolsonaro. Corroborando a ideia da materialidade linguística, a partir de elementos simbólicos compartilhados com uma finalidade ideológica, Germano (2000, p. 28) diz:

[...] para o leitor, não há exatamente a fuga da realidade brasileira, mas um vínculo estreito com ela, ajudado pelo recurso aos fatos históricos e apoiados nos comentários quase etnográficos do narrador. O leitor deve estar apto a decodificar situações e episódios que o texto esconde sob as alegorias, metáforas, paródias.

Conforme visto, Thompson (2009, p. 86) também endossa essa maneira compartilhada de símbolos a partir da Unificação, modo de operação ideológica que se perpetua com estratégias de estandarização. Essa forma de compartilhar informações para os aliados (membros da comunidade surda) visa ao fortalecimento dos seus ideais, além da busca pela simbolização da unidade, que, neste caso, podemos identificar a partir desses elementos visuais que versam a respeito de religião e dos valores morais que a direita política defende.

Germano (2000) é assertiva ao considerar que situações contextuais da realidade nacional permitem ao leitor reinterpretar, endossar e compartilhar sua verdade explicitamente; nesses termos, percebemos o movimento discursivo do ator social da direita (surdo e não surdo) em expor aquilo que faz parte do seu imaginário nacionalista, uma suposta superioridade brasileira de valores morais, culturais e éticos, conforme podemos observar nestes exemplos: P7C1D-2021: “*esquerda falar não esuqecer presidente Deus Religiosa. Muito falar odeio Falso Religiosa. Cuidar votos Presidente...*” e em P7C7D-2021, em que os atores sociais da direita remontam à religião em sua descrição minuciosa de que governo e religião devem seguir com

a mesma ideologia; em P7C6D-2021, a crítica do ator social é sobre a permissividade de um governo “comunista” (P7C4D-2021) apoiar coletivos que lutam em prol da diversidade e que quem apoiar a reeleição de um candidato da esquerda está apoiando o “aborto”. Sem fundamento algum, esses posicionamentos bolsonaristas materializam a polarização política, a desinformação e a alienação de pessoas que recebem e disseminam inverdades, enfraquecendo o movimento surdo com esses pensamentos “nacionalistas”.

Considerando a análise feita por meio da Avaliatividade, os comentários complementam o intuito da publicação da imagem no grupo fechado da direita política surda. Os envolvidos, leitores e escritores/sinalizadores¹⁵⁰, que visualizam o *post* constroem um percurso de leitura baseando-se em elementos multimodais. E, se olharmos para essa postagem (P7) através dos modos de representação dos Atores Sociais, como proposto por Van Leeuwen (1998, 2008), temos discursos que incluem alguns atores sociais e excluem outros. O contexto em que a P7 se insere trata-se de uma exclusão por encobrimento porque, explicitamente, há marcas de responsabilidade que apresentam quem são os culpados: “*Deus ver triste, deus bravo dia destruição para lula medo dentro vida interno diabo sofrer fogos*” (P7C3D-2021). Na P7C8D-2021, observamos fortemente declarações ríspidas aos apoiadores da esquerda em relação àquilo que eles julgam ser em prol da campanha de reeleição de Jair Bolsonaro.

Para enxergar marcas de exclusão (Van Leeuwen, 1998, 2008), nas quais o ator social aparece através das referências (explícitas e/ou implícitas), faz-se necessário entendermos o contexto sociodiscursivo da P7. Nesse ponto, em conformidade com as representações dos atores sociais, Thompson (2011, p. 20) associa essa contextualização às formas simbólicas de ideologias pelo fato de os processos interacionais se tornarem “complexos de valorização, avaliação e conflito”. Como demonstramos, nos comentários gerados a partir do compartilhamento da Imagem 8, os atores sociais da direita asseveraram seus posicionamentos contra a esquerda. Portanto, na investigação realizada, o grupo da direita manifestou estrategicamente o modo de operação ideológica *Unificação* como forma de envolver mais ainda seus laços políticos. Para nos aprofundar nas referências em que os atores sociais se inserem, é oportuno entendermos ainda mais o contexto sociopolítico como ferramenta para compreensão do discurso oposicionistas.

A depender do contexto, os atores sociais da direita estão ativados e/ou passivados. Nesse trecho, temos um dos momentos da passivação no comentário P7C5D-2021: “*Hospício e esquerdophatos burro mesmo culpado estado governadores e prefeitura mandou ICMS só*

¹⁵⁰ Membros da comunidade surda que leem, que postam e que comentam por meio da escrita, seja ela em LP ou LP/L2.

bandidos STF proteger soltar maquiagem máfia PT quadrilha políticos vagabundos hipócritas”, e o momento da ativação do ator social no comentário P7C7D-2021: “*Eu já sbaia... outros esquerdistas libras nunca pesquisar pula assunto manipulação surdo doutor muito libras mentiroso... Deus vendo juízo deixa slibras...*”

Esse movimento discursivo de passivar e ativar constitui uma espécie de incentivo/provocação aos pares. Na passivação, o ator social não se insere, e na ativação ele é inserido, comprometendo-se em seu engajamento. Com o fito de atingir os objetivos de alcançar votos para a reeleição do então Presidente Bolsonaro, a pressão popular representa a principal arma do movimento para atingir seus propósitos (Abella, 2017, p. 115).

Na ativação, observamos o comprometimento em mobilizar a comunidade surda da direita a combater os ideais políticos e ideológicos contrários em prol da salvação da nação. A Postagem 7 (P7) representa uma ativação de forte conteúdo ideológico em que a direita assume a responsabilidade de alertar a comunidade surda a respeito da transformação social do país. Temos, portanto, como no caso dos atores sociais politizados da comunidade surda da direita, um movimento discursivo de passivação e ativação.

No texto, os sujeitos atribuem responsabilidades e assumem responsabilidades. No trecho “*olha pessoas não quer saber político. Eles em filhos ou filhas outro pessoas pode entra no banheiro curioso jeito né. Eles gostou ou não. ?!?!?*” (P7C6D-2021), ao escolher as lexias “eles”, “outras pessoas”, na terceira pessoa do plural, o sujeito atribui a outrem a responsabilidade e o risco de apoiar a entrada de pessoas transgênero em banheiros masculinos e/ou femininos. Já no trecho “[...] *Melhor acredito voto Bolsonaro 22 esposa a Michele amei libras surdos comunicar que importante e cultos igreja Deus fé sempre 22*” (P7C8D-2021), o uso da lexia “acredito”, na primeira pessoa do singular, demonstra a inclusão do escritor do texto, “eu”, e finaliza o comentário comprometendo-se por meio da lexia “amei”. Em um primeiro momento, nota-se o protesto em relação ao pensamento “esquerdista” e, num segundo momento, uma devoção a Bolsonaro e à então primeira-dama.

A partir dos seus comentários, intencionalmente, a P7 constrói sentidos que aproximam, incluem e distanciam, nos quais o interesse maior é provocar uma ruptura ideológica esquerdista que, segundo eles, desmoraliza o país, abrindo prerrogativas desconstrutivas para a moralidade. Essa manifestação discursiva se revela um discurso perigoso, de atribuição de responsabilidades, que, na sua formação, representa um risco iminente para os contextos político, social e religioso.

5.4 PONDERAÇÕES DA SEÇÃO

Diante de todas as circunstâncias ocasionadas durante o governo Bolsonaro, é importante refletirmos como a construção de sentidos é materializado através de discursos oposicionistas, atravessando movimentos surdos com a narrativa específica sobre a vida social. Conforme Santos (2017, p. 136), esses mecanismos de construção ideológica e discursiva agem para formar consensos e cristalizar posições ideológicas particulares.

O poder que as redes sociais operam nesse contexto político contribui para a disseminação ideológica que resulta em polarização política-ideológica entre membros politizados da comunidade surda. Devido ao fato inédito destacado no escopo desta investigação, a ASCD contribui para observarmos o movimento discursivo que o sujeito mobiliza em seu comprometimento e com a manutenção identitária que o define (Pedrosa, 2012). Com isso, cada vez mais são vistos grupos heterogêneos lutando por visibilidade e respeito, possibilitando que, nas entrelinhas dessas guerras discursivas, analisemos a construção de sentido semântico-discursivo em seus posicionamentos no campo discursivo dos recursos da Heteroglossia, numa perspectiva avaliativa.

Considerando o exposto, inserimos a comunidade surda brasileira na agenda de pesquisas em ACD, através das análises dos *corpora* que envolvem polarização, tendo como direcionamento o arcabouço teórico selecionado para esta etapa, ao tempo em que apresentamos a polarização política-ideológica que divide a comunidade nos dias atuais e que suscita visualizar como os membros politizados dessa comunidade usam seus corpos e suas mentes em favor do protagonismo de si mesmo, em prol dos seus ideais em comum, ainda que haja a instabilidade social, é possível verificar a importância dos atores sociais politizados no embate político-ideológico em favor do que mais importa para a comunidade surda. O respeito à Língua Brasileira de Sinais, à Cultura e à Identidade Surda.

Também garantimos denunciar a violência linguística que as pessoas surdas, como grupo minoritário, encaram a partir da consolidação da interferência ouvintista, sobrepondo a visão socioantropológica da surdez pela deficiência no Congresso Internacional de Milão¹⁵¹, em 1880 (pela imposição do método oral na educação escolar) e nos dias atuais, devido à inacessibilidade da Libras nas principais repartições públicas (educação, saúde, contexto jurídico, entre outros...). Nesse sentido, a seguir, adentramos em nossas considerações finais, a fim de ampliar as respostas às perguntas de pesquisa a partir dos resultados atingidos nas análises.

¹⁵¹ Cf. Seção 3.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar as múltiplas representações dos atores sociais, membros politizados, nos discursos oposicionistas que testificam a cisão política-ideológica entre os membros da comunidade surda em direita e esquerda, entre os anos de 2021 ao primeiro bimestre de 2023, concretizadas em espaço midiático.

Para os aspectos conceituais da pesquisa, embasamo-nos no arcabouço teórico-metodológico da Análise Crítica do Discurso (ACD), da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), nas representações dos atores sociais (van Leeuwen, 1998; 2008) e nos modos de operação ideológica (Thompson, 2009, 2011). No âmbito da LSF, por meio do sistema Avaliatividade, subsistema Engajamento e, secundariamente, do subsistema Atitude, buscamos identificar aspectos discursivos no que se refere às relações dialógicas entre os membros da comunidade surda em cada evento discursivo. Além de nos apropriarmos dos conceitos da Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD) no que se refere à Comunicação para a Mudança Social, num diálogo transdisciplinar com os Estudos Surdos e com os Estudos Decoloniais.

A hipótese que guiou este trabalho foi a de que as dificuldades comunicativas para atribuir pautas reivindicatórias para a comunidade surda passaram a ser atravessadas por questões associadas à política e à ideologia específica para cada grupo de oposição. O estudo trouxe um recorte no tempo ampliando a instabilidade política-ideológica entre partes da comunidade surda, que denominamos de membros politizados (professores Surdos, não-surdos, Surdos, pais de Surdos, intérpretes), na medida em que caracterizou a percepção dos próprios membros politizados da comunidade surda brasileira da necessidade de repensar a proporção da cisão instaurada pela instabilidade social que o governo de direita ocasionou no país, a ponto de afetar nos principais interesses em comum que envolvem os direitos humanos dos Surdos.

Sabemos que as especificidades políticas-ideológicas que acarretam numa cisão grupal estão atreladas nas diferenças humanas dos aspectos de gêneros, etnia, classe social e cultura, sobretudo quando se trata de uma mesma minoria linguística, constituindo-se, portanto, um espaço privilegiado para o reconhecimento e respeito à diversidade, para o exercício da consciência cidadã para o estabelecimento das relações sociais, pautadas na valorização de si mesmo e do outro, cumprindo o papel social do que diz respeito viver em coletividade.

É pertinente mencionar que o estudo tem demonstrado, em função do tema abordado, o que consideramos ser relevante no marco das circunstâncias que o governo de direita despertou no país nesses últimos tempos. A eleição de Jair Bolsonaro repercutiu, no mundo inteiro,

situações divisionistas, suscitando diversas mudanças sociais. Para nós, importa destacar que o fenômeno da mudança social em discursos oposicionistas entre membros politizados da comunidade surda, enquanto grupo minoritarizado, que entendemos ser um campo fértil para pesquisas em ACD.

No Brasil, mais precisamente, esses membros politizados da comunidade surda compartilham de movimentos políticos que visam ao reconhecimento da língua, da cultura e da identidade surda. Todos esses aspectos linguístico-culturais advêm do histórico educacional que reprimiu a liberdade de expressão e comunicação das pessoas surdas em todo o mundo.

Por tratar-se de postagens no *Instagram* e no *Facebook* carregadas de opções semânticas que o ator social extrai da língua e instancia no discurso, para desempenhar avaliações negativas e positivas, implícitas ou explícitas, passivadas e ativadas (van Leeuwen, 1998; 2008), para desempenhar avaliações sobre eventos discursivos em postagens, comentários, argumentando, persuadindo ideologicamente seus pares, a instabilidade interacional na comunidade surda nos permitiu refletir sobre os movimentos discursivos entre os grupos da direita e da esquerda política. A cisão política-ideológica de parte dessa comunidade configura um aporte para as ciências humanas e sociais, enquanto contribuição, por meio de um olhar crítico que evidencia a força do discurso como reproduutor e legitimador de ideologias.

O direcionamento da pesquisa para a categoria heteroglossia, do subsistema Engajamento, justifica-se pela possibilidade de articulação de vozes dentro do discurso, assim como, numa perspectiva sociodiscursiva, a esse protagonismo nos embates políticos-ideológicos o ator social engajado é o produto das suas ações, das suas crenças e dos seus propósitos. Eis o porquê alinharmos os pressupostos teóricos das representações dos atores sociais e dos modos de operação ideológica, com a proposta da ASCD a respeito da Comunicação para a Mudança Social, a partir da releitura de Bajoit (2006).

Espera-se que este estudo sirva como contribuição aos debates que vêm sendo realizado em todo o Sul global sobre epistemes produzidas a partir de investigações de grupos vulneráveis socialmente. Assim como na ACD, as discussões em torno de pautas assimétricas não se esgotam, com lançamentos de propostas investigativas diversas em torno de desvelar as injustiças sociais como mecanismos que favorecem a inclusão social. Desse modo, nas próximas linhas, tecemos os caminhos percorridos, as linhas teóricas adotadas, os métodos norteadores para nossa investigação, o *corpus* da pesquisa, sobretudo as discussões desenvolvidas e os resultados alcançados.

Nossas delimitações teóricas e metodológicas de pesquisas em ACD

Nossa pesquisa está configurada como uma pesquisa metodológica qualitativa interpretativista, e por se situar na ACD, é textualmente orientada, em termos de concepção de pesquisa crítica, por meio da LSF. Essa caracterização se dá pelo fato de a investigação estar inclinada às questões que instabilizam uma minoria linguística nacional, também pela intencionalidade de apontar o fenômeno social da polarização política-ideológica na comunidade surda. Desde a possibilidade de pesquisar discursos críticos envolvendo pessoas surdas, a origem desta investigação se concretiza na relação entre discurso e sociedade no Sul do Sul (Santos, 2010).

Esse aspecto metodológico permitiu uma imersão na Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD), enveredando a pesquisa para uma análise sociológica e discursiva, a partir das escolhas das categorias analíticas. Com isso, essa gama de teorias nos ajudou a selecionar a delimitação dos *corpora*, considerando o fato que, para atestar a polaridade política, buscou-se desvelar os discursos de opositores heterogêneos entre direita e esquerda política, discursos opositores somente da esquerda e discursos opositores somente da direita, divididos nos módulos que envolviam postagens de eventos discursivos que afetavam diretamente as pessoas surdas e a Libras e em eventos discursivos a respeito do governo de direita.

Nossos objetivos e questionamentos

1) Através das categorias do subsistema heteroglossia, do sistema Avaliatividade, como podemos testificar o atravessamento de vozes no espaço dialógico dos eventos discursivos polarizados?

Conforme os objetivos propostos, buscamos analisar **linguisticamente, pelo viés da Linguística Sistêmico-Funcional, como as postagens e os comentários legitimam a polarização política-ideológica**, demonstramos como os discursos opositores entre Surdos e não-surdos (membros politizados da comunidade surda brasileira) reconfiguram outros discursos, excluindo ou estruturando vozes em relação à sua própria voz, além de apresentar o atravessamento de juízos de valores através de vozes no discurso por meio de estratégias categóricas presentes no sistema Avaliatividade, nos recursos da Heteroglossia (Engajamento), pela representação do ator social e dos modos de operação ideológica.

Desse modo, a partir das análises discursivas, as marcas linguísticas e sociais, relacionadas aos eventos discursivos, visualizamos epítetos, contextos perjurativos, que comprovam as práticas discursivas e textuais a partir das postagens e dos comentários.

As análises demonstraram diferentes discursos em torno da batalha acirrada da polarização, conflitos político-ideológicos entre os membros politizados da comunidade surda, legitimando um estado desconfortável para negociar interesses em comum para a vida social, distanciando-os da empatia em prol do respeito e da liberdade ideológica, dando espaço para julgamentos, depreciações, dificultando a participação, enquanto comunidade linguística, nas decisões acerca de políticas linguísticas para a educação bilíngue para pessoas surdas no país. Ao decorrer do trabalho, comprovamos que as escolhas léxico-gramaticais se concentram em categorias sociodiscursivas em discursos de ódio de ambos os lados (direita e esquerda) e, dentro desse movimento discursivo, observamos o protagonismo do ator social surdo e não surdo (membros da comunidade surda brasileira) comprometendo-se em prol do seu ideal, configurando-se um instrumento interacional discursivamente mediado pela linguagem.

Nas análises linguísticas desenvolvidas, analisamos como os discursos oposicionistas materializam impaciência, antipatia, grosseria e julgamento entre os membros politizados da comunidade surda brasileira. Tudo isso ocorreu a partir de dois contextos gritantes para animosidade na comunidade: primeiro, pelas falas preconceituosas e capacitistas do ex-presidente Bolsonaro, ao tratar as pessoas surdas como “surdos-mudos”, “deficientes”, numa perspectiva paternalista de que essas pessoas carecem de cuidados pela “deficiência” que as caracteriza, sendo esse discurso assistencialista e preconceituoso atenuado durante a tradução/interpretação da Libras, em que, ao invés de agir fielmente, de acordo com o que o código de ética preconiza, o intérprete de Libras preferiu omitir e readaptar as falas capacitistas, em situações vexatória para a comunidade surda e que marcaram mais ainda a polarização entre pessoas surdas; em segundo, situações recorrentes de pronunciamentos oficiais em relação à pandemia, à ideologia, à religião e à diversidade de gênero, nas quais legitimam as ideologias dos atores sociais da direita, em seus discursos oposicionistas no espaço midiático para provocar seus pares, em razão do caos social, em defesa da moralidade para o país.

No que se refere à exploração dos léxicos negativos que nos permitiu analisar linguisticamente os *corpora* pelo viés da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), o estudo pautou-se em discursos político-ideológicos em postagens, comentários e *lives* no espaço midiático, independentemente do grupo político (esquerda e direita), com a busca pelas lexias mais frequentes, epítetos, contexto e expressões depreciativas de afronta de um grupo para o outro (gado, esquerdopatas, burro, cego, luladrão, bolsosurdesminions, amiga da onça, mamata

de Bolsonaro, puxa-saco, nojo, robôs do ódio, orelhuda...), além de epítetos e atributos ofensivos inseridos nos contextos de discussão atribuídos para ambos os lados (hipócrita, safado, vaca, palhaço, idiotas, bandidos, hipócritas, anticristo, hitler).

2. *Quais aspectos sociais podem ser evidenciados, conforme a teoria da Comunicação para a Mudança Social, pelos atores sociais politizados da comunidade surda brasileira diante da tensão político-ideológica?*

Demonstrar como a representação dos Atores Sociais permeia a relação conflituosa no espaço dialógico das arenas discursivas oposicionistas, as formas de manifestação política em desfavor de ambos os lados caracterizavam uma arena discursiva na comunidade surda por meio de lexias depreciativas, que invadiam as redes sociais. É sabido que posicionamentos políticos e ideológicos são essenciais para o desenvolvimento democrático numa sociedade moderna. A trajetória política da comunidade surda brasileira, nos níveis culturais e educacionais, é proporcional à “estabilidade” inclusiva nos dias atuais, algo que não era recorrente antes do reconhecimento da Lei de Libras (10.436/22 de abril de 2002) e afetava particularmente a vida social das pessoas surdas e dos envolvidos não-surdos. Ampliando nossos horizontes, evidenciamos que a política nacional, a base de muita negociação, buscou incluir os interesses comuns da comunidade surda no tocante às questões linguístico-culturais. Durante muitos anos, o país esteve com o PT à frente do poder executivo e, com a saída conflituosa da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, com a prisão do presidente Lula, em 2018, a campanha do então presidente Bolsonaro, em 2018, vislumbrou para a nação uma mudança social em diferentes perspectivas.

A respeito do ineditismo gerado a partir de então, de fato, nunca houve no país uma visibilidade tão grande para a língua, para a cultura e para a educação bilíngue para Surdos. Essa diferenciação louvável possibilitou equidade, autoconfiança e a percepção de que não há limites para a atuação de pessoas surdas no mundo. Com a nomeação de uma surda para ocupar um cargo público no governo, o país saltou longos passos do ponto de vista da aceitação dos Surdos; com o convite de um professor surdo, preto e gay para interpretar em Libras o hino nacional no dia da posse, a comunidade surda aclamou mais ainda essa nova era. Como se não fosse o bastante, a jogada assertiva da então primeira-dama em apresentar sua fala em Libras na posse presidencial (2019) marcou eternamente a história da comunidade surda nacional. Fatos que atravessavam brilhantemente tudo o que os Surdos valorizam (língua, cultura, educação). Porém, no decorrer do mandato, pontos divergentes assumiam espaço discursivo entre os membros da comunidade surda, impulsionando a polarização política nacional.

Justificam-se os posicionamentos contrários entre membros politizados da comunidade surda, agindo como atores sociais, diante da polarização dos ideais, dos compromissos em favor dos interesses em comum durante o governo de direita. Nesse embate discursivo apontado nos *corpora* foi possível identificar aquilo que van Leeuwen (1998; 2008) chama de o movimento do ator social ao ativar e ao passivar, à medida que o contexto interpelava em ações que afetavam suas crenças os discursos ativados apontavam fatores que identificávamos no protagonismo massivo dos atores sociais politizados, contextos que abrangiam ambos os lados. À medida que o comprometimento do ator social ativado tornava-se perceptível, o movimento oposto de passivação também era identificado a partir das evidências postas em questão. Como por exemplo a situação da fala capacitista, proferida no discurso presidencial na abertura do evento esportivo de Surdos, no interior de São Paulo, omitida e atenuada no momento da tradução e interpretação em Libras. Contexto agravado ainda mais com a remoção do vídeo gravado da página da Feneis (Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo).

Essas nuances testificam a Comunicação para Mudança Social gerada a partir dos posicionamentos dos atores sociais de ambos os lados. Como forma de gerar mudança discursiva em ações que reverberem em desenvolvimento social para a comunidade, em favor do respeito e assegurando os direitos humanos para as pessoas surdas no país, conforme foi visto na postagem que se referia à luta para a permanência da DIPEBS, assim como na postagem que referia vexatóriamente à Libras como “Língua Brasileira de Sinais do ódio”. Matéria da Isto é que despertou a unidade da comunidade surda nacional em “alfabetizar” aos desinformados a respeito das especificidades comunicativas da língua de sinais.

No que diz respeito às estratégias de avaliação do subsistema Engajamento, pode-se observar que houve uma maior quantidade de contração dialógica (refutação e ratificação), como recursos da heteroglossia, levando em consideração a análise linguística com base nos princípios teóricos da LSF. No entanto, ao analisar o contexto cultural e histórico dos discursos, é possível compreender que, na maioria das opiniões expressas pelos membros politizados da comunidade surda, o objetivo é demonstrar o protagonismo Surdo e o local de identificação que a língua e a cultura surda ocupam.

Ressalta-se também como as escolhas lexicais marcaram discursos em contextos diversificados. Escolhas lexicais para oprimir, para militar, para testificar, para alertar, seja em contextos aquecidos pela esquerda política, e aferrecidos pela direita política, e vice e versa. Nessas arenas discursivas eram visíveis a tensão instalada a partir das postagens, enriquecendo o caráter transdisciplinar de se fazer pesquisas em ACD em concomitância com questões assimétricas de minorias linguística nacional.

3. *Como os modos de operação ideológica são constituídos discursivamente em discursos político-ideológicos de membros politizados da comunidade surda brasileira?*

Identificar como os modos de operação ideológica refletem relações assimétricas envolvendo o discurso, poder e hegemonia, na polarização política-ideológica entre membros politizados da comunidade surda. Para essa instabilidade social causada durante o governo de direita as contribuições de Thompson (2009; 2011) tornaram-se oportuna para entender como os discursos proferidos, diante da instabilidade social que classificam as vozes no espaço dialógico dos conflitos de interesses em comum dessa comunidade linguística minoritária. Divididos em grupos opostos, cada um com seus ideais, observamos formas de racionalização discursiva, ao ponto de o ator social engajado comprometer-se com a causa defendida, persuadindo, militando, reconstruindo fatos em torno da sua crença. Nesse meio, a tensão discursiva enervava cada vez que escolhas lexicais eram utilizadas como manifestação apelativa para validar e chamar a atenção dos filiados em desfavor dos oponentes. Thompson (2009, p. 82-83) chama de racionalização, à medida que o sujeito constrói uma “cadeia de raciocínio ele busca defender, justificar, um conjunto de relações, ou instituições sociais, e, com isso, persuadir a audiência de que isso é digno de apoio”.

Os comentários gerados a partir das postagens claramente permitiu-nos entender como os membros politizados da comunidade surda estavam munidos com repertório lexical com complexo teor semântico-discursivo, envoltos de argumentos, ideais, em favor da unidade e em desfavor das investidas do oponente. Para esse tipo de situação, o aprofundamento teórico nos quesitos ideológicos do proponente ajudou-nos entender como são construídas as estratégias de estandarização e simbolização da unidade, recursos do modo de operação Unificação, modo de operação que semioticamente demarca o que se enquadra como peculiaridades distintas de determinado grupo social; assim como os recursos da diferenciação e expurgo do outro, como forma ideológica que testificam a cisão política-ideológica a partir do modo de operação Fragmentação (Thompson, 2009; 2011).

4. *Como poderíamos aproximar a pessoa surda, enquanto leitor, às questões basilares da ACD para interligação dos fatos desenvolvidos nesta pesquisa*

Oferecer um aprofundamento teórico dos aspectos conceituais atrelados à temática desta tese, entre eles: polarização, pessoas politizadas, comunidade surda. Aspectos conceituais neste estudo denominamos como a Análise Crítica do Discurso (ACD), Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD), Linguística Sistêmico-Funcional (LSF),

Estudos Surdos (ES), Estudos Decoloniais, Comunicação para a Mudança Social (CMS), podem contribuir para o empoderamento de grupos em situação de vulnerabilidade, a exemplo da comunidade surda brasileira.

Com isso, por se configurar um campo de estudos oportuno para pesquisas envolvendo a surdez, a ACD representa uma importante área de estudos para as questões críticas que cercam os Surdos na contemporaneidade. Todo o arcabouço teórico-metodológico que originou essa importante base teórica viabiliza mecanismos para adentrarmos em problemas sociais que assolam os grupos em situação de vulnerabilidade. Por meio da prática discursiva, encontramos as aplicabilidades que essa vertente dos Estudos Linguísticos nos fornece.

Seu caráter transdisciplinar nos ensina que fazer pesquisa crítica está além dos muros escolares. Sua estrutura teórico-metodológica flexibiliza uma gama diversificadas de diálogos. Eis a razão pela qual buscamos refletir sobre por que se demorou tanto para, nas agendas de pesquisas em ACD, incluir os Surdos como pessoas marginalizadas socialmente. A inquietude que nos atizou para o desenvolvimento desta pesquisa nos trouxe respostas contundentes a respeito da importância de se fazer pesquisas críticas no Brasil, sobretudo a respeito de questões de assimetrias sociais. E, sim, os Surdos estão em desvantagem em relação às pessoas ouvintes. Comprovamos, por meio do diálogo da ACD com os Estudos Surdos, que a inacessibilidade linguística no Brasil impediu e ainda impede a participação massiva das pessoas surdas nas oportunidades que uma sociedade igualitária julga ser pertinentes.

A divulgação desta pesquisa, acreditamos, proporcionará mais engajamentos e conscientização de sujeitos que se encontram socialmente vulneráveis, e assim, oferecer conhecimentos que lhes proporcione refletir sobre seu contexto social e assim lutar por seus direitos.

Perspectivas e projeções em nossa contribuição em ACD

Toda pesquisa abre espaço para complementações e sabemos que os desdobramentos apontados configuram um canal para trocas de conhecimentos. Ao fazer pesquisa em Análise Crítica do Discurso (ACD) faz-se necessário se despir da neutralidade política. Para quem se autodefine apolítico, chega um momento na vida em que você é obrigado a se posicionar ou ser conivente com o sistema. Com isso, reconhecemos nossos esforços para submergir nos pressupostos teóricos e metodológicos da ACD, a fim de encabeçar uma investigação que fizesse sentido, enquanto pesquisador. Não faz sentido um analista crítico desvelar pontos assimétricos no contexto social e não conviver com essa realidade. Consideramos que beber

da água do discurso crítico é estar comprometido com a vulnerabilidade social, vivenciar a desigualdade, a hegemonia, o descontrole social que afeta grupos marginalizados socialmente.

Reposicionando nosso lugar enquanto pesquisador, uma vez ligado à alfabetização de pessoas surdas e não surdas em Língua de Sinais e em Língua Portuguesa, reconhecemos a contribuição que faríamos incluindo na agenda de ACD na América Latina uma pesquisa que visibilizasse os Surdos, principalmente por residirmos e conviver da peculiaridade epistemológica do Sul do Sul (Santos, 2010). Nesse processo, a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD) impulsiona no analista diferentes processos do fazer metodológico, reinventando, recontextualizando, inserindo-o por completo na arena discursiva. Diante disso, torna-se impossível não se comprometer com a causa a ser investigada e, nesse compromisso, a escolha temática nos obrigava a desvelar o embate político e ideológico entre membros politizados da comunidade surda na contemporaneidade.

Faz-se necessário encontrar meios que nos levem ao entendimento do que seria mudança social na comunidade surda, a entender a razoabilidade da polarização política e, no fluxo desse espaço dialógico, analisar a fronteira que a mudança social estabelece entre eles. Ora, para além dessa zona fronteira existem crenças política-ideológicas, traços linguísticos e culturais que são defendidos e compartilhados há anos entre as pessoas surdas no Brasil. Tratando-se da comunidade surda brasileira, a marcha igualitária em prol desses ideais obteve alguns resultados satisfatórios (cf. seção 3); todavia, a relação conflituosa governamental no país impulsionou esse divisionismo entre direita e esquerda. A animosidade estabelecida nos discursos oposicionistas em redes sociais advém da influência direta dos interesses partidários, não levando em consideração os ideais igualitários enquanto uma mesma minoria linguística.

São nessas questões que encontramos respostas nas análises sociodiscursivas, haja vista que os recursos das categorias dos aspectos conceituais utilizadas nos deram a dimensão do contexto de situação e de cultura, interferindo nas relações sociais, levando a escolhas lexicais que se materializaram em discursos oposicionistas. Geralmente espera-se que um grupo minoritarizado, em situação de vulnerabilidade, por vezes subalternizado, compartilhe do fortalecimento de seu aspecto identitário e, na busca desse fortalecimento, naturalizem-se laços fraternais em defesa da subsistência do povo, espalhado territorialmente, mas unido pelos mesmos valores.

Com isso, a polarização política na comunidade surda nacional nos chama a atenção, principalmente numa era digital, em que as distâncias são encurtadas, e no contexto pandêmico, no qual o isolamento social aumentou ainda mais o acesso à *internet*; conseqüentemente, aumentou também a visibilidade assistencial da tradução e interpretação da Libras durante a

campanha eleitoral e durante o governo Bolsonaro.

Outro ponto que efervesceu as contendas discursivas (cf. seção 5) foi o comportamento despreparado do ex-presidente Bolsonaro para lidar com as especificidades da surdez, reverberando em motivo para discussões acaloradas, materializadas em lexias depreciativas para ambos os lados. O efeito de sentido que essa mudança social causa na comunidade surda é entendido através da perspectiva da ACD.

Enfatizando a trajetória educacional das pessoas surdas, não queríamos apenas projetar a desigualdade social que afeta a educação das pessoas surdas, mas sim, buscamos apontar que esses sujeitos reconhecem seu papel social e entendem que é na língua e na cultura que eles compartilham um marco temporal de resistência e afirmação, que seus corpos não devem ser vistos como corpos defeituosos, mas sim como corpos sociais que têm apenas na língua o diferencial para a transformação social.

Certamente, se as pessoas soubessem, e se os Surdos não tivessem tido o colonialismo (violência linguística), se as pessoas tivessem acesso às diferentes epistemologias, entenderiam que pensar epistemologias outras é, acima de tudo, transgredir aquilo que nos foi dado. Logo, a comunidade surda não estaria marcada por uma visão clínica, patológica, extremamente preconceituosa e limitada.

Sabemos que há muito mais a se conhecer nas especificidades que caracterizam a comunidade surda, muito mais daquilo que foi perpassado em relação à visão patológica da surdez. Eis o porquê precisamos dialogar com outros marcos civilizatórios, outras formas de perceber o mundo, outras formas de produzir conhecimento e começar a dialogar com olhares outros, dialogar com outras vozes, com outras pessoas, com outros saberes, outras questões e, assim, percebemos que muita coisa foi renegada ao povo surdo a partir do sistema colonial (oralismo).

Desse modo, acreditamos ser necessário pensar Epistemologias do Sul a partir de diferentes perspectivas, a partir de uma outra cosmopercepção (SANTOS, 2010) e passar a refletir no contexto em que determinado grupo em situação de vulnerabilidade social esteja inserido. Esta pesquisa se insere nessas características na medida em que tratamos de um fenômeno social que interfere nas relações interpessoais da comunidade surda, produzimos diálogos epistêmicos, teóricos e metodológicos que nos guiam a aprender com o Sul do Sul, epistemes diversas do nosso país genuinamente plurilíngue, transcultural, e também epistemes de outros países, sobretudo do Sul global.

Esperamos que, a partir desta pesquisa, surjam outras contribuições que cooperem com o fortalecimento de pesquisas em ACD em diálogo com os Estudos Surdos. Por trazer ao centro

da discussão o sujeito ativo e transformador de si mesmo e do seu grupo social, a ASCD, como suporte de pesquisa da ACD, hoje nos possibilita entender o efeito dessa zona fronteira entre a polarização política-ideológica no Brasil e os ideais igualitários dos Surdos pela ótica comunicacional e social do discurso. Como vimos, a prática social da linguagem está representada nos fatos que os sete eventos discursivos analisados representam para o surgimento dos discursos oposicionistas no espaço midiático. À medida que mergulhamos nessa zona comunicacional, entendemos o que está representado no comportamento do ator social.

O protagonismo surdo (cf. seção 3) foi um fator preponderante para associarmos o que está em questão, envolvendo o comprometimento do próprio surdo para a quebra de paradigma da visão socioantropológica da surdez. O que chamamos de razoabilidade se deve a esse aspecto comportamental do ator social que luta por reconhecimento, por respeito, individual e coletivamente. No contexto socio-histórico, o progresso social e educacional das pessoas surdas foi interrompido. Essa oposição aos valores e ideais resultou na violência linguística. Caso contrário, a imposição oralista não teria efeito se os ditos “educadores de surdo-mudo” reconhecessem a viabilidade linguística das LS.

No Apêndice B deste trabalho, oferecemos para a ACD a contribuição de um glossário bilíngue composto de termos (legendado e sinalizado) e conceitos (acessíveis em *Signwriting* SW) das principais temáticas que foram abordadas durante o desenvolvimento da pesquisa. Trata-se de um objetivo transversal, que denominamos como objetivo específico transversal, visando incluir leitores surdos às implicaturas das pesquisas em ACD.

Com isso, aplicando as inovações propostas pelos autores, sistematizando as conceituações, respeitando as variantes, os empréstimos, para permitir a ampliação do repertório lexical do leitor surdo e não-surdo, salientamos que os sistemas de notação de LS foram criados com o intuito de preservar a estrutura semântico-sintática da língua. Por conta dessa realidade desigual entre pessoas surdas e não surdas no Brasil, buscamos aproximar as principais conceituações em ACD a fim de permitir o acesso à leitura para pessoas falantes de uma língua visual e espacial a partir de um sistema de notação (SW) que imprime simultaneamente o que é sinalizado em Libras. Nessa busca inclusiva e comunicacional, operamos em favor dos termos que apareceram no desenvolvimento deste estudo, delimitando por áreas e aprofundando mais os conceitos da área da ACD, da ASCD e da LSF.

Cabe ressaltar que oportunizamos também a conceituação dos termos que mais apareceram na pesquisa; além disso, para os Surdos que não estão familiarizados com a leitura em LP e que não conhecem a leitura em *Signwriting*, todos os termos estão acessíveis em Libras e disponibilizados por meio do *QR Code*, e os conceitos dos termos estão escritos em SW.

Assim, esperamos que este trabalho surta efeito positivo em pesquisas que dialoguem com o campo da ACD. Embora tenhamos alcançado resultados que endossam a aplicabilidade dos aspectos conceituais¹⁵² trabalhados, entendemos ser necessário traçar novas rotas que atendam a questões pertinentes a essa temática, a partir desse primeiro passo, em diálogo espitêmico com os Estudos Surdos e a ASCD.

¹⁵² Atores Sociais, modos de operação ideológica, sistema Avaliatividade, Comunicação para a Mudança Social.

REFERÊNCIAS

ABELLA, Letícia Beatriz Gambetta. **O poder hegemônico das redes sociais: uma análise crítica do discurso de quem vai para a rua**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2017.

ALBRES, Neiva Aquino. Estudos sobre os papéis dos intérpretes educacionais: uma abordagem internacional. **Revista Fórum**, Rio de Janeiro, INES, n. 34, p. 48-62, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.ines.gov.br/seer/index.php/forumbilingue/article/view/99/91>. Acesso em: 8 mar. 2024.

ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira. **A avaliação na linguagem**. Os elementos de atitude no discurso do professor: um exercício em Análise do Discurso Sistêmico-Funcional. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira; VIAN JR., Orlando. Estudos em avaliatividade no Brasil: panorama 2005-2017. **Signótica**, Goiânia, v. 30, n. 2, p. 273-295, abr./jun. 2018.

ALMEIDA, Monize Gabriel de; ALMEIDA, Hugo Leonardo Nascimento. Processo de aquisição da língua de sinais por crianças surdas. **Trilhas pedagógicas**, v. 9, n. 10, p. 392-401, 2019.

ALVES, Juliana Barbosa; PEDROSA, Cleide Emília Faye. “Minha língua é a Libras”: uma análise crítica dos discursos do povo surdo pelo reconhecimento de sua língua. **Domínios e linguagem**, Uberlândia-MG, v. 17, e1736, 2023.

BAJOIT, Guy. **Pour une conceptualisation de la notion de relation sociale**. Paris: Edit. P.U.F., 1999.

BAJOIT, Guy. **Tudo muda**: proposta teórica e análise de mudança sociocultural nas sociedades ocidentais contemporâneas. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

BAJOIT, Guy. **El cambio social**: análisis sociológico del cambio social y cultura en las sociedades contemporâneas. Madrid: Siglo, 2008.

BAJOIT, Guy. La tiranía del “gran ISA”. **Rev. Cultural y representaciones sociales**, Año 3, n. 6, p. 9-24, mar. 2009. Disponível em: www.culturayres.org.mx/revista. Acesso em: 10 mar. 2023.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Michail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes [1982] 2003. p. 263-306.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, 2013.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BATISTA JR., José Ribamar Lopes (Org.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018.

BEGUM, Jameela. **Cyril Dabydeen by Jameela Begum, Series Editor's Introduction**. Jaipur and New Delhi, 2000.

BERTHIER, Ferdinand. **Les sourds-muets, avant et depuis l'abbé de L'Épée**. Paris, FR: Ledoyen, 1840. Disponível em: <https://u-paris.fr/bibliotheques/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BERTHIER, Ferdinand. **Abade Sicard: célebre professor de surdos-mudos**. Rio de Janeiro: INES, 2012.

BHABHA, Homi Kharshedji. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 5. impr. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA PEARSON. **Linguística I**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2014.

BONNICI, Thomas. **O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura**. Maringá: Eduem, 2000.

BURGEILE, Odete. **Práticas educacionais no ensino de línguas e de literaturas**. Florianópolis: Pandion, 2013.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 18 mar. 2022.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dez. 2005. **Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 23 jun. 2023.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2024.

BRASIL. Lei nº 12.319, de 01 de setembro de 2010. **Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS**. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/585316/publicacao/15747036>. Acesso em: 18 mar. 2022.

BRASIL. **Relatório sobre a política linguística de educação bilíngue: língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília, DF: MEC/SECADI, 2014. Disponível em: <https://goo.gl/dhxCUy>. Acesso em: 23 jun. 2023.

CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas**. Florianópolis-SC: Ipol; São Paulo-SP: Parábola, 2007.

CAPOVILLA, Fernando C. A escrita visual direta de sinais *Signwriting* e seu lugar na educação da criança Surda. In: CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (Orgs.). **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira**. v. 2: Sinais de M a Z. 3. São Paulo: Edusp, 2006.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. A Constituição histórica da língua de sinais brasileira: século XVIII a XXI. **Mundo e Letras**, v. 2, p. 8-25, 2011.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. A volta do termo surdos-mudos: sob uma perspectiva cultural e de identidade. **Fragmentum**, Santa Maria-RS, v. 55, 2020.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. **Educar em Revista**, ed. esp., 2014.

CASTRO JR., Gláucio de. **Projeto Varlibras**. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2014.

CASTRO JÚNIOR, Gláucio de *et al.* A importância da educação lexicográfica na formação de pesquisadores, professores e intérpretes de Libras. In: MACHADO, F. M. A; SANTOS, P. T.; MARTINS, T. A. (Orgs.). **Lexicologia, Terminologia e Línguas de Sinais: um trilhar no universo dos estudos linguísticos e tradutórios**. 1. ed. Jundiaí-SP: Paco, 2022.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Trad. Anísio Garcez Homem. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinbourg: Edinbourg University, 1999.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. Critical discourse analysis in organizational studies: towards an integrationist methodology. **Journal of Management Studies**, v. 47, n. 6, p. 1213-1218, 2010.

COSTA, Alexandre. O fantasma estruturalista e a Análise de Discurso Crítica. **Discursos Contemporâneos em Estudo**, v. 1, n. 2, p. 9-24, 2013. DOI: <https://doi.org/10.26512/discursos.v2i1.0/8285>.

COSTA, Luiza Santos Moreira da; ALMEIDA, Regina Célia Nascimento de; MAYWORN, Mariana Cristina; ALVES, Pedro Thiago Figueiredo; BULHÕES, Paulo André Martins de; PINHEIRO, Vanessa Miro. O atendimento em saúde através do olhar da pessoa surda: avaliação e propostas. **Revista Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, v. 7, p. 166-170, 2009.

COSTA JR., João Batista da. **Histórias de vida de pessoas em situação de rua em Natal/RN: fotografias do trabalho de construção identitária individual**. 2016. 203 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Curso de Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2016.

COULMAS, Florian. **Escrita e sociedade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

CRUZ, Osilene Maria de Sá e Silva da. Contração ou expansão? Posicionamentos em pareceres de revista científica sob a perspectiva sistêmico-funcional. **Letras**, Santa Maria-RS, v. 25, n. 50, p. 303-332, 2015.

CUNHA, João Paulo Lima. “**KD o pai dessa criança?!**” Uma abordagem sociológica e comunicacional do discurso de atores sociais pais de crianças com síndrome de Down. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.

CUNHA, Maria Angélica da; SOUZA, Maria Medianeira de. **Transitividade e seus contextos de uso**. São Paulo-SP: Cortez, 2011. (Coleção Leituras Introdutórias em Linguagem, v. 2).

DAMACENO, Taysa Mércia dos Santos Souza. **Sujeitos e atores sociais nas representações discursivas de docentes da rede estadual de ensino em Sergipe**: uma análise crítica em tempos de IDEB. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

EGGINS, Suzanne. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. London: Printer, 1994.

EGGINS, Suzanne. **Introducción a la lingüística sistêmica**. Logroño: Universidad de La Rioja, 2002.

ECKERT, Richard Clark; ROWLEY, Amy June. Audism: theory and practice of audiocentric privilege. **Humanidade e sociedade**, v. 37, n. 2, p. 101-130, 2013. DOI: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0160597613481731>.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: UNB, [1992] 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. A análise crítica do discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades. In: MAGALHÃES, C. (Org.). **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse**. Textual analysis for social research. Londres: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. Critical discourse analysis in transdisciplinary research. In: WODAK, R.; CHILTON, P. A. (Orgs.). **A new agenda in (critical) discourse analysis**: theory, methodology, and interdisciplinary. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.

FAIRCLOUGH, Norman **Language and globalization**. London, 2006.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

FENEIS. **Manifesto dos cidadãos surdos**: nossos direitos humanos pela garantia da educação bilíngue ao longo da vida. Relatório final desenvolvido pela Conferência Nacional da Libras (Conali 2023). 1. ed. Belo Horizonte: Grupo Feneis, 2024.

FERNANDES, Eulália (Org.). **Surdez e bilinguismo**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

FERNANDES, Sueli. Letramento na educação bilíngue para surdos. In: BERBERIAN, A. P.; ANGELIS, C. C. M. de; MASSI, G. (Orgs.). **Letramento**: referências sem saúde e educação. São Paulo: Plexus, 2006.

FERNANDES, Sueli. O ensino do português como segunda língua para surdos: estratégias didáticas. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 3, p. 30-57, set./dez. 2015.

FERRAZ, Daniel de Mello; MATTOS, Andrea Machado de Almeida. Formação de professores de línguas estrangeiras: as contribuições dos letramentos. In: FINARDI, K.; SCHERRE, M.; VIDON, L. (Orgs.). **Língua, discurso e política**: desafios contemporâneos. Campinas: Pontes, 2019.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Tradução de Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, [1995] 2000.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978 1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOWLER, Roger. Sobre a Linguística Crítica. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão. v. 4, n. esp. p. 207-222, 2004. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/296/310. Acesso em: 10 mar. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários para a prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em língua portuguesa**. Campinas: Mercado das Letras, 2014.

GERMANO, Idilva Maria Pires. **Alegorias do Brasil**: imagens de brasilidade em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e *Viva o Povo Brasileiro*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

GHIO, Elsa; FERNÁNDEZ, María Delia. **Manual de linguística sistêmico funcional**: el enfoque de M. A. K. Halliday & R. Hasan – aplicaciones a la lengua española. Santa Fé Universidad Nacional del Litoral, 2005.

GUMUCIO, Alfonso Dragon; TUFTE, Thomas. Raíces e importancia. Introducion a la antologia de comunicação para el cambio social. *In*: GUMUCIO, A. D.; TUFTE, T. (Orgs.). **Antologia de comunicación para el cambio social**: lecturas históricas y contemporâneas. New Jersey: CFSC, 2008.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An introduction to Functional Grammar**. 1. ed. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN, Ruqaiya. **Language, context, and text**: aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. Londres: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. **An Introduction to Functional Grammar**. 3. ed. London: Edward Arnold, 2004.

HENNIGEN, Inês; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. A subjetivação na perspectiva dos estudos culturais e foucaultianos. **Psicol. Educ.**, São Paulo, n. 23, 2006.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KENEDY, Eduardo; MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano. A visão funcionalista da linguagem no século XX. *In*: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. T. (Orgs.). **Linguística Funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ, 2003.

KRESS, Gunther.; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images**: the grammar of visual design. 2 ed. London and New York: Routledge, [1996] 2006.

LADD, Paddy. Em busca da surdidade. Livraria Especializada: Surd'Universo. *In*: **Understanding deaf culture**: In search of deafhood. 1. ed. Lisboa, Portugal: Europresse, Indústria Gráfica, 2013. Disponível em: <https://tonaniblog.files.wordpress.com/2019/03/em-busca-da-serdidade-1-colonizac3a7c3a3o-dos-surdos.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2023.

LAGE, Aline Lima da Silveira; KELMAN, Celeste Azulay. Educação de Surdos pelo professor surdo Ferdinand Berthirt: encarando desconcertantes paradoxos e longevas lições. **Rev. Brasileira de História da Educação**, v. 19, 2019.

LEIBOVICI, Z. Comunicação do surdo: A família e a sociedade. *In*: ARAÚJO, R. B de; PRACOWNIK, A.; SOARES, L. S. D. (Orgs.). **Fonoaudiologia atual**. Rio de Janeiro: Revinter, 1997. p. 55-62.

LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de; VIAN JR., Orlando. The language of evaluation: appraisal in English. **DELTA**: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 23, n. 2, p. 371-381, 2007.

MACHADO, Paulo Cesar. **A política educacional de integração/inclusão: um olhar do egresso surdo**. Florianópolis: UFSC, 2008.

MAGALHÃES, Célia. Interdiscursividade e conflito entre discursos sobre raça em reportagens brasileiras. **Linguagem em (Dis)Curso**, v. 4, ed. esp., 2004.

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de Discurso Crítico: um método de pesquisa qualitativa**. Brasília: UNB, 2017.

MAGALHÃES JR., Ewandro. **Sua majestade, o intérprete: o fascinante mundo da tradução simultânea**. São Paulo: Parábola, 2007.

MARTIN, James Robert; WHITE, Peter. **The language of evaluation: appraisal in English**. New York: Palgrave, 2005.

MARTIN, Oliver. Da estatística política à sociologia estatística. Desenvolvimento e transformações da análise estatística da sociedade (séculos XVII-XIX). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 13-24, 2001.

McCLEARY, Leland. O orgulho de ser surdo. In: **ENCONTRO PAULISTA ENTRE INTÉRPRETES E SURDOS**. São Paulo: FENEIS-SP, 2003.

MELO, Iran Ferreira de. Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. **Linha d'Água**, v. 25, n. 2, p. 307-329, 2012.

MELLO, Letícia Souza; CABISTANI, Luiza Griesang. Capacitismo e lugar de fala: repensando barreiras atitudinais. **Revista da Defensoria Pública do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre-RS, n. 23, 2019, p. 122. Disponível em: <https://revista.defensoria.rs.def.br/defensoria>. Acesso em: 10 mar. 2023.

MEYER, Michel. Entre la teoria, el método y la política: la ubicación de los enfoques relacionados con el ACD. In: WODAK, R.; MEYER, M. **Métodos de análisis del discurso**. Barcelona: Gedisa, 2003. p. 35-59.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

NASCIMENTO, Emerson Oliveira do. Colonialidade, modernidade e decolonialidade: da naturalização da guerra à violência sistêmica. **Intellèctus**, UERJ, v. 20, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus>. Acesso em: 10 mar. 2023.

NASCIMENTO, Leoni Ramos Souza. **O sistema SignWriting como suporte para o desenvolvimento na leitura em língua portuguesa como segunda língua**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho-RO, 2018.

NASCIMENTO, Leoni Ramos Souza; BRITO, Maiane Vasconcelos de; AZEVEDO, Ana Cecília dos Santos; SANTOS, José Domingos Angelo; SANTOS, José Souza dos. Por uma

análise de discurso crítica decolonial do sul do sul: apresentação de interesses de pesquisa a partir da ASCD. *In: 24º CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA EM HOMENAGEM A CILENE DA CUNHA PEREIRA*. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos, Rio de Janeiro-RJ, 2021. Disponível em:

http://www.filologia.org.br/xxiv_cnlf/cnlf/tomo02/completos.pdf. Acesso em: 10 mar. 2023.

NEIGRAMES, Wáquila Pereira; TIMBANE, Alexandre Antônio. Discutindo metodologias de ensino de libras como segunda língua no ensino superior. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, UNEMAT, v. 11, n. 1, jul. 2018.

NEIGRAMES, Wáquila Pereira. **Setembro azul**: análise do discurso de 9 professores surdos a partir da Linguística Sistêmico-Funcional. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Goiás, 2019.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NININ, Maria Otília Guimarães; BARBARA, Leila. Engajamento na perspectiva linguística sistêmico funcional em trabalhos de conclusão de curso de Letras. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, v. 52, n. 1, p. 127-146, jan./jul. 2013.

PARDO, Maria Laura. **Teoría y metodología de la investigación lingüística**: método sincrónico-diacrónico de análisis lingüístico de textos. Buenos Aires: Tersites, 2011.

PARDO, Maria Laura. Metodología de la Investigación en Lingüística: Reflexiones y propuesta. **Revista da ABRALIN**, v. 14, n. 2, p. 271-288, jul./dez. 2015.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. **Análise crítica do discurso**: do linguístico ao social no gênero midiático. São Cristóvão: UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. **Proposta da abordagem sociológica e comunicacional do discurso (ASCD)**. 2012. Disponível em: <http://www.ascd.com.br>. Acesso em: 20 jun. 2023.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. A Socioanálise e a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso: caminhos de análise em Análise Crítica do Discurso. *In: VIII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA*. Natal: UFRN, 30/01-02/02/2013. (Trabalho apresentado na mesa-redonda: Análise Crítica do Discurso e os caminhos de análise).

PEDROSA, Cleide Emília Faye. Abordagem sociológica e comunicacional do discurso (ASCD): uma corrente para fazer Análise Crítica do Discurso. *In: SÁ JÚNIOR, L. A. de; BARBOSA, T. M. N. (Orgs.) Práticas discursivas e ensino de língua(gens)*. Natal: Edurfrn, 2014. p. 15-58. Disponível em: www.ascd.com.br. Acesso em: 20 jun. 2023.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. Análise Crítica do Discurso e a proposta da corrente nacional: da abordagem às primeiras pesquisas. *In: KALLARRARI, C.; BESSA, D.; PEREIRA, A. S. (Orgs.) Estudos linguísticos e formação docente*. Campinas: Pontes, 2016. p. 69-100.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. Interpretação interlíngua: as especificidades da interpretação de sinais. **Cadernos de tradução**, v. 1, n. 21, p. 135-156, 2008.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha; VIEIRA, Maria Inês da Silva. Bilinguismo e Educação de Surdos. **Intercâmbio**, São Paulo: LAEL/PUC, v. 19, p. 62-67, 2009.

PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. *In*: SKLIAR, C. (Org.) **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

PERLIN, Gladis. **Educação Bilíngue para surdos**: identidades, diferenças, contradições e mistérios. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Curitiba, 2003.

PERLIN, Gladis; MIRANDA, Wilson. A performatividade em educação de surdos. *In*: SÁ, N. R. L. **Surdos**: qual escola? Manaus: Valer/EdUA, 2011.

PERLIN, Gladis; SOUZA, Regina Maria de. Política inclusiva e acesso ao ensino público: resistência e espaços de negociação. **Revista Digital de Políticas Linguísticas**, v. 7, n. 7, 2015.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin Lilian. **Disciplina**: Fundamentos da Educação de Surdos. Licenciatura e Bacharelado em Letras/Língua Brasileira de Sinais. UFSC, Florianópolis-SC, 2008.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin Lilian. **Texto base Teoria da Educação e Estudos Surdos**. UFSC, 2009. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificas/teoriasDaEducacaoEEstudiosSurdos/assets/257/TEXTObaseTeoria_da_Educacao_e_Estudios_Surdos_pronta.pdf. Acesso em: 8 set. 2023.

PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne. **Um olhar sobre nós surdos**: leituras contemporâneas. 1. ed. Curitiba: CRV, 2012.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. *In*: FIORIN, J. L. **Introdução à Linguística I**: Objetos Teóricos. São Paulo: Contexto, 2010.

PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: FEVALE, 2013.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEESP/Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUIJANO, Anibal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. *In*: LANDER, E. **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: UNESCO/CLACSO/FACES/UCV, 2005. p. 201-246.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas: Pontes Editores, 2011. (Linguagem e Sociedade, v. 1).

RANGEL, Gisele. M. M.; STUMPF, Marianne R. A pedagogia da diferença para o surdo. *In*: FERNANDES E.; LODI, A. C. B.; A. D. B. M. (Orgs.). **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 113-125.

RESENDE, Viviane de Melo. Análise de discurso crítica: reflexões teóricas e epistemológicas quase excessivas de uma analista obstinada. *In*: RESENDE, V. de M.; REGIS, J. F. da S. (Orgs.). **Outras perspectivas em análise de discurso crítica**. Campinas: Pontes, 2017.

RESENDE, Viviane de Melo. **Decolonizar os estudos críticos do discurso**. Campinas: Pontes, 2019.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de Discurso do discurso**. São Paulo: Contexto, 2006.

REZENDE, Patrícia L. F. **Implante coclear: normalização e resistência surda**. Curitiba: CRV, 2012.

RODRIGUES, José Raimundo. **As seções de surdos e de ouvintes no Congresso de Paris (1900): problematizações sobre o pastorado e a biopolítica na educação de surdos**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, 2018.

SÁ, Nídia R. L.; SÁ, Nelson P. **Escolas Bilíngues para surdos: por que não?** Manaus: EDUA, 2015.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Trad. Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, [1990] 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, José Domingos Angelo. **Necropolítica e velhofobia: um diálogo sindêmico a partir da Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, 2022.

SANTOS, Paulo Sérgio da Silva. **A apropriação do poder hegemônico da ciência em revistas de divulgação científica: estratégias sociodiscursivas**. Tese (Doutorado) - PPGEL/UFRN, 2017.

SEVERO, Cristine Gorski. Política(s) Linguística(s) e questões de poder. **Alfa - Revista de Linguística**, São Paulo: Universidade Estadual Paulista, v. 57, n. 2, p. 451-473, 2013.

SILVA, Everton Rodrigues; GONÇALVES, Carlos Alberto. Possibilidades de incorporação da análise crítica do discurso de Norman Fairclough no estudo das organizações. **Caderno EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, 2017.

SILVA, Isabela Lapa; SILVA, Viviane Rufino. Breve Panorama Histórico e Introdutório da Análise Crítica do Discurso. **Ao Pé da Letra**, v. 19, n. 1, p. 53-77, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/pedaleta/article/view/234510/27719>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SILVA JR.; Antônio Carlos; MATOS, Dóris Cristina Vicente da Silva. Linguística Aplicada e o SUEar: práticas decoloniais na educação linguística em espanhol. **Interdisciplinar**, Edição Especial Dossiê SUEar, UEMG, Ano 2, n. 2, set. 2019.

SKLIAR, Carlos (Org.). **Educação & exclusão**: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

SOARES, Maria Aparecida Leite. **A educação do surdo no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1999.

SOUZA, Rita de Cássia Santos *et al.* **Introdução aos estudos sobre educação de surdos**. Aracaju: Criação, 2014.

STERNBERG, Robert J.; GRIGORENKO, Elena L. **Crianças rotuladas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.

STUMPF, Marianne. R. **Aprendizagem da escrita de língua de sinais pelo sistema de SignWriting**: língua de sinais no papel e no computador. Tese (Doutorado em Informática na Educação) - UFRGS, Porto Alegre, 2005.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: uma teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2009.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VAN DIJK, Teun. Algumas notas sobre a ideologia e a teoria do discurso. **SEMIOSIS**, Universidad Veracruzana, Xalapa, México, n. 5, 1980.

VAN DIJK, Teun. Discurso, cognição e sociedade. **Signos**: Teoria e prática da educação, v. 22, 1997.

VAN DIJK, Teun. **Discurso e poder**. Tradução de Judith Hoffnagel e Karina Falcone. Organização de Karina Falcone. São Paulo, 2008.

VAN DIJK, Teun. Discurso, conocimiento, poder y política. Hacia un análisis crítico epistémico del discurso. **Revista de Investigación Lingüística** (Murcia), n. 13, 2010.

VAN DIJK, Teun. Política, ideologia e discurso. *In*: MELO, I. F. de (Org.). **Estudos Críticos do Discurso**: teoria e prática. Campinas, SP: Pontes, 2012.

VAN LEEUWEN, Theo. A representação dos atores sociais. *In*: PEDRO, Emília R. (Org.). **Análise Crítica do Discurso**: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Caminho, 1998.

VAN LEEUWEN, Theo. **Discourse and practice**: new tools for critical discourse analysis. New York: Oxford University Press, 2008.

VAN LEEUWEN, Theo. Discourse as the recontextualization of social practice: A guide. *In*: WODAK, Ruth; MEYER, Michael (Orgs.). **Methods of critical discourse analysis**. 2. ed. London: SAGE, 2009. p. 144-161.

VIAN JR., Orlando. O sistema de avaliabilidade e os recursos para gradação em língua portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. **DELTA**, v. 25, n. 1, p. 99-129, 2009.

VIAN JR., Orlando *et al.* **A linguagem na avaliação em língua portuguesa**. Estudos sistêmicos-funcionais com base no sistema de avaliabilidade. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

VIAN JR., Orlando. A educação linguística do professor de inglês. *In*: SZUNDY, P. T. C. *et al.* **Linguística aplicada e sociedade**: ensino e aprendizagem de línguas no contexto brasileiro. Campinas: Pontes, 2011. p. 61-75.

VIAN JR., Orlando. Avaliabilidade, engajamento e valoração. **DELTA**, São Paulo-SP, v. 28, n. 1, 2012.

VIAN JR., Orlando. Linguística Sistêmico-Funcional. *In*: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. de S. (Orgs.). **Ciências da linguagem**: o fazer científico. v. 2. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WALSH, Catherine. Interculturalid crítica y educación intercultural. *In*: **SEMINÁRIO “INTERCULTURALIDAD Y EDUCACIÓN INTERCULTURAL”**, organizado por el Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, La Paz, 9-11 de março de 2009.

WHITE, Peter R. Beyond modality and hedging: a dialogic view of the language of intersubjective stance. *In*: MACKEN-HORARIK, M.; MARTIN, J. R. Negotiating heteroglossia: social perspectives on evaluation. **Text**, v. 23, n. 2, p. 259-284, 2003.

WHITE, Peter R. Engagement: notes and miscellaneous. Workshop on Engagement. *In*: **38TH INTERNATIONAL SYSTEMIC-FUNCTIONAL CONGRESS**, Lisbon, University of Lisbon, jul. 2011.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD – Um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem e (Dis)curso - LemD**, Tubarão, v. 4, n. esp, p. 233- 243, 2004.

WODAK, Ruth. **Methods of critical discourse analysis**. 2. ed. Londres: Sage, 2005. p. 121-138.

WODAK, Ruth; MEYER, Michael. Análise Crítica do Discurso: história, agenda, teoria e metodologia. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Orgs.). **Métodos de análise crítica do discurso**. Trad. Íris Souza e Josefa Gilvânia Rodrigues. 2. ed. atual. e mod. Londres: Sage, 2009. p. 1-33.

WRIGLEY, Oliver. **The politics of deafness**. Washigton: Gallaudet University Press, 1996.

WUCHER, Gabi. **Minorias**: proteção internacional em prol da democracia. São Paulo: Juarez de Oliveira, 2000.

Textos dos congressos sobre educação de pessoas surdas

CHAZAL, J. **Le Congrès International des Sourds-muets - Dijon - 1898**. Fac-símile organizada pela Edition du Fox. Disponível em: <http://www.2-as.org/editions-du-fox/>.

GAILLARD, H. **Congrès International pour l'Etude des Questions d'Asistance et d'Education des Sourds-Muets**. Compte rendu des débats e relations diverses. Paris: Imprimerie d'ouvriers sourds-muets. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k316168w?rk=64378;0>.

LA ROCHELLE, E. **Congrès Universel pour L'amélioration du sort des aveugles et des sourds-muets - Paris - 1878**. Deuxième partie: Congrès pour l'amélioration du sort des sourds-muets. Fac-símile organizada pela Edition du Fox. Disponível em: <http://www.2-as.org/editions-du-fox/>.

LA ROCHELLE, E. **Congrès Universel pour l'amélioration du sort des aveugles et des sourds-muets**. Paris: Imprimerie Nationale, 1879. Fac-símile organizada pela Edition du Fox. Disponível em: <http://www.2-as.org/editions-du-fox/>.

MILÃO. **Atas do congresso de 1880**. Rio de Janeiro: INES, 2011. (Histórica, 2).

PARIS. **Congresso Internacional para estudo das questões de educação e de assistência de surdos mudos**. Rio de Janeiro: INES, 2013. (Histórica, 5).

ANEXO A - Transcrição da postagem (P1) com comentários heterogêneos da direita e da esquerda

Comentário 1	<i>vergonhoso esses intérpretes que hoje, 2022, acham “engraçado” esse (des)presidente com suas piadinhas com os sinais da Libras. Só vergonha desses... (melhor nem dizer)</i>
Comentário 2	<i>triste demais essa parcialidade....</i>
Comentário 3	<i>ele fez “piada” de novo?! Afff mas nem me surpreendo mais.</i>
Comentário 4	<i>Já sabia há muito tempo, esse presidente não muda, postura horrível, jpa brincou a nossa língua duas vezes, até empurrou intérprete pra trás, e as pessoas continuam babando esse Bozo, Deus me livre. Ainda bem não votei, ele já disse inúmeras vezes bostas, covid chegou AE é uma gripezinha, teve MT mortes, e daí? Cara, essas pessoas não enxergam direito, até os ministros saíram, um ministro disse que sempre obedeceu às ordens do Bozo. Muito estranho da parte dele, MT coisa estão acontecendo que ninguém saibam.</i>
Comentário 5	<i>Triste realidade mas eu não entendo mais nada e vc falou tudo e falta empatia e sou surda.</i>
Comentário 6	<i>Bolsonaro sempre foi ignorar assim mesmo sem nação. Quero #ForaBolsonaro</i>
Comentário 7	<i>Verdade... esses surdos afff mente pequena...</i>
Comentário 8	<i>Fora bolsonaristas</i>
Comentário 9	<i>É isso, vdd. Brasil é um grande povos gados são cegos demais.</i>
Comentário 10	<i>Só falta dizer “foda-se acessibilidade para surdos” a postura já diz mas os gados surdos enxergam isso.</i>
Comentário 11	<i>Surdos acordar cedo ir logo manifestação e luta de verdade?! Eles só palmas de comemorar emoção de Libras e silêncio e nada luta. Fala verdade que eu tenho pena com comunidade surdos acordar e manifestar e resistir ser surdo e somos surdos é lugar intérprete de libras sem Bolsonaro não é grupo comunidade surdos acordar! Triste e difícil mesmo.</i>
Comentário 12	<i>Querida Amiga-da-onça, você me considera seu inimigo? O problema está aí: escolher um inimigo a dedo. Pois eu nunca te considerei inimiga, mas sim uma figura pública que merece ser criticada, por bem ou por mal. E quem te botou no caminho da desgovernança não foi Deus e sim a sua trupe, ou seja, a família Bozo, que você tanto lutou para aparecer. E por fim, a condecoração que recebeu é por ser manequim desse desgoverno, pois de serviço público você não prestou nada mesmo. Quer lista de desserviço ou quer medalha? A resposta é óbvia, né? Se os boatos forem verdadeiros eu lhe desejo sorte na pre candidatura a “deputada federal” de SP e espero que não siga os passos do Bozo, 32 anos de desserviço com o país. E nós nos encontramos por aí em 2023. Duas dicas de ouro para a qual você e sua trupe quer tentar agir como uma “cristã” nas redes sociais: 1. Saia um pouco do Velho Testamento e aventure-se pelo Novo Testamento. 2. Assista o vídeo do pastor terrivelmente cristão!</i>
Comentário 13	<i>Vocês deviam estudar um pouquinho. E ter mais senso comum de comunidade. E apoiar um cara que sempre esteve na comunidade surda, não pôr dinheiro, mas pelas conquistas. Me admira vc Valdo o que conhece pessoalmente. Diferenças ideológicas não deveriam afetar esses aspectos. Por fim, a tradução é assim, para quem gosta ou não são escolhas... ele sempre faz ótimas escolhas para levar acessibilidade aos surdos. Pq ao invés de perseguir o trabalho de um profissional, vcs não ficam indignados com as emissoras de tv que cortam a imagem do</i>

	<i>intérprete cerceando o direito do surdo ver a tradução, (msm que o contrário ao presidente). Usem essa força para conquistar mais espaços.</i>
Comentário 14	<i>Se Interprete que traduzir fakenews também comete crime. Traduzir também é um ato político. Cabe ao tradutor ter a ciência do que faz... pois traduzir fakenews também é uma forma de compartilhar fakenews.</i>
Comentário 15	<i>@@@@ antes de mais nada quero dizer que politicamente estou do lado de vcs... Fora Bozo e toda corja... agora sobre a questão da interpretação não concordo com a Patricia... o intérprete traduz a fala do outro não dele.</i>
Comentário 16	<i>@@@@@sempre, absolutamente sempre, o ILS escolheu oq interpretar (conteúdos "cristãos") e oq não interpretar (conteúdos sobre racismo, queer, feministas, comunista ou socialista, de religiões afro...) e agora, o que mais tem é gente interpretando fakenews, ao invés de interpretar conteúdos verídicos!!! Ah! É função e principalmente dever ético, do ILS verificar o que está sendo interpretado.</i>
Comentário 17	<i>@@@@@as escolhas não são somente lexicais ou semânticas, mas ideológicas, tbm. Se por razão maior o profissional não puder declinar do serviço ele tem a escolha de não repeti-lo. E deve deixar bem claro que os conteúdos apresentados é produto de terceiros não representando necessariamente sua opinião. Agora, enquanto a causa servir ao interesse teremos esse espetáculo que assistimos...</i>
Comentário 18	<i>@@@@@ poisé, oq estamos vendo é um absurdo! Pois uma coisa é trabalhar em um local e não ter como recusar interpretar... todos estamos sujeitos a isso! Mas os casos que temos visto, é diferente disso, são pessoas que voluntaria e deliberadamente fazem interpretação, edição e divulgação a bel prazer, eae, é crime sim! Eu rindo das invenções de desculpa dos bolzonaristas, tem surdos falando que é montagem, não está errado, ele bonzinho.... mimimimimi #forabozonaro.</i>
Comentário 19	<i>Olá!!! Como sempre aquele pessoalzinho da esquerda vive cortando pedacinhos do vídeo onde é gravado com os mínimos detalhes. Eles estão repercutindo o vídeo cortado onde aparece o presidente Bolsonaro tirando o intérprete de libras do seu lugar. A regra é o presidente ficar de frente para o público e o intérprete sempre do seu lado (tanto da direita como da esquerda)... vcs precisam procurar o vídeo original e assistir do 23 e 26 minutos onde aparece a Pd Michelle pedindo para o intérprete ficar do lado para transmitir informações para a Comunidade Surda!!! É mto comum ver o lugar lotado de gente querendo aparecer ao lado do Presidente e tirar o lugar do intérpete... Então, para quem fica cutucando sobre acessibilidade comunicacional, me parece que não querem q o governo ofereça informações por meio da Libras! Querem lutar para perdermos uma oportunidade dessas? Vão pensando nisso!!!.</i>
Comentário 20	<i>eu concordo plenamente com você... @@@ vá estudar sobre regras!!! Com certeza Esquerdas não quer estudar...só fechado do cérebro.</i>
Comentário 21	<i>veja o vídeo que Bolsonaro coloca o interprete por trás, por causa dos desconforto e a Michelle ainda tenta colocar o interprete na frente ao lado do presidente, mais ninguém tem reconciliação. Para mim é uma falta de respeito com os surdos e com os intérpretes. Uma falta de organização e despreparo para receber. Muito mal organizado e Bolsonaro ficou desconfortável e perdeu o controle. Vc Pricilla não percebe a expressão das pessoas. Mas a gente sente e ver que nada tá agradável senhora. Se liga minha filha. Para de ficar puxando saco Bolsonaro. Vc parece mamata de Bolsonaro.</i>
Comentário 22	<i>e isso mesmo. Povos esquerdas são idiotices maldade jogo com ele.</i>
Comentário 23	<i>Ja sabia.eu falei com isso montagem. Não sou burra.surdos sempre fui fez cortado contra surdos são bobas.</i>
Comentário 24	<i>esquerdas são hipocrisias.</i>

Comentário 25	<i>ontem Lula foi p palestra sem interprete. Engraçado esquerda são cegos afff. #Bolsonaro2022.</i>
Comentário 26	<i>vi percebe grupo deles ta nervosos querer quebre. Eu riso, tenho pena deles.</i>
Comentário 27	<i>ser asqueroso e sem civilidade mínima... Meu coração coração apertou pelo profissional interprete com esse tratamento deplorável e público, o que será que ele não suporta fora dos focos das câmeras.</i>
Comentário 28	<i>Surdas muito sofrer verdadeiro igual Jesus amo paciência comunicou dificil deficiência.</i>

Fonte: Uol, Instagram (@cafe.compolitica; @priscillagaspar).

ANEXO B - Transcrição da postagem (P2) com comentários heterogêneos da direita e da esquerda

Publicada na página da Feneis, a nota pública elaborada pela professora surda Dr ^a . Flaviane Reis, Diretora de Política Educacional e Linguística da Feneis, foi intensamente compartilhada nas redes sociais. <i>Diferentes perfis</i> buscaram apoio na comunidade surda em prol de uma assinatura para ser entregue ao Governo Federal.	
<i>Não queremos quantidade, queremos QUALIDADE! Por isso os grupos @surdoscomlula @surdospelademocracia @fakenewslibras @cafe.compolitica se dá ao trabalho de ler, pesquisar e descobrir as fakes news que os grupos de extrema direita divulgam. NÃO TRABALHAMOS COM A MENTIRA!</i>	
Comentário 1	Quem são populares surdos que tem mais os seguidores, vai lá ajudar o Lulinha!!! Faz o L.
Comentário 2	<i>Quem votou no Bolsonaro eu apoio sim, que infelizmente, eu não vou apoio do PT e Lul@ p ninguém, já tô cansado luta quase 30 anos!!</i>
Comentário 3	<i>Lula nunca ajudou com vocês e vocês estão cego mesmo.. pra quem votam com Lula... feliz FAZ O L”.</i>
Comentário 4	<i>Lula jamais irá acabr com educação bilíngue para surdos.</i>
Comentário 5	<i>Sua cala boca, já separam esquerda x direita então sinto muito, lula ganhou presidente mas foi revogado vc acha que é justo? Por isso não vo apoio ninguém que sei lado crianças surdos como futuro mas INFELIZMENTE.</i>
Comentário 6	<i>Oi @@@. Desculpa. Não apoio... Pq você já falou mal do Bolsonaro as vezes. Você aceitou pronto. Faz o L. Vá trabalhar no PT. Os surdos já avisamos sim. Passa batom vermelho.</i>
Comentário 7	<i>palhaçada demais faz o L e esquerda vai lutar boa sorte trabalho lutar.</i>
Comentário 8	<i>Vamos sim vamos lutar pelas crianças Surda como diz nossa colega criança partidária temos q pensar neles e eles precisam de nós não importa se Bolsonarista ou Petista vamos esquecer lutar pela educação das crianças vamos comunidade surda.</i>
Comentário 9	<i>Não vou luta mais nada, pq já lutou todos os anos e Bolsonaro assinou por vcs surdos libertou educação BILÍNGUE, agora quer votar Lula, então simples faz o L pronto, não adianta vem reclamar pedir lutar junto não adianta pq nós direitos tentou avisa, vcs esquerdistas cegão fazer oq né então faz o L bjs na bunda.</i>
Comentário 10	<i>ela está doente.</i>
Comentário 11	<i>Não, obrigado!!! Desculpa não vou apoiar as esquerdistapatatas!!! Sai fora... bem feito faz o L. As esquerdistas amam dormir do que lute! Faz o L.</i>
Comentário 12	<i>Exatamente! Essa história de polarização de política é uma merda, temos que lutar pela educação bilíngue para as crianças surdas mesmo assim. Bora lutar bolsonaristas!!! Está na hora de levantar a bunda e deixem de ser preguiçoso. Se estão ignorados de não querer lutar pela educação, terão que pesar a consequência e consciência, não é por nós e sim pelas crianças e o futuro da educação depende deles. Pensem e refltem!</i>
Comentário 13	<i>Vc foi faz o L apoio Luladr4o não resolver nada atenção para surdos. Nao vou apoio esquerda! Vcs que voto Luladr4o esquerda surdo vai reclamando ele!! Nojos.</i>
Comentário 14	<i>Faz o L vai choraaaa</i>
Comentário 15	<i>Sinto muito doce veneno! Os bolsominions não vão apoio vc e nem mistura direito e esquerdistas. Os esquerdistas vão lutando e o bolsominions vão sentado, comendo pipocas e quero vc vão passar ou fracassada. Acredito que vc é fracassou. Sinto muito doce venenosa! Faz o L.</i>
Comentário 16	<i>Não obrigada, não vou apoiar ninguém. Tadinha ela bem feito, ela aceitou votar L pior...tô fora.</i>

Comentário 17	<i>Não vou apoio acabou sua vida. Respeita comunicação surdos.</i>
Comentário 18	<i>Palhaçadas de votar Lula</i>
Comentário 19	<i>Vai sozinha querer L boa sorte orelhuda tamanho...</i>
Comentário 20	<i>Vamos juntos pelo Dipebs @@@@ @surdosocomlula Essa é a hora de cobrar do governo @lulaoficial foi assinado o compromisso com a comunidade Surda quem não quiser ok é um direito também mas quem voou no @lulaoficial tem o direito e o dever de cobrar e faremos isso...</i>
Comentário 21	<i>Não obrigado, vc vá luta problema seu! Faz o L!! Vai pior</i>
Comentário 22	<i>É isso!!! A qualidade das pessoas que estão ao nosso lado supera a quantidade de robôs do ódio; o amor vai vencer em SP e no Brasil!!!</i>
Comentário 23	<i>Infelizmente o mal é o maior, enquanto o bem é minoria. Quem discorda não tem o pensamento humanizado, e temos que conviver com a consequência das nossas escolhas.</i>
Comentário 24	<i>Passado todas pessoas obedecem, hoje não é manda. Muitas pessoas pedem e convidam encontrar movimento Brasil. Não voto Lula.</i>
Comentário 25	<i>Passado não pe manda pessoas escolheu Hitler porque ele fala “Pátria, família e Deus”, igual Bozo faz pra enganar pessoas, mas na verdade ele: família já traiu esposa e casou outra; Pátria ele já fez bomba contra exército e depois exército expulsou ele; Deus ele fala é cristão mas vai Maçonaria. Bolsonaro é anticristo! Cristo fala amor e não armas!!!</i>

ANEXO C - Transcrição da postagem (P3) de comentários da esquerda

Repúdio contra o audismo e o capacitismo de Jair Bolsonaro. O vídeo agora está legendado e com áudio da interpretação para português na voz de @@@ (obrigada, mulé arretada). Bolsonaro, que infelizmente ocupa a cadeira de presidente deste país, em sua live na última quinta-feira, ao informar sobre a Surdolimpiada Nacional (que vai ocorrer de 4 a 7/12 em São José dos Campos-SP) debochou de nós, Surdos/as/es, e da nossa língua além de fazer piadinha de teor sexual que teve o sentido omitido pelo intérprete ao seu lado. A Confederação Nacional de Desportos de Surdos (CBDS), organizadora do evento, ao invés de criticar publicamente a postura do presidente e do intérprete, postou o vídeo em suas redes normalizando o audismo e capacitismo. Após meu comentário, o vídeo foi apagado ontem. Mas, até o momento, não há nenhum esclarecimento público da CBDS em relação à situação. Já sabemos que esse (des)governo vem desde 2018 tentando cooptar as bandeiras de luta da comunidade surda para benefício de seu projeto fascista e neoliberal. Com caráter assistencialista. Mas há resistência. Esporte é direito! Qualquer verba ou benefício do Governo Federal para o surdodesporto é política pública frito de muitas décadas de lutas protagonizadas pelo Povo Surdo e seus aliados. Não pe favorzinho da família Bolsonaro, não é presente, muito menos mágica da primeira-dama. Sabemos Bolsonaro vive emitindo falas preconceituosas/discriminatórias e se comportando de forma opressora, desrespeitando direitos humanos cotidianamente. Ele não vai mudar. Precisa ser retirado do poder o quanto antes! Mas desta vez ele falou diretamente sobre a Comunidade Surda ursando um evento que está tendo patrocínio e visibilidade do Governo Federal. As Associações de Surdos e Associações de TILS/Gi precisam urgentemente se manifestar de forma pública e institucional em defesa do Povo Surdo e das Línguas de Sinais. E, também devem cobrar posicionamento das Federações a que estão vinculadas (tanto as Federações Desportivas como também a Feneis e a Febrapils). Escolher se omitir é concordar com o opressor.	
Comentário 1	o problema com os surdos q defedem o genocidaé q eles também são cegos
Comentário 2	Parabéns, @@@@! Importante esse seu vídeio de esclarecimento pq realmente não dá para os surdos entenderem a piada de cunho sexual feita pelo presidente. O mais lamentável de tudo é que ele ainda seja presidente do Brasil e continue tendo grande apoio da comunidade surda q ele não respeita como não respeita o povo brasileiro em geral. Avante! Temos uma luta pela frente!
Comentário 3	Parabéns, @@@@. Muito importante e profunda sua análise sobre a situação do tradutor/intérprete de Libras e seu compromisso com seu cliente. Quem é o cliente desse intérprete que acompanha Bolsonaro? Ele interpreta para as pessoas surdas ou para o Bolsonaro? Não é a primeira omissão que ele comete. Eu ousou dizer aqui que o intérprete conta com o fato dos surdos não estarem ouvindo...
Comentário 4	...penso o mesmo é angustiante vê o nosso país cada dia pior. Só nos resta ter esperança.

ANEXO D - Transcrição da postagem (P4) de comentários da esquerda

Comentário 1	<i>vc é burro sendo burro rs #BolsonaroPresidente2022 Fechado! Não vou assistir sua live porcaria.</i>
Comentário 2	<i>@@@@ não seja hipócrita né? É tão óbvio que vc e sua manada irão assistir.</i>
Comentário 3	<i>@@@@ vc que é totalmente hipocrisia</i>
Comentário 4	<i>Vão assistir pra poder depois falar mal. Mas pelo menos vão assistir a aula. Tomara que um dia esses BolsoSurdesMinions acordem pra realidade: Brasil destruído, famílias destruídas, inflação cada vez mais alta, perca de direitos e GENOCÍDIO! Gado é forte né? Então carreguem todas essas mortes e retrocessos nas costas também porque vocês SÃO CULPADOS IGUAL O BOLSONARO!</i>
Comentário 5	<i>Genocídio? Vc é vítima eu sou vitima? Bolsonaro não tem culpa nenhuma. Quem criou vírus? Outros países ninguém fala sobre Genocídio? Só esquerdopatas idiotas falam mania de falar e acusar Bolsonaro de genocídio. Que coisa! Mente fechada pra caramba. Por isso estou vendo todas esquerdas cheias de hipocrisias.</i>
Comentário 6	<i>Mente fechada é a sua que não acha que o Brasil inteiro é vítima desse BANDIDO chamado Bolsonaro. Ele foge de investigação da polícia porque? Ele foge de debate porque? Moro defendia o presidente e não defende mais porque? Você não enxerga??? Ele não aceitou as vacinas MILHARES de vezes e MUITA gente morreu por causa disso. Você não tem empatia pelas famílias que perderam alguém para a morte...</i>
Comentário 7	<i>@@@ e leva seu pet preferido junto: gado.</i>
Comentário 8	<i>Sou gado é daí? Gado é mais forte do que burrinho...</i>
Comentário 9	<i>... pelo visto tu prefere força do que inteligência. Enfim até não percebeu a frase que escrevi... continue escolhendo a força de gado, pq de inteligência ele nunca foi... prefiro do que ser gado. Boa sorte aí com a petec... ops o pet que levou...</i>

ANEXO E - Transcrição da postagem (P5) de comentários da esquerda

<i>Se uma bolsonarista nega a vacina contra a Covid-19 ela estaria negando também seus trabalhos científicos e acadêmicos? A vacina e a ciência está aí para comprovar, inclusive em 1796, de que ela é eficiente quando é aplicada nas fases de testes em certas quantidades numerosas de pessoas e, com êxito, elas procedem. É um método específico e aplicados na população por cientistas, biotecnólogos, infectologistas e farmacêuticos. E não por meros tios e tias do ZAP negacionistas da ciência. Se a mesma bolsonarista nega a vacina e a ciência dela podemos repensar os trabalhos “científicos” como por exemplo: a Cultura Surda e o Método (sic) Letrônico aplicado na Educação de Surdos? Pois a mesma afirmou que as vacinas que existem são “experimentais”... e penso eu: e a tese de doutorado dessa bolsonarista também é... está na hora de retirar os trabalhos acadêmicos desta bolsonarista nas referências bibliográficas e acadêmicas da Comunidade Surda Brasileira. E sem esquecer que os apontamentos desta bolsonarista são ilegais e passíveis de punição pelos seus crimes, inclusive uma afronta ao ECA. E não me venha dizer que é opinião dela, pois propagar fake News e incitar negação à vacina para seus pares Surdos não é opinião, É CRIME. OBS.: Podem printar e mostrar para esta desalmada bolsonarista.</i>	
Comentário 1	<i>Há um ano e os negacionistas surdos insistem na ineficácia da vacina...</i>
Comentário 2	<i>Façam a denúncia na comissão de ética da UFSC ou FALABR(UFSC) nome da professora fakenews Karin Lilian Strobel que é Professora do Departamento de Libras da UFSC.</i>
Comentário 3	<i>Vacinas salvam vidas! Não acredite em notícia falsa.</i>
Comentário 4	<i>@@@ muito triste porque ela é doutora e professora da UFSC. Foi ela que presidiu a cerimônia de formatura da minha turma LETRAS/LIBRAS no CEFET-MG em 2012. Foi a professora da minha turma, da turma anterior e posteriores a minha, tem livros publicados que auxiliaram nossos estudos. Tem muita influência sobre os surdos. Se a expectativa de vida da população aumentou devido ao surgimento das vacinais, como ela ode dizer que a vacina contra Covid tira imunidade? Muitos vão deixar de vacinar as crianças por causa dessa fake news (MENTIRA). Nenhuma vacina no Brasil é de fase experimental. Todas já passaram pelas 3 fases obrigatórias. E ela sabe disso... Mas o fanatismo político deixa muitas pessoas sem noção.</i>

ANEXO F - Transcrição da postagem (P6) de comentários da direita

<i>a libras do ódio. Bolsonaro utiliza o trabalho de intérpretes da língua dos surdos em suas lives para disseminar sentimentos negativos e para intensificar o divisionismo da comunidade que precisa de acessibilidade". "ESCÁRNIO Elizângela Castelo Branco representa a crueldade do presidente / FÚRIA Para interpretar Bolsonaro, Fabiano da Rocha faz até gestos obscenos</i> Fonte: Isto É independente. https://istoe.com.br/as-libras-do-odio/	
Comentário 1	<i>Que engraçado... Mesmas pessoas que procuravam "dialogar" promovem discurso de ódio por conta das minhas colocações na revista Isto é. A inveja deles é a velocidade do meu sucesso.</i>
Comentário 2	<i>@@@@ "deixa pra ele lutou muito mas... Vc agiu o que? Que nada kkkkk por isso quero ver vc lutou apoiar nossa comunidade. Que zero!</i>
Comentário 3	<i>@@@ coitadinho! Leu texto dele IstoÉ? O que vc sentiu na sua pele? Ele é discriminador de todos. Pooohaaaa. Se vira aparece lá na Brasília quero ver vc lutar lá pq vc é professorinho. Tu é mor-CEGO de todos os dias. #Repúdio</i>
Comentário 4	<i>@@@ Esquerdopatas são doentes inúteis para sempre #ForaLula #ForaPT</i>
Comentário 5	<i>Oi, sua inveja faz fama de Primeira Dama Michelle e Presidente Bolsonaro! Kakakakakakakakka!!!! #Repúdio vc está quebrando a nossa Comunidade Surda e não respeitou nada até agora. Grande vergonha na sua cara!!!! Obviamente, Isto é mídia esquerda. Fechado!!!! Perdão fuzei seu face kkkkk</i>

ANEXO G - Transcrição da postagem (P7) de comentários da direita

Discursos envolvendo questões religiosas, ideologia de gênero e questões que impactam o ponto de vista de surdos da direita.	
Comentário 1	<i>esquerda falar não esuqecer presidente Deus Religiosa. Muito falar odeio Falso Religiosa. Cuidar votos Presidente....</i>
Comentário 2	<i>Sou gado!! 'Touro'... Amo de bandeira do Brasil... Que engano esquerdopatas...</i>
Comentário 3	<i>Esquerda pode aborto... Não concordo d abortar pq abortar igual mata família ou mata pessoa... Deus não aceito abortar... Lixo lula...</i>
Comentário 4	<i>Lula louco... Não concordo aborto é pecado Deus ver triste, deus bravo dia destruição para lula medo dentro vida interno diabo sofrer fogos Deus Jesus ver juízo escrever ele Lula vai carne alma inferno está sofrendo muito eterno próprio diabo. Deus Saber sim.</i>
Comentário 5	<i>Igualdade China e Coreia do Norte também mau ruim esquerda perigosa cérebro menor básico feijão.</i>
Comentário 6	<i>Hospício e esquerdophatos burro mesmo culpado estado governadores e prefeitura mandou ICMS só bandidos STF proteger soltar maquiagem máfia PT quadrilha políticos vagabundos hipócritas.</i>
Comentário 7	<i>Sim vergonha é culpa de PT LULA está doença louco e também governador e prefeitos é Esquerdo vergonha não ter amor no Brasil...#foralula #foraPT #foraEsquerdo #foraSTF #Lixoglobo... sou direita vota Bolsonaro até 2016.</i>
Comentário 8	<i>LULADRÃO não pode ser eleito, porque é presidiário, LULADRÃO é muito merdão malandro, arrumou. Amigos de ministérios dele para vagas de STF, sem concursos, mas não são verdadeiros juízes, porque não respeitam leis de regras de Brasil, querem regras de comunistas, mas nós é o povo não aceitam.</i>
Comentário 9	<i>olha pessoas não quer saber político. Eles em filhos ou filhas outro pessoas pode entra no banheiro curioso jeito né. Eles gostou ou não. !?!</i>
Comentário 10	<i>Eu já sbaia... outros esquerdista slibras nunca pesquisar pula assunto manipulação surdo doutor muito libras mentiroso... Deus vendo juízo deixa slibras...</i>
Comentário 11	<i>Vocês esquardas sudos burros voto amei bandeira PT vagabundos Luladrão cuidado vocês vida escolher Luladrão esta mentiro grande também esposa a Janja não gosto libras surdos nunca também Dilma e Temer caras pau. Melhor acredito voto Bolsonaro 22 esposa a Michele amei libras surdos comunicar que importante e cultos igreja Deus fé sempre 22.</i>

APÊNDICE A - Sistema *Sutton-Signwriting*

Situando o leitor, propusemos como objetivo transversal a criação de um glossário em Análise Crítica do Discurso (ACD) em Língua Brasileira de Sinais (Libras), por meio do sistema *Sutton-Signwriting*, como fruto dos aspectos conceituais que embasaram a elaboração deste estudo. Todavia, conforme Castro Júnior *et al.* (2022, p. 10), “os dicionários de língua de sinais são, portanto, a depender das descrições mais ou menos extensas, mais ou menos detalhadas, objetos muito diversificados que nem sempre atendem o interesse do público-alvo”. No Brasil, as pesquisas enviesadas para metodologias que assumem o *Signwriting* (SW) como ferramenta possível no desenvolvimento de pesquisas em Estudos Surdos são limitadas devido à inacessibilidade de políticas públicas voltadas para a educação bilíngue que endossem a necessidade da implementação de uma área de ensino que forneça subsídios auxiliares no letramento crítico e na alfabetização de crianças surdas na própria língua de sinais escrita como língua materna. O SW está num lugar de pesquisa que nem sempre atrai leitores surdos justamente pela falta de competência linguística necessária para compreender as nuances visográficas.

Conforme relata Sutton (2011, p. 7), os usuários da *Dansk Tengsprog* (DTS), Língua de Sinais Dinamarquesa (LSD), que visualizaram uma possível adaptação do *Dancewriting*¹⁵³ para a escrita da LS, ao contactá-la (Valerie Sutton), questionaram se esse sistema abrangeria também notações escritas dos sinais da DTS. Criado para suprir uma necessidade comunicacional de pessoas surdas, o referido sistema de notação surgiu a partir da adaptação do sistema para notação de passos de dança (*Dancewriting*), no ano de 1974, proposto pela norte-americana Valerie Sutton. Nas palavras de Castro junior, *et al.* (2022, p. 7), por ser o depositário do acervo lexical da cultura, “a Lexicografia tem a palavra como objeto de estudo e pode ser definida como tecnologia de conservação da palavra, de compilação, classificação, análise e processamento das unidades lexicais e, unida à terminografia, do termo”, foram nessas condições que houve a adaptação para o SW, viabilizando eternizar as informações de sinais-terminos da língua de sinais.

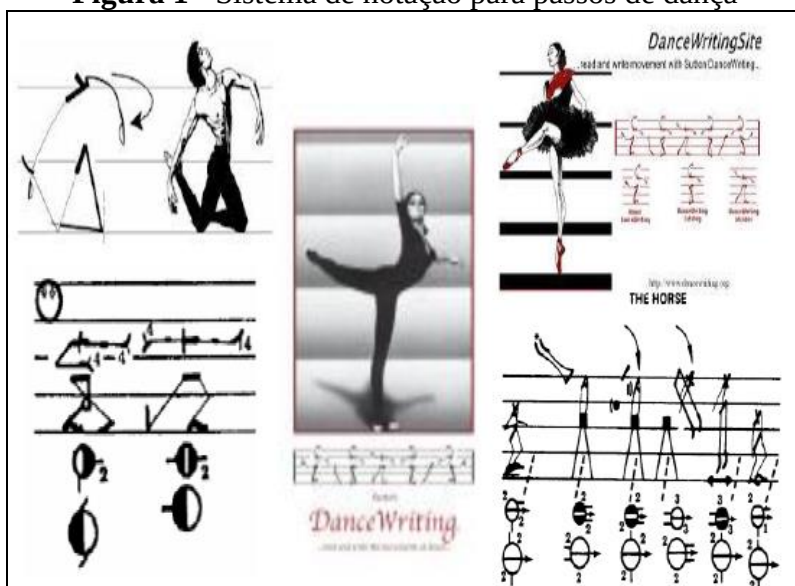
Sistemas de notação de Línguas de Sinais (LS) sempre foram vistos como mecanismo para testificar a independência linguística da LS em relação à Língua Oral (LO), visto que não há escritas oficializadas para legitimar a possibilidade comunicacional escrita da LS, sendo a

¹⁵³ Disponível em: <https://www.dancewriting.org/about/movement/index.html>. Acesso em: 15 out. 2023.

escrita da LO o meio comunicacional escrito para o ensino e aprendizado de pessoas surdas nos espaços educacionais.

A Figura 1 traz um exemplo do sistema de notação para passos de dança:

Figura 1 - Sistema de notação para passos de dança



Fonte: Nascimento (2018, p. 79).

A escrita da LO não é substancial ou suficiente para a pessoa surda quando essa pessoa não tem conhecimento básico da LS. Eis a razão pela qual a escrita de sinais surte efeito positivo para o desenvolvimento linguístico do surdo. Desse modo, entendemos que o desenvolvimento linguístico-cultural das pessoas surdas só é possível por meio da absorção de conhecimentos básicos em sua língua natural (Nascimento, 2018, p. 62).

Fernandes (2006, p. 132) concorda que a escrita de uma LO surte efeito positivo na vida do indivíduo à medida que metodologias não sejam baseadas na relação “letra-som”; para atrair aprendizes surdos, se fazem necessárias “estratégias visuais” que estejam atreladas à LS. É nesse sentido que o sistema *Sutton-Signwriting* surge como elemento didático-metodológico nos Estudos Surdos. A escrita é um procedimento para imobilizar, fixar a linguagem articulada (Higounet, 2003), e a *Signwriting* (SW), como escrita de sinais, supre essa necessidade ao mapear, registrar, decodificar a LS. De acordo com Costa *et al.* (2014, p. 254),

O *SignWriting* é um sistema de escrita com características gráfico-esquemáticas, que permite uma representação de textos de língua de sinais através de uma forma intuitiva e de fácil compreensão. O sistema é constituído de um conjunto de símbolos e um conjunto de regras de escrita, definidos para representar os diversos aspectos fonético-fonológicos das línguas de sinais. Desse modo, o *SignWriting* apresenta a feição de um sistema de escrita

fonética das línguas de sinais, mas plenamente apto a suportar a delimitação de um subsistema de escrita de línguas de sinais que tenha características estritamente fonológicas.

Sendo a estrutura gramatical da LS visual e espacial, simultaneamente articulada em diferentes contextos de situação e de cultura, o sistema *Sutton-Signwriting* opera em conformidade com todos os elementos visuais e espaciais da sinalização, fidelizando todos os dados comunicacionais. Em todas as LS manifestam-se elementos categóricos, numa perspectiva semântico-sintática, que conhecemos como Parâmetros, sendo eles: configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (M), orientação da mão (Or.), expressões não manuais (ENM). O sistema abordado neste texto sincroniza todos esses aspectos gramaticais em sua organização escrita não linear (Nascimento, 2018, p. 85).

Em contraponto a essa possibilidade metodológica, o fato de entendermos a importância da escrita de uma LO para a sociedade civil muitas vezes leva pessoas não surdas a julgarem pessoas surdas pela forma como utilizam a escrita da LO, fazendo-as pensar na inferiorização e na incapacidade do ensino e aprendizado da escrita da LO para pessoas surdas. Nesse sentido, as palavras de Quadros (1997, p. 119) amplificam a relação do surdo com a escrita da LO:

A voz dos surdos são as mãos e os corpos que pensam, sonham e expressam. As línguas de sinais envolvem movimentos que podem parecer sem sentido para muitos, mas que significam a possibilidade de organizar as ideias, estruturar o pensamento e manifestar o significado da vida dos surdos. Pensar sobre a Surdez requer penetrar no “mundo” dos surdos e ouvir as mãos que com alguns movimentos nos dizem o que fazer para tornar possível o contato entre os mundos envolvidos. Permita-se a “ouvir” estas mãos. Somente assim será possível mostrar aos surdos como eles podem “ouvir” o silêncio da palavra escrita.

Somente através da liberdade textual, ao participar, interpretar, reinterpretar, contextualizar, o indivíduo experiencia conhecimentos literários, linguísticos, socioculturais. Ainda que a LS não seja ensinada na modalidade escrita nos ambientes educacionais (Perlin; Stumpf, 2012), a relação dos surdos com a LO materializa confronto linguístico quando não são ofertadas condições mínimas de inclusão escolar. Miranda *et al.* (2011, p. 104) acrescentam que situações excludentes ocorrem quando, dentro dessa perspectiva inclusiva, professores desconhecem a cultura surda, a LS; logo, a “experiência visual” do aprendiz surdo não é incentivada.

Na graduação em Letras-Libras, Escrita de Sinais/*Signwriting* faz parte do componente curricular justamente para endossar a importância didático-metodológica na formação de

professores de Libras. Nosso primeiro contato com essa área ocorreu em 2006, durante a licenciatura em Letras-Libras (Universidade Federal de Santa Catarina - polo Universidade Federal da Bahia), com a professora Dr^a. Marianne Rossi Stumpf, precursora surda em pesquisas envolvendo o sistema *Sutton-Signwriting*.

A maneira transgressora com que o sistema *Sutton-Signwriting* opera na comunidade surda nos leva a entender que não existe nenhuma barreira que impeça codificar informações em LS, desconstruindo mitos e ideias equivocadas de que as LS são limitadas, que seu vocabulário não é amplo, que suas características visual e espacial não permitem fidedignamente tradutibilidade de quaisquer áreas para as LS. Inclusive, pesquisadores da área testificam a aplicabilidade do uso do sistema para o mapeamento de sinais-termos (Macedo, 1999; Stumpf, 2005; Costa, 2014; Miki, 2015; Ampenssan, 2015; Wanderley, 2017) para o aprofundamento linguístico em LS, na tradução e no oferecimento de glossários de sinais-termos específicos de diferentes áreas de pesquisa.

Diante disso, sendo a Análise Crítica do Discurso (ACD) uma área profícua para pesquisa, tendo caráter transdisciplinar, a aproximação com o SW possibilita acesso linguístico e comunicacional dos conceitos para as pessoas surdas, permitindo que a zona fronteira entre a Libras e a Língua Portuguesa (LP) seja flexível e acessível na tradução e interpretação para ambas as línguas. Essas justificativas reforçam o que propusemos como objetivo específico transversal na aproximação de pessoas surdas quanto aos termos e aos conceitos em ACD. A seguir, conforme a proposta do objetivo transversal da organização de um glossário bilíngue em ACD, organizamos um glossário acessível (Português-Libras), divididos em três áreas: ACD, Abordagem Sociologia e Comunicacional do Discurso (ASCD), Linguística Sistêmico-Funcional (LSF).

REFERÊNCIAS

AMPESSAN, J. P. **A escrita de expressões não manuais gramaticais em sentenças da Libras pelo sistema *Signwriting***. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

COSTA, E. C.; NASCIMENTO, L. R. S. Escrita da Língua de Sinais (ELS): A Expressão Gráfico-Esquemático-Quirêmica da Língua Brasileira de Sinais por meio do Sistema *Signwriting* (Libras-Sw). In: **8º ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E 9º FÓRUM PERMANENTE INTERNACIONAL DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL**, 2014. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/issue/view/2>. Acesso em: 15 out. 2023.

COSTA, E. S. **O ensino de Química e a Língua Brasileira de Sinais – Sistema Signwriting (Libras-SW):** monitoramento interventivo na produção de sinais científicos. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e Matemática) - Universidade Federal de Sergipe, 2014.

FERNANDES, S. Letramento na educação bilíngue para surdos. *In*: BERBERIAN, A. P.; ANGELIS, C. C. M. de; MASSI, G. (Orgs.). **Letramento:** referências em saúde e educação. São Paulo: Plexus, 2006.

MACEDO, D. R. **Sing Dic:** Um ambiente multimídia para criação e consulta de dicionários bilíngues de línguas de sinais e línguas orais. Dissertação (Mestrado em Informática) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Informática, 1999.

MIKI, D. F. **Um estudo sobre o aprendizado de conteúdos escolares por meio da escrita de sinais em escola bilíngue para surdos.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, 2015.

MIRANDA, W.; PERLIN, G. A performatividade em educação de surdos. *In*: SÁ, N. R. L. **Surdos:** qual escola? Manaus: Valer/EDUA, 2011.

NASCIMENTO, L. R. S. **O sistema Signwriting como suporte para o desenvolvimento na leitura em língua portuguesa como segunda língua.** Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Universidade Federal de Rondônia, 2018.

PERLIN, G.; STUMPF, M. **Um olhar sobre nós.** Leituras contemporâneas. Curitiba: CRV, 2012.

QUADROS, R. M. **Educação de Surdos – Aquisição da Linguagem.** 1 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema Signwriting:** língua de sinais no papel e no computador. Tese (Doutorado em Informática) – Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

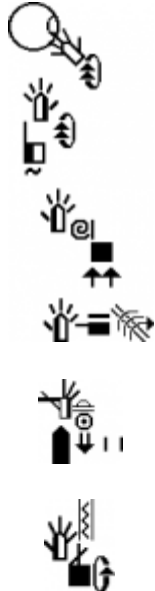
SUTTON, V. **The SignWriting alphabet:** The International Signwriting Alphabet. La Jolla: The SignWriting Press, 2011. Disponível em: http://www.signwriting.org/archive/docs7/sw0636_SignWriting_Alphabet_Manual_2010.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.

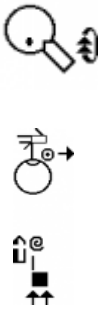
WANDERLEY, D. C. **A classificação dos verbos com concordância da Língua Brasileira de Sinais:** uma análise a partir do *Signwriting*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

APÊNDICE B - Glossário bilíngue em Análise Crítica do Discurso para Libras

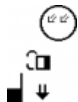
	Termos	Página
Área 1	Análise Crítica do Discurso	249
	Análise Discursiva Textualmente Orientada	250
	Analistas críticos do discurso	251
	Ativação	252
	Ator social	253
	Colonialidade	254
	Consciência linguística	255
	Decolonialidade	256
	Discurso	257
	Epistemologia do Sul	258
	Ideologia	259
	Ordem do discurso	260
	Passivação	261
	Transdisciplinaridade	262
Área 2	Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso	263
	Comunicação para a Mudança Social	264
	Epistemologia do Sul do Sul	265
	Democratização	266
	Mudança discursiva	267
	Poder-Estado	268
	Poder-autoridade	269
	Poder-influência	270
	Poder-hegemonia	271
Área 3	Avaliatividade	272
	Atitude	273
	Afeto	274
	Apreciação	275
	Contração dialógica	276
	Dialogismo	277
	Engajamento	278
	Expansão dialógica	279
	Gradação	280
	Gramática Sistêmico-Funcional	281
	Heteroglossia	282
	Julgamento	283
	Linguística Sistêmico-Funcional	284
	Metafunções	285
	Monoglossia	286

TERMO
Análise Crítica do Discurso
 
CONCEITUAÇÃO
“Entendemos a ACD tanto quanto teoria, quanto método: como um método de analisar práticas sociais com atenção especial aos seus momentos discursivos na junção de preocupações práticas e teóricas, e esferas públicas apenas aludidas, em que meios de analisar ‘operacionaliza’ – torna prática – construções teóricas do discurso na (modernidade tardia) vida social, e as análises contribuem para o desenvolvimento e a elaboração dessas construções teóricas” (Chouliaraki; Fairclough, 1999, p. 16). 

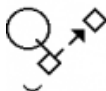
TERMO
Análise Discursiva Textualmente Orientada  
CONCEITUAÇÃO
“Uma característica de fazer análise de discurso que a distingue de outras abordagens é o foco na análise detalhada dos textos como janelas a iluminarem as práticas sociais” (Fairclough, 1991; 2001; 2008). 

TERMO
Analistas críticos do discurso
 
CONCEITUAÇÃO
“Os analistas críticos do discurso pretendem mostrar o modo como as práticas linguístico-discursivas estão imbricadas com as estruturas sociopolíticas mais abrangentes de poder e dominação” (Kress, 1990, p. 85). 

TERMO
Ativação
 
CONCEITUAÇÃO
“Ativação representa o ator social representado como força ativa numa atividade” (Van Leeuwen, 1998, 2008). 

TERMO
Ator social
 
CONCEITUAÇÃO
“Os atores sociais [são aqueles que] participam de práticas em uma das várias funções – como 'agentes' (executores de ação), 'pacientes' (participantes a quem as ações atingem, afetam e direcionadas) ou 'beneficiários' (participantes que se beneficiam de uma ação, seja em sentido positivo ou negativo)” (Van Leeuwen, 2009, p. 149). 

TERMO
Colonialidade
 
CONCEITUAÇÃO
“Colonialidade evidencia a diferença, construída e imposta desde a colônia até os dias atuais, não se trata de uma diferença assentada sobre a cultura e tampouco se trata de um reflexo de uma dominação enraizada somente em questões de classes, como tem sido argumentado em grande parte da interculturalidade latino-americana. Pois bem, a matriz da colonialidade maximiza raça, racismo e racialização como elementos constitutivos e fundantes das relações de dominação e do capitalismo. Nesse sentido que falamos da diferença colonial, sobre a qual está assentada a modernidade, e a articulação e o crescimento do capitalismo global” (Wash, 2009, p. 20, tradução nossa). 

TERMO
Consciência Linguística   
CONCEITUAÇÃO
“A consciência linguística deveria incorporar o importante princípio de que cada uma consciência linguística crítica deveria ser construída a partir das capacidades linguísticas existentes e a partir da experiência do aprendiz. A experiência do aprendiz pode, com a ajuda do professor, ser explicada e sistematizada como um corpo de conhecimentos, o qual pode ser usado para a discussão e reflexão” (Fairclough, 1992 <i>apud</i> Essen, 2008, p. 6). 

TERMO
Decolonialidade

CONCEITUAÇÃO
“[...] decolonialidade é assinalar e provocar um posicionamento – uma postura e atitude contínuas – de transgredir, intervir, insurgir e incidir. O decolonial denota, então, um caminho de luta no qual podemos identificar, visibilizar e alentar ‘lugares’ de exterioridade e construções alternativas” (Walsh, 2009, p. 14).


TERMO
Discurso
 
CONCEITUAÇÃO
“O discurso é uma dimensão das práticas sociais, que seriam constituídas também por elementos não discursivos como as crenças, valores, desejos, instituições e relações sociais” (Chouliaraki; Fairclough, 1999, p. 29). “Na perspectiva tridimensional: o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (Fairclough, 2001, p. 91). 

TERMO
Epistemologia do Sul
 
CONCEITUAÇÃO
“As Epistemologias do Sul são uma proposta de expansão da imaginação política para lá da exaustão intelectual e política do Norte global, traduzida na incapacidade de enfrentar os desafios deste século, que ampliam as possibilidades de repensar o mundo a partir de saberes e práticas do Sul Global e desenham novos mapas onde cabe o que foi excluído por uma história de epistemicídio” (Santos <i>et al.</i>, 2016, p. 1). 

TERMO
Ideologia

CONCEITUAÇÃO
“[...] ideologias é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação” (Thompson, 2009, p. 76). 

TERMO
Ordem do discurso
 
CONCEITUAÇÃO
“Uma ordem do discurso pode ser mais especificamente vista como uma combinação particular de diferentes discursos, diferentes gêneros e diferentes estilos, que são articulados de modo distintivo” (Fairclough, 2005, p. 925). 

TERMO
Passivação
 
CONCEITUAÇÃO
“Passivação significa o ator social submetido a uma atividade ou sendo afetado por ela” (Van Leeuwen, 1998, 2008). 

TERMO
Transdisciplinaridade

CONCEITUAÇÃO
“A transdisciplinaridade depende de que as teorias estejam abertas ao diálogo com outras teorias [...]. Isso depende de como uma teoria define a sua ‘problemática’ e, dentro dela, seu objeto de pesquisa. Por exemplo, a ACD é transdisciplinar na medida em que define seu objeto de pesquisa (aspectos discursivos da mudança social contemporânea) dentro de uma problemática partilhada com outras teorias, ou seja, dialética entre sistemas sociais e ação social nas sociedades contemporâneas” (Chouliaraki; Fairclough, 1999, p. 113, tradução nossa). 

TERMO
ASCD

CONCEITUAÇÃO
“A Abordagem Sociológica e Comunicacional do discurso se anuncia como uma proposta que procura (re)discutir algumas questões primordiais para a ACD, como sujeitos e identidades, tipos de mudanças sociais e culturais, tipos de poder, entre outras” (Pedrosa, 2012, a, b, c). 

TERMO
Comunicação para a Mudança Social 
CONCEITUAÇÃO
“A comunicação para a Mudança Social nasce como resposta à indiferença e ao esquecimento, regatando o mais valioso do pensamento humanista que enriquece a teoria da comunicação: a proposta dialógica, a soma de experiências participativas, e a vontade de incidir em todos os níveis da sociedade, são alguns dos elementos que fazem desta proposta um desafio” (Gumucio, 2004, p. 4). 

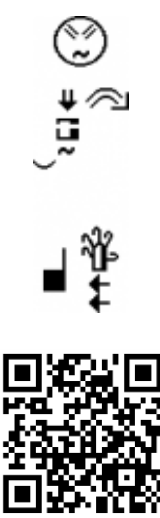
TERMO
Epistemologia do Sul do Sul
 
CONCEITUAÇÃO
“[...] Esta abrangência e esta complexidade são o lastro histórico, cultural e político donde emerge a globalização contra-hegemônica como alternativa construída pelo Sul em sua extrema diversidade. O que está em causa não é apenas a contraposição entre o Sul e o Norte. É também a contraposição entre o Sul do Sul e o Norte do Norte e entre o Sul do Norte e o Norte do Norte” (Souza, 2010, p. 41). 

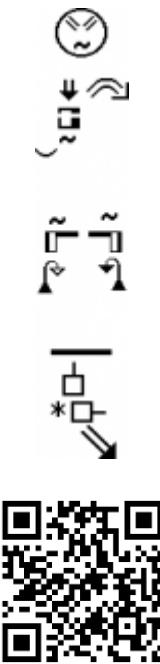
TERMO
Democratização
 
CONCEITUAÇÃO
Democratização é “a retirada de desigualdades e assimetrias dos direitos, das obrigações e do prestígio discursivo e linguístico dos grupos de pessoas” (Fairclough, 2001, p. 248).


TERMO
Mudança discursiva
  
CONCEITUAÇÃO
“A mudança que envolve formas de transgressão, o cruzamento de fronteiras, tais como a reunião de convenções existentes em novas combinações, ou a sua exploração em situações que geralmente as proíbem” (Fairclough, 2001, p. 126). 

TERMO
Poder-autoridade

CONCEITUAÇÃO
“Esse modelo dá conta da socialização dos membros da coletividade de acordo com as regras adotadas para o corpo social, tais como: prescrever e incutir as regras, garantir a autoridade da hierarquia, avaliar as condutas dos dirigidos e castigar o desvio social” (Pedrosa, 2012, p. 14). 

TERMO
Poder-influência

CONCEITUAÇÃO
“Refere-se ao tipo de contrato social, relação social em que se estabelecem, se negociam e se garantem os compromissos, bem como a existência entre os diferentes grupos. Os atores sociais envolvidos são os grupos instalados e os grupos minoritários” (Pedrosa, 2012, p. 14). 

TERMO
Poder-hegemonia

CONCEITUAÇÃO
“Diz respeito ao modo de administrar as relações entre as coletividades nos âmbitos regional e mundial. Os atores envolvidos são as coletividades hegemônicas e as coletividades dependentes. É uma relação de coerção em que a coletividade mais forte impõe (por diplomacia ou guerra) seus interesses políticos e econômicos a outras coletividades mais fracas” (Pedrosa, 2012, p. 14). 

TERMO
Avaliatividade
 
CONCEITUAÇÃO
“Trata dos recursos utilizados para realizar as avaliações na linguagem, isto é, dos significados interpessoais utilizados para expressar as avaliações e opiniões dos falantes/escritores presentes nos textos” (Almeida; Vian Jr., 2018, p. 274). 

TERMO
Atitude

CONCEITUAÇÃO
“A atitude se preocupa com nossos sentimentos, incluindo reações emocionais, julgamentos de comportamento e avaliação das coisas” (Martin; White, 2005, p. 35, tradução nossa). 

TERMO
Afeto
 
CONCEITUAÇÃO
“Diz respeito ao registro positivo e negativo de sentimentos do próprio ator social: sentimo-nos felizes ou tristes, confiantes ou ansiosos, interessados ou entediados” (Martin; White, 2005, p. 42, tradução nossa). 

TERMO
Apreciação
 
CONCEITUAÇÃO
“Envolve avaliação de fenômenos naturais e semióticos, de acordo com as formas em que eles são valorizados ou não em um determinado campo” (Martin; White, 2005, p. 42, tradução nossa). 

TERMO
Contração dialógica
 
CONCEITUAÇÃO
“Categoria do subsistema Engajamento, essa categoria nega ou opõe-se a outras vozes; fecha a possibilidade de negociar significados e pontos de vistas, [...] alternativamente age para desafiar, afastar ou restringir o escopo de tal” (Martin; White, 2005, p. 102 – tradução nossa). 

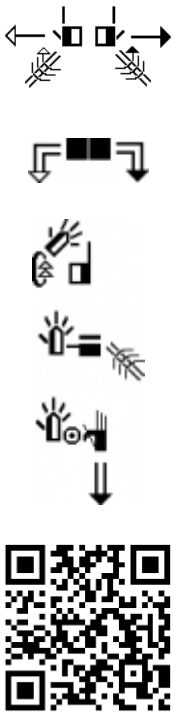
TERMO
Dialogismo
 
CONCEITUAÇÃO
“Toda comunicação verbal – escrita ou falada – é dialógica, porque falar ou escrever é referir-se àquilo que foi dito ou escrito anteriormente e, concomitantemente, antecipar respostas potenciais ou imaginadas pelos leitores ou ouvintes” (Bakhtin, [1929] 1999, p. 71). 

TERMO
Engajamento
 
CONCEITUAÇÃO
“Uma das categorias do sistema Avaliatividade, os recursos desse subsistema oferecem os meios para a voz autoral se posicionar com relação a se engajar com as outras vozes e posições alternativas no contexto comunicativo” (Martin; White, 2005, p. 39 - tradução nossa). 

TERMO
Expansão dialógica
 
CONCEITUAÇÃO
“Compondo o conjunto de categorias do subsistema Engajamento, essa categoria trata-se de proposições que ampliam o espaço dialógico, permitindo a entrada de outras vozes, abrindo possibilidades de negociar significados e pontos de vistas” (Martin; White, 2005, p. 102 - tradução nossa). 

TERMO
Gradação

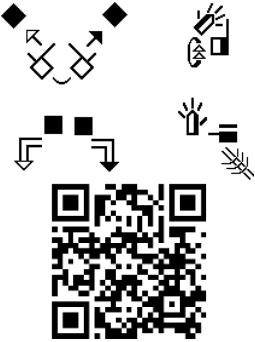
CONCEITUAÇÃO
Esse sistema instancia uma avaliação em forma de escala, que pode se desenvolver em dois eixos: força, relacionada à intensidade, e foco, que processa significados ligados à precisão e à prototipia (Martin; White, 2005 – tradução nossa). 

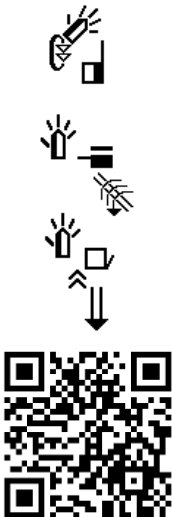
TERMO
Gramática Sistêmico-Funcional

CONCEITUAÇÃO
“Teoria geral do funcionamento da linguagem humana, concebida a partir de uma abordagem descritiva baseada no uso linguístico” (Gouveia, 2009 <i>apud</i> Alves; Pedrosa, 2023, p. 19). 

TERMO
Heteroglossia

CONCEITUAÇÃO
“Caracterizada pelo discurso que são estabelecidos por vozes que contraem ou expandem o espaço dialógico no texto. [...] Estabelecimento de alternativas, incorporação explícita de vozes externas, metarrepresentação de outras mentes, no tocante ao que é dito e as convicções subjacentes concordantes e discordantes. Envolve contração dialógica e expansão dialógica” (Martin; White, 2005, p. 98-102 -tradução nossa). 

TERMO
Julgamento
 
CONCEITUAÇÃO
“Refere-se as construções linguísticas de atitudes e de comportamento e apreciação para os valores das coisas” (Martin; White, 2005, p. 42 – tradução nossa). 

TERMO
Linguística Sistemico-Funcional
 Diagrama da Linguística Sistemico-Funcional. No topo, dois losangos pretos conectados por uma linha curva com setas apontando para cima. Abaixo, dois retângulos pretos com setas apontando para cima. À direita, um ícone de uma mão segurando um objeto. Abaixo dos retângulos, um QR code.
CONCEITUAÇÃO
“A LSF é uma teoria da linguagem como prática social e também uma metodologia analítica que permite a descrição detalhada e sistemática de padrões linguísticos” (Eggins, 2004, p. 21).  QR code

TERMO
Metafunções

CONCEITUAÇÃO
“[...] usada pelos seres humanos na sociedade para atingir três funções principais: falar de suas experiências externas e internas do mundo ao seu redor, estabelecer relações interpessoais na sociedade e organizar a mensagem de modo a poder, com ela, agir e criar sentidos que serão entendidos por seus pares nas diversas instituições sociais das quais participam” (Magalhães, 2009, p. 19). 

TERMO
Monoglossia
 
CONCEITUAÇÃO
“Categoria do sistema Avaliatividade, insere-se em asserções categóricas que não permitem o questionamento ou que não dão margem à dialogia” (Vian Jr., 2011, p. 35). 

REFERÊNCIAS

BAJOIT, G. **El cambio social**: análisis sociológico del cambio social y cultural en las sociedades contemporáneas. Madrid: Siglo, [2003] 2008.

BAJOIT, G. Vers une théorie socio-analytique de la relation sociale. 2012. [Texto inédito cedido pelo autor]. In: PEDROSA, Cleide Emília Faye. A Socioanálise e a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso: caminhos de análise em Análise Crítica do Discurso. In: **VIII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA**. Trabalho apresentado na mesa-redonda: Análise Crítica do Discurso e os caminhos de análise. Natal: UFRN, 30\01 – 02\02\2013

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, [1929] 1999.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.** [online], v. 11, p. 89-117, 2013.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: rethinking Critical Discourse Analysis. Edinbourg: Edinbourg University, 1999.

EGGINS, S. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. London: Continuum, 2004.

ESSEN, A. V. Language awareness and knowledge about language: a historical overview. In: CENOZ, J.; HORNBERGER, N. H. (Eds.). **Encyclopedian of language and education**. 2. ed. v. 6. New York: Springer, 2008. p. 3-14.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**: textual analysing for social research. London; New York: Routledge, 2003.

GUMUCIO, A. D. El cuarto mosquero: comunicación para el cambio social. **Investigación Y Desarrollo**, Universidad del Norte, Barranquilla, Colombia, v. 001, n.12, 2004.

HALLIDAY, M. A. K. Part A. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASSAN, R. (Eds.). **Language, context and text**: aspects of language in a social-semiotic perspective. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

KRESS, G. Critical Discourse Analysis. In: W. G. (Org.). **Annual Review of Applied Linguistics**, 11. p. 84-99, 1990.

LIMA-LOPES, R. E. de; VIAN JR., O. The language of evaluation: appraisal in English. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 23, n. 2, 2007.

MAGALHÃES, C. M.; BENTO, A. L.; SILVA, F. C. O. da; MANDARINO, G. A.; ROCHA, H. da; FERRAZ, J. de A.; ORMUNDO, J. da S.; BERNARDES, W. W. Percursos das abordagens discursivas associadas à Linguística Sistêmica Funcional. **Olhares em ACD**. Cepadic, Brasília-DF, 2009. p. 19-35. Disponível em: www.cepadic.com. Acesso em: 10 mar. 2023.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. **The language of evaluation: appraisal in English**. New York: Palgrave, 2005.

PEDROSA, C. E. F. Abordagem sociológica e comunicacional do discurso (ASCD): uma corrente para fazer Análise Crítica do Discurso. In: SÁ JÚNIOR, L. A. de; BARBOSA, T. M. N. **Práticas discursivas e ensino de língua(gens)**. Natal: Edurfn, 2014. p. 15-58. Disponível em: www.ascd.com.br. Acesso em: 10 mar. 2023.

PEDROSA, C. E. F. As identidades individuais, os sujeitos e seus discursos: um estudo a partir da Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso. In: **VII SIGET – SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS**, Fortaleza-CE, 2013.

PEDROSA, C. E. F. **Abordagem sociológica e comunicacional do discurso (ASCD) e posicionamento acerca do sujeito**. 2012a. Disponível em: <http://www.facebook.com/groups/302757813073801/>, postado em 22 jan. 2012, 10:09.

PEDROSA, C. E. F. **Abordagem sociológica e comunicacional do discurso (ASCD) e o quadro identitário**. 2012b. Disponível em: <http://www.facebook.com/groups/302757813073801/>, postado em 6 fev 2012, 12:48.

PEDROSA, C. E. F. Abordagem sociológica e comunicacional do discurso (ASCD): por uma definição dos conceitos e categorias. 2012c. In: **ENCONTRO DO GRUPO DE PESQUISA GETED**, linha: Análise Crítica do Discurso, UFRN, 29 fev. 2012.

PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PERLIN, G.; MIRANDA, W. Surdos: o narrar e a política. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 5, p. 217-226, 2003.

RICHARD, C. E.; ROWLEY, A. J. A theory and Practice of Audiocentric Privilege. **Sage Journals**. Oaks, Califórnia, 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0160597613481731> . Acesso em: 18 set. 2023.

SALLES, H. M. M. L. **Ensino de Português para Surdos: caminhos para a prática pedagógica**. v. 2. Brasília: Programa de Apoio à Educação dos Surdos, 2004.

SANTOS, B. S. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2010a. p. 25-47.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010b. p. 31-83.

SANTOS, B. S.; ARAÚJO, S.; BAUMGARTEN, M. As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa. **Dossiê Sociologias**, v. 18, n. 43, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/15174522-018004301>.

SKLIAR, C. **Surdez**: um olhar sobre as diferenças. a Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 1. ed. rev. Florianópolis: UFSC, 2006.

THOMPSON, J. **Ideologia e cultura moderna**: uma teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2009.

VAN DIJK, T. Política, ideologia e discurso. In: MELO, I. F. (Org.). **Introdução aos estudos críticos do discurso**: teoria e prática. Campinas, SP: Pontes, 2012. p. 15-49.

VAN DIJK, T. Ideology. In: The international Encyclopedia of Political Communication. Ed. Mazzoleni. Trad. Pedro Theobald. **Letras de hoje**, PUCRS, v. 50, n. esp., s53-s61, 2015.

VAN LEEUWEN, T. Discourse as the recontextualization of social practice: A guide. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Orgs.). **Methods of critical discourse analysis**. 2. ed. London: Sage, 2009. p. 144-161.

VAN LEEUWEN, T. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, E. R. (Org.). **Análise Crítica do Discurso**: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Caminho, 1997.

VIAN JR., O.; SOUZA, A. A. de; ALMEIDA, F. S. D. P (Orgs.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**: estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro e João, 2010.

VIAN JR., O. O sistema avaliatividade e os recursos para gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. **DELTA**, v. 25, n. 1, 2009.

WALSH, C. **Interculturalidad, Estado, Sociedad**: luchas (de)coloniales de nuestra época. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, Ediciones Abya-Yala, 2009.

WALSH, C. **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

WODAK, R. **Methods of critical discourse analysis**. 2. ed. Londres: Sage, 2005. p. 121-138.